

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

**AS REDES SOCIAIS E A FORMAÇÃO HUMANA SOB O CONTEXTO
DAS PÓS-VERDADES**

FRANCISCO EDSON LIMA TORCATE

2024



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**AS REDES SOCIAIS E A FORMAÇÃO HUMANA SOB O CONTEXTO
DAS PÓS-VERDADES**

FRANCISCO EDSON LIMA TORCATE

Sob orientação do Professor

Wanderley da Silva

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

Seropédica, RJ
Abril de 2024

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

TT631r Torcate, Francisco Edson Lima, 1986-
As redes sociais e a formação humana sob o contexto r
das pós-verdades / Francisco Edson Lima Torcate. -
Seropédica, 2024.
234 f.: il.

Orientador: Wanderley da Silva.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural do
Rio de Janeiro, Instituto de Agronomia - PPGEA, 2024.

1. Redes Sociais. 2. Desinformação. 3. Formação Humana.
4. Pós-verdades. 5. TIC's e Educação. I. Silva, Wanderley da,
1965-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Instituto de Agronomia -
PPGEA III. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Finance Code 001"



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**



HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO Nº 31 / 2024 - PPGEA (11.39.49)

Nº do Protocolo: 23083.021796/2024-42

Seropédica-RJ, 03 de maio de 2024.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

FRANCISCO EDSON LIMA TORCATE

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM: 30/04/2024

Dr. Wanderley da Silva - UFRRJ
Orientador

Dra. Liliane Barreira Sanchez - UFRRJ
Membro interna

Dra. Simone Batista da Silva - UFRRJ
Membro interna

Dra. Cleonice Puggian - UERJ
Membro interna

(Assinado digitalmente em 03/05/2024 14:04)

LILIANE BARREIRA SANCHEZ
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)
Matrícula: 1719162

(Assinado digitalmente em 03/05/2024 13:07)

SIMONE BATISTA DA SILVA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)
Matrícula: 1878823

(Assinado digitalmente em 03/05/2024 12:31)

WANDERLEY DA SILVA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)
Matrícula: 1839674

(Assinado digitalmente em 03/05/2024 11:18)

CLEONICE PUGGIAN
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 078.469.497-48

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **31**, ano: **2024**, tipo: **HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**, data de emissão: **03/05/2024** e o código de verificação: **e61bcf8af7**

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha amada família, que é o motivo pelo qual eu acordo todos os dias tentando ser uma pessoa melhor e um profissional mais capacitado. Em especial, à minha amada esposa, Mayre, cujo apoio incondicional e o suporte constante mantiveram a nossa casa em pleno funcionamento durante todas as minhas ausências neste mestrado. Sem ela, tudo teria sido mais difícil e eu não teria concluído esta jornada acadêmica. Aos meus filhos, Davi, Elisa e Luís Gabriel, que são minha fonte de inspiração e minha força motriz nos momentos desafiadores. À minha amiga de quatro patas, Bebel, que em muitas noites esteve ao meu lado madrugada adentro enquanto esta pesquisa era escrita. Aos meus pais, Lúcia Torcate e José Lima, por todo o esforço na minha criação. Aos meus amados avós, Maria José e Luís Manoel, por tanto amor e cuidado ao longo da minha vida. Cada conquista alcançada neste caminho é também de vocês, pois sem o suporte, compreensão e encorajamento que sempre me proporcionaram, eu não estaria aqui. Que este trabalho seja uma pequena homenagem à nossa família, que é, e sempre será, minha maior bênção e meu maior orgulho.

Agradecimentos

Meu agradecimento primeiro a Deus. Em seguida, ao Instituto Federal Goiano pelo investimento neste Minter junto à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Para servidores Técnicos-Administrativos que precisam conciliar sua pesquisa acadêmica com o trabalho, diante da dificuldade de se conseguir um afastamento integral, esta é uma forma bastante eficaz de se qualificar um grande número de servidores num menor espaço de tempo. Agradeço ao meu amigo Prof. Fabiano José Ferreira Arantes, ex-Diretor-Geral do IF Goiano – Campus Campos Belos, pelo incentivo para que eu participasse deste processo seletivo, afinal, estar em um cargo de direção e ingressar em um programa de pós-graduação *Strictu Senso* é algo desafiador, além de todo o suporte institucional durante esses pouco mais de dois anos. Agradeço também aos colegas de turma, professores do programa, especialmente ao meu orientador, Prof. Wanderley da Silva, pelo cuidado e orientação ao longo deste processo.

RESUMO

TORCATE, Francisco E. L. **As redes sociais e a formação humana sob o contexto das pós-verdades**. 2024. 234f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2024.

Esta pesquisa visa analisar a influência das redes sociais na formação humana de seus usuários sob o contexto da era da pós-verdade. Num cenário onde fatos objetivos são menos relevantes para a opinião pública que crenças pessoais ou suposições e onde 98,6% da população com faixa etária acima dos 10 anos fazem uso da internet por meio de um dispositivo móvel, faz-se necessária uma análise de como os usuários de redes sociais podem estar expostos à desinformação e a partir disso serem influenciados em suas opiniões pessoais ou até mesmo em seu comportamento nas relações interpessoais. No Brasil, em 2023, já são 144 milhões de usuários em alguma rede social. Esses usuários convivem no ciberespaço com outros usuários reais e não reais, regidos pelas regras de algoritmos secretos e inseridos, muitas vezes, num debate superficial onde o discurso de ódio e o negacionismo científico são pautas em meio à polarização político-ideológica. Realizou-se uma pesquisa de abordagem qualitativa e com caráter exploratório. Para obtenção dos dados, explorou-se registros bibliográficos e também foi realizado um roteiro de entrevistas semiestruturadas destinado a cinco estudantes das turmas de 1 e 2º anos do curso técnico em agropecuária integrado ao ensino médio e do 2º, 4º e 9º períodos do curso superior de zootecnia de um campus de instituto federal. Para análise das respostas, utilizou-se a análise de conteúdo de Laurence Bardin, e a partir das respostas, compreendeu-se que o uso das redes sociais proporciona interação, entretenimento e elas ainda atuam como fontes de informação. Por outro lado, verificou-se que seu uso também pode prejudicar a saúde mental de seus usuários os expondo à desinformação, discursos de ódio e polarização política por meio da desfragmentação social, além de moldar a opinião pública segundo interesses ocultos e influenciar a formação humana e o comportamento e hábitos de consumo de seus usuários. Portanto, considera-se importante que a educação atue no preparo dos estudantes para saberem filtrar e analisar criticamente aquilo que recebem por meio das mídias digitais, procurando estabelecer um comportamento de equilíbrio.

Palavras-chave: Redes sociais, Desinformação, Formação Humana, Pós-verdades, Tecnologias da Informação e Comunicação, Educação.

ABSTRACT

TORCATE, Francisco E. L. **Social networks and human formation in the context of post-truths**. 2024. 234p. Dissertation (Masters Science in Agricultural Education). Agronomy Institute, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2024.

This research aims to analyze the influence of social networks on the human formation of their users in the context of the post-truth era. In a scenario where objective facts are less relevant to public opinion than personal beliefs or assumptions and where 98.9% of the population over the age of 10 uses the internet through a mobile device, an analysis of how social media users can be exposed to misinformation and thus be influenced in their personal opinions or even their behavior in interpersonal relationships. In Brazil, in 2023, there will already be 144 million users on some social network. These users live in cyberspace with other real and non-real users, governed by the rules of secret algorithms and often inserted in a superficial debate where hate speech and scientific denialism are topics amid political-ideological polarization. A qualitative and exploratory research was carried out. To obtain the data, bibliographic records were explored and a semi-structured interview guide was also carried out for five students from the 1st and 2nd year classes of the technical course in Agriculture integrated into High School and the 2nd, 4th and 9th periods of the Animal Science higher education course at an Institute campus. Federal. To analyze the responses, Laurence Bardin's content analysis was used, and from the responses, it was understood that the use of social networks provides interaction, entertainment and they also act as sources of information. On the other hand, it was found that its use can also harm the mental health of its users, exposing them to misinformation, hate speech and political polarization through social defragmentation, in addition to shaping public opinion according to hidden interests and influencing human formation. and the behavior and consumption habits of its users. Therefore, it is considered important that education works to prepare students to know how to filter and critically analyze what they receive through digital media, seeking to establish balanced behavior.

Keywords: Social networks, Desinformation, Human Formation, Post-truths. Information and Communication Technologies, Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - <i>Dados de acesso à internet no Brasil.</i>	12
Quadro 2 - <i>Categorias de análise do conteúdo.</i>	120

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Origem do recebimento de notícias fraudulentas sobre a tragédia climática do Rio Grande do Sul.	34
Gráfico 2 - Média mensal de horas de uso por rede social.	46
Gráfico 3 – Redes sociais mais usadas no Brasil em janeiro de 2024	46
Gráfico 4 - Nuvem de palavras formada a partir das respostas dos entrevistados.	138
Gráfico 5 - Análise de similitude dos verbetes extraídos das entrevistas.	141

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Notícia fraudulenta postada e compartilhada no Facebook. _____	26
Figura 2 - Notícia fraudulenta postada no Portal Divulga Mais _____	26
Figura 3 - Mensagem fraudulenta compartilhada em grupos de Whatsapp. _____	27
Figura 4 - Mensagem fraudulenta postada em portal de notícias na internet. _____	27
Figura 5 - Mensagem fraudulenta postada em portal de notícias na internet. _____	28
Figura 6 - Falsa publicação usando o formato do portal de notícias G1. _____	29
Figura 7 - Notícia fraudulenta de que as vacinas contra COVID-19 continham nano-chips. _____	30
Figura 8 - Notícia fraudulenta sobre criação da profissão ladrão. _____	31
Figura 9 - Notícia sobre suposto banimento da Bíblia Sagrada no Brasil. _____	31
Figura 10 - Montagem de Jair Bolsonaro com símbolos maçônicos ao fundo. _____	32
Figura 11 - Imagem compartilhada em grupos bolsonaristas. _____	33
Figura 12 - Notícia fraudulenta que dizia que um helicóptero da Havan salvava pessoas no Rio Grande do Sul. _____	35
Figura 13 - Notícia fraudulenta sobre suposto tombamento de tanque do Exército Brasileiro no Rio Grande do Sul. _____	36
Figura 14 - Notícia fraudulenta que diz que o Governo Federal enviou alimentos vencidos para as vítimas das enchentes no Rio Grande do Sul. _____	37
Figura 15 - Notícia fraudulenta sobre supostas retenções de caminhões com doação por falta de notas fiscais. _____	38
Figura 16 – Reprodução Instagram. _____	82
Figura 17 – Consulta feita ao ChatGPT. _____	96
Figura 18 - Preparação do corpus textual para inserção no software Iramuteq. _____	137

LISTA DE TABELAS

<i>Tabela 1</i> - <i>Perfil dos estudantes selecionados para as entrevistas.</i>	116
---	------------

LISTA DE SIGLAS

AFC – Análise Fatorial por Correspondência
ANATEL - Agência Nacional de Telecomunicações
ARPA - Agência de Projetos de Pesquisa Avançada
BNCC – Base Nacional Comum Curricular
CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica
CERN - Centre Européen pour Recherche Nucleaire
CHD – Classificação Hierárquica Descendente
CNH - Carteira Nacional de Habilitação
CNPJ - Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
EMBRATEL – Empresa Brasileira de Telecomunicações
FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FIC – Formação Inicial e Continuada
FIEG – Federação das Indústrias do Estado de Goiás
FOMO – Fear of Missing Out
GPS – Global Positioning System
IA – Inteligência Artificial
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBPAD - Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
IFG – Instituto Federal de Goiás
IGC – Índice Geral de Cursos
IPVA – Imposto sobre Veículos Automotores
OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OMS – Organização Mundial de Saúde
PC – *Personal Computer* (Computador Pessoal)
PNAD Contínua– Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
PPGEA – Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola
PT – Partido dos Trabalhadores
PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira
RNP – Rede Nacional de Pesquisa
STJ – Superior Tribunal de Justiça
TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDA – Transtorno do Déficit de Atenção
TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação
UEG – Universidade Estadual de Goiás
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFT – Universidade Federal do Tocantins
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
O ambiente organizacional onde o pesquisador está inserido	5
O município de Campos Belos	6
O IF Goiano - Campus Campos Belos	7
1. CAPÍTULO I	10
1.1 O avanço do uso da internet no Brasil nas últimas décadas	10
1.2 Utilização de recursos digitais na educação (formal e informal) e suas características	15
1.3 Disseminação da informação digital e polarização político/ideológica no Brasil e no mundo	20
1.4 O que é a pós-verdade?.....	40
1.5 Relação entre informações nas redes sociais e seus desdobramentos na contestação das ciências.....	45
2. CAPÍTULO II.....	54
2.1 O capitalismo tardio, a economia da atenção e a uberização do trabalho	54
2.2 A banalização do mal e a violência escolar potencializadas pela vitrine das redes sociais	76
2.3 Educação midiática: a nova mais importante função da escola?.....	88
3. CAPÍTULO III	99
3.1 A formação humana em tempos de redes sociais.....	99
3.2 Instrumento de coleta de dados e metodologia.....	113
3.3 Resultados e discussão	119
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	142
5. REFERÊNCIAS	148
6. APÊNDICES.....	164
6.1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	164
6.2 Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.....	168
6.3 Roteiro das entrevistas.....	172
6.4 Transcrição das entrevistas.....	174

7. ANEXOS	233
Anexo A – Parecer do Comitê de Ética da UFRJ	233
Anexo B – Parecer do Comitê de Ética do IF Goiano.....	234

INTRODUÇÃO

Hoje uma grande parcela da população brasileira vive rodeada de tecnologias que possibilitam acesso a uma grande quantidade de informações. Segundo Meirelles (2023), ao todo, são 249 milhões de smartphones em uso no país. Isso é mais que o número de habitantes no Brasil, que de acordo com o último Censo (IBGE, 2022), é de 203.080.756 habitantes. Em geral, se considerarmos os *smartphones*, *notebooks*, *tablets* e computadores, esse total chega a 464 milhões de dispositivos em uso. E essa realidade já chegou ao interior do Brasil. No campo, mesmo que ainda de forma tímida – por conta das grandes limitações de infraestrutura – o contato com tecnologias da informação e comunicação não é algo desconhecido.

Entretanto, mesmo que paradoxalmente, essa grande quantidade de informação nem sempre significa algo positivo na formação do indivíduo enquanto cidadão no sentido pleno do exercício da cidadania. Temos vivido uma grande onda de desinformação numa era que deveria ser conhecida como a da informação. E a educação, mais uma vez, se mostra um instrumento muito importante para o desenvolvimento de uma formação essencialmente crítica do indivíduo, afinal, as pessoas hoje estão preparadas para lidarem com tanta informação?

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação (PNAD Contínua - TIC) 2021-2022, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aponta que 98,9% da população utiliza a internet a partir de um dispositivo móvel no Brasil. Percebe-se que estamos consideravelmente inseridos nesta era tecnológica da informação e comunicação. Mas nem sempre somos ou estamos preparados para lidar com o uso dela de tal forma que estejamos aptos o suficiente para absorvermos os seus efeitos colaterais.

Não bastasse a popularização dos dispositivos eletrônicos tais como computadores pessoais, *notebooks*, *tablets* e *smartphones*, a qualidade do sinal oferecido aos usuários também teve um grande salto de qualidade. A quantidade de dados que trafegam pela rede hoje é extremamente volumosa. Com a implantação da Tecnologia 5G, já em andamento no Brasil, há um grande ganho de escala ainda maior.

Somemos a isso o advento das redes sociais, que, no Brasil, conta com 144 milhões de usuários brasileiros (Kemp, 2024) e que, possivelmente, contribuem para a formação humana desses usuários, além de influenciarem na forma como eles se comportam perante a sociedade e também na forma como consomem, seja no ambiente real ou no virtual.

Uma preocupação que surge, neste contexto, é se a educação tem considerado toda esta tecnologia e informação disponibilizadas nos meios digitais e ofertado condições para que seus estudantes estejam preparados para lidarem com essa questão no mundo real, contribuindo para o desenvolvimento da capacidade de agirem de forma crítica e autônoma, alheios a toda e qualquer tentativa de manipulação.

Atualmente, documentos regulatórios e normativos da educação brasileira, como a Base Nacional Comum Curricular, já sugerem uma abordagem mais direta junto a temas ligados às pós-verdades, checagem de fatos, desenvolvimento de habilidades, critérios de curadoria e *etc.* Entretanto, na prática, essas abordagens ainda se apresentam de forma tímida dentro do ambiente escolar.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar a influência do mundo virtual na formação humana no contexto das pós-verdades e os desafios e oportunidades da educação diante das demandas do capitalismo tardio. Como objetivos específicos, temos: 1) investigar a interseção entre o avanço do uso da internet no Brasil, a disseminação da informação digital e a polarização político-ideológica, examinando como esses fatores influenciam a formação da opinião pública e a dinâmica social nas redes sociais; 2) explorar as ramificações da economia da atenção e da uberização do trabalho no contexto das redes sociais, analisando como esses fenômenos afetam as relações sociais, a disseminação de conteúdo e a construção da identidade individual e coletiva on-line, 3) avaliar o papel da educação midiática como resposta aos desafios impostos pela disseminação da desinformação, pela polarização política e pela violência nas redes sociais, investigando como as escolas podem desenvolver habilidades críticas e éticas em seus estudantes para navegar no ambiente digital de maneira responsável e consciente; 4) apresentar dados amostrais coletados na cidade de Campos Belos que ilustrem as influências das redes sociais sobre a formação humana e o comportamento de estudantes de um *campus* agrícola.

A popularização do acesso à internet a partir da década de 1990 e das mídias sociais a partir dos anos 2000 alavancou uma mudança rápida nos padrões de consumo e em hábitos culturais. Tudo isso aconteceu de forma rápida e eficiente e nos mostra o quanto as pessoas estão imersas e dependentes da tecnologia.

O tempo gasto nas redes sociais juntamente com um ambiente polarizado na política, criam um cenário de guerra ideológica que, no mundo, ficou muito evidente a partir de 2016 e no Brasil se escancarou nas eleições gerais de 2018. Diante de tudo isso, temos um ambiente muito propício para a disseminação de informações equivocadas, intencionalmente

produzidas e com o objetivo de moldar a opinião pública por meio do apelo às emoções, crenças e desconsideração dos fatos, o que chamamos de pós-verdades.

Uma possível tentativa de ruptura democrática orquestrada de forma sincronizada por meio das redes sociais mina os pilares da nossa democracia. O questionamento à ciência, o terraplanismo e os exércitos virtuais ou robotizados dando destaques a assuntos estratégicos nas mídias sociais são ingredientes ácidos para o atual cenário brasileiro. Até aqui, as instituições têm se mostrado firmes e uma nova preocupação surge: há mesmo como impedir que nos tornemos massas de manobra dos detentores da informação? O Governo conseguirá regular as redes sociais e responsabilizar as *Big Techs*¹ por eventuais crimes cometidos em suas plataformas?

As redes sociais têm um impacto profundo na formação de opinião, valores e comportamentos dos usuários, e entender como isso se relaciona com a pós-verdade é crucial para compreendermos melhor os desafios contemporâneos da comunicação e da educação.

Por meio de uma pesquisa exploratória, repleta de dados bibliográficos para embasar nossa argumentação e nossas hipóteses, numa abordagem qualitativa, pretendemos obter dados que pudessem responder aos questionamentos levantados por esta investigação científica. Para além disso, esta pesquisa também conta com dados coletados, por meio de entrevistas, de estudantes de cursos na área das agrárias no Campus Campos Belos do Instituto Federal Goiano. Estes dados deixam esta pesquisa ainda mais robusta e ratificam as influências decorrentes do uso sistemático de redes sociais em seus usuários, seja em sua formação humana ou em seu comportamento.

As entrevistas foram realizadas com estudantes dos cursos técnico em Agropecuária e bacharelado em Zootecnia. Ao todo, foram entrevistados 5 estudantes, sendo 3 do gênero feminino e 2 do masculino, com idades entre 14 e 24 anos. As entrevistas nos revelaram a percepção que estes jovens, inseridos no contexto de um *campus* agrícola, têm das redes sociais, desde o seu uso para distração e lazer, até como ferramenta de acesso à informação e também meio de comunicação.

No que diz respeito às considerações éticas desta pesquisa, pelo fato de envolver humanos, ela foi submetida a dois Comitês de Ética em Pesquisa. O primeiro, da Faculdade

¹ *Big Techs*, ou gigantes de tecnologia, são as grandes empresas que exercem domínio no mercado de tecnologia e inovação, como a Apple, o Google, a Amazon, a Microsoft e a Meta. Essas companhias trabalham no desenvolvimento de bens e serviços que atendam a demandas atuais e futuras da sociedade e de outros agentes econômicos, trazendo soluções inovadoras e consideradas revolucionárias. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-sao-big-techs.htm> Acesso em 18 set. 2023.

de Odontologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o segundo, do Instituto Federal Goiano.

Esta pesquisa foi dividida em 3 capítulos. No primeiro, abordaremos em uma visão detalhada da história da internet, desde suas origens no contexto bélico da Guerra Fria até o presente momento, até se tornar uma parte integral da vida cotidiana de bilhões de pessoas ao redor do mundo. Falaremos sobre o papel da internet numa questão de equidade social, evidenciando desigualdades regionais e socioeconômicas. Discutiremos, também, o papel da tecnologia na educação e a necessidade de investimentos em infraestrutura e capacitação para aproveitar todo o potencial das ferramentas digitais no ensino. Além disso, falaremos sobre o papel do professor como mediador e a necessidade de sua capacitação para aproveitar plenamente os recursos digitais no processo de ensino-aprendizagem. Lançaremos um olhar crítico sobre os desafios e implicações da expansão do ambiente digital na educação, incluindo questões de acesso, desigualdade e os potenciais impactos das tecnologias digitais na formação das novas gerações. Por fim, analisaremos a influência da era da pós-verdade na disseminação de desinformação via mídias sociais, que traz como consequências, por exemplo, a polarização política, o negacionismo e as contestações das ciências, numa espécie de repulsa aos fatos e apego às crenças e opiniões.

No segundo capítulo analisaremos algumas realidades impostas pela popularização das mídias sociais na atualidade. Abordaremos algumas relações entre o capitalismo tardio, a economia de atenção instaurada na sociedade e, por fim, a precarização das relações trabalhistas, uma vez que não mais somos apenas consumidores daquilo que o capital financeiro nos impõe ou nos induz a achar que é essencial, mas passamos a ser produtores daquilo que os enriquecem ainda mais, ou seja, não produzimos para nós, mas para eles. Também abordaremos como as mídias sociais podem ter contribuído para o aumento da violência nas escolas. Nos últimos anos houve um aumento considerável de ataques, com mortes, a escolas no Brasil. E muitos deles, planejados e divulgados por meio de ambientes digitais. Falaremos, por fim, sobre a importância da educação midiática e sobre como ela pode ser uma ferramenta capaz de mudar os rumos que a nossa sociedade tem seguido. Ainda há tempo para se corrigir esta rota?

No terceiro e último capítulo, faremos uma análise um pouco mais aprofundada acerca da formação humana em tempos de redes sociais, passando, por exemplo, sobre as relações superficiais pelas quais temos nos submetido no ciberespaço; as múltiplas identidades construídas no fato de que o anonimato funciona como uma espécie de armadura que nos

protege de eventuais consequências daquilo que temos coragem de expor, e que não exportamos com base em nossa identificação; a dependência da tecnologia e os prejuízos cognitivos e educacionais aos quais estamos expostos; as transformações de uma sociedade líquida e o apego de grupos de iguais a uma ilusão que não se sustenta no mundo real e a dificuldade de lidar com a frustração do mundo real. Por fim, analisaremos os dados coletados nesta pesquisa e apresentaremos os resultados da discussão, sempre amparada pelo referencial teórico e a metodologia aqui propostos.

O ambiente organizacional onde o pesquisador está inserido

Sou servidor do quadro efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano desde outubro de 2013, lotado na Reitoria, em Goiânia. Atuei como Diretor de Administração e Planejamento no IF Goiano – Campus Campos Belos de agosto de 2014 a fevereiro de 2024. Em março de 2024 retornei à Reitoria e estou atuando na Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas.

O IF Goiano é uma autarquia federal, detentora de autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar, equiparado às universidades federais, foi instituído pela Lei Federal nº 11.892/2008.

Por previsão legal, os institutos federais devem ofertar no mínimo 50% de suas vagas para educação técnica, preferencialmente integrada ao Ensino Médio. Além disso, no mínimo 20% de seus cursos superiores devem contemplar as licenciaturas, possibilitando, assim, a formação de professores para a Educação Básica. O estado de Goiás conta com dois Institutos Federais, o Instituto Federal de Goiás (IFG), instituído a partir dos antigos CEFET's (Centro Federal de Educação Tecnológica) e o Instituto Federal Goiano (IF Goiano), instituído a partir das Escolas Agrotécnicas Federais situadas em Ceres, Rio Verde e Urutaí, além de uma Unidade de Ensino Descentralizada em Morrinhos, vinculada a Urutaí.

Atualmente o IF Goiano conta com sua Reitoria, localizada em Goiânia, 11 *campi*² localizados em Campos Belos, Ceres, Cristalina, Hidrolândia, Ipameri, Iporá, Morrinhos, Posse, Rio Verde, Trindade e Urutaí; 1 *campus* avançado localizado em Catalão, além de um Polo de Inovação localizado em Rio Verde. São 237 cursos ofertados e 18.474 matrículas (PNP, 2024). Em 2024, dentre os 38 Institutos Federais que compõem a Rede Federal de

² Os *campi* de Hidrolândia e de Ipameri foram elevados a *campus* pela Portaria MEC nº 411, de 07 de maio de 2024. Até então eles ainda eram *campi* avançados – Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-411-de-7-de-maio-de-2024-558533925> Acesso em: 11 maio. 2024.

Educação Profissional e Tecnológica, O IF Goiano foi considerado pelo Ministério da Educação o 2º melhor Instituto Federal do Brasil, de acordo com o ranking do principal indicador de qualidade do ensino superior brasileiro, o Índice Geral de Cursos (IGC)³.

O município de Campos Belos

Campos Belos⁴ é um município localizado no interior do estado de Goiás, mais especificamente na microrregião nordeste do estado e pertencente ao Território da Cidadania “Chapada dos Veadeiros”. Limita-se ao norte com o estado do Tocantins e a leste com o estado da Bahia. Fica a 606 km de Goiânia, 405 km de Brasília e 438 km de Palmas. Conecta-se à capital do estado de Goiás por meio da rodovia estadual GO-118 e também é cortada pelas rodovias estaduais GO-110, GO-452 e GO-549.

Com dados do Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sua população é de 18.108 habitantes. Com 735,126 km², sua densidade demográfica é de 24,63 hab/km².

Emancipado em 01 de outubro de 1954, Campos Belos cresceu tendo como principal vocação econômica a pecuária. Nas últimas décadas o comércio local se desenvolveu de tal forma que a cidade é um dos polos regionais e atende tanto o nordeste de Goiás quanto o sudeste do Tocantins.

Campos Belos tem cobertura de telefonia móvel com tecnologia 4G em apenas 19,35% de sua área (ANATEL, 2023). Por outro lado, esta área de cobertura proporciona que 89,79% de sua população esteja inserida nesta área de cobertura e, consequentemente, tenha acesso ao seu uso.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Campos Belos é de 0,692 (IBGE, 2010), um dos mais baixos do estado. O Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* é de R\$ 15.667,60 (IBGE, 2021). Durante décadas a região nordeste de Goiás viveu esquecida pelo poder público. É preciso uma participação muito mais significativa do Estado na região, que carece de um sistema energético mais eficiente, o que afasta as indústrias, mais investimento em infraestrutura e saneamento básico.

³ <https://www.ifgoiano.edu.br/home/index.php/component/content/article/57-destaque/24985-if-goiano-e-o-segundo-melhor-instituto-federal-do-brasil.html?Itemid=101>

⁴ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/campos-belos/panorama>

A construção de Brasília foi um marco que contribuiu para o desenvolvimento de Campos Belos no final da década de 1950. Muitos campo-belenses foram para Brasília a trabalharam em sua construção. Além disso, outras vias de acesso no estado de Goiás começaram a ser criadas, dando mais acesso ao nordeste goiano. Sem contar a quantidade de jovens campo-belenses que se mudavam para Brasília para cursarem cursos superiores. Neste período,

Com a pavimentação da GO-118, o chamado “corredor da miséria”, como era conhecido o nordeste goiano, passou a ser o “corredor do progresso”. Assim, sem propósito específico, Brasília contribuiu e continua contribuindo para que Campos Belos avance no seu processo de desenvolvimento (Silva e Xavier, 2004, p. 236).

Em termos educacionais, até a data de conclusão desta pesquisa, o IBGE ainda não havia atualizado os dados de Campos Belos a partir do Censo de 2022, mas a taxa de alfabetização é de 99,4% para a faixa etária de 6 a 14 anos, de acordo com o censo anterior (IBGE, 2010). A cidade conta com 11 escolas municipais que ofertam o Ensino Fundamental, 4 escolas estaduais que ofertam Ensino Médio, sendo duas delas de tempo integral e 1 escola federal que também oferta Ensino Médio e cursos superiores. A cidade também conta um *campus* da Universidade Estadual de Goiás (UEG), além disso, está a 22 km de um *campus* da Universidade Federal do Tocantins (UFT), localizado em Arraias-TO.

Atualmente existem duas comunidades quilombolas em Campos Belos, a do Brejão e a de Paraguassu. Temos nas proximidades também outras comunidades quilombolas como a da Lagoa da Pedra, em Arraias-TO e os Kalungas, residentes nos municípios de Cavalcante-GO, Monte Alegre de Goiás-GO e Teresina de Goiás-GO.

Embora Campos Belos seja uma cidade com enorme potencial rural, o município não possui nenhuma escola ofertante de Educação do Campo. A mais próxima fica localizada na cidade de Arraias, estado do Tocantins, e a 20 km de distância.

O IF Goiano - Campus Campos Belos

O IF Goiano – Campus Campos Belos faz parte da fase III do plano de expansão da Rede Federal, iniciada em 2011. Afastado geograficamente dos grandes centros e sem uma força política considerável, a implantação de um *campus* de Instituto Federal em Campos Belos foi resultado de um imenso esforço da comunidade local.

Ao obter a informação de que haveria mais uma fase da expansão da Rede Federal, e que estavam previstas novas unidades para o estado de Goiás, o Prof. Samuel Aureliano da

Silva, servidor aposentado do Ministério da Educação (MEC), juntamente com sua esposa, Prof. Dr^a Odiva Silva Xavier e alguns amigos, buscaram o apoio do então Prefeito Neudivaldo Xavier de Oliveira Sardinha para que fizessem uma visita institucional ao MEC com o objetivo de pleitear um *campus* na cidade.

Diante da negativa, informados de que Campos Belos não possuía estrutura para receber um *campus* de Instituto Federal, um grande estudo demográfico e educacional foi realizado e criado um dossiê que comprovava o quão benéfico para toda a região seria a instalação de um Instituto Federal na cidade. Entre idas e vindas, a administração municipal conseguiu disponibilizar uma área para construção do *campus* e uma área para implantação da escola-fazenda.

No final de 2011 foi lançada a pedra fundamental do Campus Campos Belos e em seguida iniciada a obra de construção do futuro *campus*. Em 2013 a obra foi paralisada por conta da falência da construtora. No mesmo ano, uma sala comercial foi alugada para que o então Diretor-Geral de Implantação, Prof. Kennedy de Araújo Barbosa, pudesse desempenhar suas atividades administrativas na cidade.

No início de 2014 a gestão do IF Goiano decidiu, mesmo com obra de construção do *campus* ainda paralisada, realizar concurso público para a contratação de professores e técnicos-administrativos. Neste período fui o presidente da comissão organizadora do concurso para seleção dos servidores Técnicos Administrativos do Campus Campos Belos. E em agosto deste mesmo, fui transferido, a interesse da Administração, para auxiliar na implantação deste *campus*. Os primeiros servidores do quadro permanente do Campus Campos Belos entraram em exercício em 01/08/2014. Por meio de um convênio com a Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Campus Campos Belos, foi possível iniciar em 18/04/2014 as atividades pedagógicas com a oferta do curso Técnico em Informática para duas turmas. Desta forma, as aulas aconteciam nas salas de aula da UEG e a sede administrativa do IF Goiano – Campus Campos Belos ficava localizada no centro de cidade, em salas comerciais alugadas.

Em 2015 um novo espaço foi alugado. Desta vez, um prédio do antigo Ginásio Industrial de Campos Belos, primeiro educandário da 5^a à 8^a série – hoje, o Ensino Fundamental II, e inaugurado no segundo semestre de 1969 (Silva e Xavier, 2004). Com mais espaço, além das novas turmas do curso Técnico em Informática também foi ofertado o curso Técnico em Comércio, ambos na modalidade concomitante e subsequente. No mesmo ano também foram ofertados na modalidade de Ensino a Distância, duas turmas do curso Técnico

em Administração, duas turmas do curso Técnico em Segurança do Trabalho e uma turma do curso Técnico em Meio Ambiente.

O ano de 2016 inicia-se com a troca do Diretor-Geral de Implantação, assumindo a gestão do *campus* o Prof. Fabiano José Ferreira Arantes. Em maio é publicada a Portaria nº 378/2016, que autoriza o funcionamento do Campus Campos Belos do Instituto Federal Goiano, sendo classificado como uma unidade agrícola com capacidade para 70 professores e 60 técnicos-administrativos. No mesmo ano foram ofertadas as primeiras turmas dos cursos Técnicos em Comércio e em Agropecuária na modalidade integrada ao Ensino Médio e a primeira especialização *Lato Sensu* em Ensino de Humanidades. Além disso, a obra do *campus* foi retomada após a realização de um novo processo licitatório.

Em 2018 novos cursos de especialização são ofertados, sendo elas: Ensino de Ciências, Produção Sustentável de Bovinos e Gestão de Projetos. No final do mesmo ano a obra de construção do *campus* é, finalmente, concluída e a partir de 2019, já em sua sede própria, a oferta de cursos é ampliada, tanto nos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio, com a oferta dos cursos de Informática para a Internet e Administração, quanto na oferta dos primeiros cursos superiores de Administração e Zootecnia.

Atualmente, o IF Goiano - Campus Campos Belos oferta 10 cursos distribuídos entre técnicos integrados ao Ensino Médio, superiores, de formação inicial e continuada (FIC), especialização (*Lato Sensu*) e Mestrado (*Stricto Sensu*). Em maio de 2024 o quadro de servidores do *campus* é composto por 39 professores, sendo 30 efetivos; 25 técnicos-administrativos e 791 estudantes (PNP, 2024) e o atual Diretor-Geral é o Prof. Althieris de Souza Saraiva, eleito em 2023 para a gestão 2024-2027.

1. CAPÍTULO I

Neste capítulo será fornecido um contexto importante para entender a penetração da internet na sociedade brasileira ao longo das últimas décadas e de que forma isso influencia o uso das redes sociais como as conhecemos na atualidade. Também abordaremos como a educação tem utilizado os recursos digitais, como a disseminação *fake news*⁵, ou notícias fraudulentas, têm contribuído para a polarização política no país e os desdobramentos de tudo isso em relação ao negacionismo científico.

1.1 O avanço do uso da internet no Brasil nas últimas décadas

Embora não seja do conhecimento geral dos usuários da internet, sua criação ocorreu dentro de um contexto bélico. A internet surgiu, na verdade, como uma arma de guerra. Concebida no ambiente acadêmico, mas com financiamento do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, sua principal função era garantir uma forma de se comunicar e de armazenar dados de forma descentralizada, ou seja, que continuasse ativa mesmo que parte de suas bases fossem atacadas ou bombardeadas, resistente, inclusive, a ataques nucleares.

O contexto histórico de seu surgimento foi o da Guerra Fria, onde as duas superpotências mundiais, Estados Unidos e União Soviética, duelavam de forma simbólica pelo domínio bélico, econômico e tecnológico. Segundo Castells (1999a, p. 82), a internet foi concebida dentro de uma das mais inovadoras instituições de pesquisa do mundo: a Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA). Ainda na década de 1960, surgiu a ARPANET⁶, que pode ser considerada a mãe da internet que conhecemos hoje. Anos mais tarde, devido ao crescimento da ARPANET, com um maior número de pontos de conexão, o ambiente acadêmico passou a usufruir daquilo que outrora criara.

No Brasil, outra predecessora de rede, a Bitnet, foi a responsável por conectar a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) ao Fermilab, um laboratório de física sediado no estado do Illinois, Estados Unidos. Nos anos de 1990, com a

⁵ De acordo com Bucci (2018), a expressão *“fake news”*, em inglês, costuma ser traduzida como “notícia falsa” ou “notícias falsas”. A tradução sugerida pelo professor Carlos Eduardo Lins da Silva, é “notícias fraudulentas”. O sentido do adjetivo *fake*, em inglês, envolve intenção do agente de enganar o interlocutor, o público ou o destinatário. O adjetivo “falso”, em português, não implica esse dolo, essa intenção maliciosa. Desse modo, a expressão “notícias falsas” em português é fraca para traduzir o sentido da expressão *“fake news”*.

⁶ A ARPANET foi o sistema precursor do que hoje conhecemos como internet. Ela conectou 4 universidades localizadas em diferentes locais por meio de uma rede computacional descentralizada.

criação da Rede Nacional de Pesquisa (RNP), ligada ao Ministério da Ciência e Tecnologia, uma infraestrutura de rede com alcance nacional passou a ser estabelecido.

Em 1992 a RNP já havia conectado 11 capitais brasileiras. É importante destacar que à época as funcionalidades do uso da internet eram mínimas, restringindo-se quase que somente à capacidade de se trocar mensagens eletrônicas uns com os outros, e claro, a um número muito restrito de pesquisadores e acadêmicos, uma vez que a internet ainda não era acessível às grandes massas.

Esse cenário começou a mudar a partir de 1994, quando o uso da internet saiu do ambiente acadêmico e passou a ser ofertado pela EMBRATEL, por meio do Serviço Internet Comercial. Dois anos depois eram lançados os grandes portais e provedores de conexão.

Com o avanço da tecnologia, a qualidade das conexões, bem como o número de usuários, melhorou consideravelmente. O computador pessoal (PC) já era um sucesso de vendas ao redor do mundo. Surgiu então a *World Wide Web*, rede mundial de computadores, desenvolvida pelo Centre Européen pour Recherche Nucleaire (CERN) que organizava os sítios da internet por informação, e não por localização (Castells, 1999a, p. 88). Com o lançamento dos *web browsers*, navegadores que por meio de interfaces gráficas facilitavam a interação do usuário com o computador, a internet espalhou-se de vez pelo Brasil.

O que inicialmente era usada, quase que exclusivamente, para transmissão de mensagens eletrônicas, passou a não só transmitir dados como também armazenar um volume imenso de informação. Neste sentido os avanços tecnológicos eram cada vez mais rápidos e com

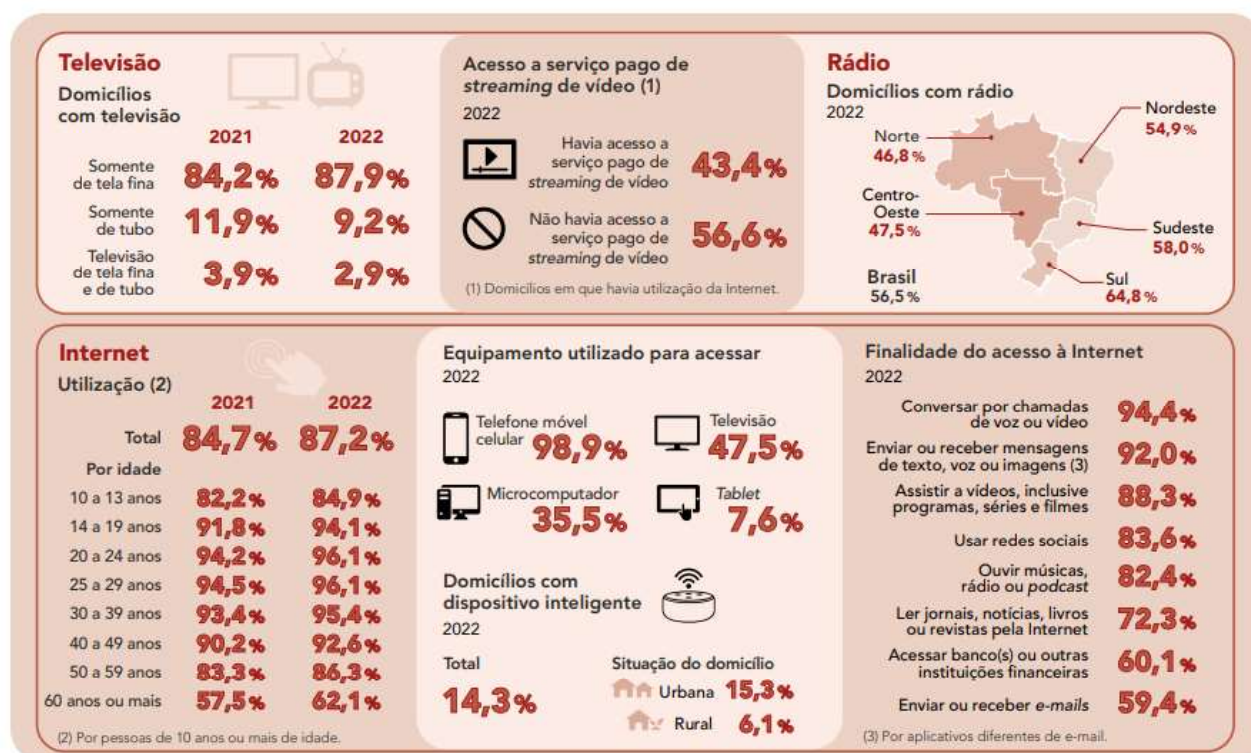
A ascensão da telefonia móvel, liderada pela Nokia e pela Ericsson em 1997, conseguia enviar dados a 384 kilobits por segundo e receber 2 megabits por segundo, em comparação com a capacidade das linhas de cobre de transportar 64 kilobits de dados por segundo. Além disso, o extraordinário aumento da capacidade de transmissão com a tecnologia de comunicação em banda larga proporcionou a oportunidade de se usar a internet, ou tecnologias de comunicação semelhantes à internet, para transmitir voz, além de dados, por meio da troca de pacotes, o que revolucionou as telecomunicações e sua respectiva indústria (Castells, 1999a, p. 90).

Como consequência desse avanço, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação (PNAD Contínua TIC) 2021/2022 (IBGE, 2023), aponta que 91,5% dos domicílios brasileiros possuem acesso à internet. Já 87,2% dos brasileiros têm acesso à internet. Desse percentual, a mesma pesquisa indica que 98,9% dos acessos à internet é realizado a partir de dispositivos móveis, seguido pela televisão (47,5%), pelo microcomputador (35,5%) e pelo *tablet* (7,6%). Além disso, a principal finalidade para o acesso à internet é para conversar por chamadas de voz ou vídeo

(94,4%), enviar e receber mensagens de texto, voz ou imagens (92%) e usar as redes sociais (88,3%).

Temos aqui números surpreendentes e que mostram o quanto estamos habituados com as tecnologias da informação em nosso dia a dia. No quadro abaixo, é possível analisar esses dados a partir de alguns filtros, como gênero e faixa etária e comparando com os dados obtidos na mesma pesquisa do ano anterior:

Quadro 1 - Dados de acesso à internet no Brasil.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2021-2022

Das pessoas que ainda não têm acesso à internet (12,8%), os principais motivos foram a falta de conhecimento de como acessar a internet (47,7%) e a falta de necessidade para usar a internet (23,5%), segundo o IBGE (2022).

Percebemos que a procura por serviços governamentais de forma on-line contribuiu para este aumento em relação aos anos anteriores, bem como o aumento do uso de serviços bancários on-line, o *home-office* instituído por muitas empresas e instituições e também pela busca de entretenimento on-line, seja em *streams* ou acompanhando *lives* de artistas.

Embora esses dados mostrem a importância da conectividade entre os brasileiros, ainda é possível perceber desigualdades sociais no ambiente digital. De acordo com os dados coletados, mulheres negras acessaram a internet exclusivamente pelo celular em maiores

proporções que homens brancos. Por outro lado, elas acessaram os serviços públicos, cursos on-line e transações financeiras em menor proporção que eles.

Se compararmos os dados fazendo uma análise entre os meios urbano e rural, as discrepâncias também são enormes. Mesmo diante do grande avanço do acesso à internet no Brasil, especialmente nos últimos 20 anos, é possível afirmar que ainda é preciso investir na expansão de áreas de coberturas em todo o território nacional, especialmente nas regiões norte e nordeste. Ainda existe muita área habitada sem nenhuma cobertura de telefonia ou internet.

Segundo a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL), com dados de junho de 2023, 92,44% dos moradores do Brasil possuem cobertura de telefonia móvel com tecnologia 4G. Em Goiás, esse percentual de área coberta corresponde a 93,24% e em Campos Belos, 89,79%. Por outro lado, se levarmos em consideração a tecnologia 5G, apenas 52,66% dos moradores têm cobertura, sendo que em Goiás o percentual é de 57,36%, o que corresponde a apenas 44 municípios. Em Campos Belos, até a conclusão deste trabalho, não havia disponibilidade cobertura da tecnologia 5G.

É possível perceber o quão significativo foi para o Brasil o enorme avanço do uso da internet e suas tecnologias nas últimas décadas. Entretanto, ainda estamos muito aquém de nossa capacidade e de tecnologias já existentes em diversos países do hemisfério norte. Para se ter uma noção, enquanto a tecnologia 5G já está implantada em diversos países da América do Norte, Europa e Ásia desde o primeiro semestre de 2020, na América do Sul o Brasil ainda está a passos de implantá-la, ainda assim, atrás do Chile neste sentido. Em diversos outros países, como Argentina e Colômbia, por exemplo, nem mesmo a tecnologia 4G ainda está completamente acessível ao público em suas principais cidades (Moschen, 2021).

Em novembro de 2021 o Brasil concluiu o leilão para exploração comercial do 5G no Brasil por um valor de R\$ 46,790 bilhões. Apenas como fonte de comparação, os leilões anteriores arrecadaram R\$ 12 bilhões para exploração da tecnologia 4G e R\$ 7 bilhões para a tecnologia 3G (Gomes; Santiago; Naísa, 2021). O 5G começou a ser disponibilizado no Brasil em julho de 2022 (Nalin, 2023). Mas por que as empresas estão dispostas a pagar tanto pela exploração desta tecnologia no Brasil? Simples, porque a cada dia que passa fica mais comprovado que o brasileiro não consegue mais viver sem a internet. O número de usuários cresce ano após ano.

Além disso, o uso da tecnologia 5G não é restrito apenas a usuários pessoas físicas. No meio do que é conhecida como a 4ª Revolução Industrial, as indústrias e o Agronegócio entram de vez neste cenário de automação industrial a nível 4.0, onde a inteligência artificial,

a robótica, a nuvem e a internet das coisas são meros ingredientes que potencializam a produção e os ganhos financeiros.

Diante disso, é oportuna uma análise sobre como está realmente o nível de utilização destas tecnologias de comunicação dentro do contexto escolar. Uma análise de como as escolas têm recebido investimento por parte do Estado em termos de infraestrutura, equipamentos e, claro, capacitação dos profissionais da educação para uma boa e satisfatória capacidade de uso destas tecnologias como ferramentas pedagógicas no processo ensino-aprendizagem.

1.2 Utilização de recursos digitais na educação (formal e informal) e suas características

Na atualidade, tanto a informática quanto a internet são uma realidade concreta e indiscutível, ou seja, um caminho sem volta que reconfigurou toda a nossa vida em sociedade (Audino; Nascimento, 2010, p. 128). Com a facilidade de acesso às tecnologias existentes, surge a necessidade de a educação adaptar-se a esta realidade e contribuir na formação desses usuários da era digital.

Por outro lado, é compreensível que por conta das políticas públicas em educação este avanço ocorra de maneira mais lenta, uma vez que, para que ele aconteça, uma série de investimentos sejam feitos pelo poder público. Podemos destacar como principais investimentos necessários a criação de espaços nas unidades de ensino que sejam equiparadas a laboratórios de informática ou ambientes multimídia, a aquisição de computadores ou outros dispositivos com acesso à internet, a contratação de links dedicados de internet e talvez o mais importante de todos, a capacitação dos professores. De nada adianta uma escola ter toda uma infraestrutura física e de equipamentos se aquele que é o responsável por repassar o conhecimento não tiver as habilidades necessárias para tal.

Já existem diversos documentos reguladores da educação brasileira que destacam a importância do uso dos recursos digitais dentro do ambiente escolar como ferramentas pedagógicas para a aprendizagem. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (Brasil, 1996), por exemplo, prevê a modalidade de educação a distância ainda no ano de 1996, quando a internet ainda se consolidava no Brasil. Perceba que por meio das tecnologias existentes à época já era possível se criar ambientes virtuais de aprendizagem onde era perfeitamente possível o repasse de conhecimentos.

É evidente que, embora grande parte das estratégias educacionais ainda tenham seus pilares fincados sobre bases tradicionais, a realidade educacional brasileira já teve um grande avanço nas últimas duas décadas. Neste sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (Brasil, 2013) definem que

As tecnologias da informação e comunicação constituem uma parte de um contínuo desenvolvimento de tecnologias, a começar pelo giz e os livros, todos podendo apoiar e enriquecer as aprendizagens. Como qualquer ferramenta, devem ser usadas e adaptadas para servir a fins educacionais e como tecnologia assistiva; desenvolvidas de forma a possibilitar que a interatividade virtual se desenvolva de modo mais intenso, inclusive na produção de linguagens (Brasil, 2013, p. 25).

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017), um documento de caráter normativo, define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, e que vigora desde o ano de 2020.

Ela estabelece que as aprendizagens essenciais devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de competências, ou seja, uma mescla de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para que eles possam resolver demandas da vida cotidiana.

Dentre estas competências gerais, vale frisar as seguintes:

- valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade;
- compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais e;
- argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos (Brasil, 2017, p. 9).

Percebemos a importância de se trazer para a realidade da educação a concepção de mundo digital, a importância do uso das tecnologias digitais e do pensamento crítico em relação à disseminação de informações, bem como a sua confiabilidade. Embora a imensa maioria de nossos jovens façam parte de uma geração que já nasceu em um mundo conectado, e dispõem de grande aparato tecnológico, isso não significa, necessariamente, que compreenderão as dimensões ética, estética e política desse uso, nem tampouco lidar de forma crítica com os conteúdos que circulam na Web (Brasil, 2017, p. 68).

A cada dia essa juventude transita mais entre o físico e o virtual, desde o levantar da cama, durante o tempo que passa na escola, no decorrer de suas atividades pessoais e, por fim, ao retorno para a cama (Tavares; Melo, 2019, p. 2).

Acerca desta relação dos jovens com as tecnologias, e da facilidade de acesso a determinados conteúdos, Serres (2013, p. 37) aborda o fato de hoje já não se haver mais a necessidade de se esforçar para armazenar o saber em nossas cabeças, uma vez que ele está por aí “objetivo, coletado, coletivo, conectado, totalmente acessível, dez vezes revisto e controlado”.

Em complemento a isto, ele destaca que

É onde reside a nova genialidade, a inteligência inventiva, a autêntica subjetividade cognitiva. A originalidade de nossa jovem se refugia nesse vazo translúcido, sob a

agradável brisa. Conhecimento de custo quase zero e, no entanto, difícil de agarrar (Serres, 2013, p. 37-38).

Sob este aspecto, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) devem ser utilizadas como ferramentas pedagógicas para melhores resultados no processo ensino-aprendizagem. Neste sentido,

As novas tecnologias eletrônicas de informação e comunicação, responsáveis em grande parte, pela substituição de processos produtivos, demandando aprendizagens não formais, resultam na existência de um ciberespaço como uma tecelagem de ideias que ultrapassam o pensamento linear, situam múltiplas dimensões, transgredindo fronteiras, conectando saberes, objetivando a hipertextualidade contemporânea (Soares, 2006, p. 60).

Para Grinspun (2002, p. 27), a tecnologia oferece recursos e avanços, mas impõe determinadas normas e regras. Essas regras são muitas vezes definidas informalmente, uma vez que a legislação acompanha essa transformação tecnológica muito lentamente. Para se ter uma ideia deste atraso na legislação, apenas no ano de 2014 o Governo Brasileiro sancionou a Lei nº 12.965/2014, conhecida como o Marco Civil da Internet.

Como dito anteriormente, o papel do professor é muito importante neste processo de ensino-aprendizagem por meio dos meios digitais no ambiente escolar. Diferentemente do modelo tradicional onde o professor assume uma condição de fornecedor, ou seja, o único detentor do conhecimento, e os estudantes assumem uma condição de consumidores deste conhecimento, com uma utilização adequada desses recursos digitais no ambiente escolar é possível criar situações de aprendizagem em que o professor assuma o caráter de mediador e o estudante o caráter de sujeito ativo dentro do processo ensino e aprendizagem (Audino; Nascimento, 2010, p. 141).

O professor não é o detentor do saber, é o próprio estudante que deve descobrir o caminho, construir as suas próprias interrogações, entretanto, ainda assim, o estudante precisa do outro (Silva, 2020, p. 147). Este outro pode ser o professor. Enquanto mediador neste processo,

[...] as ações discursivas dos docentes podem agir de modo a (re)construir diferentes identidades em alunos e, acredita-se, a principal delas seja a de um cidadão participativo na sociedade em que vive (Ribeiro *et al.*, (2021, p. 129).

Fica evidente que apenas a existência de ferramentas digitais não garante, de nenhuma forma, um avanço educacional. Por isso,

O professor como sujeito que não reproduz apenas o conhecimento pode fazer do seu próprio trabalho de sala de aula um espaço de práxis docente e de transformação humana. É na ação refletida e na redimensão de sua prática que o professor pode ser agente de mudanças na escola e na sociedade (Lima; Gomes, 2006, p. 169).

Desta forma, o professor deve, ao refletir sobre seu papel na formação crítica de seus estudantes, entender que ele é um agente de transformação. O professor reflexivo, ao analisar suas ações e sua conduta, precisa entender que, ainda segundo Lima e Gomes (2006), essa reflexão “não é uma atividade individual, pois pressupõe relações sociais que servem a interesses humanos, sociais, culturais e políticos[...]”.

Ao assumir o papel de mediador e proporcionar autonomia ao estudante no ambiente virtual, o professor e o estudante estariam numa situação de igualdade, onde o primeiro perderia a sua centralidade no processo ensino-aprendizagem e o segundo ganharia a responsabilidade de se autoeducar (Silva, 2020, p. 151).

Uma dúvida existente em meio a toda esta conectividade é se a escola passa a perder a sua relevância no contexto da educação formal, uma vez que os estudantes podem, por si próprios, adquirirem conhecimento informalmente por meio das TIC's. Em um estudo realizado com 80 estudantes de escolas públicas e privadas no Campos Grande, maior bairro do município do Rio de Janeiro, chegou-se à conclusão de que

Os modelos pedagógicos formais e o professor - como agente da transmissão dos conhecimentos escolares - não parecem perder terreno para a abertura dos espaços virtuais de aprendizagem informal. Em nossa análise constatamos o quanto a escola ainda é um espaço de aprendizagem muito valorizado pelos alunos, a despeito das práticas virtuais se apresentarem como uma realidade acessível para os jovens. Nossa aposta vai no sentido de que quanto mais a escola e os professores se apropriarem destes recursos e destas experiências dos jovens nativos digitais, mais produtivo pode se tornar o processo de ensino-aprendizagem no contexto escolar (Tavares; Melo, 2019, p. 8).

Por fim, ainda que o acesso à educação informal tenha aumentado por conta desta facilidade de acesso ao conhecimento por meio das TIC's, o mercado de trabalho ainda demanda mão de obra qualificada e certificada, ou seja, oriunda da educação formal.

Como conclusão deste estudo,

[...] a escola é descrita pelos alunos como um cenário que traz vantagens para a aprendizagem por ser capaz de oferecer um direcionamento para aprendizagem, pela relação professor-aluno funcionar como suporte para a aprendizagem, além de se configurar como um meio de formação e manutenção de laços sociais (Tavares; Melo, 2019, p. 8).

Partindo dos dados apresentados neste estudo, fica claro que o modelo formal de educação não perderá espaço e prestígio entre os jovens habituados ao uso das TIC's desde que se adapte a esta mesma realidade, e seja um ambiente atrativo para a obtenção de conhecimento. Entretanto, há de se levar em consideração que os custos para se manter um ambiente físico, com infraestrutura, manutenção, mão de obra qualificada e especializada e outros serviços essenciais é bem mais alto do que manter um ambiente virtual. Isso pode por

exemplo, num futuro hipotético, tornar o ambiente escolar físico um privilégio de quem possa pagar por este tipo de serviço, enquanto que aqueles que não possuam esta condição tenham como opção apenas o ambiente virtual à sua disposição.

Fica claro, portanto, que a incorporação de tecnologias digitais no ambiente educacional proporciona acesso expandido ao conhecimento e promove novas formas de aprendizado e interação. À medida que estudantes e aprendizes são expostos a uma variedade de conteúdos on-line, aumenta-se a chance de que eles estejam preparados para lidarem com o risco de serem influenciados por narrativas extremadas e polarizadas, exacerbando as divisões sociais e políticas em um ambiente digital cada vez mais fragmentado e complexo. É o que veremos logo mais a seguir.

1.3 Disseminação da informação digital e polarização político/ideológica no Brasil e no mundo

De acordo com dados levantados pela We Are Social e Meltwater (Kemp, 2024), o mundo hoje tem uma população estimada em 8,08 bilhões de pessoas, sendo que 57,7% desta população vive concentrada em áreas urbanas. Mais de dois terços da população mundial, o equivalente a 5,61 bilhões de pessoas (69,4%), possuem aparelho celular. Em relação ao acesso à internet, o percentual é um pouco menor, 66,2%, o que corresponde a 5,35 bilhões de pessoas. O número de usuários ativos nas redes sociais chega a 5,04 bilhões⁷, ou 62,3% da população mundial.

O cenário de Pandemia da Covid-19 aumentou a presença digital em todo o mundo em aproximadamente 4% e, em média, no ano de 2021 cada usuário passava praticamente 6h57min conectado à internet (Kemp, 2022). Em 2022 houve uma diminuição de quase 5% deste tempo de uso da internet, obtendo-se uma média diária de 6h37min (Kemp, 2023). Esta média aproxima-se da média registrada no terceiro trimestre de 2019, antes da Pandemia de COVID-19. Já no ano de 2023, o tempo médio diário de uso da internet foi de 6h40min, sendo que deste tempo, 2h23min eram gastos com redes sociais. No Brasil, o tempo médio diário de uso da internet é de 9h13min (Kemp, 2024).

Ainda assim, esse tempo de uso diário de internet ainda é muito alto e diante de todo este tempo conectado, as experiências virtuais passam a assumir um importante aspecto do processo de subjetivação contemporâneo, mostrando-se capazes, inclusive, de modificar a percepção que algumas pessoas têm de si mesmas (Leitão; Nicolaci-da-Costa, 2005).

Segundo Crary (2014), pesquisas comprovam que cresce exponencialmente o número de usuários que acordam uma ou mais vezes durante a madrugada para checar mensagens ou informações em seus dispositivos. É como se cada vez mais esses usuários fossem condicionados a produzir, consumir e reproduzir conteúdo 24/7 – vinte e quatro horas por dia e sete dias por semana.

Segundo Kemp (2024), no início do ano de 2024 no Brasil existiam 187,9 milhões de usuários de internet e 144 milhões de usuários ativos em redes sociais. Toda esta conectividade acende um alerta em relação ao quão preparados estão os brasileiros para

⁷ Esse número total de usuários não representa, necessariamente, pessoas, uma vez que um mesmo usuário pode ter vários perfis em uma mesma rede social.

administrar e absorver todo este conteúdo produzido, distribuído e consumido no ambiente digital. Anteriormente vimos que 98,6% dos brasileiros utilizam o celular para ter acesso à internet. Spinelli e Ramos (2019) alertam que “a taxa de analfabetismo funcional aliada à penetração do celular configuram um cenário de defasagem em relação à tecnologia usada e às capacidades humanas de letramento para lidar com as mesmas”.

No Brasil, a população de analfabetos funcionais totaliza 38 milhões de pessoas. Essas pessoas reconhecem palavras, números, leem e escrevem, no entanto, sua capacidade cognitiva de interpretar além do que está meramente escrito é muito baixa. Segundo Costa (2019), no Brasil, esse total de analfabetos funcionais só não supera a população do estado de São Paulo.

Nunca se deve esquecer de que quem detém a informação detém poder. E é esse poder que faz algumas pessoas e/ou instituições usarem as grandes mídias sociais como armas ideológicas e formadoras de opinião, mesmo que travestidas de uma realidade fictícia.

Vivemos uma transformação profunda na política e nos processos democráticos parte desta transformação está associada às consequências diretas das novas tecnologias da informação no debate político e nas estratégias de busca por poder (Castells, 1999b, p. 366).

No meio jornalístico, que ocupa um espaço relevante nos meios digitais, é comum a separação dos fatos em, basicamente, dois tipos: jornalísticos e não jornalísticos (Abramo, 2016, p. 40). Apenas os primeiros devem ser explorados pela imprensa, o que na prática, ao não explorar todos os fatos de uma situação, existe uma ocultação de fatos que, consequentemente, resulta na manipulação da informação.

Nesta situação é válido afirmar que

O poder é a capacidade relacional que permite a um ator social influenciar assimetricamente as decisões de outro(s) ator(es) social(is) de formas que favoreçam a vontade, os interesses e os valores do ator que detém o poder (Castells, 2017, p. 57).

Num contexto onde manipular a opinião pública de acordo com os seus interesses pode ser uma arma extremamente poderosa, e ter acesso a ferramentas que possibilitem a concretização deste feito é algo muito valioso. Hoje, as redes sociais são ferramentas que vêm ao encontro desses anseios. Seguindo este raciocínio, Tiburi (2017) afirma que emitir informação tornou-se um hábito e até mesmo uma compulsão e as redes sociais tornaram-se um lugar onde podemos chamar de verdade digital, não importando mais o conteúdo, apenas os meios. Percebemos, a partir do cenário atual, que verdades incômodas podem fazer com

que os indivíduos se interessem por mentiras menos decepcionantes. Essa busca por aquilo que seja agradável reforça que

O entendimento humano não se compõe de luz pura, pois é sujeito à influência da vontade e das emoções, donde se pode gerar conhecimento fantasioso; o homem se inclina a ter por verdade aquilo que prefere (Bacon, 2000, p. 44).

Para Blackburn (2006), normalmente se supõe que as crenças respondem a um diferente conjunto de valores: verdade e falsidade. Mas na prática, muitas vezes as crenças moldam posicionamentos baseados no que diz respeito às vantagens adquiridas por determinadas escolhas, afinal, a verdade tem direitos e privilégios próprios e não são exatamente os mesmos que a utilidade tem.

É inegável que a polarização político-ideológica no Brasil e em diversos outros países tem agravado problemas sociais existentes e criado novos, como na questão do meio ambiente. O incentivo para a prática de atos antidemocráticos, ataques a pessoas e a instituições, agressões verbais e até físicas, são algumas das consequências amargas desta realidade. E na era da pós-verdade, a desinformação no ambiente digital tem sido o principal ingrediente desta receita nada saborosa recheada de mensagens falsas e fora de contexto.

Quanto a isso,

A propagação deste tipo de mensagens é recorrente em diversos episódios da história das sociedades ocidentais, mas nunca isso ocorreu com tamanha velocidade, alcance e perda de controle como na atualidade. As tecnologias digitais e em rede permitem que qualquer indivíduo, instituição ou empresa sejam produtores e distribuidores de conteúdo, o que impulsiona a proliferação de mensagens com intenções diversas, inclusive inventadas, distorcidas e com forte apelo ideológico (Spinelli e Ramos, 2019, p. 211).

Este cenário corrobora para a perpetuação de um estado de desordem informacional (Spinelli e Ramos, 2019), que é bastante maléfico para os processos democráticos ao redor do mundo uma vez que os ingredientes escolhidos girem em torno de desordens étnicas, raciais, religiosas ou até mesmo de pautas nacionalistas.

Sabedores de tudo isso, muitas campanhas políticas têm adquirido dados preciosos que os usuários fornecem, muitas vezes sem mesmo perceber os riscos, aos proprietários de suas redes sociais. Muitos desses dados são obtidos da seguinte forma:

Rastreando as informações em cada página ou *feed*, os algoritmos analíticos podem construir retratos psicométricos bastante preciso de indivíduos, seus gostos, suas afinidades e suas presunções. Portanto, a manipulação da propaganda pode ser ajustada não só para grupos demográficos, mas para eleitores individuais: a aspiração acumulativa é mudar o humor público sem recorrer a ferramentas mais desajeitadas da propaganda antiquada (D'Ancona, 2018, p. 107).

Outro ponto relevante no que diz respeito ao uso demasiado das redes sociais são as chamadas bolhas informacionais ou câmaras de eco. Santaella (2018) defende que a personalização feita por filtros de máquinas de buscas ou mídias sociais promove segregação ideológica, tendenciosidades e reverbera no coletivo, porque torna as pessoas vulneráveis a manipulações, frequentemente a serviço de interesses unilaterais, com propagandas, estreitando as visões de mundo. Essas bolhas são resultantes da ação dos algoritmos, ou seja, cálculos matemáticos que consolidam toda a atividade do usuário no ambiente virtual das redes sociais e passa a selecionar conteúdos que possam resultar em novas interações do usuário. Desta forma, os

Algoritmos se tornaram, portanto, sustentáculos de curadoria de conteúdo e fragmentação de público em mídias sociais a ponto de moldar como usuários são levados a interagir entre si e a consumir informações. Alguns desses procedimentos são apresentados pelas próprias plataformas, outros continuam ocultos por interesses comerciais e concorrenciais (Dourado, 2020, p. 63).

Dentro dessas bolhas os usuários passam a cada vez mais discutir sobre os mesmos assuntos e, muitas vezes, com as mesmas pessoas, limitando a troca de ideias e, consequentemente a pluralidade do debate, aumentando essa polarização político-ideológica em que estamos inseridos hoje, afinal, Dourado (2020) reforça que em “períodos eleitorais são naturalmente propícios ao acirramento de ânimos”.

Ainda dentro dessa análise da limitação da pluralidade de ideias no debate político,

Face à possibilidade da destruição da pluralidade, a presença do mass media no mundo, e sobretudo a organização de oligopólios mediáticos, significa já um perigo. E este perigo é identificável: caso os mass media assumam, numa sociedade democrática, o desígnio de ordenar o mundo político comum e mitigar a sua pluralidade, responsabilizando-se por filtrar o conhecimento, manipular as consciências e reduzir o campo das suas escolhas, este mundo estará afetado pela tentação do totalitarismo, independentemente da existência ou não de um Estado totalitário (Sá, 2019, p. 119).

Em Estados totalitários, os fatos são deixados de lado e a perpetuação das opiniões são o ponto central do discurso. No clássico 1984, de George Orwell, a principal função do Ministério da Verdade é reescrever a história de acordo com os interesses de quem está no poder, ou seja, os fatos devem ser substituídos pelas opiniões. Entretanto, independente de quem esteja no poder, de quem domine os meios de comunicação ou até mesmo quem tenha a capacidade de moldar a opinião pública, não lhes é dado o direito de manipular os fatos a seu bel-prazer, ou rearranjá-los de acordo com suas perspectivas, ou seja, não há justificativa para se apagar as linhas divisórias entre fato, opinião e interpretação (Arendt, 2016).

Por outro lado, dentro do perspectivismo defensor de que o mundo admitia uma pluralidade de interpretações, ou seja, uma conclusão tomada a partir de vários pontos de vista, Nietzsche, em sua célebre fórmula contra o positivismo: “não há fatos – apenas interpretações”, traz à tona a discussão de que não há verdades absolutas, nem mesmo sobre os fatos, mas interpretações moldadas conforme a perspectiva.

Novamente, Arendt (2016) entende que fatos e opiniões, embora possam ser mantidos separados, não são antagônicos um a outro⁸. Para ela, “fatos informam opiniões, e as opiniões, inspiradas por diferentes interesses e paixões, podem diferir amplamente e ainda serem legítimas no que respeita à sua verdade factual”.

É muito comum que a justificativa dada por aqueles que são flagrados distorcendo fatos e criando meias verdades seja a liberdade de expressão. Acontece que a liberdade de expressão é uma farsa quando fatos são questionados ou a verdade factual é desconsiderada (Arendt, 2016). Quando Arendt (2016) afirmou que ninguém jamais acreditara que a mentira organizada pudesse ser uma arma adequada contra a verdade, as redes sociais como conhecemos hoje sequer existiam.

Desde a redemocratização brasileira passamos por eleições presidenciais com grande polarização política nas disputas entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) nos pleitos de 1994, 1998, 2002, 2006, 2010 e, por fim, em 2014. Com exceção da última, em que a margem entre os candidatos foi extremamente curta e o candidato derrotado, Aécio Neves, baseando-se nas grandes manifestações realizadas no ano anterior, solicitou a recontagem dos votos, todos os resultados anteriores foram aceitos pelos candidatos e eleitores derrotados. Ou seja, a polarização política não ultrapassou os limites da democracia.

Entretanto, a partir do *impeachment* de Dilma Rousseff em 2016 e da prisão do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, retirando-o da disputa presidencial de 2018, o cenário político brasileiro se viu envolvido numa polarização mais radical. Com a entrada do então desconhecido Deputado Federal Jair Bolsonaro na disputa é que os ânimos ficaram ainda mais exaltados.

Entrou em pauta uma disputa ideológica que resiste até os dias atuais. Estamos presos a uma falsa dicotomia entre a esquerda e a direita, como se na política existisse apenas esses

⁸ Arendt (2016) considera que esta seja uma meia verdade. Para ela, “todas as verdades – não somente as várias espécies de verdade racional, mas também a verdade factual – são opostas à opinião em seu modo de asseverar a validade”.

dois posicionamentos ideológicos. Os debates, neste sentido, e quando ocorrem, resumem-se basicamente a acusações de que em um lado só se tem comunistas e do outro, fascistas. As redes sociais tornaram-se um ringue onde a disputa pela pauta discursiva é o que está em jogo.

Neste sentido,

[...] tal uso compartilhado da tecnologia propicia a criação de novas regras do jogo que, no contexto das transformações sociais, culturais e políticas [...] afetam profundamente a essência política. O ponto principal dessa questão é que a mídia eletrônica (não só o rádio e a televisão, mas todas as formas de comunicação, tais como o jornal e a internet) passou a se tornar o espaço privilegiado da política. Não que toda a política possa ser reduzida a imagens, sons ou manipulações simbólicas. Contudo, sem a mídia, não há meios de adquirir ou exercer poder. Portanto, todos acabam entrando no mesmo jogo, embora não da mesma forma ou com o mesmo propósito (Castells, 1999b, p. 367).

Segundo o Relatório da Segurança Digital no Brasil, no terceiro trimestre de 2018, ou seja, véspera das eleições presidenciais, houve uma diminuição dos ciberataques e um crescimento de notícias fraudulentas. De todos os links maliciosos catalogados desse período, três categorias se destacaram: *phishing*⁹ via aplicativos de mensagens, publicidade suspeita e notícias fraudulentas.

Das notícias fraudulentas, os três assuntos mais abordados foram a política, a saúde e o dinheiro fácil. Dentro do tema política, as cinco notícias fraudulentas mais compartilhadas foram as que diziam que:

1. Jean Wyllys vai dirigir filme que mostra Jesus como homossexual: a notícia afirma que o então deputado captaria dinheiro público através da Lei Rouanet;

⁹ *Phishing* é um termo originado do inglês (*fishing*) que em computação se trata de um tipo de roubo de identidade on-line. Essa ação fraudulenta é caracterizada por tentativas de adquirir ilicitamente dados pessoais de outra pessoa, sejam senhas, dados financeiros, dados bancários, números de cartões de crédito ou simplesmente dados pessoais.



Figura 1 - Notícia fraudulenta postada e compartilhada no Facebook.

Fonte: Relatório da Segurança Digital no Brasil, 2018.

2. STJ autoriza cancelamento da CNH em caso de IPVA atrasado: a notícia era do tipo corrente e dizia que para evitar que isso acontecesse era preciso compartilhar o link e assinar uma petição que seria enviada ao Congresso Nacional;



Figura 2 - Notícia fraudulenta postada no Portal Divulga Mais

Fonte: Relatório da Segurança Digital no Brasil, 2018.

3. Nova pesquisa mostra que Bolsonaro vence Lula em todos os estados: a suposta pesquisa reunia dados de intenção de votos e era falsamente atribuída a um instituto de pesquisa;

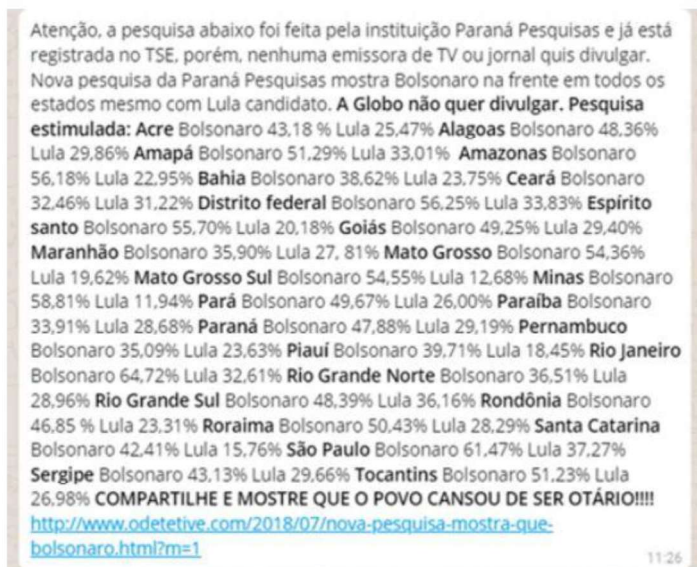


Figura 3 - Mensagem fraudulenta compartilhada em grupos de Whatsapp.

Fonte: Relatório da Segurança Digital no Brasil, 2018.

4. Bolsonaro recebe R\$ 18,4 milhões para proteger Michel Temer e atacar o PT: a notícia dizia que Bolsonaro recebera dinheiro do Governo de Michel Temer e usava seus seguidores nas redes sociais para atacar Lula;



10/10/2018 06:19

Figura 4 - Mensagem fraudulenta postada em portal de notícias na internet.

Fonte: Relatório da Segurança Digital no Brasil, 2018.

5. Militante que tentou assassinar Jair Bolsonaro recebeu R\$ 350 mil: a notícia dizia que a Polícia Federal já tinha os extratos bancários do autor do crime e que era possível visualizar uma transferência de R\$ 350 mil tinha sido feita pelo PT.



Figura 5 - Mensagem fraudulenta postada em portal de notícias na internet.

Fonte: Relatório da Segurança Digital no Brasil, 2018.

Inferimos, então, que o objetivo principal destas notícias era tentar manipular a opinião pública acerca de temas sensíveis às crenças e opiniões ideológicas das pessoas, podendo, de certa maneira, tentar alterar o resultado da eleição presidencial brasileira. Há quem entenda que militar desta forma, criando desinformação e tentando alterar resultados de eleições tem como principal objetivo criar um mundo melhor do que o que temos hoje.

Portanto,

O intuito de melhorar o mundo através da repetição exaustiva de mentiras ou distorções que filtrem a sua complexidade, procurando torná-lo um mundo simples, dicotômico, organizado numa polarização moral entre bem e mal, revela-se uma lavagem cerebral (Sá, 2019, p. 120).

Essa limitação do debate político em termos de pluralidade, tornando as discussões rasas e repetitivas, ocorreu, por exemplo, no 3º Reich alemão, onde o Partido Nazista simplificou as discussões, escolheu termos simples, básicos e por meio da repetição insistente da mensagem, conseguiu convencer o povo alemão a embarcar nos delírios de Hitler. O

resultado, todos nós sabemos. É como se o velho ditado popular que diz que uma mesma mentira contada mil vezes acaba virando uma verdade, mesmo que não o seja.

Nas eleições majoritárias de 2022 a receita utilizada foi a mesma. O Whatsapp foi uma das ferramentas mais utilizadas para disseminar desinformação. Um estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Ideia, em parceria com o Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados (IBPAD), mostra que 25% de todas as mensagens com teor político exageravam, distorciam informações, ou ainda disseminavam desinformação sobre polarização ideológica, legislação e até sobre políticas públicas (Pitta, 2023).

No lançamento de sua pré-candidatura, o então presidente Jair Bolsonaro destacou que naquela eleição não seria uma luta da esquerda contra a direita, mas uma luta do bem contra o mal (Paraguassu, 2022). É o apelo pelos sentimentos, medos e, mais uma vez, a criação de inimigos ocultos – ou não – para legitimar-se como o único candidato capaz de salvar a nação.

Notícias fraudulentas que tinham como principal objetivo alcançar os medos e as crenças dos eleitores foram amplamente produzidas e disseminadas nas redes sociais. Uma delas, afirmava que o candidato Luís Inácio Lula da Silva, adotaria o uso de um pronome neutro na Bíblia Sagrada e que nela não existiria mais o nome Jesus. A notícia vinha acompanhada de uma imagem do portal de notícias G1.



Figura 6 - Falsa publicação usando o formato do portal de notícias G1.

Fonte: Fato ou Fake¹⁰.

¹⁰ <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2022/06/13/e-fake-que-lula-disse-que-em-seu-governo-biblia-vai-adotar-pronome-neutro-e-nao-tera-mais-o-nome-de-jesus.ghtml>

O tema das vacinas não poderia ficar de fora desta estratégia, já que até hoje ainda gera discussões. Em uma notícia fraudulenta bastante disseminada era afirmado que as vacinas contra COVID-19, em especial a chinesa Coronavac, transformariam as pessoas em antenas de sinal 5G. Esta notícia, na verdade, já circulava desde de 2020 mas foi reciclada para o período eleitoral de 2022 e teve enorme repercussão.



Figura 7 - Notícia fraudulenta de que as vacinas contra COVID-19 continham nano-chips.

Fonte: Reprodução Facebook. Estadão¹¹.

Outra notícia com grande repercussão no ano de 2022 foi a de que a deputada do PSOL, Talíria Petrone, era autora de um projeto que instituía a profissão ladrão, com direito, inclusive, à aposentadoria.

¹¹ <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/nao-existe-vacina-contracovid-19-que-use-nanochip-pararastrear-pessoas-com-5g/>

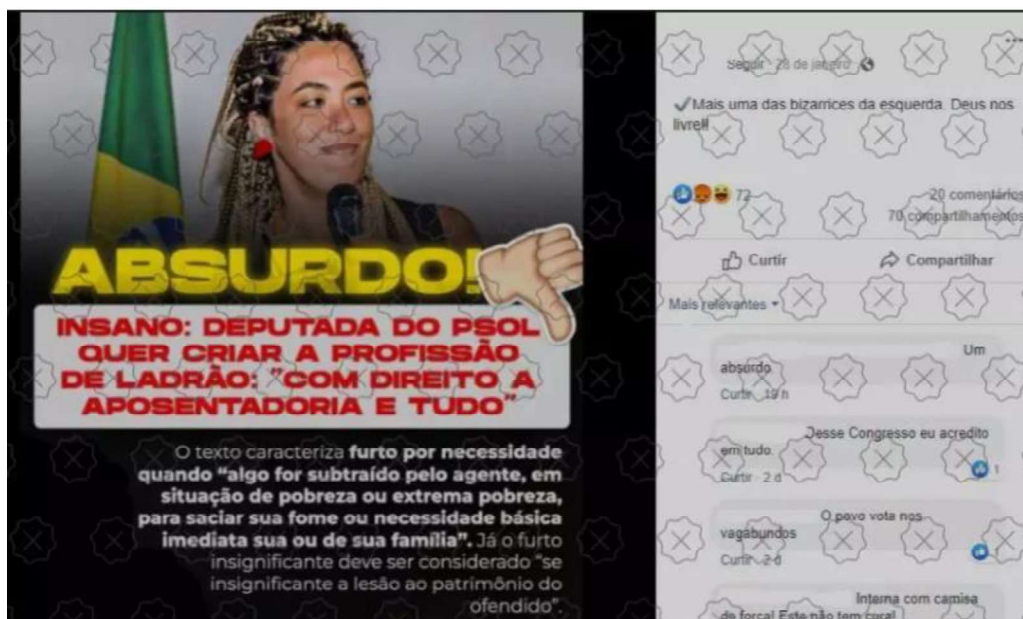


Figura 8 - Notícia fraudulenta sobre criação da profissão ladrão.

Fonte: Aos Fatos¹²

Também circulou uma notícia fraudulenta de que o ex-deputado federal, Jean Wyllys, supostamente o futuro Ministro da Educação a partir do ano de 2023, havia afirmado que baniria o uso da Bíblia Sagrada no Brasil.



Figura 9 - Notícia sobre suposto banimento da Bíblia Sagrada no Brasil.

Fonte: UOL Confere¹³

¹² <https://www.aosfatos.org/noticias/taliria-petrone-nao-propos-projeto-profissao-ladrao/>

¹³ <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2022/11/04/jean-wyllys-nao-disse-que-pretende-banir-a-biblia-do-brasil.htm>

Com enorme repercussão por conta do grande apoio dos evangélicos ao candidato a reeleição para presidente, Jair Bolsonaro, uma montagem dele ao lado de maçons com imagens ao fundo foi amplamente disseminada. A foto era de uma visita que ele fez à Loja Maçônica Grande Oriente do Distrito Federal em 2014.

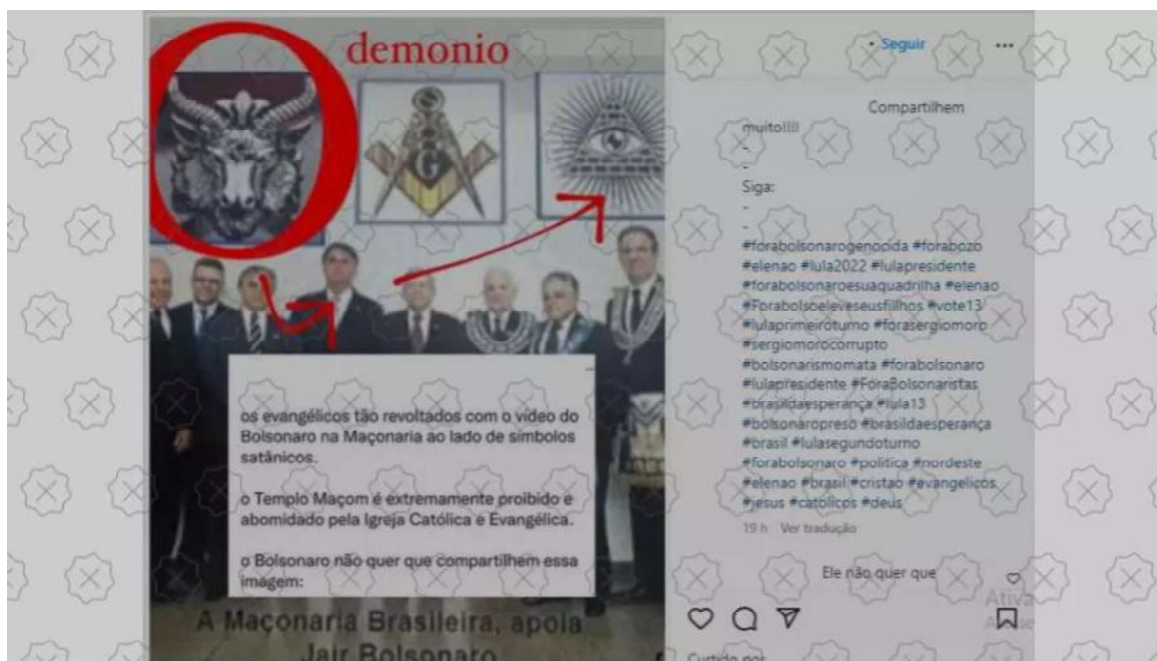


Figura 10 - Montagem de Jair Bolsonaro com símbolos maçônicos ao fundo.

Fonte: Aos fatos¹⁴.

Por fim, logo após as eleições de 2022, o então presidente eleito, Lula, saiu de férias e em seguida fez uma laringoscopia. Por conta de seu “sumiço”, uma história sobre seu possível falecimento, que já circulava antes mesmo da eleição, ganhou enorme repercussão nas redes sociais. A história contava que Lula havia morrido na sala de cirurgia e tinha sido substituído por um sócia, que seria empossado em 01 de janeiro em seu lugar.

¹⁴ <https://www.aosfatos.org/noticias/quadro-de-baphomet-em-foto-de-bolsonaro-na-maconaria-e-montagem/>



Figura 11 - Imagem compartilhada em grupos bolsonaristas.

Fonte: Carta Capital¹⁵

Muitas foram as notícias fraudulentas criadas ou recicladas que foram amplamente difundidas nas redes sociais e em aplicativos de mensageria no ano de 2022 por ocasião das eleições majoritárias no Brasil. Mas por que as pessoas ainda acreditam e compartilham tantas notícias fraudulentas? Segundo um levantamento da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), parte deste problema envolve táticas psicológicas usadas pelos criadores e disseminadores dessas notícias, que se utilizam de ferramentas como vídeos, textos, imagens e áudios para convencer que algo mentiroso seja real (Vasconcelos, 2022). Neste sentido é possível comparar

[...] a estratégia de criar notícias falsas com o mito do bicho papão ou do papai Noel. Enquanto no primeiro cria-se um inimigo a partir do medo, da raiva e da indignação, no segundo a história apela para os sentimentos de esperança, recompensa e entusiasmo. Ao despertar esses sentimentos, o adulto consegue mobilizar as crianças em favor de seus interesses (Vasconcelos, 2022).

¹⁵ <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/parana-e-o-estado-onde-fake-news-de-que-lula-morreu-e-foi-substituido-mais-circulou/>

O mesmo ocorre aqui. Ao despertar no receptor sentimentos de medo, raiva e indignação, a chance de aquele conteúdo ser repassado para outras pessoas aumenta muito. E as pessoas compartilham este conteúdo para reforçar suas convicções, afinal

As crenças das pessoas se baseiam não em evidências, mas no seu contexto de vida e em todas as relações que elas desenvolveram desde a infância, incluindo aí os seus medos e as suas perspectivas de vida e futuro (Vasconcelos, 2022).

A disseminação de desinformação nem sempre está associada, exclusivamente, ao cenário de disputa eleitoral. A política é quase sempre um ingrediente, mas em muitos casos, situações e assuntos alheios são escolhidos pela sua capacidade de alcançar as emoções, as crenças e as ideologias das pessoas. Munidos da capacidade de monetizar a partir do acesso a esse conteúdo fraudulento, todo e qualquer assunto que esteja em evidência no noticiário pode ser pauta da indústria da desinformação.

Em maio de 2024, o estado do Rio Grande do Sul sofre a maior tragédia climática de sua história, onde centenas de cidades foram duramente afetadas pelas fortes e constantes chuvas que alagaram as principais cidades do estado, afetando em larga escala, toda a sua cadeia produtiva, prestação de serviços e, claro, a questão humanitária e sanitária.

Helder (2024) apresenta dados de uma pesquisa realizada pela consultoria Quaest. Neste levantamento, 31% dos entrevistados disseram ter recebido alguma notícia fraudulenta relacionada à tragédia no sul do país. A estes 31% que receberam algum tipo de notícia fraudulenta foi perguntado a origem do recebimento da informação. No gráfico abaixo temos o detalhamento dessas origens:

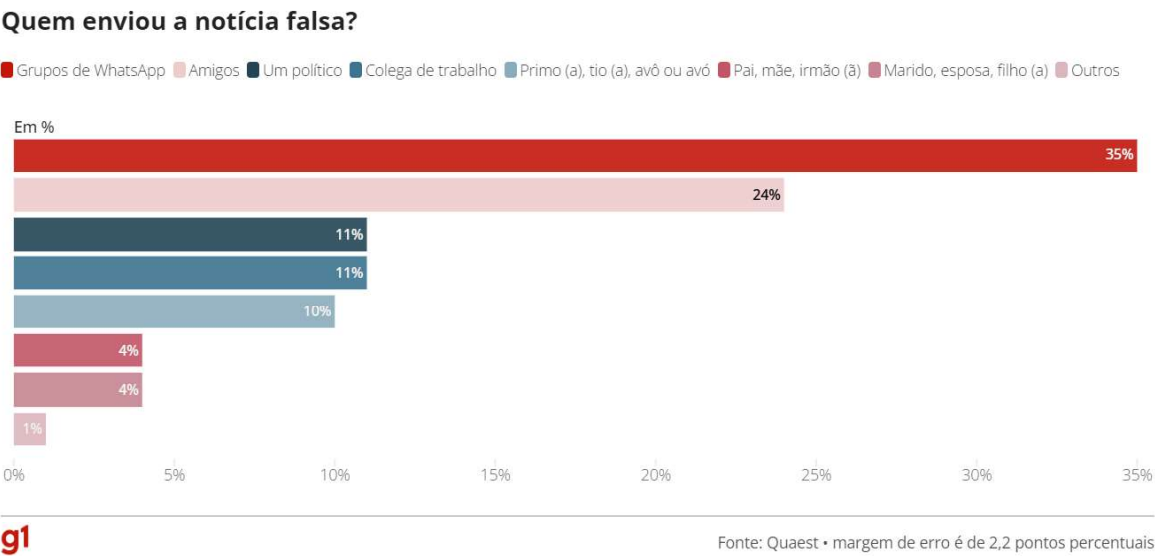


Gráfico 1 - Origem do recebimento de notícias fraudulentas sobre a tragédia climática do Rio Grande do Sul.
Reprodução: G1. Fonte: Quaest.

De acordo com o levantamento, 35% dos entrevistados indicaram ter recebido a notícia fraudulenta em algum grupo no Whatsapp, 24% receberam de amigos, 11% de um político e 11% de um colega de trabalho, além de outras fontes mencionadas.

Desde o início da crise, diversos conteúdos fraudulentos foram criados e disseminados pelas redes sociais. Inclusive, algumas dessas notícias fraudulentas foram publicadas por influenciadores digitais, alcançando ainda mais pessoas.

A partir do dia 06 de maio a Agência Lupa¹⁶ começou a verificação de diversas notícias fraudulentas que circulavam de forma viral. Em 10 dias a agência precisou analisar e desmentir 40 notícias fraudulentas que viralizaram em todo o país.

Dentre elas, podemos destacar a notícia que continha uma imagem de um helicóptero da loja Havan salvando pessoas¹⁷.



Figura 12 - Notícia fraudulenta que dizia que um helicóptero da Havan salvava pessoas no Rio Grande do Sul.
Fonte: Agência Lupa.

¹⁶ Assuntos analisados e desmentidos pela Agência Lupa em relação à tragédia climática no Rio Grande do Sul em maio de 2024 - <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/05/06/doacoes-retidas-e-corpos-encontrados-veja-o-que-ja-checamos-sobre-as-enchentes-no-rs>

¹⁷ <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/05/16/e-falsa-a-imagem-viral-que-mostra-helicoptero-da-havan-em-resgate-no-rs>

A notícia acima era acompanhada da seguinte legenda: “Grande exemplo de solidariedade. O Rio Grande do Sul só tem a agradecer. Nós em Santa Catarina temos orgulho de um empresário como o Luciano”. Na verdade, a imagem foi gerada por Inteligência Artificial.

O Exército Brasileiro também foi alvo de inúmeras notícias fraudulentas no contexto da tragédia no Rio Grande do Sul. A maioria das notícias tinham como objetivo desonrar a instituição e mostrar os militares como trapalhões. Num dos vídeos compartilhados pelo Whatsapp mostrava um tanque tombado¹⁸ acompanhado da seguinte legenda: “Olha aí um salvamento de um tanque [no Rio Grande do Sul]. O Exército conseguiu derrubar um tanque de guerra e tá virado na beira da estrada”.

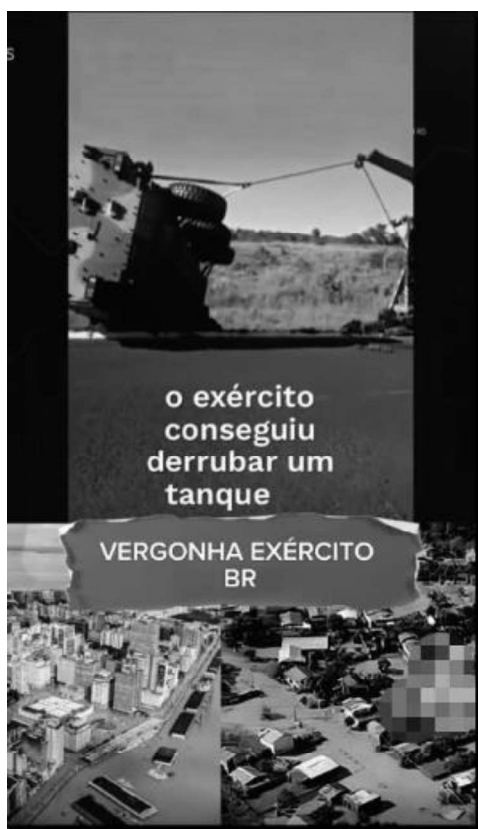


Figura 13 - Notícia fraudulenta sobre suposto tombamento de tanque do Exército Brasileiro no Rio Grande do Sul.

Fonte: Agência Lupa.

Outra notícia fraudulenta que repercutiu muito foi a de que o Governo Federal enviou alimentos vencidos às vítimas das enchentes no Rio Grande do Sul¹⁹. O vídeo era

¹⁸ <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/05/16/post-de-trapalhadas-do-exercito-tem-videos-antigos-e-sem-relacao-com-rs>

¹⁹ <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/05/13/governo-federal-nao-enviou-alimentos-vencidos-ao-rs-video-e-antigo>

acompanhado da seguinte legenda: “URGENTE - Governo Lula envia mantimentos vencidos a mais de 6 meses para o Rio Grande do Sul”!



Figura 14 - Notícia fraudulenta que diz que o Governo Federal enviou alimentos vencidos para as vítimas das enchentes no Rio Grande do Sul.

Fonte: Agência Lupa.

Também com enorme repercussão, tivemos a notícia fraudulenta que dizia que caminhões com doações destinadas às vítimas no Rio Grande do Sul estavam sendo barrados nos postos fiscais por estarem sem notas fiscais. A imagem apresentava uma suposta denúncia feita pelo Whastapp, e continha a seguinte mensagem: “[...] Os 2 caminhões estão com garrafa d’água pra doação e estão presos no posto fiscal da BR153 próximo a Coronel Teixeira, sentido Erechim. Estão exigindo o recolhimento do ICMS e liberação da carga na SEFAZ pra liberar as doações”²⁰.

²⁰ <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/05/05/caminhoes-com-doacoes-nao-estao-sendo-retidos-em-postos-fiscais-do-rs>

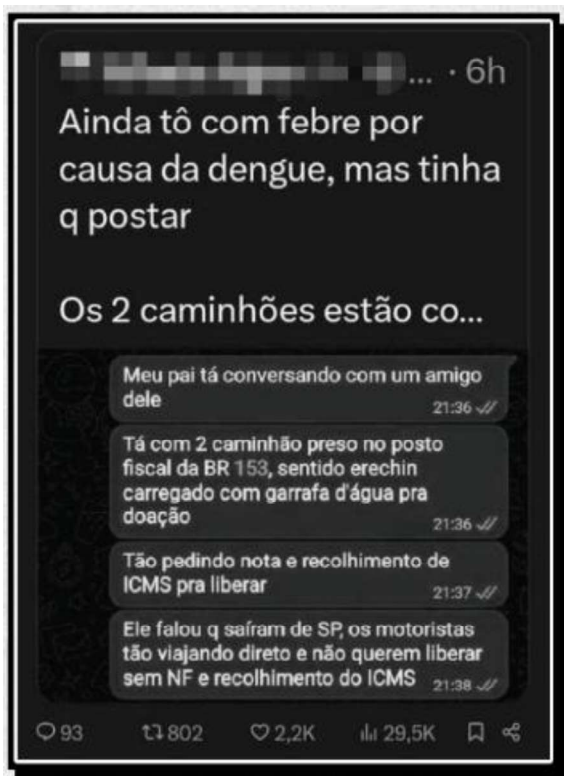


Figura 15 - Notícia fraudulenta sobre supostas retenções de caminhões com doação por falta de notas fiscais.
Fonte: Agência Lupa.

Como percebemos, a maioria das notícias possui algum tipo de conotação política. Seja na esfera municipal, estadual ou federal, quase todas as notícias envolvem ações governamentais ou possíveis consequências. Muitas outras notícias desse tipo foram amplamente disseminadas, inclusive, por influenciadores digitais com milhões de seguidores nas redes sociais. Notícias de que Israel enviou 40 aeronaves para ajudar no Rio Grande do Sul²¹; que a Prefeitura de Canoas legalizou o roubo de doações em Decreto²²; que o empresário Luciano Hang (proprietário da Havan) enviou mais helicópteros para ajudar no Rio Grande do Sul que a Aeronáutica²³; que o Governo Federal patrocinou o show da Madonna e não enviou recursos para o Rio Grande do Sul²⁴; que o Governo Gaúcho está fiscalizando documentação de *jet skis* e barcos que atuam nos resgates²⁵, que o arroz que o

²¹ <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/05/12/e-falso-que-israel-enviou-40-aeronaves-para-o-rio-grande-do-sul>

²² <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/05/11/prefeitura-de-canoas-nao-legalizou-roubo-de-doacoes-em-decreto>

²³ <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/05/09/e-falso-que-luciano-hang-enviou-mais-helicopteros-ao-rs-que-a-forca-aerea-brasileira>

²⁴ <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/05/07/e-falso-que-governo-lula-patrocinou-show-da-madonna-e-deixou-de-enviar-recursos-para-as-vitimas-das-tragedias-no-rs>

²⁵ <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/05/07/e-falso-que-governo-gaucha-esta-fiscalizando-documentacao-de-jet-skis-e-barcos-que-atuam-em-resgates>

Governo Federal autorizou a importação era de plástico²⁶ e muitas outras do tipo tomaram conta das redes sociais, causando comoção pública e um enorme prejuízo às operações, uma vez que as instituições tinham que dispor de tempo para desmentirem tais boatos. Por outro lado, os criadores dessas notícias fraudulentas seguiam lucrando com a repercussão delas.

A seguir, falaremos sobre esta relação entre crenças e fato e como esse apelo às emoções são armas importantes para quem ganha com a desinformação na era da pós-verdade.

²⁶ <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/05/27/e-falso-que-o-governo-lula-adquiriu-arroz-de-plastico-chines>

1.4 O que é a pós-verdade?

O ano de 2016 foi marcado por três grandes eventos democráticos de relevância mundial, o referendo do Brexit²⁷, no Reino Unido, o *impeachment* de Dilma Rousseff no Brasil, e as eleições presidenciais norte americanas. Neste mesmo ano o termo “pós-verdade” esteve no centro de debates ao redor do mundo. Embora não tenha sido usado pela primeira vez naquele ano, ele se tornou bastante conhecido graças a um artigo publicado no jornal britânico *The Economist*, intitulado “Post-truth politics - Art of the lie”, publicado originalmente no dia 10 de setembro, traduzido por Alexandre Hubner e publicado em português no Brasil pelo também jornal O Estado de São Paulo três dias depois, como “Arte da Mentira”.

Ainda com significado desconhecido para muitos, pós-verdade, na definição britânica, é um adjetivo “que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais”. Ou seja, por meio de argumentos enganosos, dúbios e que despertem sentimentos ou emoções no outro, sejam eles bons ou ruins, passa a ser possível manipular a opinião pública de tal forma que os fatos percam a sua relevância. Segundo Zarzalejos (2017), “a pós-verdade consiste na relativização da verdade, na banalização da objetividade dos dados e na supremacia do discurso emotivo”.

No artigo mencionado anteriormente é dito que os políticos sempre mentiram e é questionado se faz mesmo alguma diferença se eles resolverem deixar a verdade de lado. De acordo com a publicação, “na política, a verdade já não é mais falseada ou contestada; tornou-se secundária no debate público”.

Referindo-se ao pleito eleitoral para escolha do presidente dos Estados Unidos da América, o jornal britânico defende que,

A essa altura deve estar claro que Donald Trump habita um mundo onde os fatos são, quando muito, imigrantes indesejáveis. Nesse mundo de fantasia, Barack Obama usa uma certidão de nascimento falsa e é o fundador do Estado Islâmico (EI), os Clinton são assassinos e o pai de um dos adversários do magnata nas primárias esteve com Lee Harvey Oswald quando este distribuía panfletos pró-Cuba.

²⁷ O termo *brexite* é análogo a *Grexite*, palavra cunhada em 2012 para designar a possível saída da Grécia da zona do Euro. E diversos outros termos semelhantes foram criados defendendo a saída de demais membros da União Europeia. Ao longo do processo de divórcio entre o Reino Unido e a União Europeia, outros termos surgiram, incluindo a ideia de “*hard brexite*”, isto é, a possibilidade de um rompimento sem qualquer tipo de acordo ou negociação.

Trump é o principal expoente da política “pós-verdade”, um estilo de atuação na esfera pública que se distingue pelo uso frequente de afirmações aparentemente verdadeiras, mas sem qualquer respaldo na realidade (The Economist, 2016).

Aqui, são destacados diversos pontos explorados de forma constante pela campanha do candidato republicano. Ao levantar a possibilidade de que o ex-presidente Barack Obama era um falsário, ele colocava em cheque o sistema democrático norte americano. Por mais absurda que seja a suposição de que Obama era um dos fundadores do Estado Islâmico, Trump não deixava de despertar o trauma dos americanos em relação ao terrorismo.

Fica evidente que este tipo de discurso é capaz de influenciar as grandes massas. Tanto que Trump saiu de um simples azarão direto para o Salão Oval da Casa Branca. Quando as pessoas deixam de acreditar nos fatos, ou seja, desconsideram provas e preferem as lendas e suposições, seu posicionamento ideológico ou suas convicções podem ser questionados e causarem dúvidas acerca de suas decisões.

Especialmente em 2016, tanto a vitória do “Sim” pela saída do Reino Unido da União Europeia quanto a vitória de Trump nos Estados Unidos acenderam um alerta mundial sobre até que ponto as nossas democracias estão seguras e imunes a este tipo de manipulação da opinião pública por meio das pós-verdades e dos meios de comunicação de massa.

Ainda neste contexto de decisões democráticas com repercussão internacional, no Brasil, neste mesmo ano, uma presidente eleita de forma democrática dois anos antes foi deposta por um suposto crime de responsabilidade fiscal, que segundo seus próprios julgadores no Congresso Nacional, não se comprovou como material. No entanto, pelo “conjunto da obra”, segundo alguns congressistas, o país passou pelo seu segundo *impeachment* em menos de vinte e cinco anos.

Somando-se aos eventos mencionados e ocorridos no ano de 2016, a palavra “pós-verdade”, do inglês “post-truth” foi eleita pela *Oxford Dictionaries*, o verbete do ano. Editado pela universidade britânica de mesmo nome, o dicionário, anualmente, elege uma palavra que teve maior destaque na língua inglesa. Naquele ano, a busca por esse verbete cresceu em torno de 2.000% na internet.

Como já dito anteriormente, o termo “pós-verdade” não é novo. Na verdade, trata-se de um neologismo, utilizado pela primeira vez no ano de 1992, pelo dramaturgo sérvio-americano Steve Tesich, por meio do ensaio “*A Government of Lies*” (Um Governo de Mentiras) para a revista *The Nation*. Nesta época, os Estados Unidos tinham vivido as consequências do escândalo político “*Watergate*”, que culminou na renúncia do então

presidente Richard Nixon e ainda vinham à tona notícias terríveis sobre a Guerra do Vietnã (1959 – 1975).

Steve Tesich (1992) argumentou que naquela época falar a verdade significava trazer más notícias. Desta forma, já cansado, o público passou a preferir uma realidade alternativa, menos cruel. Ou seja, a verdade ficava em segundo plano. Segundo Tesich (1992), nós, por meio de nossas ações, estamos dizendo que isso não é mais necessário, afirmamos já ter adquirido um mecanismo espiritual capaz de poder denotar a verdade de qualquer significado.

O escritor norte-americano Ralph Keyes reforçou o uso deste termo anos depois. Segundo ele, o fosso entre a verdade e a mentira encolheu para uma fresta. Passamos a mentir tão deliberadamente que sequer percebemos que mentimos. E muitas vezes, não conseguimos distinguir quando nos enganam. Diante disso,

Na era pós-verdade, não temos apenas verdade e a mentira, mas uma terceira categoria de afirmações ambíguas que não são exatamente a verdade, mas tampouco são uma mentira (Keyes, 2018, p. 22).

Na era pós-verdade, as fronteiras confundem verdade e mentira, honestidade e desonestidade, ficção e não-ficção. Enganar os outros ou até mesmo ser enganado torna-se um desafio, um jogo e, finalmente, um hábito.

Keyes (2018) toma o ensaio de Tesich (1992) como ponto de partida para a sua obra, mas adiciona novas características ao termo pós-verdade. Ele defende a existência de uma zona de penumbra no campo da ética. Essa zona nos permite sermos dissimulados sem nos considerarmos desonestos. Além disso, caso nosso comportamento entre em conflito com os nossos valores, o que nós podemos fazer é reconsiderá-los. Se não quisermos ser antiéticos nós podemos, simplesmente, criar novas alternativas para a moralidade.

Além disso, podemos produzir verdades de acordo com as nossas expectativas ou anseios, dando certa utilidade para aquilo que entendemos como sendo verdade.

Ao espectro da verdade pertence o termo pós-verdade. Conceito que coloca em questão o fim da verdade como um valor maior. Se não seu fim, pelo menos está em jogo sua inutilidade. Com a ideia de pós-verdade, trata-se de falar de uma verdade útil (Tiburi, 2017, p. 107).

Basicamente, a pós-verdade tem por objetivo atender os anseios de quem não dá importância para os fatos como eles de fato são e tentam desviar o foco para o campo dos sentimentos ou crenças. Logo no início da Pandemia de Covid-19, em fevereiro de 2020, um grupo de 34 brasileiros que viviam em Wuhan, na China, pediu ajuda ao governo brasileiro para que eles fossem repatriados. Quando foi divulgado que eles ficariam de quarentena na Base Aérea de Anápolis, em Goiás, o então presidente da Federação das Indústrias do Estado

de Goiás (FIEG), Sandro Mabel, emitiu uma nota em que dizia que Goiás poderia ser prejudicado com a discriminação, impactando no turismo, nos negócios, com queda na produção e comercialização de produtos (Moreira, 2020). Ainda segundo ele, aquilo seria um desastre para o estado e que o povo goiano poderia sofrer segregação do que é produzido em Goiás, afetando a exportação de industrializados e carne, por exemplo. Até aí, as preocupações do presidente de uma renomada entidade eram compreensíveis, se considerarmos que tudo ainda era muito novo e incerto. O problema surgiu quando Mabel mencionou que a população “não suportaria outro trauma”, como ocorreu com o acidente radiológico com o Césio-137, ocorrido em Goiânia na segunda metade da década de 1980.

Ao associar uma crise sanitária com o maior acidente radiológico do mundo, Mabel tentou acertar o sentimento dos goianos por conta de um trauma. A intenção, provavelmente, era incentivar a população a se manifestar contra o recebimento desses brasileiros no estado, inclusive ele havia sugerido que eles fossem levados a São Paulo, ao invés de Goiás. Na verdade, a população não comprou este discurso. Ele foi criticado por outras autoridades, inclusive o governador do Estado de Goiás, Ronaldo Caiado, e o final desta história é que os brasileiros chegaram em seu país, cumpriram quarentena e não houve problemas relacionados à estadia temporária em Goiás.

Embora a tentativa de manipular a opinião pública tenha sido fracassada neste episódio, em muitos outros casos ela obtém êxito. Normalmente, quando se tem tempo para repetir e repetir os seus argumentos, sejam eles quais for, a chance de persuasão pode ser bem alta. Afinal,

O que nos persuade não é exatamente a verdade de uma proposição, mas a correção de uma forma de vida que ganha corpo quando ajo a partir de certos critérios e admito o valor de certos modos de conduta e julgamento (Safatle, 2017, p. 136).

A era da pós-verdade é uma realidade e é preciso que estejamos todos preparados para lidar com esta avalanche de informações desencontradas e que muitas vezes são muito bem elaboradas com o intuito de influenciar a opinião pública. Afinal, é perturbador saber que verdades incômodas são toleradas e até discutidas em países livres, mas sob o risco de, frequentemente, serem abordadas e/ou transformadas em opiniões (Arendt, 2016).

À medida que a sociedade contemporânea se depara cada vez mais com a disseminação das pós-verdades, compreender os mecanismos que impulsionam a manipulação da informação torna-se essencial. Uma análise aprofundada desse fenômeno revela a importância das redes sociais como veículos de propagação de informações, onde a celeridade na circulação do conteúdo desafia a busca pela verdade factual.

Neste contexto, no próximo tópico abordaremos a intrínseca relação entre as informações veiculadas nas redes sociais e seus impactos na contestação da Ciência. A disseminação de conteúdos distorcidos ou mesmo desacreditados, muitas vezes encontra eco nessas plataformas digitais, gerando desafios substanciais para a integridade do conhecimento científico no mundo.

Desta maneira, explorar como as redes sociais podem ajudar a moldar percepções distorcidas da Ciência e fomentar uma cultura de desconfiança, constitui-se como uma progressão natural e essencial para a compreensão integral das complexidades inerentes ao cenário informacional contemporâneo a que estamos submetidos hoje.

1.5 Relação entre informações nas redes sociais e seus desdobramentos na contestação das ciências

À luz da compreensão crescente sobre o fenômeno das pós-verdades, a análise da interconexão entre as informações veiculadas nas redes sociais e seus desdobramentos na contestação da Ciência emerge como uma etapa crucial para desvendar as complexidades do cenário informacional contemporâneo. À medida que as pós-verdades se consolidam como elementos disruptivos na construção do conhecimento coletivo, as redes sociais, enquanto plataformas amplificadoras, desempenham um papel significativo na disseminação de narrativas que desafiam os fundamentos científicos estabelecidos.

Dados do relatório “Digital 2024: Brazil”, publicado pela Hootsuite e Meltwater, indicam que a média diária do brasileiro conectado à internet é de 9h13min. Os principais motivos para se acessar a internet são encontrar informações, pesquisar sobre como fazer coisas, manter contato com familiares e amigos, pesquisar produtos e marcas e *etc* (Kemp, 2024).

Deste tempo diário conectado à internet, em média, 3h37min são usando redes sociais e os principais motivos para os brasileiros acessarem as redes sociais são para manter contato com amigos e familiares, lerem novas histórias, encontrarem produtos para comprar e preencherem o tempo livre (Kemp, 2024).

Este poder amplificador das redes sociais fica cada vez mais forte à proporção que o tempo de permanência on-line de seus usuários aumenta. Em um cenário global, o gráfico a seguir nos permite visualizar a quantidade média mensal de horas que os usuários ao redor do mundo passaram conectados em suas redes sociais de julho a setembro de 2023 em aplicativos Android:

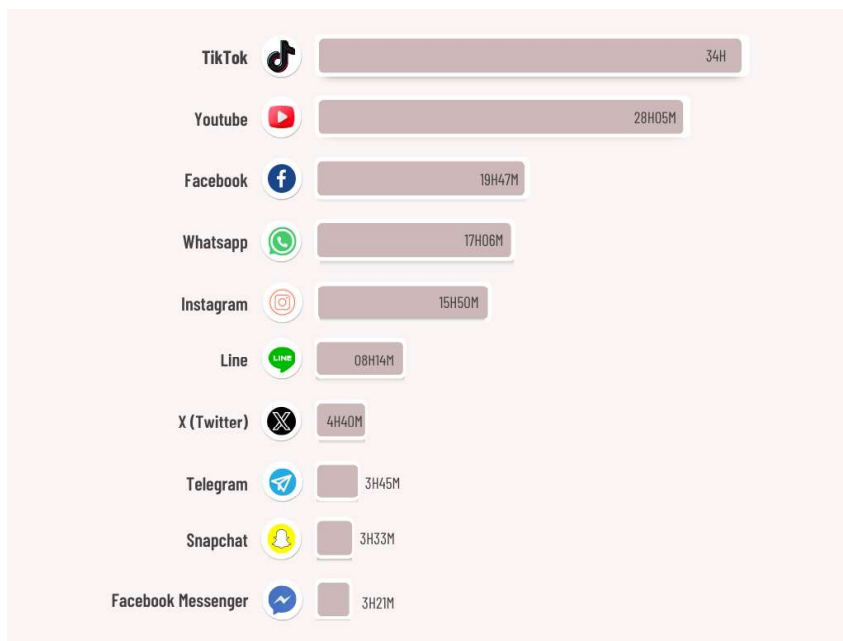


Gráfico 2 - Média mensal de horas de uso por rede social.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados publicados por Kemp (2024).

No gráfico a seguir é possível acompanhar as redes sociais mais usadas no Brasil:

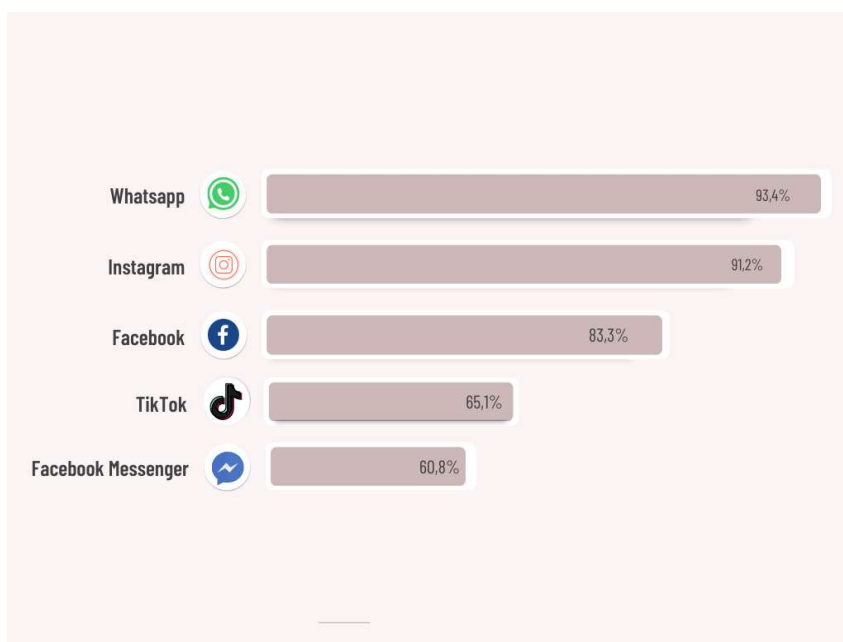


Gráfico 3 – Redes sociais mais usadas no Brasil em janeiro de 2024

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados publicados por Kemp (2024).

Já em relação às redes sociais preferidas dos brasileiros, segundo Kemp (2024) o Instagram (35,9%) lidera esta lista, seguido pelo Whatsapp (33,6%), pelo TikTok (8%) e Facebook (7,7%).

Utilizando-se desse grande volume de usuários nas redes sociais e pela facilidade de disseminação de conteúdo, a nova propaganda apropria-se de emoções negativas, uma vez que elas garantem maior engajamento de seus usuários. Eis uma explicação plausível para o sucesso das notícias fraudulentas e teorias da conspiração (Empoli, 2019, p. 15).

É importante destacar que

Entramos numa nova fase de combate político e intelectual, em que ortodoxias e instituições democráticas estão sendo abaladas em suas bases por uma onda de populismo ameaçador. A racionalidade está abalada pela emoção; a diversidade, pelo nativismo; a liberdade, por um movimento rumo à autocracia. Mais do que nunca a política é percebida como um jogo de soma zero, em vez de uma disputa entre ideias. A ciência é tratada com suspeição e, às vezes, franco desprezo (D'Ancona, 2018, p. 19).

Castells (2017) relaciona uma crise mundial de legitimidade política, onde cada vez mais cidadãos acreditam menos em seus políticos e no Estado, com uma possível crise da democracia. Essa falta de legitimidade dos políticos muitas vezes faz com que o cidadão busque alternativas para contornar a sua insatisfação.

No entanto, aproveitando-se dessa insatisfação popular perfeitamente perceptível, elites detentoras do poder podem criar um ambiente propício a mudança e buscar, de forma manipuladora, grupos de pessoas que possam lutar por seus desejos. Isso é perfeitamente possível

Se aceitarmos a ideia de que a forma crítica da geração de poder ocorre por meio da configuração da mente humana, e que esse processo depende em grande medida da comunicação e, em última instância, da política da mídia, então a prática da democracia é questionada quando há uma dissociação sistêmica entre poder de comunicação e poder representativo (Castells, 2017, p. 352).

As chamadas verdades alternativas, ou fatos alternativos, não são um simples instrumento de propaganda para os líderes populistas ao redor do mundo. Por isso, aquele líder que conseguir se destacar nas redes sociais produzindo conteúdo, seja ele verdadeiro ou não, destacar-se-á na manada dos comuns (Empoli, 2019, p. 16).

Em *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921/2011), Freud faz uma detalhada reflexão sobre a noção da massa e o seu funcionamento, fazendo uma relação direta entre a psicologia individual e a psicologia social. Nas massas, cuja capacidade intelectual é menor que a do indivíduo, é possível potencializar elementos como a força, o sentimento de anonimato que exime o indivíduo de responsabilidades sobre seus atos e um estado de sugestão quase hipnótica para com o seu líder.

Freud (1921/2011) afirma que “quem quiser influir sobre elas não necessita medir de os argumentos; deve pintar com as imagens mais fortes, exagerar e sempre repetir a mesma

coisa”. Ainda neste sentido, “em geral, acredita que os líderes se fazem notados por meio das ideias em que eles próprios acreditam fanaticamente”. Isto posto, inferimos que a massa não terá que decidir sobre o que é verdadeiro ou falso, e por isso, sabedora de sua força coletiva, se torna intolerante e cada vez mais crente no seu líder. Nas massas, o irreal se sobrepõe ao real. É importante lembrar que hoje este conceito de massa não significa, necessariamente, um grande grupo de pessoas reunidas fisicamente em um determinado local por um propósito qualquer. Elas estão reunidas no ambiente virtual e as redes sociais desempenham sobre os indivíduos o mesmo efeito.

O grande volume de desinformação que circula na internet trouxe para o debate político e científico a questão das temáticas das pós-verdades e das *fake news*. Especialmente em relação às *fake news*, é importante deixar claro que elas não são apenas notícias falsas ou meras mentiras ocasionais. Para García Martín e Aparici (2019), “a história da mentira não é a história de um erro. Aqui não devemos falar de erros, mas de mentiras intencionais”. Para Arendt (2016), a oposição a uma afirmação racionalmente verdadeira trata-se ou de “erro” e “ignorância”, no campo da Ciência, ou “ilusão” e “opinião”, no campo filosófico.

O termo “pós-verdade” foi escolhido a palavra do ano de 2016, pelo Dicionário Oxford e no ano seguinte o termo “*fake news*” foi escolhido a palavra do ano pelo Dicionário Collins. Uma combinação de fatores proporcionou a consolidação desta era da pós-verdade. Neste contexto,

A fragmentação das fontes noticiosas criou um mundo atomizado, em que mentiras, rumores e fofocas se espalham com velocidade alarmante. Mentiras compartilhadas online, em redes cujos membros confiam mais uns nos outros do que em qualquer órgão tradicional de imprensa, rapidamente ganham aparência de verdade (The Economist, 2016).

É inegável que as redes sociais se tornaram uma ferramenta de manipulação da opinião pública e acabaram contribuindo para “acelerar e fortalecer a pós-verdade” (Bucci, 2018). Ao utilizar uma rede social, um usuário compartilha com ela informações diversas acerca de suas opiniões, gostos, desejos, medos, raça, religião, profissão, etc. De posse dessas informações de milhões de usuários, os chamados metadados são capazes de fornecer um perfil exato de diversos segmentos da população.

Toda essa informação é monetizada e vendida como um produto para aqueles que têm interesses de se colocar como agentes solucionadores dessas angústias, sejam políticos, empresas ou instituições. A partir daí, é possível criar pseudo-informações que forcem um

posicionamento deste agente que façam com que sua imagem de solucionador de problemas afete positivamente o seu público-alvo.

Diante deste cenário,

Compramos produtos que nos foram recomendados pelo monitoramento de nossas vidas eletrônicas, e voluntariamente deixamos *feedbacks* para outros a respeito do que compramos. Somos o sujeito obediente que se submete a todas as formas de invasão biométrica e de vigilância. E que ingere comida e água tóxicas. E vive, sem reclamar, na vizinhança de reatores nucleares. A abdicação completa da responsabilidade pela própria vida é indicada pelos diversos guias *best-sellers* que nos dizem, com uma fatalidade sombria, quais são os mil filmes que devemos ver antes de morrer, os cem destinos turísticos que devemos visitar antes de morrer, os quinhentos livros que devemos ler antes de morrer (Crary, 2014).

Em outras palavras, não estamos mais no comando de nossas próprias vidas. Somos peões movimentados em um tabuleiro para atender aos interesses neoliberais que visam tão somente o controle do poder e o ganho de capital, seja nos convencendo que devemos estar em alerta o maior tempo possível, que dormir é para os fracos (Crary, 2014) – já que dormindo nós não produzimos e consumimos nada - e que, depois de tudo, quando estivermos esgotados e inoperantes, nos oferecem meios de se obter um sono justo.

Bucci (2018, p. 27), referindo-se ao papel das redes sociais, afirma que

O problema delas não está na tecnologia ou nas interações intensas que elas propiciam, mas em questões relacionadas à concentração de propriedade, à exploração industrial do olhar do desejo que essas relações engendram e aos moldes monopolistas com os quais elas se apossaram do fluxo das comunicações digitais em todo o planeta (Bucci, 2018, p. 27).

No ambiente digital, as pós-verdades e notícias fraudulentas se espalham mais rapidamente do que até mesmo notícias verdadeiras. Esse é um dos fatores, segundo Bucci (2018), para esse fortalecimento das pós-verdades pelas redes sociais. Outro fator relevante, é que a produção e o compartilhamento de notícias assim são altamente rentáveis.

Nessa cadeia de distribuição de conteúdo ligado às pós-verdades ou notícias fraudulentas nas redes sociais, existe uma situação que tem grande importância na explicação, até certo ponto, desse poder de disseminação.

Até pouco tempo atrás, ao se deparar com uma notícia fraudulenta na televisão, o telespectador era um tão somente o receptor da informação. No máximo, ele poderia agir como emissor repassando essa mensagem a outros receptores próximos por meio da fala, uma vez que ele não possuía nenhum controle sobre o canal. Hoje, com as redes sociais, os usuários não são apenas receptores ou emissores de determinada mensagem, como eles têm o domínio do canal, eles compartilham ou repassam não apenas relatos, mas a mensagem por si própria, alcançando pessoas completamente distantes de seu ciclo de convivência.

Neste sentido, Bucci (2018) afirma que “a propagação dessas mensagens depende diretamente da ação das audiências, nas quais o desejo leva vantagem sobre o pensamento”, ou seja, desde que elas despertem nos receptores algum tipo de emoção, seja ela positiva ou negativa, a audiência e sua disseminação ganharão escala.

O principal responsável pelo sucesso de uma rede social é o seu algoritmo. Numa analogia simplista, ele seria para a rede social o que o código genético é para um ser vivo. É ele que determina o funcionamento daquela rede social junto aos seus usuários e ao meio ao qual está amparado.

São eles, por exemplo, que têm a capacidade de analisar todos os rastros que um usuário deixa em sua jornada on-line, como suas informações pessoais, históricos de navegação, compras, postagens e *etc* (Amaral; Santos, 2019, p. 77). Além disso, segundo Bauman (2008, p. 8), “no cerne das redes sociais está o intercâmbio de informações pessoais. Os usuários ficam felizes por revelarem detalhes íntimos de suas vidas pessoais, fornecerem informações precisas e compartilhar fotografias”. Com toda essa informação, para garantir que o ambiente da rede social seja atrativo, eles começam a filtrar conteúdos alinhados aos gostos do usuário, limitando-o a uma bolha. Para Empoli (2019, p. 13), “o algoritmo das redes sociais é programado para oferecer ao usuário qualquer conteúdo capaz de atraí-lo com maior frequência e por mais tempo à plataforma”.

Neste espaço de bolha, onde sempre os mesmos assuntos são debatidos, sem que haja a exposição do contraditório, é que cresce de forma significativa a disseminação de notícias fraudulentas por parte de determinados grupos e/ou autores políticos. E com a facilidade de disseminação desse conteúdo, levanta-se uma preocupação quanto à segurança das democracias atuais (Amaral; Santos, 2019, p. 81).

Afinal, nos bastidores existem milhares de profissionais trabalhando para que seja sustentado, não importando a posição, razoável ou absurda, realista ou intergaláctica, desde que ela intercepte as aspirações e os medos dos eleitores (Empoli, 2019, p. 13).

E nesse ambiente, o negacionismo e a contestação da ciência ganha força. Seja defendendo situações absurdas como o terraplanismo ou associando o autismo com as vacinas, os debates nas redes sociais são sempre acalourados e quase nunca terminam com alguém concordando com o outro. É como se o objetivo fosse apenas o de desencadear emoções, e não vencer um debate baseado em evidências (D’Ancona, 2018, p. 107).

Nos debates inflamados sobre política nos dias de hoje é possível perceber que em muitas vezes o Galope de Gish é utilizado como técnica de argumentação. Esta técnica

consiste no fato de um dos debatedores utilizar-se de dezenas de argumentos simultaneamente, não se preocupando se esse volume de argumentos é válido ou não. A questão é que para o outro, é muito difícil conseguir desconstruir todos esses fatos alternativos. Consequentemente ele acaba saindo do debate com a aparente incapacidade de contra argumentar com seu oponente. Na verdade, ao que parece é que “a questão é manter a discussão em andamento, para assegurar que nunca cheguem a uma conclusão” (D’Ancona, 2018, p. 49).

O discurso de ódio também é um ingrediente muito comum e bastante presente neste cenário político polarizado. Diante de tanta desinformação, ou seja, o excesso de informação que em nada contribui para o debate, temos o que Wilke (2020) classifica como informação tóxica. Segundo ela, “a informação é tóxica quando ela envenena o receptor ao injetar nele o ódio, que o move a agir no ambiente digital e fora dele conforme os afetos relacionados ao ódio e à violência”.

Em situações em que a validade dos fatos é o que menos importa para os envolvidos, provocando crises de valores e conversações polarizadas, é preciso desmascarar os véus de fumaça, os ambientes tóxicos, competitivos e a pulverização dessas publicações, sejam elas em que meio estiverem averiguando os interesses que estão em jogo. A descentralização da informação e as tendências propagandísticas ideológicas, sem compromisso com a verdade dos fatos, criam o ceticismo generalizado e o sentimento de desconfiança do público em relação às instituições democráticas ou às divulgações do conhecimento científico, num clima de anti-intelectualismo e de pensamento anticientífico (Santaella, 2018).

É preciso revidar contra a contestação da ciência usando as mesmas ferramentas utilizadas para disseminar a desinformação. D’Ancona (2018) defende que “o contra-ataque tem de ser emocionalmente inteligente e também rigorosamente racional”. Os acadêmicos e pesquisadores, bem como cientistas renomados devem sair do ambiente intelectual e adentrar ao ambiente popular, mesmo agarrados à racionalidade, é preciso se fazer entendido pelas grandes massas populares. No Brasil, podemos citar o exemplo de diversos acadêmicos ou influenciadores que se destacaram no combate à desinformação sobre a Covid-19, sendo muito ativos em suas redes sociais ou participando de telejornais, *podcasts* e *talk shows*, dentre eles: o biólogo Átila Iamarino, a microbiologista Natália Pasternak e a médica e epidemiologista Denise Garrett.

O caminho a ser percorrido ainda é muito longo. Hoje, a desinformação tem ampla margem à frente da informação, no entanto, alternativas têm sido criadas. Dentre elas é

possível mencionar as curadorias de informação, agências de *fact-checking*, novas funcionalidades implementadas em redes sociais, *etc.* Enfim, esperamos que os fatos alternativos e as crenças não permaneçam obtendo êxito sobre a verdade.

Em tempos de desinformação, em que a verdade do nosso dia a dia perde sua validade, temos a educação colocada sob um aspecto de ameaça em relação ao seu valor. Exemplos de livros didáticos novos distribuídos nas escolas e que contêm informações falsas, descontextualizadas ou equivocadas, trazem um certo descrédito à educação perante a comunidade. Esse enfrentamento da desinformação manifesta-se no debate coletivo da sala de aula e na análise da realidade, só assim recuperamos a dimensão formativa e humanizadora da educação, resistindo, assim, às dissimulações da vida (Santaella, 2018).

Tudo isso nos faz questionarmos sobre até que ponto os usuários das redes sociais estão (sendo) preparados para lidar com a quantidade de (des)informação acessível por todo eles? Até que ponto a escola tem exercido o seu papel de formadora de cidadãos críticos e autônomos?

Segundo Santaella (2018), os projetos nesse sentido precisam oferecer caminhos de pesquisa às novas gerações para que se tornem encorajadas a pensar criticamente acerca dos conteúdos e informações (visões extremistas, injustas, violências simbólicas e ofensivas), tornando-as “resilientes e empoderadas com as habilidades, o conhecimento e o suporte que as auxiliarão a navegar tão seguramente quanto possível. Essa é a tarefa da educação para e nas redes”, além de ser um problema e uma exigência para a vida em sociedade.

Santaella (2018) também defende que a educação implica no movimento constante de revisão, (auto)crítica e reflexão sobre as próprias ações e palavras do mundo comum, uma vez que são saberes narrados na vida em sociedade e transmitidos às próximas gerações. A educação é um fenômeno humano fundamental para a resistência à mentira, que falseia a realidade e intenta o apagamento da história.

Portanto, percebemos que o avanço tecnológico tem progredido muito rapidamente. Diante disso, a educação precisa acompanhar esta evolução de tal maneira que seja capaz de preparar os indivíduos para lidarem com o grande volume de informação disponível no ciberespaço? As políticas públicas precisam acompanhar estas mudanças afim de alcançar objetivos práticos? Será que solução para educação é aderir à estratégia criada pelo grande Capital nas redes sociais? Além disso, a relação com a verdade precisa ser revisitada enquanto prioridade para a convivência em sociedade ou estamos diante de uma sociedade que, pelo esgotamento da superexposição de estímulos, decidiu pelo verosímil?

No próximo capítulo abordaremos o poder do capital financeiro demonstrado por traz de toda esta digitalização de nossas vidas, o quanto toda esta realidade paralela tem contribuído para práticas violentas e também qual o real papel da educação midiática neste cenário.

2. CAPÍTULO II

Neste capítulo abordaremos alguns conceitos que são extremamente relevantes para compreender o contexto econômico e social em que as redes sociais operam, influenciando a forma como as pessoas interagem e consomem informações on-line, como por exemplo, o capitalismo tardio, a economia da atenção e a uberização do trabalho.

O termo "capitalismo tardio" é uma expressão utilizada para descrever uma fase específica do desenvolvimento do sistema capitalista. Ele é associado principalmente ao período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, que foi marcado por uma série de mudanças econômicas, políticas e sociais em todo o mundo. Esse período é marcado pelo predomínio do capitalismo em escala global, pela ascensão do neoliberalismo e pela globalização econômica. Mandel (1982) argumenta que o capitalismo passou por diversas fases de desenvolvimento, e a era contemporânea é caracterizada pela predominância do capital financeiro, pela globalização e pela intensificação da concorrência entre as empresas.

Harvey (2007) também contribuiu com este conceito de “capitalismo tardio” ao examinar as mudanças no capitalismo a partir da década de 1970, incluindo a flexibilização do trabalho, por meio do que ele chama de “acumulação flexível” (p. 140); a financeirização da economia, que permitiu boa parte da flexibilidade geográfica e temporal da acumulação capitalista (p. 181) e, por fim, a expansão do consumo no período pós-guerra por meio de uma pressão da publicidade e da mídia como formas de entender essa fase do capitalismo (p. 83).

2.1 O capitalismo tardio, a economia da atenção e a uberização do trabalho

O capitalismo é um sistema econômico e social baseado na propriedade privada dos meios de produção e na busca do lucro como principal motivação econômica. É o meio de produção mais utilizado no mundo atual, estando presente em um grande número das maiores economias mundiais, embora existam variações nas políticas governamentais, na extensão da intervenção estatal na economia e nos sistemas de bem-estar social. No capitalismo, os recursos econômicos, como terra, fábricas, máquinas e capital financeiro, são controlados por indivíduos, empresas ou investidores privados, em vez de serem de propriedade do Estado ou de organizações coletivas.

Segundo Selke e Bellos (2017, p. 29), a transição do sistema feudal para o capitalismo não ocorreu repentinamente, pelo contrário, foi um processo longo. O mesmo autor reitera

que há divergências entre estudiosos acerca da real origem do capitalismo. Para Max Weber, o capitalismo já existia na Idade Moderna com o desenvolvimento do Mercantilismo, enquanto para Marx e Engels, o sistema capitalismo só vigora quando se constata a dissociação entre propriedade dos meios de produção e os trabalhadores (Selke; Bellos, 2017, p. 39).

Embora não haja um entendimento consensual acerca das fases do capitalismo, para Vidigal e Gondin (2019, p. 45), o capitalismo é composto por três fases: Comercial ou Mercantilismo, Industrial ou Industrialismo e Financeiro ou Monopolista. A principal característica do Mercantilismo era a defesa de um comércio exterior protecionista com ênfase no aumento de poder e riqueza de um Estado por meio do acúmulo de metais preciosos, como ouro e prata. Neste período houve uma ascensão das relações comerciais e busca por uma balança comercial superavitária. O Mercantilismo também desempenhou um papel importante na formação dos Estados modernos europeus e na expansão colonial.

Já o capitalismo Industrial ou Industrialismo, surgido a partir da Revolução Industrial, século XVIII, intensificou-se durante o século XIX. Essa fase foi caracterizada pelo surgimento da produção industrial em larga escala, impulsionada pela revolução industrial e pelas transformações tecnológicas. Neste período houve muita inovação tecnológica e foi possível substituir as forças humana e animal pela mecanização, potencializando, assim, a produção. A produção de bens físicos era a base da economia. De um lado, as indústrias manufatureiras e de produção em massa eram o motor do crescimento econômico, e o poder estava concentrado nas mãos dos proprietários dos meios de produção – industriais ou capitalistas – e do outro lado estavam aqueles que ganhavam a vida vendendo a sua força de trabalho – a classe trabalhadora (Giddens, 2008, p. 286). A acumulação de capital ocorria principalmente por meio do investimento na produção e na expansão das empresas.

Ainda no final do século XIX, com o crescimento do setor financeiro e a ascensão dos mercados de capitais, a fase do capitalismo Financeiro ou Monopolista começou a tomar forma. A transição do capitalismo industrial para o capitalismo financeiro foi um processo gradual que ocorreu ao longo do século XX e continua a se desenvolver até os dias atuais. Essa transição foi impulsionada por uma série de fatores econômicos, tecnológicos e políticos que transformaram a estrutura e a dinâmica do sistema capitalista, dentre os quais podemos citar a quebra da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, a Segunda Guerra Mundial (1939-45) e posteriormente a Guerra Fria (1947-91) e, por fim, a popularização do acesso à internet.

Como bem enfatizou Marx (2013), a essência do capitalismo é o acúmulo de capital. E podemos dizer que este acúmulo se dá por meio do consumo. Consumo refere-se ao simples ato de adquirir, utilizar, gastar ou utilizar recursos, bens e serviços para atender ou satisfazer as necessidades e desejos de um indivíduo. O consumo envolve a aquisição e o uso de uma ampla variedade de produtos e serviços, desde itens básicos de subsistência, como alimentos e roupas, até bens duráveis, como eletrônicos, veículos e móveis. Também inclui serviços, como educação, saúde, transporte, lazer e entretenimento.

Para tanto, é preciso atuar para que o consumo se mantenha sempre em níveis satisfatórios. Para que isso ocorra, o capitalismo criou a cultura do consumismo, que segundo Bauman (2008, p. 41), “de maneira distinta do consumo, que é basicamente uma característica e uma ocupação dos seres humanos como indivíduos, o consumismo é um atributo da sociedade”.

Enquanto indivíduos pertencentes a uma sociedade, no consumismo, as pessoas precisam ser, devem ser e têm de ser consumidores por vocação (Bauman, 2008, p. 73). Para tanto, elas precisam ser moldadas enquanto consumidoras no maior espaço possível de suas vidas. Neste sentido,

Pode-se dizer que o “consumismo” é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e por assim dizer, “neutros quanto ao regime”, transformando-os na principal força propulsora e operativa da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de auto-identificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vida individuais. O “consumismo” chega quando o consumo assume papel-chave que na sociedade de produtores era exercida pelo trabalho (Bauman, 2008, p. 41).

Desde que haja consumo, cabe aos detentores do capital criarem cada vez mais mercadorias que garantam a continuidade do consumo, garantindo que todo o sistema se mantenha em pleno funcionamento.

Na economia consumista, a regra é que primeiro os produtos apareçam (sendo inventados, descobertos por acaso ou planejados pelas agências de pesquisa e desenvolvimento), para só depois encontrar suas aplicações. Muitos deles, talvez a maioria, viajam com rapidez para o depósito de lixo, não conseguindo encontrar clientes interessados, ou até antes de começarem a tentar. Mas mesmo os poucos felizardos que conseguem encontrar ou invocar uma necessidade, desejo ou vontade cuja satisfação possam demonstrar ser relevante (ou ter a possibilidade de) logo tendem a sucumbir às pressões de outros produtos “novos e aperfeiçoados” (ou seja, que prometem fazer tudo o que os outros podiam fazer, só que melhor e mais rápido – com o bônus extra de fazer algumas coisas que nenhum consumidor havia até então imaginado necessitar ou adquirir) muito antes de sua capacidade de funcionamento ter chegado ao seu predeterminado fim (Bauman, 2008, p. 53-54).

A lógica deste consumismo é a de que mercadorias não devem ser criadas e/ou produzidas com o intuito de atenderem a demandas da sociedade, mas que toda e qualquer demanda, ainda que esta não seja ainda uma demanda, possa ser atendida por algum tipo de mercadoria. É a sociedade de produtores se transformando em uma sociedade de consumidores.

Em uma sociedade de consumidores, seus membros devem ser eles próprios mercadorias de consumo (Bauman, 2008, p. 76). E neste ponto é possível estabelecer uma relação com o "fetiche da mercadoria", que é um conceito desenvolvido por Karl Marx em sua obra "O Capital". O termo "fetiche" é usado por Marx para descrever uma característica peculiar das relações sociais capitalistas, em que as mercadorias parecem ter uma vida própria e ganham um poder de dominação sobre os indivíduos.

Marx (2013) afirma que "uma mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, pelas suas propriedades, satisfaz necessidades humanas, seja qual for a natureza delas, provenham elas do estômago ou da fantasia". Ele reconhece que as mercadorias possuem um valor de uso, ou seja, têm a capacidade de satisfazer necessidades humanas reais. No entanto, o que ele destaca é que, sob o sistema capitalista, as mercadorias são também portadoras de valor de troca, ou seja, "o valor de uma mercadoria é, portanto, agora expresso no fato de que o corpo da mercadoria se torna meio de expressão do mesmo". Logo, o valor de troca de uma mercadoria é determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-la.

O fetiche da mercadoria surge, então, quando as relações sociais entre as pessoas são mediadas pelas relações de troca de mercadorias. As mercadorias parecem ter um poder misterioso e independente dos indivíduos que as produzem e as consomem. Marx (2013) ainda afirma que "na sociedade burguesa, a forma de valor geral do produto do trabalho assume uma figura fantástica: os produtos do trabalho parecem dotados de vida social própria".

Esse fetichismo implica em uma inversão das relações sociais, em que as pessoas são subordinadas às mercadorias. Em vez de as mercadorias serem vistas como produtos do trabalho humano, elas parecem ser entidades autônomas que controlam e determinam as relações sociais. Essa inversão obscurece a exploração subjacente do trabalho humano e das desigualdades sociais inerentes ao sistema capitalista. Aqui temos a ilusão de que as mercadorias têm um poder próprio e independente dos indivíduos, obscurecendo as relações

sociais reais de produção e exploração. Nesta dinâmica, quanto mais a vida do indivíduo é transformada em mercadoria, mais ele se separa dela (Debord, 2003).

Ainda neste sentido,

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável (Bauman, 2008, p. 20).

Bauman (2008) estabelece uma contraposição ao "fetichismo da mercadoria" de Marx ao introduzir o "fetichismo da subjetividade". Ele considera que estes dois conceitos interconectados caracterizam a sociedade contemporânea capitalista.

Por meio do "fetichismo da subjetividade", Bauman (2008) descreve a busca incessante por autenticidade e identidade na sociedade líquido-moderna. Ele argumenta que, em um mundo caracterizado pela incerteza e pela fluidez das relações sociais, as pessoas se tornaram obcecadas em construir e expressar uma identidade pessoal coerente e autêntica, assim,

O fetichismo da subjetividade, tal como, antes dele, o fetichismo da mercadoria, baseia-se numa mentira, e assim é pela mesma razão de seu predecessor – ainda que as duas variedades de fetichismo centralizem duas operações encobertas em lados opostos da dialética sujeito-objeto entranhada na condição existencial humana. Ambas as variações tropeçam e caem diante do mesmo obstáculo: a teimosia do sujeito humano, que resiste bravamente às repetidas tentativas de objetificá-lo (Bauman, 2008, p. 30).

No fetichismo da subjetividade, a identidade é tratada como uma mercadoria que precisa ser constantemente construída, exibida e consumida. As pessoas são pressionadas a projetar uma imagem de si mesmas que se alinhe com os ideais culturais e sociais prevalecentes. Isso leva ao surgimento de uma "estética do eu", em que a aparência, o estilo de vida e a performance pessoal tornam-se elementos cruciais na construção e na apresentação da identidade.

Assim como no fetichismo da mercadoria, o fetichismo da subjetividade tem relação com o consumo. As pessoas são levadas a consumir produtos, serviços e experiências que reforçam e expressam sua identidade construída. A busca pela autenticidade pessoal muitas vezes é mediada pelo consumo de marcas, estilos de vida e narrativas que prometem preencher um vazio existencial.

No entanto, Bauman (2008) também critica essas dinâmicas, argumentando que tanto o fetichismo da mercadoria quanto o fetichismo da subjetividade são insustentáveis e estão enraizados em uma lógica de consumo contínuo que pode levar a sentimentos de insatisfação, alienação e desigualdade social.

Tal como o fetichismo da mercadoria que assombrava a sociedade de produtores, o fetichismo da subjetividade que assombra a sociedade de consumidores se baseia em última instância, numa ilusão (Bauman, 2008, p. 29).

Na verdade, ambos os conceitos apontados por Bauman (2008) destacam as complexidades e os desafios enfrentados pelas pessoas na sociedade contemporânea, onde o consumo e a busca pela identidade estão profundamente entrelaçados.

No século XX, com os meios de produção amparados pelo capital financeiro em todo o mundo, os detentores se voltaram para os meios de comunicação em massa, uma vez que em um mundo globalizado a informação se torna uma mercadoria extremamente valiosa. A informação também pode ser usada como uma ferramenta de controle social. Aqueles que têm acesso à informação têm a capacidade de moldar a compreensão coletiva, impor narrativas e influenciar comportamentos. Crary (2014) recorre a Deleuze²⁸ (1990) para ilustrar o que chama de sociedade de controle, onde a regulação institucional da vida social e individual ocorre de forma contínua e sem nenhum tipo de limite.

A partir disso,

Deleuze não deixa dúvidas de que o surgimento desse regime de controle corresponde a transformações no sistema-mundo capitalista, à passagem do capitalismo industrial para o financeiro (Deleuze, 1990 *apud* Crary, 2014).

As últimas décadas nos mostraram um grande avanço no processo de convergência na produção, distribuição e consumo da informação (Giddens, 2008, p. 456). Os meios de comunicação em massa tradicionais, dentre eles os jornais impressos, as revistas, a televisão e o rádio, não deixaram de existir com o avanço da tecnologia a partir da popularização da internet. Na verdade, todos ganharam novos espaços para continuarem em pleno funcionamento e aumentarem ainda mais a sua audiência.

Todo esse alcance foi capaz de unificar o direcionamento dos valores e dos desejos da sociedade. Assim,

Nas últimas duas décadas eles foram responsáveis por uma “sincronização em massa” da consciência e da memória. A padronização da experiência em tão larga escala implica a perda da identidade e da singularidade subjetivas; também conduz ao desaparecimento desastroso da participação e criatividade individuais na construção dos símbolos que trocamos e compartilhamos entre nós (Stiegler²⁹, 2004 *apud* Crary, 2014, p. 83).

²⁸ DELEUZE, G. “*Postscript on Control Societies*”, in *Negotiations*, trad. Martin Joughin. Nova York: Columbia University Press, 1995, pp. 177-82 [ed. bras.: “Post-scriptum sobre as sociedades de controle”, in *Conversações 1972-1990*, trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992, pp. 219-26].

²⁹ STIEGLER, Bernard. *De la Misère symbolique. v1: L'Époque hyperindustrielle*. Paris: Galilée, 2004.

Passamos a ser moldados e direcionados a atender os interesses do grande capital. Neste contexto,

A década de 1990 consolidou uma era hiperindustrial ao invés de pós-industrial, e nesta era a lógica de produção em massa combinou, sobremaneira, a fabricação, a distribuição e a subjetividade em escala planetária (Stiegler, 2004 *apud* Crary, 2014, p. 83).

A afirmação "quem detém a informação, detém o poder" sugere que o acesso e o controle sobre a informação são fundamentais para exercer influência e tomar decisões em diversas esferas da vida. Embora essa afirmação possa parecer simplista, há uma base de verdade nela quando se considera o papel da informação na sociedade atual.

Vivemos em uma era da informação, ou informacionalismo, onde o conhecimento e a informação são amplamente valorizados. Entretanto, este informacionalismo “está entremeado de desigualdade e exclusão social crescentes em todo o mundo (Castells, 1999c, p. 95). A tecnologia e a conectividade global facilitaram o acesso a uma quantidade enorme de informações, tornando-as uma das *commodities* mais valiosas da atualidade. Pessoas, empresas e governos estão constantemente coletando, analisando e usando informações para moldar suas ações e atingir seus objetivos. Essas redes de comunicação envolvem a linguagem simbólica, os limites culturais e as relações de poder (Angelo, 2016, p. 72).

Em muitos contextos, aqueles que possuem informações privilegiadas têm uma vantagem significativa sobre os outros. Por exemplo, nas empresas, os líderes que têm acesso a dados detalhados sobre o mercado, concorrentes e clientes têm maior probabilidade de tomar decisões mais acertadas, antecipando tendências e identificando oportunidades. Isso lhes confere uma posição de poder, pois sua capacidade de tomar decisões estratégicas com base em informações relevantes pode determinar o sucesso ou o fracasso de uma organização.

No âmbito político, a posse da informação também é poderosa. Governos e líderes políticos frequentemente utilizam informações privilegiadas para moldar narrativas, influenciar a opinião pública e consolidar seu poder. O controle da mídia e a disseminação seletiva de informações são estratégias comuns para manipular percepções e influenciar a sociedade. Em regimes autoritários, por exemplo, o controle e a censura da informação são utilizados para limitar o pensamento crítico e manter o poder nas mãos de poucos.

No início dos anos 1990 as grandes corporações internacionais lançaram uma entidade vaga denominada ciberespaço, criada aparentemente do nada. Ele foi anunciado como portador do poder de reinventar o indivíduo e sua relação com o mundo (Crary, 2014, p. 99-100).

Diante deste avanço tecnológico sem precedentes, especialmente no campo da tecnologia da informação e comunicação e com o advento da internet, a popularização e disseminação de computadores pessoais, o desenvolvimento de dispositivos móveis e a expansão das redes sociais e plataformas de compartilhamento de conteúdo transformaram drasticamente a maneira como as pessoas produzem, acessam e compartilham as informações. Neste sentido,

A dinâmica das comunidades conectando-se através de computadores a transformaram em instrumentos de alcance global com um potencial significativo de influência na sociedade, na cultura, na economia, na política e na educação (Angelo, 2016, p. 72).

Por meio do acesso à internet houve uma digitalização de diversos aspectos da vida e a quantidade de dados gerados e armazenados aumentou significativamente. O crescimento exponencial da capacidade de armazenamento de dados, juntamente com a facilidade de produção e disseminação de conteúdo, contribuiu para um aumento significativo no volume de informações disponíveis às pessoas nos dias de hoje.

Por isso é tão comum que bilhões de pessoas ao redor do mundo tenham acesso à internet e produzam conteúdo diariamente em diversas formas, como textos, imagens, vídeos e áudios. Além disso, empresas, governos, instituições acadêmicas e organizações produzem uma quantidade massiva de informações em várias áreas, como ciência, tecnologia, cultura, história e outras áreas do conhecimento.

Para enfatizar o quão grande é o volume de informação disponibilizado de forma totalmente acessível e, conseqüentemente, resultando num excesso de informação, Bauman (2008) menciona uma comparação feita por Ramonet³⁰ onde se estima que nos últimos 30 anos se produziu mais informação no mundo do que nos 5 mil anos anteriores. A título de comparação, em

Um único exemplar da edição dominical do The New York Times contém mais informação do que a que seria consumida por uma pessoa culta no século XVIII durante toda sua vida (Ramonet, 1999, p. 184 *apud* Bauman, 2008, p. 54).

Ainda neste sentido, diante de tanta informação, percebemos que há necessidade de se aplicar filtros em tudo aquilo que é acessado. Bauman (2008) recorre a Eriksen³¹ para reforçar que

Há informação demais por aí. Uma habilidade fundamental na sociedade da informação consiste em se proteger dos 99,99% de informações oferecidas que são indesejáveis (Eriksen, 2001, p. 17 *apud* Bauman, 2008, p. 55).

³⁰ RAMONET, I. *La tyrannie de la communication*, Galilée, 1999, p. 184.

³¹ ERIKSEN, T. H. *Tyranny of the moment: fast and slow time in information age*, Pluto Press, 2001, p. 17

Com esta democratização da comunicação ao redor do mundo, cria-se um “banco de informações global infinito, mas muitas vezes sem nexos, autoria, veracidade ou relevância”, desta forma, os filtros que costumamos utilizar em nosso mundo linear não funcionam no mundo digital, que é regido por “multiplicidade, velocidade, efemeridade, descentralização, abundância e complexidade” (Spinelli & Santos, 2019, p. 46).

Diante disso,

A quantidade inimaginável de informação disponível pode ser aplicada e organizada a serviço de qualquer coisa, pessoal ou política, não importa se aberrante ou convencional. Graças às possibilidades ilimitadas de filtragens e personalização, indivíduos fisicamente próximos podem habitar universos incomensuráveis e sem comunicação (Crary, 2014, p. 85).

De acordo com Bauman (2011), o gigantesco volume de informações que disputam a atenção das pessoas hoje é “muito mais confuso, desorientante e ameaçador que os últimos e poucos mistérios do Universo”. Por conta disso,

A massa de conhecimento acumulado se tornou o epítome da desordem e do caos. Todos os recursos ortodoxos de organização utilizáveis – classificação por relevância temática, atribuição de importância, necessidades que determinam a utilidade e autoridades que determinam o valor – sucumbiram, foram tragados e diluídos no acúmulo de informações, como se atraídos por misterioso buraco negro cósmico. A massa torna todos os conteúdos uniformes e igualmente entediante. Nessa massa, pode-se dizer que todas as peças de informação fluem com o mesmo peso específico; e, para as pessoas a quem se recusou o direito de reivindicar uma expertise segundo seu próprio juízo, mas que são agredidas pelo fluxo de expertises contraditórias, não há um meio óbvio, para não dizer infalível, de separar o joio do trigo. Na massa, frações de conhecimento talhadas para o consumo e o uso pessoal só podem ser avaliadas pela quantidade; não há como comparar sua qualidade com a de outras parcelas da massa. Uma informação equivale a outra (Bauman, 2011, p. 79).

Diante deste cenário, podemos deduzir que a partir dos anos 2000, vivemos em um cenário de economia da atenção. A economia da atenção é um conceito que descreve a luta pela captura e retenção da atenção das pessoas em um ambiente cada vez mais saturado de informações e estímulos. Em um mundo conectado, com uma quantidade crescente de conteúdo, mídia e distrações, a atenção humana se tornou um recurso escasso e valioso. Exemplo disso é que,

Ainda no início de suas atividades, no final dos anos 1990, o então futuro presidente do Google, Eric Schmidt, declarou que o século XXI seria sinônimo do que chamou de economia da atenção, onde as corporações globais dominantes seriam aquelas que mais mobilizassem e controlassem globos oculares, ou seja, que detivessem a atenção de seus clientes (Crary, 2014, p. 100).

Nessa economia, empresas, organizações e indivíduos competem entre si para chamar a atenção das pessoas e direcioná-la para seus produtos, serviços, mensagens ou conteúdo. E a partir destas ações,

Certamente, cresceram neste contexto, as estruturas capitalistas mais ricas, que expandiram seus domínios ganhando adeptos em novos mercados e ganhando acima de tudo o poder de encantar grandes massas de consumidores utilizando a precisão da informação, a velocidade da comunicação e o alcance das mídias (Angelo, 2016, p. 73).

Em 2023, as empresas de tecnologia lideram o ranking das empresas mais valiosas do mundo. Liderado pela *Amazon*, seguida de perto pela *Apple*, *Google* e *Microsoft*, este ranking mostra o quão bem-sucedido foi o planejamento estratégico dessas companhias estabelecido ainda lá no final dos anos 1990 (Lima, 2023).

Mas o sucesso corporativo dessas empresas, segundo Crary, (2014, p. 100), também será medido pela quantidade de informação que pode ser extraída, acumulada e utilizada para prever e modificar o comportamento de qualquer indivíduo com identidade digital.

Isso ocorre porque a atenção é um pré-requisito fundamental para o envolvimento, a influência e, eventualmente, a conversão em ações desejadas, como a compra de um produto, a adoção de uma ideia ou a interação com um conteúdo. Tal situação tem modificado o nosso cotidiano. E

É nesse contexto que a Google e outros players corporativos competem agora por domínio sobre os restos do cotidiano. Alguém talvez diga que aquilo que constitui a vida cotidiana se reinventa continuamente, florescendo hoje em áreas específicas de interação e expressão online. No entanto, se aceitamos que uma noção significativa de vida cotidiana é inseparável de seu anonimato fugidio, é difícil entender o que isso poderia ter em comum com um tempo no qual nossos gestos são todos gravados, permanentemente arquivados e processados com o objetivo de predeterminar nossas escolhas e ações futuras (Crary, 2014, p. 101).

A economia da atenção é impulsionada pelo surgimento da tecnologia digital, especialmente da internet e das mídias sociais, que oferecem uma infinidade de opções e demandam constantemente a atenção dos usuários. Essas plataformas são projetadas para maximizar o tempo de engajamento e manter as pessoas conectadas, apresentando uma enxurrada de informações, notícias, entretenimento e estímulos visuais e auditivos. Para Angelo (2016, p. 72), a evolução das tecnologias informacionais modificará intensamente as relações humanas.

E para piorar ainda mais este cenário, os próprios usuários autorizam que seus dados sejam coletados pelos aplicativos. A imensa maioria dos usuários sequer lê os termos e a política de privacidade deles. No próprio aplicativo ou rede social o usuário permite o acesso

ao microfone e à câmera de seus dispositivos, disponibiliza sua imagem para estar disponível em bancos de dados, autoriza o compartilhamento de seus dados pessoais com terceiros e assim por diante. Hoje não haveria um só instante na vida dos indivíduos que não seja modelado, contaminado ou controlado por algum dispositivo (Agamben³² *apud* Crary, 2014, p. 80).

Neste sentido, posso compartilhar uma experiência pessoal. Morei na Europa de 2008 a 2011. Lá, naquele período, era muito comum o uso de aparelhos GPS de uma marca famosa chamada Tomtom. Não eram dispositivos baratos e ainda assim, era necessário comprar os mapas dos países à parte. Entretanto, eram dispositivos fantásticos e que despertavam muito o meu interesse. Como estrangeiro, era muito difícil para mim chegar a determinados destinos. Por isso, decidi comprar um desses aparelhos GPS. Com ele, eu precisava apenas informar o *Post Code* (correspondente ao nosso CEP), em seguida ele já retornava como opções os nomes das ruas daquela região, e após selecionar a rua a que eu desejava ir, bastava indicar, finalmente, o número do endereço. Pronto, aquilo tudo era suficiente para que eu chegasse ao meu destino.

Embora o *Google Maps* tenha sido lançado em 2005, ele era uma espécie de mapas digitais. Entretanto, em 2009 o Google implementou a navegação Turn-by-Turn, que possibilitava ao usuário, de forma gratuita, compartilhar a sua localização, indicar para onde gostaria de ir e ter o melhor caminho a ser seguido indicado na tela de seu celular, com informações sobre o tempo de viagem e mais detalhes. Na época, lembro que as pessoas ficaram muito felizes porque, em tese, não precisariam mais comprar aparelhos de GPS e nem ter que ficar atualizando mapas para chegar a locais desconhecidos.

Aquela expressão popular que diz que “não existe almoço grátis” nunca fez tanto sentido. Ao utilizarmos o *Google Maps* para nos auxiliar em nossas navegações, o Google não só coleta informações importantes sobre nossos deslocamentos e rotinas, como também comercializa estas informações com empresas. Logo, restaurantes, lojas de roupa e todo o tipo de comércio passam a saber que você mora por perto, ou quando você passa por ali, com que frequência e quanto tempo fica. Você se torna um alvo em potencial.

Na economia da atenção, as empresas têm que competir ferozmente pela atenção do público-alvo, utilizando estratégias de marketing cada vez mais sofisticadas. Publicidades on-

³²AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? In: O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

line, recomendações personalizadas, títulos chamativos, vídeos virais e conteúdo envolvente são apenas algumas das táticas usadas para atrair e reter a atenção das pessoas. Para tanto,

A economia da atenção dissolve a separação entre o pessoal e o profissional, entre entretenimento e informação, desbancados por uma funcionalidade compulsória de comunicação inerente e inescapavelmente 24/7 (Crary, 2014, p. 101).

Além disso, a economia da atenção também tem impactos na forma como consumimos informação e nos comportamos on-line. Muitas vezes, nos vemos sobrecarregados com uma quantidade excessiva de notícias, atualizações de redes sociais e notificações, o que pode levar à distração, à falta de foco, à dificuldade em filtrar informações relevantes e de gerir bem o nosso tempo.

Esta grande quantidade de informações e de estímulos aos quais estamos submetidos hoje nos tornam seres multi-atarefados. A respeito disso,

O excesso de positividade se manifesta também como excesso de estímulos, informações e impulsos. Modifica, radicalmente, a estrutura e economia de atenção. Com isso se fragmenta e destrói a atenção. [...] A multitarefa não é uma capacidade para qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Trata-se antes de um retrocesso (Han, 2017, p. 31).

Esse excesso de atividades simultâneas tem-nos tirado a oportunidade de descansarmos ou até mesmo de termos aquele tédio profundo sob o qual é possível sermos criativos (Han, 2017, p. 33).

Outro aspecto importante da economia da atenção é a monetização desse recurso. As empresas de tecnologia e mídia lucram ao capturar a atenção dos usuários e direcioná-la para anúncios e conteúdo patrocinado. Modelos de negócios como publicidade on-line e marketing de influência dependem diretamente da capacidade de atrair e reter a atenção do público. Portanto,

Não há como ignorar o quanto a internet e as comunicações digitais se tornaram o motor da financeirização e mercantilização implacáveis de um número cada vez maior de esferas da vida individual e social, criando um campo de condições marcadamente diferentes das décadas passadas (Crary, 2014, p. 117).

É claro que a economia da atenção atua em diversos segmentos do ciberespaço, mas é nas redes sociais onde ela obtém o seu maior retorno, uma vez que é ali onde ela recebe o maior número de informações de seus usuários. Para Angelo (2016, p. 72), “redes sociais são, antes de qualquer coisa, relações entre pessoas, estejam elas interagindo em causa própria, em defesa de outrem, ou em nome de uma organização”.

Parte do sucesso das redes sociais se dá pelo fato de que elas, intermediadas pelas TIC's, combinam três características importantes: a liberdade, a capacidade e o alcance do

indivíduo (Angelo, 2016, p. 73). A liberdade porque o seu usuário é livre para postar o que bem entender, a capacidade se dá pelo fato de que as redes sociais possuem um repositório praticamente infinito, onde não há um limite à vista para estabelecer limites de postagens e armazenamentos e, por fim, o alcance dos indivíduos, que se dá em nível global.

O formato com que as redes sociais foram criadas garante que os seus usuários sejam os construtores de sua existência. Sem engajamento, uma rede social não sobrevive. Foi o que aconteceu, por exemplo, com o Orkut no início dos anos 2000. Grande parte de seus usuários eram do Brasil e da Índia, países muito populosos, especialmente o segundo, que neste ano de 2023 ultrapassou a China e se tornou o país mais populoso do mundo (G1, 2023). Durante 10 anos esta era a rede social de maior prestígio nesses dois países.

Em 2006, o sucesso das redes sociais se consolidou e o número de conexões aumentou significativamente (Bauman, 2008, p. 7). A partir do momento em que outras redes sociais começaram a surgir e a trazer novidades, os usuários começaram a migrar para elas e deixaram de fazer postagens no Orkut. Afinal de contas, os usuários são os geradores de conteúdos dessas redes sociais. E sem conteúdo, uma rede social perde o sentido de sua existência.

Quando o *Facebook* surgiu e começou a se espalhar pelo mundo, chegando a um terço da população mundial, pouca gente percebeu que em sua essência ele não era apenas uma rede social criada para unir as pessoas. Tratava-se, na verdade, de uma máquina de faturamento por meio de publicidade direcionada a seus usuários a partir de dados fornecidos por eles próprios.

Além disso, a sua dinâmica de funcionamento e também a sua forma de agregar valor ao seu produto/serviço é genial e em mesma medida, devastadora, afinal, nela, “os usuários entram no jogo como mão de obra (gratuita e, logo, escrava), como matéria-prima (também gratuita) e, por fim, como mercadoria” (Bucci, 2018, p. 29).

Neste sentido,

Graças a esse modelo originalíssimo, o Facebook não precisa gastar um centavo para “gerar conteúdo” (no jargão horroroso da indústria), pois seus usuários atuam como digitadores, fotógrafos, locutores, atores, sonoplastas, escritores e tudo o mais. Os usuários são os operários que confeccionam ou extraem a matéria-prima, da qual são também os beneficiadores e empacotadores. E, embora se vejam como “clientes” de um “serviço” que imaginam gratuito, esses usuários são também a mercadoria final. São seus olhos que são vendidos aos anunciantes, o que parece alegrá-los enormemente (Bucci, 2018, p. 29).

Vivemos numa era da espetacularização. Muitas pessoas se veem quase que obrigadas a se exporem, inclusive em sua intimidade, para se fazerem vistas e lembradas. É parte de um

conjunto maior de processos no qual tudo que já foi considerado pessoal tem de ser recriado e distribuído a serviço do acréscimo de valor monetário ou prestígio às nossas identidades visuais (Crary, 2014, p. 117). Ainda neste sentido,

A representação ficcional dos sonhos como algo que pode ser acessado e transformado em objeto é apenas parte do pano de fundo na demanda infindável pela terceirização de nossas vidas para formatos digitais pré-fabricados. Em uma hiperexpansão da lógica do espetáculo, ocorre uma remontagem do eu que resulta em um novo híbrido de consumidor e objeto de consumo. Se algo tão privado e aparentemente interior como o sonho é agora objeto de máquinas de ressonância sofisticadas, podendo ser imaginado na cultura de massa como conteúdo que pode ser baixado, há então poucos obstáculos à objetificação daquelas partes da vida individual que podem ser mais facilmente realocadas em formatos digitais (Crary, 2014, p. 121).

Essa política do engajamento permeada pelo uso generalizado das redes sociais tem produzido aberrações na atualidade que nos fazem questionar até que ponto somos realmente autônomos ou influenciados pelo que as redes sociais nos apresentam. O que justifica, por exemplo, que um empreendedor proprietário de uma floricultura precise publicar vídeos de dancinhas ou criar histórias relacionadas a flores e plantas ornamentais em formato de meme³³, diariamente, em sua rede social para ter visibilidade e alcançar clientes em potencial? Ou que um proprietário de uma cafeteria precise convidar influenciadores digitais para postarem *reviews* (avaliações) daquele estabelecimento para que as pessoas passem a frequentá-lo? Ou que a dona de uma confeitaria precise enviar brindes com doces a esses influenciadores para que eles divulguem os seus produtos na esperança de se ter um retorno midiático? A verdade é que

As redes sociais potencializadas com a capacidade individual das TIC's conferem ao cidadão o poder de ver e de ser visto, de acolher e ser acolhido, e de atuar no mundo mesmo de forma marginal às instituições formais que ele não reconhece e por quem não é reconhecido (Angelo, 2016, p. 74).

Esta oportunidade de ser visto, de estar em uma prateleira de destaque tem despertado em muitas pessoas o sonho de se tornar uma pessoa famosa. Seja se tornando um influenciador digital ou alguém reconhecido por alguma habilidade. Acontece que o sonho de ser famoso

[...] não significa nada mais (mas também nada menos!) do que aparecer nas primeiras páginas de milhares de revistas e em milhões de telas, ser visto, notado, comentado e, portanto, presumivelmente desejado por muitos – assim como sapatos, saias ou acessórios exibidos nas revistas luxuosas e nas telas de TV, e por isso, vistos, notados, comentados, desejados (Bauman, 2008, p. 21).

³³ Um meme é uma imagem transmitida para viralizar na internet, complementada com texto, compartilhando comentários pontuais sobre símbolos culturais, ideias sociais ou eventos atuais. É normalmente uma foto ou vídeo, embora possa ser um bloco de texto.

Esta é mais uma vez, uma referência clara do quanto esta visibilidade e espetacularização nos apresenta para o outro apenas como um produto a ser consumido. Nas redes sociais estamos expostos a conteúdos dos mais variados possíveis. Muitos são verdadeiros e muitos outros são completamente fabricados com o objetivo apenas de atrair a atenção. Nesta prática da espetacularização,

A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) exprime-se assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo. A exterioridade do espetáculo em relação ao homem que age aparece nisto, os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhes apresenta (Debord, 2023, p. 19).

Esta perda de identidade contribui para que conteúdos mais apelativos, que visem despertar sentimentos no outro passam a ser produzidos sempre com o intuito de se buscar cada vez mais audiência. A partir disso,

No que se refere ao mercado: mais de um terço dos seres humanos passa fome [...] enquanto outros fazem dieta. Inclusive o assistencialismo só cresce, nessa sociedade do espetáculo de vocês com o número de cadáveres exibidos; suas narrativas, com os crimes relatados, uma vez que, para vocês, uma notícia boa não constitui boa notícia (Seres, 2013, p. 72).

De fato, notícias chocantes, que causam comoção ou até mesmo raiva produzem muito mais engajamento do que notícias consideradas normais. E como o engajamento é a chave deste negócio, é preciso seguir a cartilha do sucesso nas redes sociais para a geração de conteúdo.

Em 2022 um grande escândalo com um *youtuber* famoso no Brasil chamou a atenção para essa artificialidade na geração dos conteúdos. O então vereador do Rio de Janeiro, Daniel Monteiro, armava flagrantes dentro de suas temáticas preferidas, que eram flagrantes em hospitais, apoio à causa animal, vídeos investigativos e de causa social, onde ele supostamente ajudava pessoas em vulnerabilidade social. No entanto, ficou provado que muitos de seus vídeos eram armados, inclusive ele orientava o que crianças com “aspectos de pobre” deveriam falar em seus vídeos, tudo para se ter audiência. Apenas no *Youtube*, a sua estimativa de receita mensal superava os trezentos mil reais (Ferreira, 2022).

Uma outra forma de se buscar engajamento nas redes sociais nessa tendência do espetáculo é a tentativa de glamourização da vida. A ilusão de felicidade nas redes sociais é um fenômeno amplamente discutido e observado na era digital. É uma tendência onde as pessoas retratam suas vidas de forma idealizada e positiva criando uma imagem de felicidade perfeita e constante, muitas vezes distante da realidade.

Muitos usuários compartilham aquilo que julgam ser coisas boas e que possam despertar admiração ou até mesmo inveja no outro: momentos de diversão, experiências gastronômicas, viagens, baladas, etc. É uma espécie de vitrine para expor a sua suposta felicidade para uma sociedade de consumidores e do espetáculo. Diante disso,

O valor mais característico da sociedade de consumidores, na verdade seu valor supremo, em relação ao qual todos os outros são instados a justificar seu mérito, é uma vida feliz. A sociedade de consumidores talvez seja a única na história humana a prometer felicidade na vida terrena, aqui e agora e a cada “agora” sucessivo (Bauman, 2008, p. 60).

Há várias razões pelas quais essa ilusão de felicidade é comum nas redes sociais. Em primeiro lugar, as pessoas têm a capacidade de selecionar cuidadosamente o conteúdo que desejam compartilhar. Isso significa que podem escolher mostrar apenas os momentos mais felizes e positivos de suas vidas, ocultando os aspectos negativos ou desafiadores. Essa curadoria seletiva leva a uma representação distorcida da realidade, na qual a felicidade é ampliada e os problemas são minimizados.

Em segundo lugar, existe uma pressão social para se encaixar e ser bem-sucedido nas redes sociais. As pessoas buscam validação e aprovação de seus amigos, familiares e até mesmo de desconhecidos nas plataformas. Essa busca por validação muitas vezes leva a uma ênfase exagerada na criação de uma imagem de felicidade, pois é isso que se espera e recebe mais atenção e *likes*, ou seja, engajamento.

Além disso, a comparação social é um fator importante na ilusão de felicidade nas redes sociais. Quando as pessoas veem os outros compartilhando momentos felizes e conquistas, podem sentir-se pressionadas a seguir o exemplo e mostrar uma imagem semelhante de felicidade em suas próprias vidas, mesmo que isso não corresponda completamente à sua realidade.

A promessa de felicidade, condicionada ao consumismo, garante que cada vez mais e mais pessoas busquem este tipo de conteúdo acreditando que um dia poderão ter acesso a este tipo de vida. A questão é que

O que essas descobertas indicam é que, ao contrário da promessa vinda lá do alto e das crenças populares, o consumo não é um sinônimo de felicidade nem uma atividade que provoque sua chegada (Bauman, 2008, p. 61-62).

Outro ponto importante é que as desigualdades sociais impostas pelo capitalismo não permitem que uma parcela significativa da sociedade tenha sequer a oportunidade de consumir o que lhe é oferecido por falta de condições. Essa falta de condições, muitas vezes, é

uma consequência da falta de uma boa remuneração ou até mesmo, do sucateamento da força de trabalho e até mesmo a falta de um emprego.

Com a contrarrevolução dos anos 1980 e a ascensão do neoliberalismo, a comercialização do computador pessoal e o dismantelamento de sistemas de proteção social, o ataque à vida cotidiana se tornou ainda mais feroz. O próprio tempo foi monetizado, e o indivíduo, redefinido como um agente econômico em tempo integral, mesmo no contexto do “capitalismo sem emprego” (Crary, 2014, p. 97).

Não se nega o fato de que a sociedade tem sofrido enorme influência das relações econômicas. E desta forma, Sennett (2009) discute quais são as influências da fase mais recente do capitalismo no mundo do trabalho e quais seriam as suas repercussões no caráter humano. Essa mais recente face do capitalismo seria o chamado “capitalismo flexível”. Por mais que esta modalidade de capitalismo não esteja presente em todos os segmentos econômicos, ela traz consequências sociais consideravelmente importantes onde se faz presente.

Para Sennett (2009), as formas de trabalho têm sido alteradas por conta deste novo foco na flexibilidade. Para ele, toda essa flexibilidade na atuação profissional, ligada ainda à velocidade em que as relações de trabalho têm sido estabelecidas, tem causado um enfraquecimento de algumas questões que são muito importantes para a formação do caráter humano, dentre elas a confiança, a lealdade e o compromisso.

Ao encontrar em um aeroporto o filho de um faxineiro que ele entrevistara 25 anos antes para uma outra pesquisa, e após uma longa conversa com o jovem, Sennett (2009) percebe que o jovem, um engenheiro elétrico formado e que atuava como consultor, teve que se tornar subserviente aos horários de pessoas desobrigadas a lhe corresponder para conseguir e se manter em um emprego. Situações como esta, muito comuns na atualidade, apenas retratam a perda do controle da própria vida. Toda essa flexibilidade se torna uma vida à deriva, ou seja, sendo direcionada para lá e para cá de acordo com as demandas do mercado.

Como consequência disso, Sennett (2009) destaca o curto prazo das relações de trabalho. Esta situação diminui a confiança na relação entre os agentes envolvidos na vida profissional. Sem uma cooperação mais profunda entre as partes, não existem compromissos mútuos. Diante disso, concluímos que o capitalismo de curto prazo corrói o caráter humano, uma vez que a lealdade e o compromisso, valores essenciais da formação do caráter humano, seguem sendo enfraquecidos. Ora, se um trabalhador não se imagina se aposentando um dia na empresa em que ele trabalha, logo não dará o melhor de si.

Sem esta segurança profissional, muitos aspectos da vida familiar também são afetados pelas constantes mudanças na vida profissional. Seja a mudança de cidade ou a completa falta de rotina, a verdade é que o sujeito vive desprotegido, e diante disso, “a rotina pode degradar, mas também proteger; pode decompor o trabalho, mas também compor uma vida” (Sennett, 2009, p. 49).

Lamentavelmente, o elo mais fraco desta relação profissional, no caso, o trabalhador, ainda tende a se responsabilizar por situações difíceis e que estão completamente fora de seu alcance na tentativa de se criar uma justificativa para o que ele atribui como sendo seu próprio fracasso em caso de demissão. É a própria sociedade transformando-se face às relações econômicas, entretanto mantendo as velhas desigualdades de poder, ainda que envolvidas em uma nova trama social. Assim, é o trabalhador que sofre as piores consequências de ter o caráter humano sendo corrompido. Afinal, quem domina essas relações de trabalho e pode ditar seus rumos, é o capital e por isso,

Desse modo, flexibilização, terceirização, subcontratação, círculo de controle de qualidade total, kanban, just-in-time, kaizen, team work, eliminação do desperdício, “gerência participativa”, sindicalismo de empresa, entre tantos outros pontos, tornaram-se dominantes no universo empresarial (Antunes, 2018)

Os últimos governos brasileiros realizaram reformas trabalhistas sob a alegação de que a legislação trabalhista brasileira inibia a geração de empregos e que precisava ser modernizada, que era necessário haver uma flexibilização, por exemplo, na jornada de trabalho. Infelizmente,

Em alguns casos, argumenta-se abertamente pela diminuição de direitos dos trabalhadores. Entretanto, mais frequentemente, não se fala em reduzir direitos, mas em tornar a regulação do trabalho “mais flexível”. Com isso, abstrai-se, intencionalmente, que o direito do trabalho é, por definição, sempre flexível “para cima”, o que significa que trabalhadores, empregadores e suas representações podem realizar quaisquer acordos entre si, desde que sejam mais benéficos aos empregados do que o mínimo previsto em lei (Krein; Oliveira; Filgueiras, 2019).

Nos últimos anos tivemos a defesa de que é melhor ter emprego com menos direitos do que ter direitos e não ter emprego. Mas

O que acontece é que sempre que se fala em austeridade como mecanismo de enfrentamento a crises, as medidas recaem sobre a classe trabalhadora e sobre as políticas de proteção social. O contingenciamento é sempre dos programas sociais e a flexibilização é sempre da legislação trabalhista. Taxar as grandes fortunas não é um “termo” que cabe na cartilha neoliberal (Cannas, 2021, p. 202).

Com o enfraquecimento das relações de trabalho, a precarização do trabalho, e o avanço das tecnologias, mais especificamente as plataformas de serviços, *Uber*, *iFood*, 99 e muitas outras, cada vez mais o trabalhador tem que se desdobrar para garantir o seu sustento,

abrindo mão inclusive de direitos trabalhistas consolidados e se sujeitando a riscos sem nenhum tipo de proteção social.

Essa configuração se caracteriza pela associação entre o uso de novas tecnologias e a imposição de condições de trabalho (Cannas, 2021, p.199), ou seja, o trabalhador acaba não tendo muita escolha.

Esta característica destas relações de trabalho nas plataformas pode ser chamada de “uberização do trabalho”. Segundo Cannas (2021, p. 199), “trabalhadores brasileiros uberizados são entendidos como aqueles que se utilizam de plataformas digitais e/ou aplicativos de celular como única forma de estabelecer suas relações de trabalho”.

Tal nomenclatura faz referência a uma plataforma específica, no caso a Uber, que teve um crescimento significativo ao redor do mundo. A Uber é

Uma empresa/tecnologia desenvolvida na América do Norte, que se proliferou rapidamente por diversos países do mundo, principalmente no hemisfério sul. Seus milhões de trabalhadores, também denominados de “parceiros” são inebriados pelo discurso da autonomia, liberdade e independência financeira, contudo, há indícios de que seguem brutalmente subordinados a lógica imperativa do modo de produção capitalista, formando um novo proletariado digital. Na essência, a mesma forma de exploração do capital sobre o trabalho e a mesma relação de dominação norte-sul (Cannas, 2021, p. 212).

Não muito diferente das relações de trabalho durante a Revolução Industrial, onde os trabalhadores desempenhavam suas funções em fábricas completamente insalubres, sem equipamentos de proteção individual e coletivo e com uma jornada de trabalho de aproximadamente 16 horas por dia, muitos trabalhadores hoje vivem essas mesmas condições. Vivem para o trabalho. Quanto a isso,

Havendo agora somente indivíduos e a sociedade se organizando apenas em torno do trabalho, fazendo tudo girar a seu redor, inclusive os encontros, inclusive as aventuras particulares que nada têm a ver com ele [...] espera se completar no trabalho. No entanto, não o consegue; no entanto, se entedia. Procura também imaginar uma sociedade que não mais se estruture somente nele (Seres, 2013, p. 66).

A pandemia de Covid-19 agravou ainda mais essa precarização do trabalho no Brasil. O alto índice de desemprego, as ações do governo que permitiram que férias coletivas fossem antecipadas, ou que a carga horária e a remuneração fossem reduzidas, fez com que muitos brasileiros recorressem a essas plataformas como único sustento ou como complementação de renda. Aqui há um

Um aspecto relevante sobre os impactos da pandemia de Covid-19 – seja na amplitude, seja na intensidade –, foi que as tecnologias digitais invadiram as mais diferentes dimensões da vida em sociedade, mas, sobretudo, os atravessamentos nas relações sociais de trabalho. Acentuou-se a virtualização da vida e do trabalho, quando esse ainda pode ser realizado. O consumo no e-commerce catapultou. As grandes companhias mundiais, que nas últimas décadas escalavam ao topo da

pirâmide do capital, agora ocupam um lugar confortável e difícil de ser transposto no próximo período (Cannas, 2021, p. 210).

De acordo com o Instituto Locomotiva (2021), um em cada cinco brasileiros, durante a pandemia de Covid-19, utilizava algum aplicativo ou plataforma para ter renda. Neste mesmo período houve também um grande aumento de abertura de CNPJ's (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica), não necessariamente por conta do aumento do empreendedorismo no país, mas também pela queda da criação de empregos formais (G1, 2021).

Aliás, esta promessa de empreendedorismo usada pelas plataformas, essa promessa de autonomia onde o trabalhador vai trabalhar na hora que quiser, podendo fazer o seu horário e definir a sua própria agenda, caracteriza-se mais como uma falácia e tem por objetivo atrair mais e mais trabalhadores. A ilusão de escolha e autonomia é uma das bases desse sistema global de autorregulação (Crary, 2014, p. 80?).

Para Antunes (2020), este trabalhador, ao tentar sobreviver utilizando-se destas plataformas se imagina como proprietário de si mesmo, um quase burguês, mas frequentemente se converte em um proletário de si próprio, que autoexplora seu trabalho. Este trabalhador, muitas vezes, não consegue perceber que para estar ali desempenhando aquela função ele teve que fornecer à plataforma a sua mão de obra, sua licença para dirigir ou pilotar um veículo automotor, seu instrumento de trabalho (um carro, uma moto ou uma bicicleta) e até a sua internet. Ao final do dia ao perceber que seu faturamento ainda não é consideravelmente suficiente, ele se esforça para trabalhar ainda mais, não havendo margem para o descanso. Para Han (2021), o neoliberalismo moldou o trabalhador oprimido em um empreendedor livre, um empreendedor de si mesmo. Cada um é hoje um trabalhador autoexplorado de seu próprio empreendimento. Cada um é senhor e escravo na mesma pessoa.

Quando Crary (2014) relata que o Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América gastou quantias enormes de dinheiro para estudar o comportamento de uma espécie de pardal que é capaz de voar por até sete dias sem dormir, e que o objetivo desta pesquisa era tentar encontrar formas de replicar esta habilidade ou característica a soldados, ele nos mostra que o capital busca de todos os meios e formas aumentar a produtividade e consequentemente seus ganhos. Segundo ele,

O soldado sem sono seria o precursor do trabalhador ou do consumidor sem sono. Produtos contra o sono, quando propagandeados agressivamente por empresas farmacêuticas, se tornariam primeiro uma opção de estilo de vida, e ao fim, para muitos, uma necessidade (Crary, 2014).

No caso de sobrecarga de trabalho forçar uma desistência, seja por motivo de saúde ou até mesmo por conta de algum acidente de trabalho, haverá sempre outros trabalhadores prontos a assumirem aquela vaga e dispostos a terem acesso a esta autonomia e independência oferecidas pelas plataformas. É a exigência do desempenho constante, afinal,

A sociedade de desempenho é uma sociedade de autoexploração. O sujeito de desempenho explora a si mesmo, até consumir-se completamente (*Burnout*). Ele desenvolve nesse projeto uma autoagressividade, que não raro se agudiza e desemboca num suicídio. O projeto se mostra como um projétil, que o sujeito de desempenho direciona contra si mesmo (Han, 2017, p. 101).

Fica evidente que existe um cansaço nesta sociedade do desempenho, e este cansaço é solitário, que atua individualizando e isolando (Han, 2017, p. 71). É como se o descanso fosse um atributo da fraqueza. Assim,

A sociedade do desempenho atual toma o próprio tempo como refém. Ela o amarra ao trabalho. A pressão por desempenho cria então uma pressão por aceleração. O trabalho como tal não é necessariamente destrutivo. Pode, como diria Heidegger, levar a um “cansaço duro, mas saudável”. Já a pressão pelo desempenho produz, contudo, mesmo quando na realidade não se tenha trabalhado tanto, uma pressão psíquica que pode esgotar a alma. O burnout não é uma doença do trabalho, mas do desempenho. Não é o trabalho enquanto tal, mas o desempenho, esse novo princípio neoliberal, que adoece a alma (Han, 2021, p. 92-93).

O grande problema do sujeito do desempenho é que ele acredita ser livre, acredita estar o controle de tudo. E já ficou claro que temos um problema de saúde pública em escala global.

Por fim, a análise crítica sobre o capitalismo tardio, a economia da atenção e a uberização do trabalho oferece um contexto fundamental para compreender a dinâmica contemporânea do mercado de trabalho e suas implicações sociais na atualidade. Ao explorar a precarização das relações trabalhistas, a mercantilização da atenção e a intensificação das desigualdades econômicas, este estudo revela as profundas transformações nas estruturas sociais e econômicas em um mundo cada vez mais dominado pela lógica do neoliberalismo e da tecnologia.

No entanto, é crucial reconhecer que tais mudanças não ocorrem em um vácuo social, mas estão intrinsecamente ligadas a outras dimensões da vida contemporânea, como a crescente influência das redes sociais na formação da opinião pública e na disseminação de informações. Nesse sentido, uma análise sobre como a violência escolar tem sido potencializada nos últimos anos apresenta uma extensão natural dessa reflexão, explorando como as dinâmicas do capitalismo tardio e da economia da atenção se entrelaçam com a realidade cotidiana das escolas.

As redes sociais, ao mesmo tempo em que oferecem um espaço para a expressão e interação, também podem servir como plataformas para a propagação de discursos de ódio, intimidação e violência entre os jovens, agravando os problemas já existentes no ambiente escolar e ampliando os desafios para a promoção de uma educação inclusiva e democrática.

2.2 A banalização do mal e a violência escolar potencializadas pela vitrine das redes sociais

Aqui, abordaremos um aspecto crítico do uso das redes sociais e destacaremos como elas podem amplificar problemas sociais existentes, dentre eles, a violência escolar. Quanto a isso,

Os tipos de violência na escola podem ser divididos como: violência contra a pessoa, expressa verbal ou fisicamente; as ameaças, brigas, violência sexual, a coerção mediante o uso de armas; violência contra o patrimônio, especificamente o vandalismo e a depredação das instalações escolares (Silva, 2017, p. 34).

Mediante às diversas divisões das violências mencionadas acima temos variadas formas como elas são manifestadas, podendo variar de intensidade, frequência e até os sujeitos que as pratica ou as sofre. Não obstante, o que parece fundamental destacar é que toda e qualquer violência na escola afeta tanto os estudantes como os profissionais, ou seja, o ambiente educacional em geral.

Existe ainda uma nova forma de como essas violências, já existentes, podem ser praticadas em maior escala atualmente. A violência verbal, psicológica, sexual, de gênero, racial ou étnica, pode ser facilmente praticada no ambiente virtual. Estamos falando da “violência cibernética”, que segundo Pires (2022), é o tipo de violência que contempla “qualquer situação relacionada à realidade virtual, que é controlada, produzida e não somente canalizada por um computador ou ambiente cibernético”. Não se trata, entretanto, do surgimento de mais um tipo de violência, mas de onde e como essas violências são praticadas. A violência cibernética pode ser capaz de potencializar todas essas violências pré-existentes pois tem potencial para atingir um número maior de pessoas.

Pelo meio virtual, comportamentos hostis, ameaçadores, difamatórios, ofensivos ou maliciosos, ocorrem através de tecnologias digitais, como a internet, redes sociais, mensagens de texto, e-mails, aplicativos de mensagens, áudios, fóruns on-line, etc. Essas práticas violentas podem ser direcionadas a indivíduos ou grupos e têm o potencial de causar danos emocionais, psicológicos e sociais significativos. E é desta forma de violência que falaremos mais adiante.

Tão importante quanto combater essas violências, é analisarmos e buscarmos identificar as causas, as circunstâncias que resultam em práticas violentas. Neste sentido,

Inicialmente, a violência nas escolas, era tratada como uma simples questão de disciplina. Mais tarde, passou a ser analisada como manifestação de delinquência juvenil, expressão de comportamento antissocial. E hoje, é percebida de maneira

muito mais ampla, sob perspectivas que expressam fenômenos como globalização e a exclusão social, os quais requerem análises não restritas às transgressões praticadas por jovens estudantes ou às violências das relações sociais entre eles (Silva, 2017, p. 14).

Entender o que causa tanta violência e agressão no dia a dia e nos meios digitais não é uma tarefa simples. Segundo Winnicott (2005, p. 93), “amor e ódio constituem os dois principais elementos a partir dos quais se constroem as relações humanas”. A partir desta afirmação percebemos a complexidade e a dualidade inerentes aos relacionamentos interpessoais, ou seja, o amor é uma força essencial que sustenta a vida humana e é fundamental para o desenvolvimento saudável do indivíduo, por outro lado o ódio não é necessariamente algo negativo em si, mas sim uma emoção natural e inevitável que surge em resposta a frustrações, decepções e desapontamentos. O ódio é uma expressão saudável de descontentamento e pode servir como uma resposta apropriada em algumas situações.

Ainda de acordo com Winnicott (2005), tanto o amor quanto o ódio “envolvem agressividade” e “a agressão pode ser um sintoma de medo”. Neste sentido,

De todas as tendências humanas, a agressividade, em especial, é escondida, disfarçada, desviada, atribuída a agentes externos, e quando manifesta é sempre uma tarefa difícil identificar suas origens (Winnicott, 2005, p. 94).

Enquanto no mundo real tentamos disfarçar e até controlar nossos impulsos agressivos, no mundo virtual os usuários sentem-se mais confortáveis para extravasar ou exporem as suas insatisfações, frustrações e até mesmo suas convicções negativas acerca de diversos assuntos. E assim, passamos a ter um ambiente mais violento. Sobretudo, quando a agressividade não é mobilizada para a criação, e apenas é negada e reprimida.

Dentro do ambiente escolar,

Há anos pesquisas têm indicado a alta incidência de casos de agressão em escolas, fazendo com que o Brasil fique no topo dos índices relacionados a violência escolar segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Alguns pontos podem indicar esse aumento nas pesquisas. No Brasil, temos um ambiente mais propício ao bullying; além disso, é comum situações de intimidação dentro das escolas, com recorrência praticamente semanal, sejam entre estudantes, entre educadores ou entre educadores e estudantes (G1, 2023).

Esse aumento considerável de ataques violentos a escolas iniciou-se a partir de 2019, quando ocorreram 3 ataques (Prado, 2023). Nos anos seguintes, a Pandemia de COVID-19, que impôs a todos nós um isolamento social que até então era desconhecido para as últimas gerações, pode ter contribuído para que esses ataques continuassem acontecendo em maior número.

Durante a Pandemia, estudantes foram obrigados a conviver apenas com familiares e tiveram que recorrer a tecnologias para interações sociais, tendo exposição à violência, dentro do próprio ambiente familiar³⁴; uso excessivo de tecnologia, que possibilita acesso a fóruns da internet que estimulam condutas violentas e também devido à polarização política no país, que funciona como uma espécie de combustível para ideias extremistas (G1, 2023).

De acordo com o Instituto Sou da Paz (2023), em dados levantados em abril de 2023, nos últimos 20 anos tivemos 23 ataques a escolas no Brasil que resultaram em 93 vítimas, sendo 34 fatais. O que mais chama a atenção é que 10 desses ataques ocorreram entre setembro de 2022 e abril de 2023. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que publicou o 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023), ao menos 7 ataques a escolas aconteceram em 2023, fazendo com que este seja o pior ano em relação a ataques em escolas no Brasil.

Os autores do 17º Anuário Brasileiro da Segurança Pública (2023) apontam ainda que “discursos de ódio, *bullying*, racismo, misoginia, intolerância étnica ou religiosa” são os principais motivadores de ataques a escolas na atualidade. O *bullying*, por exemplo, é apontado como um dos principais problemas enfrentados nas escolas brasileiras. Deste modo,

Esse é um problema que agrava os riscos de ataques violentos às escolas e que não está exatamente correlacionado à incidência de outras violências nos territórios do entorno das instituições escolares, mas à exposição prolongada a processos violentos em âmbito familiar (negligência e autoritarismo parental) e conteúdo disseminado em redes sociais (FBSP, 2023, p. 355).

Fica evidente que as redes sociais funcionam como espaço que catalisa os sentimentos e sensações, muitas vezes negativos, e propiciam um ambiente onde os ânimos podem estar exaltados. Ali, pessoas podem ser facilmente estimuladas a transportar aquela violência, até então no mundo virtual, para o mundo real. Muitas vezes, estudantes que se percebem como vítimas de *bullying*, desabafam sobre seus sentimentos para desconhecidos em fóruns de discussão ou em mensagens de redes sociais ou aplicativos de mensagens. Estudantes

³⁴ Segundo a ASBRAD (Associação Brasileira de Defesa da Mulher, da Infância e da Juventude), violência doméstica é todo tipo de violência que é praticada entre os membros que habitam um ambiente familiar em comum. Pode acontecer entre pessoas com laços de sangue (como pais e filhos), ou unidas de forma civil (como marido e esposa ou genro e sogra). A violência doméstica pode ser subdividida em violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. Também é considerada violência doméstica o abuso sexual de uma criança e maus tratos em relação a idosos. Toda violência doméstica é repudiável, mas os casos mais sensíveis são a violência doméstica infantil, porque as crianças são mais vulneráveis e não têm meios de defesa. Mesmo quando a violência doméstica não é dirigida diretamente à criança, esta pode ficar com traumas psicológicos. Disponível em: <https://asbrad.org.br/violencia-domestica-contra-a-mulher/significado-de-violencia-domestica/>

violentados física ou psicologicamente, propensos a cometerem suicídio, ao invés de serem acolhidos e orientados a procurarem ajuda, são estimulados a cumprirem o seu desejo de tirarem sua própria vida, e que melhor será se antes, eles puderem se vingar de seus algozes. Por isso, não é raro que autores de ataques letais em escolas tirem a sua própria vida antes mesmo de a polícia chegar. Desse modo,

A radicalização cada vez mais precoce de jovens é um fenômeno que tem trazido preocupação a especialistas. Este fenômeno de incentivo a práticas violentas pode ser facilmente observado por uma rápida busca em redes sociais. A tag "TCC" (True Crime Community) – comunidade de crimes reais, na tradução livre – é a chave para identificar interações desse tipo, seja em chats de games, como o Discord, mas também em plataformas como o Twitter (Soares, 2023).

Em abril de 2023, o programa Fantástico, da Rede Globo, exibiu uma reportagem que mostrava como o *Discord*³⁵, um aplicativo extremamente popular entre adolescentes, de tornou uma ferramenta eficiente no envolvimento de jovens no submundo da violência extrema. Em junho de 2023, uma operação policial prendeu jovens que utilizavam este aplicativo para cometerem diversos crimes, como por exemplo abusos sexuais, maus tratos a animais, misoginia, incentivo a automutilação e outros crimes tipificados pelo Código Penal Brasileiro.

Um dos jovens da quadrilha zombava de uma das vítimas orientando-a que o denunciasse para a Ciberpolícia, ou seja, é o sentimento de impunidade que reina entre os criminosos digitais por falta de regulação ou tipificação mais clara de muitos crimes cibernéticos.

Abramovay *et al* (2010, p. 42) recorre a Freire Costa (1993) para afirmar que a proliferação indiscriminada da cultura da violência, bem como a aceitação de que a violência faz parte da vida, demonstra que as leis perderam o poder normativo e os meios legais deixam de ser reconhecidos como formas legítimas de coerção na sociedade. Assim, a lei deixa de ser tratada como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Desta forma, é como se existisse um vácuo, onde indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. Relativiza-se, portanto, o conceito de crime. Cada um age segundo os seus preceitos, assim ninguém se julga fora da lei.

Ainda tentando identificar as causas desse aumento de violência contra as escolas nos últimos anos,

³⁵ Disponível em: <https://discord.com/>

Duas questões postas nessa realidade crescente de ataques às escolas são o bullying e a subcultura de ódio que incentiva à violência, criada nos ambientes digitais. Essa subcultura, aliada à mudança na sociabilização de crianças e jovens, muito mais mediada pelo mundo digital, coloca um novo desafio para família, escola e estado: como supervisionar e apoiar esse uso da internet de forma a torná-lo mais saudável e minimizar o risco de envolvimento nessa cultura violenta. Não é tarefa fácil, mas é urgente que esse tema seja tratado também por políticas públicas, assim como devem ser reguladas essas plataformas digitais onde crianças e jovens se encontram, conversam, idolatram discursos extremistas e planejam possíveis ataques (Ricardo & Tsuchida, 2023).

Para a família, que cada vez mais cedo insere as crianças no ambiente digital, este controle do que é acessado pelos filhos encontra resistência em relação à autoridade dos pais para com os filhos. Sempre há o debate em relação a uma possível invasão de privacidade, ou sobre quais são os limites deste monitoramento. Aplicativos como o Family Link³⁶, do Google, ajudam os pais a terem um pouco mais de controle sobre o que os filhos podem acessar do celular, implementando filtros, tempos limites de uso de determinados aplicativos e também definindo se a instalação de aplicativos naquele dispositivo precisam ou não de autorização dos pais.

Já na escola, sem um respaldo legal, fica muito complicado que professores ou gestores possam controlar o que os jovens possam acessar na internet por meio de seus próprios dispositivos. Embora existam soluções de tecnologia da informação que aplique filtros de acesso na rede da escola, ainda assim esses estudantes poderiam acessar informações prejudiciais por meio de seus dados móveis, sem necessariamente utilizar a rede da escola.

Por fim, o estado, até tem se movimentado para regulamentar as plataformas digitais e mídias sociais no que diz respeito à proliferação de desinformação e discurso de ódio, haja vista que já existe no Congresso Nacional movimentação para que seja discutido amplamente o Projeto de Lei nº 2.630/2020³⁷, apelidado de PL das *Fake News*. Em maio de 2023 a votação do projeto foi adiada e ainda não possui data prevista. Houve, inclusive, uma enorme pressão de *Big Techs* como as empresas *Google* e a *Meta* se posicionando contra o projeto alegando que ele tornaria a internet um local menos seguro e, inclusive, dando enorme publicidade a isso priorizando conteúdos contra o projeto em suas buscas.

Retomando a questão de como as redes sociais podem contribuir negativamente para que mais ataques às escolas possam ser cometidos, por meio do alto engajamento e ampla

³⁶ Disponível em: <https://families.google/intl/pt-BR/familylink/>

³⁷ Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2256735>

publicidade dessas ações, podemos destacar o que chamamos de “efeito contágio”, termo baseado em pesquisas, que apontam estímulo a casos semelhantes quando a mídia repercute massivamente um massacre (Martins, 2023). Isso ocorre quando ataques similares ocorrem nos dias posteriores a algum ataque que tenha tido grande visibilidade. Para se ter uma ideia, nas 48 horas seguintes ao ataque à Escola Estadual Thomázia Montoro, ocorrido em São Paulo no dia 27 de março de 2023, onde uma professora morreu com golpes de faca, a Polícia Militar do Estado de São Paulo registrou 7 boletins de ocorrência com planos de adolescentes que planejavam executar ataques semelhantes (Soares, 2023).

É sabido que muitos autores de ataques são considerados heróis por muitos extremistas na internet. São consideradas pessoas corajosas pelo que fizeram e tratadas como mártires. Isso acaba sendo um incentivo para que jovens possam se sentir estimulados a tentarem colocar em prática planos de ataques após verem ataques realizados com sucesso. Pela primeira vez, grandes veículos de comunicação no Brasil como o Grupo Globo, CNN, Band e outros, decidiram não divulgar nomes, fotos e vídeos dos autores de ataques a escolas (Ribeiro, 2023). A intenção é exatamente tentar minimizar este efeito contágio pós-ataques.

Dias depois do ataque à Escola Estadual Thomázia Montoro, houve outro ataque na Creche Cantinho Bom Pastor, em Blumenau-SC, em 05 de abril de 2023, onde quatro crianças foram mortas. Dias depois deste segundo ataque houve um terceiro pico de publicações com novas ameaças. Este pico chama a atenção porque ele foge do padrão, porque não tinha nenhuma relação direta com um caso factual (Terra, 2023), diferentemente dos dois picos anteriores que ocorreram nos dias dos dois ataques. Ainda segundo este terceiro pico,

Além de não ter ocorrido nenhum ataque naquelas datas, houve uma mudança de tom, formato e modo de circulação dos conteúdos – como o aparecimento de novos perfis, replicação de um mesmo conjunto de imagens de forma enganosa e alteração do vocabulário usado. Segundo especialistas, fatores como esses indicam a existência de estratégias coordenadas de desinformação (Terra, 2023).

As redes sociais e os aplicativos de mensagens *Whatsapp* e *Telegram* foram inundados de novas ameaças a escolas. Em muitos casos, os perfis criados anunciavam em suas postagens o dia e a hora em que o suposto ataque ocorreria. Muitos escolheram o dia 20 de abril, em referência ao massacre de Columbine, ocorrido em 1999 nos Estados Unidos, onde 15 pessoas foram mortas a tiros.

Ao visualizarem as postagens e os perfis, as pessoas começaram a compartilhar massivamente este conteúdo. Houve um grande movimento de pais em todo o Brasil solicitando que as escolas suspendessem as aulas. Por mais que as autoridades de segurança

pública explicassem que tudo estava sob controle, que todos estavam vigilantes e atentos às ameaças, por mais que escolas tenham implementado medidas de segurança em suas rotinas administrativas e pedagógicas, nada trazia calma aos corações dos pais aflitos.

Em Campos Belos, cidade localizada na região norte de Goiás, foram divulgados perfis no Instagram com nomes “Massacre no IF” e “Massacre_CEPI_Goiás”, páginas estas que vieram a ser excluídas pela própria rede social.

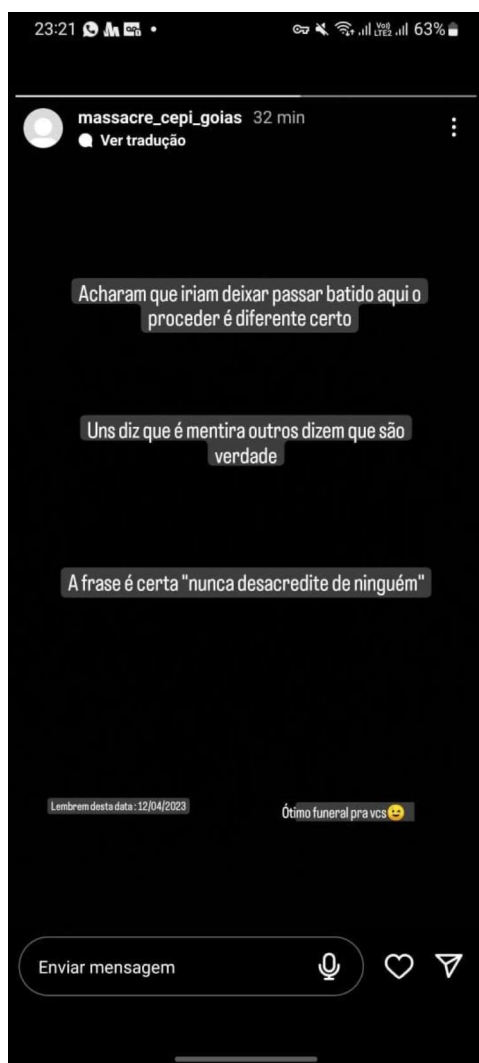


Figura 16 – Reprodução Instagram.

Fonte: Blog do Dinomar Miranda³⁸.

Mesmo com nomes genéricos, pois no Brasil existem centenas de *campi* de Institutos Federais e unidades de Centros de Ensino em Período Integral, os perfis alcançaram o seu objetivo: gerar pânico. Mesmo que as autoridades dissessem que os perfis não foram criados

³⁸ <https://dinomarmiranda.com.br/ameaca-de-massacres-no-dia-20-de-abril-preocupa-escolas-em-todo-brasil>

na cidade, o caos e o medo se instalaram. Fotos de pessoas segurando armas foram compartilhadas pelo Whatsapp e podem ter feito os estudantes entrarem em pânico. Todo e qualquer barulho já os fazia imaginar que se tratava de tiros (Miranda, 2023). Foi preciso marcar reuniões extraordinárias com pais, convidar autoridades de segurança pública para ministrar palestras e argumentar que quem quer fazer o mal não marca dia, hora e local. Foi preciso detalhar todas as políticas de segurança implantadas na escola para que apenas alguns se sentissem confiantes em enviar seus filhos para a escola.

Esta situação foi mais uma prova de como as redes sociais são capazes de disseminar desinformação e manipular as massas. O medo e o terror, foram os meios utilizados para se alcançar o maior número de pessoas possível. Como as redes sociais parecem trabalhar com uma energia de engajamento em uma única direção, no caso, uma força destrutiva, o medo pode ser um dos principais ingredientes que garantem o grande sucesso das redes sociais.

E esses resultados são alcançados porque grande parte dos usuários abrem mão da condição de pensar criticamente acerca daquilo que eles encontram nas redes sociais. É o simples ato de receber algo, consumi-lo e repassá-lo para a frente. É como se o mal de tornasse algo tão banal que este tipo de situação, tão corriqueiro, já não nos causasse nenhuma comoção. Quanto a isso,

A “banalidade do mal” está no fato de que pessoas comuns, fazendo atividades comuns, vivendo suas vidas comuns, podem estar impulsionando o movimento das engrenagens do horror na sociedade, ainda que estas não tenham conhecimento disso (Guimarães, 2019, p. 71).

Segundo Bauman (2011, p. 130), “o mundo seria seguro, tranquilo, confortável e amistoso se apenas os monstros perpetrassem atos monstruosos”, afinal, contra estes possíveis monstros estaríamos relativamente preparados para nos defendermos.

Passa então a ser possível estabelecer uma conexão entre o conceito de banalidade do mal, de Hannah Arendt, e a violência escolar no Brasil. Embora o conceito de banalidade do mal tenha sido inicialmente desenvolvido por Arendt em relação ao totalitarismo e ao Holocausto, ele pode ser aplicado a outras formas de violência e opressão e também pode ser utilizado como uma lente analítica para entender a violência em diferentes contextos, incluindo a violência escolar no Brasil. Ao aplicar esse conceito, podemos ampliar nossa compreensão da dinâmica da violência, identificar suas raízes e buscar caminhos para preveni-la e combatê-la de maneira mais eficaz.

Neste sentido,

A diferença fundamental entre as ditaduras modernas e as tiranias do passado está no uso do terror não como meio de extermínio e amedrontamento dos oponentes, mas

como instrumento corriqueiro para governar as massas perfeitamente obedientes (Arendt, 2012, p. 25).

Então, para que o mal se estabeleça como prática aceitável basta que as pessoas sejam supérfluas e simplesmente não pensem criticamente em relação ao que lhes é apresentado. Assim,

A maldade para se manter e permanecer só precisa dos cidadãos comuns fazendo ações comuns, ou seja, só precisa que haja uma banalização e uma cotidianização do mal para que a maldade seja praticada e aceita em uma determinada sociedade (Guimarães, 2019, p. 66).

A análise de Arendt nos alerta sobre os perigos da conformidade e da falta de questionamento crítico. Ela nos chama a abraçar a nossa humanidade e a cultivar a capacidade de agir eticamente em face das adversidades. Somente ao reconhecer e compreender a banalidade do mal podemos buscar meios de evitar sua repetição e construir uma sociedade mais justa e humanitária.

Diniz (1995, p. 59) afirma que de acordo com Hanna Arendt, “o primeiro traço da dominação totalitária é a destruição das redes de comunicação que prendem um homem a um tecido sócio-político, a fim de promover a mobilização das massas despolitizadas”. Esta estrutura totalitária

Permite a filtragem da realidade, criando um abismo entre ficção ideológica central e o mundo periférico, o que possibilita sempre poder desmentir o que transpira daí. Por isso, compreende-se porque a mentalidade totalitária é uma mistura de credulidade e cinismo, credulidade da massa e cinismo dos iniciados, indiferentes aos fatos e resguardados por uma lealdade suicida em relação ao chefe (Diniz, 1995, p. 60)

Para Diniz (1995, p. 113), a análise da banalidade do mal se articula em torno de três polos essenciais: a necessidade, a irrealidade e a ausência de pensamento. A necessidade diz respeito ao fato de estar envolvido em algum sistema, alguma instituição ou até mesmo a um grupo, onde seja possível “aderir com sua função ou seu posto, ao ponto de perder-se toda a identidade pessoal e toda a possibilidade de se reivindicar a responsabilidade de seus atos”. Podemos relacionar este polo essencial à conduta dos usuários de redes sociais que alegam que não são os responsáveis pela desinformação pois não são eles os criadores de determinados conteúdos, eles apenas curtem, comentam ou compartilham aquilo, seja ele uma mentira ou um discurso de ódio.

No que tange à irrealidade, temos o superficialismo do indivíduo. Segundo Diniz (1995, p. 112), tomando como parâmetro Arendt (2000, p. 6), “os clichês, as frases prontas, os

códigos de expressão padronizados e convencionais servem para proteger os indivíduos da realidade, que acabam por viver e agir em um mundo totalmente irreal”.

Traçando-se um paralelo às condutas de muitos usuários nas redes sociais podemos citar as postagens repetitivas, os temas complexos abordados de forma simplista e superficial, bem como a tentativa de sempre se justificar diante dos fatos. Neste contexto, “a realidade deve se adaptar conforme esta necessidade, pois os fatos dependem inteiramente do poder daqueles que os podem fabricar” (Diniz, 1995, p. 113).

Diante disso,

O abandono à necessidade e o afastamento da realidade se reforçam então, um ao outro, e preparam o caminho para o mal tão banal e tão abominável que cometem os indivíduos mais comuns. A ausência de pensamento desses indivíduos vem ainda facilitar sua sujeição, que os torna incapazes da menor resistência ao mundo em que a ideologia designa (Diniz, 1995, p. 113).

Vivemos tanto tempo conectado, expostos a tanto conteúdo, tanta informação, que em determinados momentos somos conduzidos por uma espécie de piloto automático de nossas vidas, onde somos capazes apenas de curtir, comentar ou simplesmente repostar algo recebido. É uma espécie de ausência de pensamento. E este estado de ausência de pensamento é tão comum em nossa vida cotidiana que não temos nem tempo e muito menos desejo para parar e pensar a respeito do que estamos fazemos (Arendt, 2000, p. 6).

Como já dito antes, a violência escolar no Brasil é um fenômeno preocupante e complexo, que envolve uma série de fatores e manifestações, como *bullying*, agressões físicas e psicológicas, discriminação e exclusão social. Ao analisar esse contexto à luz do conceito de banalidade do mal, podemos identificar algumas conexões relevantes, como por exemplo a normalização de violências, o conformismo, a terceirização da responsabilidade de atos praticados, a ausência de reflexão crítica e, por fim, a necessidade de resistência e transformação.

A violência é normalizada quando indivíduos comuns têm a capacidade de se envolverem em atos de violência sem questionar sua moralidade. No contexto escolar, a violência pode ser normalizada, tornando-se parte da cultura e do cotidiano dos estudantes. A banalização da violência contribui para a sua perpetuação e dificulta a sua identificação como algo moralmente condenável. Assim, “a incapacidade de pensar oferece um ambiente privilegiado para o fracasso moral” (Andrade, 2010, p. 120).

O mal também é perpetuado quando existe uma obediência servil e um conformismo em relação ao que é estabelecido em certos grupos. No contexto escolar, isso pode se

manifestar na reprodução de comportamentos violentos por parte dos estudantes, que se conformam às normas estabelecidas pelo grupo, mesmo que essas normas envolvam agressões físicas ou verbais,

Logo, não questionar é, por si só, um convite para que a iniquidade, a atrocidade, a barbaridade, a crueldade, a improbidade, a maldade e a malignidade se estabeleçam estruturalmente em uma sociedade (Guimarães, 2019, p. 67).

A banalidade do mal também enfatiza a tendência de diluir a responsabilidade e a culpa individual em sistemas totalitários. No contexto escolar, os agressores podem tentar se eximir de responsabilidade, atribuindo suas ações a pressões sociais, falta de alternativas ou aceitação do grupo. Essa diluição da culpa contribui para a perpetuação da violência e dificulta a identificação dos indivíduos responsáveis.

A violência escolar muitas vezes ocorre em um contexto de falta de reflexão crítica sobre as próprias ações. A banalidade do mal nos lembra da importância de questionar as normas e as estruturas estabelecidas. No contexto escolar, é essencial estimular o pensamento crítico, a empatia e o diálogo como formas de prevenir e combater a violência. Atualmente,

Ao que tudo indica, a vida moderna favorece a proliferação do mal, pois não se há tempo de conhecer, não há disposição para questionar, não há intento de verificar, não há vontade para debater, não há interesse de ver além, não há curiosidade para enxergar o total, ou seja, há uma inquestionável superficialidade que rege a vida comum moderna (Guimarães, 2019, p. 71).

Por fim, é preciso que haja uma resistência e uma busca por transformação para que esta realidade de violência escolar e violência nos meios digitais seja combatida. A violência escolar pode ser encarada como uma forma de opressão, e a banalidade do mal nos chama à resistência e à transformação das estruturas opressivas. É fundamental promover uma cultura de paz e inclusão nas escolas, fortalecendo a educação em direitos humanos, o diálogo intercultural e a mediação de conflitos.

Diante da banalidade do mal, concretizada em inúmeros casos de injustiças, violências e intolerâncias desses tempos sombrios, acredito que os/as educadores/as se encontrem diante de um grande desafio educar para e no pensamento e, consequentemente, para e em valores. Educar na perspectiva do pensamento e ressignificar o mundo que habitamos é uma urgência (Andrade, 2010, p. 123).

Os desafios estão postos sobre a mesa e não é obrigação apenas dos educadores superá-los. É preciso que haja um esforço coletivo a partir do entendimento de que precisamos viver menos tempo conectados em um mundo que é diferente do que estamos habituados a estar. Quando um indivíduo jovem é inserido num contexto de isolamento, sem convívio real com os outros, num ambiente desumanizado, ele pode desenvolver (com ajuda do ambiente invasivo) uma personalidade adaptativa, um “falso *self*”. Winnicott (1983) utiliza

este conceito de falso *self* para descrever a forma como algumas pessoas, em resposta a ambientes desfavoráveis ou inadequados durante a infância, desenvolvem uma persona superficial e adaptada que não reflete sua verdadeira essência. O falso *self* é uma construção defensiva que é criada como uma maneira de se proteger das demandas e expectativas do ambiente, muitas vezes às custas da autenticidade e espontaneidade (desejos) da pessoa.

Por estar muito tempo conectado, seja por meio de um *smartphone* ou um computador, em aplicativos de mensagens ou em redes sociais, este indivíduo acredita ser normal um mundo onde os outros são atacados o tempo todo, ou seja, é como se isso fosse normal, uma vez que ele lida com outros indivíduos como se lidasse com objetos, afinal, “quando estamos desligados da realidade e imersos nas redes sociais, nós perdemos o nexo de pertencimento” (Fundação Cecierg, 2023).

Parece importante refletir sobre as relações no ambiente das redes sociais, pois uma curtida pode não significar automaticamente uma aprovação ou demonstração de afeto e que os seguidores não são necessariamente amigos.

Esta análise do aumento da violência escolar potencializado pela vitrine das redes sociais oferece uma compreensão profunda dos desafios contemporâneos enfrentados pelas instituições educacionais. Ao examinar como as dinâmicas das redes sociais podem amplificar a disseminação de discursos de ódio, *bullying* e outras formas de violência entre os estudantes, fica clara a urgência de abordar questões relacionadas à educação midiática dentro do contexto escolar.

A educação midiática emerge como uma possível resposta crucial a esses desafios, oferecendo ferramentas e estratégias para capacitar os estudantes a navegar de forma crítica e ética no ambiente digital, compreender as diferentes formas de mídia e suas influências, e discernir entre informações confiáveis e conteúdo nocivo. Diante da crescente importância das mídias sociais na vida dos jovens e na formação da opinião pública, a educação midiática se posiciona como uma importante ferramenta da escola contemporânea, preparando os estudantes não apenas para o sucesso educacional e profissional, mas também para uma participação cidadã responsável e informada na sociedade digital.

2.3 Educação midiática: a nova mais importante função da escola?

Neste tópico, nosso objetivo é entender o papel da educação midiática enquanto ferramenta crucial para o desenvolvimento da capacidade de discernimento crítico dos usuários das redes sociais, especialmente se considerarmos os desafios contemporâneos relacionados à alfabetização digital.

A Professora Adriana Carvalho Silva, durante a Jornada Acadêmica 2023/1 das Disciplinas Pedagógicas da Universidade Federal do Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), no Consórcio Cederj³⁹, ao apresentar dados relacionados à violência escolar no Brasil, levanta o seguinte questionamento: “A alfabetização midiática é a mais nova importante função da escola”?⁴⁰ (Fundação Cecierj, 2023).

No que diz respeito à educação midiática, é importante destacar que ela

[...] possui diversas denominações, de acordo com cada grupo de estudo ou país. Além do termo Educação Midiática, existem: alfabetização midiática (UNESCO), letramento midiático (Media Literacy), mídia-educação (Europa), entre outros (Francesco & Leone, 2020, p. 4).

Segundo Buckingham (2010, p. 52), o objetivo da educação midiática “não é inicialmente o de desenvolver habilidades técnicas, nem promover a autoexpressão, mas estimular uma compreensão mais sistemática de como funciona a mídia e daí promover formas mais reflexivas de usá-la”.

De volta ao questionamento da Professora Adriana Carvalho Silva, sua pertinência consiste no fato de que para quase todos os desafios que a sociedade enfrenta é quase sempre a educação que é colocada como a responsável pela busca da solução. Neste contexto,

Obviamente que a educação midiática não deve ser alçada como solução, pois para funcionar deve estar sustentada por um programa educacional abrangente, visto que nações que historicamente investem em educação sofrem menos com o impacto da desinformação (Spinelli & Santos, 2019, p. 48).

³⁹ O Consórcio Cederj foi criado em 2000, com a finalidade de democratizar o acesso ao ensino superior público, gratuito e de qualidade na modalidade Educação a Distância (EaD). Reúne, por meio de acordo de cooperação técnica, o Governo do Estado do Rio de Janeiro, por intermédio da Secretaria de Ciência Tecnologia e Inovação do Estado do Rio de Janeiro (SECTI) e da Fundação Cecierj, e as Instituições de Ensino Superior (IES) Públicas sediadas no Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.cecierj.edu.br/consorcio-cederj/>

⁴⁰ O trecho em questão encontra-se disponível a partir do minuto 54. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MEC9GfNejg0>

Por outro lado, nações que não têm investido na preparação de seus cidadãos para lidarem com essas ferramentas tecnológicas têm enfrentado, inclusive, crises em suas democracias.

A sociedade contemporânea enfrenta desafios complexos no que diz respeito à informação e à comunicação, especialmente no contexto da proliferação das pós-verdades e da desinformação. A rápida disseminação de informações falsas e enganosas por meio das mídias sociais e outras plataformas on-line trouxe à tona a necessidade iminente de uma abordagem educacional eficaz para lidar com esses desafios.

Existe, portanto, nas plataformas digitais de comunicação, uma espécie de fragmentação da realidade. As bolhas informativas nas redes sociais criam realidades paralelas em que indivíduos têm acesso a informações que confirmam suas crenças pré-existentes, reforçando assim suas visões distorcidas da realidade. Assim, é possível crer que

A humanidade sempre viveu em uma pós-verdade e o poder de dominação do homo sapiens frente às outras espécies está intimamente relacionado à habilidade de criar ficções e acreditar nelas. Na terra da era digital com informações e escolhas infinitas, as pessoas criam seu ambiente de mídia pessoal em busca de conteúdos – textos, áudios, vídeos – que confirmem se o que sentem e defendem é verdadeiro (Spinelli & Santos, 2019, p. 47).

As plataformas digitais permitem que informações não verificadas alcancem um público vasto e diversificado em questão de segundos. Isso dificulta a distinção entre informações verdadeiras e falsas, prejudicando a capacidade crítica do público. Em um cenário como este, há a abertura para a “difusão da deturpação das notícias, que está gerando caos e estorpecimento entre a sociedade, além de abalar a credibilidade do Jornalismo” (Francesco & Leone, 2020, p. 1).

Diante deste cenário, há um declínio da confiança das pessoas nas fontes tradicionais de informação. A desconfiança em relação a instituições tradicionais de mídia e especialistas contribui para um ambiente onde as informações são frequentemente questionadas e a busca por fontes confiáveis se torna mais complexa. A situação se agrava ainda mais quando as pessoas passam a ter a sensação de que as redes sociais e os aplicativos de mensagens são uma fonte de acesso a informações seguras.

Para tanto, uma das alternativas para tentar reverter este cenário seria a adoção da oferta de educação midiática no sistema educacional. Para tanto, é preciso que estratégias sejam traçadas com o objetivo de lidar com esses desafios apresentados. Por isso,

Diante do desafio em desenvolver competências que permitam às crianças uma atitude crítica e exigente com a mídia, é fundamental que diversos atores – governo, representantes da sociedade, escolas, veículos de mídia, universidades – se unam

para estabelecer políticas públicas que reconheçam na educação midiática suas vertentes interdisciplinares (Spinelli & Santos, 2019, p. 49).

No entanto este objetivo de desenvolver competências informacionais não é uma função exclusiva da escola, mas de vários segmentos da sociedade. Portanto, a criação dessas competências pretende preparar as pessoas no que diz respeito ao desenvolvimento de habilidades de avaliação crítica em relação a informações obtidas nos meios digitais. A pesquisa TIC Domicílios 2022 indicou que 51% dos entrevistados verificaram se alguma informação que encontraram na internet era, de fato, verdadeira. Por outro lado, este número cai para 37% entre aqueles que acessam a internet, exclusivamente, pelo celular e sobe para 74%, entre usuários que acessam tanto pelo computador quanto pelo celular. É um dado bastante preocupante, uma vez que no Brasil, o dispositivo mais utilizado para se acessar a internet é exatamente o celular. Além disso, a busca por informações é o principal motivo para se acessar a internet, segundo usuários no mundo todo (Kemp, 2024). Eis a importância da educação midiática na atualidade.

Em programas já estabelecidos, a educação midiática está amparada em três protocolos básicos: o moral, o cultural e o mediático (Soares, 2014, p. 17). O Protocolo Moral, que remonta aos anos 1930, com a ascensão do cinema, e posteriormente à difusão da televisão, já nos anos 1950, e encabeçado por religiosos, carrega consigo a percepção de que “a liberdade de expressão não pode, sob qualquer hipótese, suprimir o direito da infância e da juventude em contar com uma produção midiática de qualidade, elaborada a partir do conceito de responsabilidade social”.

O Protocolo Cultural, por sua vez, “parte do princípio de que a comunicação e os meios de informação fazem parte da cultura contemporânea, pelo que merecem ser conhecidos e estudados”.

Por fim, o Protocolo Mediático “parte da luta do Movimento Social pela universalização do direito à comunicação, trabalhando para garantir a todos os sujeitos sociais, pela educação, o ‘acesso à palavra’, tradicionalmente negado aos mais pobres e excluídos”.

O estudo sobre competência informacional foi iniciado nos Estados Unidos na década de 1970 e foi denominado “*Information Literacy*”. Ele ganhou diversas traduções no Brasil, tais como: alfabetização informacional, letramento, literacia, fluência informacional, competência em informação (Angelo, 2016, p. 75).

A competência informacional é a prática de fazer com que o indivíduo aprenda a “buscar, avaliar, usar e criar a informação de forma efetiva para atingir suas metas pessoais, sociais, ocupacionais e educacionais” (Angelo, 2016, p. 76).

Angelo (2016) cita Dudziak⁴¹ (2003) a fim de reforçar o que vem a ser competência informacional nos dias de hoje, afirma que

Para ser competente em informação, uma pessoa deve ser capaz de reconhecer quando uma informação é necessária e deve ter a habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a informação. Resumindo, as pessoas competentes em informação são aquelas que aprenderam a aprender. Elas sabem como aprender, pois sabem como o conhecimento é organizado, como encontrar a informação e como usá-la de modo que outras pessoas aprendam a partir dela (Dudziak, 2003, p.26, *apud* Angelo, 2016, p. 76).

Este ato de aprender a aprender é complexo. Esta competência informacional vem com o tempo, não é imediata. Além disso, o mundo digital vive em constante transformação e adaptação, o que exige dos indivíduos uma constante busca pelo aprendizado para que possam, por exemplo, saber diferenciar um fato de um ponto de vista ou opinião, ou uma informação inexata de uma capciosa, uma vez que técnicas de manipulação da mídia são utilizadas de forma rotineira para reforçar determinados discursos, tendências e posicionamentos. Para Spinelli e Santos (2019, p. 58), a formação de “estudantes críticos e aptos a lidar com a mídia” passa pela oferta de educação midiática em todos os níveis educacionais, uma vez que “crianças e jovens se mostram mais frágeis para enfrentar este contexto informativo tóxico”. Por isso,

Em relação à Internet, por exemplo, as crianças precisam saber como localizar e selecionar o material – como usar os navegadores, hyperlinks, os mecanismos de procura etc. Mas parar por aí é confinar o letramento digital a uma forma de letramento instrumental ou funcional: as habilidades que as crianças precisam em relação à mídia digital não são só para a recuperação de informação. Como com a imprensa, elas também precisam ser capazes de avaliar e usar a informação de forma crítica se quiserem transformá-la em conhecimento. Isso significa fazer perguntas sobre as fontes dessa informação, os interesses de seus produtores e as formas como ela representa o mundo, compreendendo como estes desenvolvimentos tecnológicos estão relacionados a forças sociais, políticas e econômicas mais amplas (Buckingham, 2010, p. 49).

A inclusão da educação midiática como componente essencial do currículo escolar pode ser, então, uma estratégia eficaz para minimizar os efeitos da desinformação. Mas ela não pode ser feita de qualquer forma, pois

A preocupação com a garantia de que as habilidades sejam trabalhadas de forma interdisciplinar é válida, de forma que o campo não fique restrito aos gêneros textuais. Trabalhar os saberes da educação midiática é desafiador, e a construção do

⁴¹ DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. Ciência da Informação, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003.

currículo tem na formação do professor um pilar fundamental para que possa acontecer de verdade (Spinelli & Santos, 2019, p. 59).

Portanto, embora a oferta de educação midiática na educação formal seja caracterizada como uma necessidade urgente, é preciso que os currículos dos cursos de formação de professores passem a incluir a educação midiática em suas matrizes curriculares, uma vez que os professores precisam estar preparados para construir juntamente com seus estudantes este novo tipo de conhecimento e habilidade. Sabemos que esse tipo de alteração é moroso, por isso é preciso pensar em capacitações específicas, por meios de cursos de formação inicial e continuada, por exemplo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em seu conteúdo para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, incluem orientações para que a educação midiática seja adotada dentro das escolas brasileiras. O documento normativo é direto ao propor trabalhos no campo Jornalístico-midiático na disciplina de Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental e também dar ênfase ao uso das redes sociais no Ensino Médio.

Todo esse quadro impõe à escola desafios ao cumprimento do seu papel em relação à formação das novas gerações. É importante que a instituição escolar preserve seu compromisso de estimular a reflexão e a análise aprofundada e contribua para o desenvolvimento, no estudante, de uma atitude crítica em relação ao conteúdo e à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais. Contudo, também é imprescindível que a escola compreenda e incorpore mais as novas linguagens e seus modos de funcionamento, desvendando possibilidades de comunicação (e também de manipulação), e que eduque para usos mais democráticos das tecnologias e para uma participação mais consciente na cultura digital. Ao aproveitar o potencial de comunicação do universo digital, a escola pode instituir novos modos de promover a aprendizagem, a interação e o compartilhamento de significados entre professores e estudantes (Brasil, 2017, p.61).

Entre estas habilidades estabelecidas pela BNCC, os estudantes de Ensino Fundamental devem ser capazes de “compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos” (Brasil, 2017, p. 65).

Desta forma, de acordo com a BNCC, para o Ensino Fundamental, o foco da educação midiática está na análise, produção e crítica de produtos jornalísticos e publicitários, enquanto no Ensino Médio, ainda que esses conteúdos permaneçam e ganhem complexidade de análise, a ênfase está nas redes sociais. Tanto para o Ensino Fundamental quanto para o Ensino Médio, as atividades inerentes à educação midiática estão concentradas na disciplina de Língua Portuguesa, como um tema transversal e também como eletivo nas escolas. Uma

disciplina eletiva, não é de oferta obrigatória, e depende, portanto, do interesse das escolas ofertá-la e do interesse de seus estudantes cursá-la.

Dentro desta disciplina, a BNCC estabelece que,

Do ponto de vista das práticas contemporâneas de linguagem, ganham mais destaque, no Ensino Médio, a cultura digital, as culturas juvenis, os novos letramentos e os multiletramentos, os processos colaborativos, as interações e atividades que têm lugar nas mídias e redes sociais, os processos de circulação de informações e a hibridização dos papéis nesse contexto (de leitor/autor e produtor/consumidor), já explorada no Ensino Fundamental. Fenômenos como a pós-verdade e o efeito bolha, em função do impacto que produzem na fidedignidade do conteúdo disponibilizado nas redes, nas interações sociais e no trato com a diversidade, também são ressaltados (Brasil, 2017, p. 498).

Além disso, a BNCC criou o campo jornalístico-midiático. Este campo tem por objetivos na disciplina de Língua Portuguesa do 6º ao 9º ano,

Ampliar e qualificar a participação das crianças, adolescentes e jovens nas práticas relativas ao trato com a informação e opinião, que estão no centro da esfera jornalística/midiática. Para além de construir conhecimentos e desenvolver habilidades envolvidas na escuta, leitura e produção de textos que circulam no campo, o que se pretende é propiciar experiências que permitam desenvolver nos adolescentes e jovens a sensibilidade para que se interessem pelos fatos que acontecem na sua comunidade, na sua cidade e no mundo e afetam as vidas das pessoas, incorporem em suas vidas a prática de escuta, leitura e produção de textos pertencentes a gêneros da esfera jornalística em diferentes fontes, veículos e mídias, e desenvolvam autonomia e pensamento crítico para se situar em relação a interesses e posicionamentos diversos e possam produzir textos noticiosos e opinativos e participar de discussões e debates de forma ética e respeitosa (Brasil, 2017, p. 140).

Importante destacar que muitos estados do Brasil já têm implementado a educação midiática no currículo escolar. Cada um à sua maneira. O estado de São Paulo, por exemplo, fez uma revisão do seu currículo e incluiu dentro de uma disciplina chamada “Tecnologia e Inovação” o conceito completo de educação midiática. Outros estados estão implantando o tema de forma transversal como Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Goiás e Ceará (Caldas, 2023).

Em uma sociedade tão fluida e dinâmica, a educação midiática envolve a compreensão e o uso competente das tecnologias digitais. Isso abrange desde habilidades básicas, como navegação na internet e uso de dispositivos, até competências mais avançadas, como a criação de conteúdo digital e a proteção da privacidade on-line. Com a crescente dependência da tecnologia em quase todos os aspectos da vida, essas habilidades são essenciais. Por assim dizer,

Essas ideias nos levam a refletir sobre a complexidade da tarefa de formar cidadãos para viver nessas sociedades, pois embora tenha sido recorrente associar o termo formação ao desenvolvimento profissional das pessoas, essa formação precisa ser ampliada para abordar diferentes aspectos: a formação para a autonomia, para a

libertação humana, para a emancipação, para a construção de uma sociedade menos centrada no indivíduo e mais na coletividade (Vieira e Vieira, 2013, p. 126)

Torna-se um desafio, portanto, “educar gerações que tem acesso a um grande volume de informações, pois a mídia proporciona o acesso a elas, mas também pode dificultar o acesso ao conhecimento, quer pela quantidade de mensagens disponíveis, quer pela ideologia nelas presentes” (Vieira e Vieira, 2013, p. 128). Por isso, é preciso que a educação midiática permita que os indivíduos possam transformar informações em conhecimento.

Por outro lado, para Vieira e Vieira (2013, p. 129), o principal desafio para a educação nos dias de hoje “é a dimensão ético-política da formação das novas gerações [...], já que na sociedade atual não é mais suficiente preparar crianças e jovens para o mundo do trabalho, que é fluido e propenso a mudanças profundas devido ao desenvolvimento científico”.

De acordo com a UNESCO (2023), existem variações entre os países sobre a importância da tecnologia e como ela é ensinada nas instituições de ensino. Ela poder ser, por exemplo, “ensinada de forma separada ou integrada às disciplinas”. Ainda assim, ela também “pode ser obrigatória ou eletiva, e ser ensinada em vários anos”.

Embora esta não seja a realidade, mas se considerarmos, hipoteticamente, que a educação midiática fosse uma realidade no mundo hoje, e que no Brasil ela já estivesse sendo implantada de forma organizada e sistematizada, poderíamos subentender que a atual geração que está sendo formada estaria preparada para lidar com a desinformação nos meios digitais? Estaríamos, então, em uma fase de transição, onde a barbárie dos meios digitais estaria com os dias contados porque teríamos pessoas capazes de separar o joio do trigo, ou seja, “indivíduos dotados de níveis similares de competência tecnológica e pressupostos intelectuais básicos” (Crary, 2014, p. 74)?

Contrariamente a esta hipótese,

A desinformação deve ganhar ainda mais força nos próximos anos, considerando o avanço da tecnologia, a polarização extrema entre grupos que pensam diferente e utilizam redes sociais para disseminar ódio com mensagens enganosas, e a falta de políticas públicas para a questão (Spinelli & Santos, 2019, p. 58).

De fato, esta afirmação de Spinelli e Santos (2019) encontra respaldo na realidade. Tivemos eleições no Brasil em 2022 extremamente polarizadas e violenta. As políticas públicas ainda têm sido ineficientes neste sentido e novas tecnologias estão sendo popularizadas, como por exemplo, as muitas ferramentas tecnológicas com inteligência artificial. É como se esta fase de transição nunca acabasse. É como se vivêssemos em um

“estado de transição contínuo” por conta das “exigências tecnológicas em transformação constante” (Crary, 2014, p. 74).

Embora o termo inteligência artificial (IA) não seja uma novidade para nós, em 2022 houve um avanço significativo em relação ao uso desta tecnologia, com o lançamento, no mês de novembro, da ferramenta ChatGPT, desenvolvida pela empresa OpenAI.

Para se ter uma ideia, a Inteligência artificial, em sua forma mais primitiva, foi amplamente usada nas redes sociais e teve como função reunir e “curar o conteúdo gerado pelos usuários”, ou seja, o conteúdo que recebemos em nossos *feeds* de notícias nos é disponibilizado porque foi selecionado pelo seu potencial de viralidade, de gerar mais reações e engajamento (Harari *et al*, 2023).

Ainda assim,

[...] a inteligência artificial por trás das redes sociais foi suficiente para criar uma cortina de ilusões que elevou a polarização social, minou nossa saúde mental e desgastou a democracia. Milhões de pessoas confundiram essas ilusões com a realidade (Harari *et al*, 2023).

Voltando ao ChatGPT, trata-se de uma ferramenta de inteligência artificial generativa, ou seja, ela utiliza uma base de dados gigantesca e a partir destes dados, sejam eles textos ou imagens, consegue interagir com comandos dados a ela, os chamados *prompts*. As respostas, neste caso, são em forma de textos e podem estar certas ou erradas. Assim,

Com a absorção de muitos dados, a IA é capaz gerar novas informações de maneira original e até única para cada interação. Além disso, a sua construção técnica permite ir além do aprendizado convencional, o que possibilita uma evolução constante, por conta própria, sem necessidade de programação humana (Lisboa, 2023).

Em um teste, perguntamos ao ChatGPT o que é o PPGEA/UFRRJ (Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro). Uma pergunta direta, sem maiores complementações. Na figura abaixo temos o resultado apresentado:

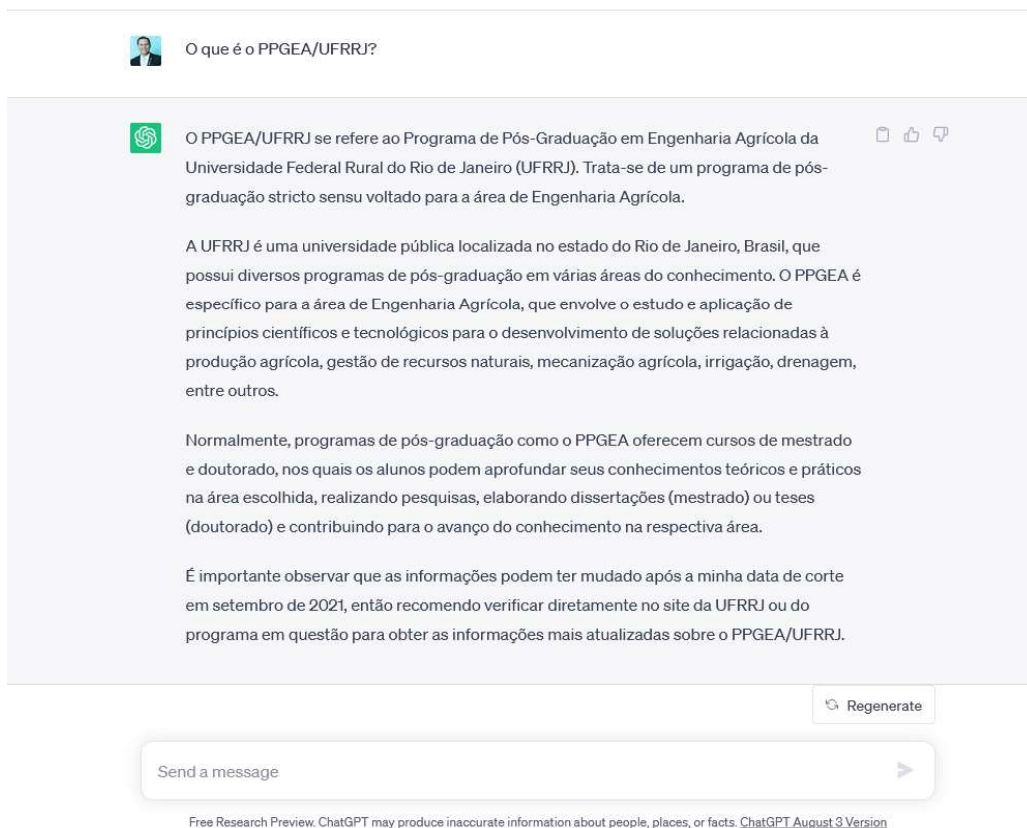


Figura 17 – Consulta feita ao ChatGPT.

Fonte: Dados da pesquisa.

Constatamos que a ferramenta domina a linguagem humana. Reconhece puramente uma sigla e a partir de informações de seu banco de dados e formula prontamente uma resposta que atende ao comando fornecido. Para Bucci (2023), este “domínio da inteligência artificial sobre a linguagem é uma ameaça à civilização”.

As preocupações ainda são muitas. No mesmo ano de 2023, uma série de especialistas ao redor do mundo propuseram uma suspensão de seis meses dos estudos de inteligência artificial generativa alegando riscos à humanidade e pedindo que órgãos responsáveis criem regulações do uso de inteligência artificial. Para Harari *et al* (2023), este “novo domínio da linguagem por parte da inteligência artificial significa que ela é capaz agora de invadir e manipular o sistema operacional da civilização”, trazendo enormes riscos à humanidade.

Em uma comparação com o desempenho de humanos contra computadores em partidas de xadrez, onde as chances de um ser humano se sair vitorioso em um desafio contra uma máquina treinada para aquela atividade específica, Harari *et al* (2023) questiona sobre o que acontecerá “quando o mesmo suceder na arte, na política ou na religião”.

Ainda neste contexto, Harari *et al* (2023) afirma que com o domínio da linguagem humana, a inteligência artificial tem tudo o que precisa para “nos envolver em um mundo de ilusões à la Matrix”, de forma muito mais eficiente do que as redes sociais conseguiram até hoje apenas rastreando como interagimos na rede e com o que criamos ou compartilhamos. Essa inserção num mundo de ilusões ocorreria sem que fosse necessário “atirar em ninguém nem implantar nenhum chip em nossos cérebros”, mas “se tiros forem necessários, a IA fará humanos puxarem o gatilho simplesmente contando-nos a história certa”.

Bucci (2023) afirma que a possibilidade de domarmos a inteligência artificial é exígua, pois

Ela conseguiu o feito de retirar a linguagem humana do domínio dos falantes de carne e osso. Ela, a linguagem, que só podia existir através de nós, agora poderá viver além de nós. Não subestimemos o tamanho deste pequeno passo que será um grande salto para a tecnologia. O linguista Ferdinand de Saussure ensinou que aquele que inventa uma língua e a coloca em circulação perde o controle sobre ela. Em breve, poderemos perder o controle sobre as máquinas que aprenderam a falar a linguagem que era só nossa (Bucci, 2023).

Por outro lado, há quem defenda que precisamos olhar para o lado positivo do uso da inteligência artificial e saber explorar os seus benefícios eliminando os “riscos de seu uso indiscriminado, por meio de regulamentação relacionada à ética, responsabilidade e segurança” (UNESCO, 2023, p. 13).

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) elenca formas para aprimorarmos nossos processos educativos por meio da inteligência artificial, onde

Primeiro, sistemas inteligentes de instrução monitoram o progresso, as dificuldades e os erros dos estudantes, acompanhando conteúdos temáticos estruturados para oferecer feedback e ajustar o nível de dificuldade, de maneira a criar uma trajetória otimizada de estudo. Segundo, a inteligência artificial pode fornecer apoio a trabalhos escritos, incluindo na identificação de plágio e de outras formas de burlar as regras. Terceiro, a inteligência artificial tem sido aplicada a experiências e jogos de aprendizagem imersiva (UNESCO, 2023, p. 13).

Ainda é prematuro afirmar que seja um atrativo aprender sozinho com *chatbots*. Por isso,

É preciso que haja mais evidências para entender se as ferramentas de inteligência artificial são capazes de mudar a forma pela qual os estudantes aprendem, para além do nível artificial de correção de erros. Ao simplificar o processo de obter respostas, essas ferramentas poderiam exercer um impacto negativo na motivação do estudante de conduzir pesquisas independentes e achar soluções (UNESCO, 2023, p. 13).

Por tudo o que foi exposto aqui, é possível inferir que educação midiática poderia desempenhar um papel fundamental na capacitação dos indivíduos para enfrentar os desafios da era da pós-verdade. Por meio do desenvolvimento de competências digitais e da promoção

da educação midiática, poderia ser possível fortalecer a capacidade crítica dos cidadãos e cultivar uma sociedade mais informada e participativa. A colaboração entre educadores, instituições de ensino, especialistas em mídia e governos é essencial para garantir a eficácia dessas estratégias na construção de um ambiente midiático saudável e confiável.

Por outro lado, quando refletimos sobre educação, e mais ainda, quando pensamos em formação humana, será que desenvolver “competências” (noção bastante questionável e que grande parte dos defensores neoliberais da educação deitam suas crenças) mais obscurece do que abre perspectivas sobre o tema? Aparentemente, essas “competências” citadas atendem às demandas criadas por modelos impostos pelo capitalismo em seu atual estágio? Isso não seria apenas um modo de adequar corpos e afetos ao ideal despersonalizado das redes e suas inteligências artificiais? Mesmo não tendo a pretensão de responder cabalmente a essas questões, nosso trabalho pretende contribuir para os esforços de elucidação delas, pois sob essa tensão falaremos sobre a formação humana em tempos de redes sociais e analisaremos nosso material de campo.

3. CAPÍTULO III

Anteriormente vimos sobre o avanço do uso da internet nas últimas décadas no Brasil e como a população brasileira, em sua imensa maioria, está amplamente conectada. Também foi abordada algumas questões sobre como esta tecnologia tem sido tratada no ambiente educacional e o peso que a falta de preparo no uso desta tecnologia pode contribuir para o acirramento de ânimos num país já polarizado politicamente, e tudo isso sob a contextualidade da era da pós-verdade.

Agora, nosso objetivo é analisar de que forma o jovem tem lidado com o conhecimento adquirido no ambiente digital e como isso tem impactado na sua formação humana.

3.1 A formação humana em tempos de redes sociais

Neste tópico exploraremos como as redes sociais estão, em alguma medida, modificando aspectos da formação humana e adicionando novos valores culturais na era digital. O conceito de formação humana engloba uma série de processos e experiências voltadas para o desenvolvimento integral do ser humano. Isso inclui não apenas a educação formal, como a aprendizagem de habilidades acadêmicas e profissionais, mas também a educação informal e não-formal que contribui para o desenvolvimento de valores, ética, consciência social, emocional e cultural. Segundo Paulo Freire,

[...] a educação é prática social que tem como finalidade a formação humana e, por isso, não é neutra; a educação pressupõe a relação dialógica e deve se dar no lugar onde se está, no cotidiano, na prática e não apenas na teoria. Trata-se de uma vivência concreta que se realiza nesse mundo, com fortes implicações políticas (Pena; Nunes; Kramer, 2018, p. 3).

Portanto, a educação assume um papel importante na formação humana de cada indivíduo. A formação humana visa preparar o indivíduo para enfrentar os desafios da vida, promovendo seu crescimento intelectual, emocional, social, físico e espiritual. Envolve o cultivo da capacidade crítica, da autonomia, da responsabilidade social, da empatia, do respeito pela diversidade e da capacidade de conviver em sociedade.

Nesse contexto, a educação é vista de forma ampla, abarcando todos os processos de aprendizagem que possibilitam ao indivíduo se desenvolver em todas as suas potencialidades, tornando-se um cidadão consciente, ativo e capaz de contribuir positivamente para a

sociedade. A formação humana é, portanto, um processo contínuo e multifacetado, que ocorre ao longo de toda a vida de um indivíduo.

Freire (1987) defende o diálogo entre as pessoas para que, juntas, elas se tornem indivíduos críticos, capazes de tomarem decisões a partir de suas análises. Ouvir o outro é um dos requisitos necessários para que esta relação dialógica ocorra. Mas e no ambiente digital, mais especificamente nas redes sociais, onde muitas vezes a percepção das relações humanas são deixadas de lado, este diálogo entre indivíduos tem existido?

No ambiente digital, o espaço não tem fronteiras. É possível mantermos contato com pessoas conhecidas e desconhecidas em qualquer lugar do mundo, com vivências e experiências completamente diferentes. Desta forma,

A expansão da territorialidade pelo rompimento das fronteiras geográficas, culturais, étnicas e grupais pelos novos mecanismos de comunicação, com a veiculação de novos valores e ideais poluídos de individualismo, pragmatismo, egoísmo, utilitarismo e mercadorismo, interfere diretamente na ordem do formativo. As dimensões epistêmica, ética e estética, nucleares ao processo formativo, são formuladas a partir dos interesses sistêmicos da ordem econômica globalizada (Georgen, 2014, p. 34-35).

Possivelmente, este contato diversificado contribui para a formação humana desses indivíduos. Nessa ausência de barreira espacial, o tempo também sofre uma forte interferência, onde o imediatismo passa a ser uma regra. Hoje,

As condições contemporâneas da vida mental se prendem atualmente à tecnologia, à velocidade, à aceleração, induzindo uma ausência de reflexão ligada à rapidez, à instantaneidade, à imediatidade. A velocidade, a aceleração, as tecnologias perturbaram profundamente os modos de vida: traduzindo-se na deslocalização, na desterritorialização, na ilimitação, essas condições induzem um sentimento de instabilidade, de permanente mudança, intensificando a incerteza, às vezes a angústia, e atualmente o isolamento e a insegurança (Haroche, 2015, p. 853).

Essa ausência ou resistência à reflexão faz com que não nos reconheçamos enquanto indivíduos de uma sociedade. Não temos tempo para processar tudo aquilo a que estamos expostos e envolvidos, o que faz com que acabemos isolados.

A socióloga francesa Claudine Haroche trabalha com uma abordagem transdisciplinar que visa compreender de que forma os modos, os comportamentos, os sentimentos e a personalidade podem ter passado por mudanças nas sociedades contemporâneas, uma vez que antes existia um sentimento de pertencimento entre os indivíduos, resultante de laços mais próximos e calorosos, enquanto hoje os vínculos sociais são estabelecidos com base no anonimato frio e pelo isolamento (Hernández, 2023). No que diz respeito ao contato entre os indivíduos na atualidade,

Temos muito menos contato com as pessoas mas, ao mesmo tempo, estamos sempre, por exemplo, com o celular, que é tátil. E isso nos dá uma falsa sensação de realidade e tato. É um momento complexo porque perdemos o contato direto com as pessoas, a comunicação próxima, o toque. E, ao mesmo tempo que aumenta a distância entre as pessoas, cada vez mais nos expomos e nos mostramos à sociedade, ainda que de forma superficial. Isso nos afeta muito psicologicamente, porque não se perde apenas o contato, mas também a profundidade das relações com os outros e com nós mesmos. E isso acontece porque a sociedade atual nos pede para estarmos ocupados o tempo todo. Como estamos sempre fazendo algo, nem paramos para pensar, não processamos o que nos acontece, entramos no automático. É quase um decreto moral: você tem que dizer que está ocupado o tempo inteiro. Isso significa não pensar no que sentimos, não olhar para dentro, o que afeta a nossa saúde e também a sociedade (Haroche, 2015).

As amizades, antes vividas de forma intensa, definidas por meio do conhecimento do outro, da convivência, com proximidade e profundidade, hoje são administradas por meio de um botão denominado “amigos” ou “seguindo”. Antes, quando separados por grandes distâncias, as amizades eram mantidas por cartas, onde havia profundidade na comunicação. Hoje, amigos, mesmo que residindo nas mesmas cidades, muitas vezes se comunicam por meio de curtidas ou breves comentários em postagens.

Alguns relacionamentos são iniciados, ou melhor, experimentados, por meio de um botão denominado “*match*”. Quanto a este desengajamento, esta efemeridade nas relações interpessoais, percebemos que

Os engajamentos duráveis, que constroem vínculos, em que a individualidade é valorizada pela exigência, foram substituídos por encontros breves, banais e intercambiáveis, encontros em que as relações começam tão rápido quanto terminam. Os vínculos são mais frágeis e efêmeros. Hoje, o estar junto tende a ser breve, de curta duração e desprovido de projetos: o desengajamento aparece assim como um novo modo de poder e dominação (Haroche, 2004, p. 229).

Fica evidente que nas redes sociais as relações interpessoais são cada vez mais superficiais. Debates rasos, discussões tolas e muitas vezes inócuas podem fazer os usuários gastarem energia e tempo debruçados sobre aquilo. São discussões intermináveis que giram em torno de um mesmo argumento, onde, normalmente, não se chega a uma conclusão. Tudo isso afeta a formação humana e o sentimento de pertencimento e de convívio em sociedade desses usuários de redes sociais. Esses embates nas redes sociais, em muitos casos, ocorrem entre pessoas que sequer se conhecem. São pessoas que vivem realidades completamente distintas um do outro e que sequer se dão a oportunidade de se conhecerem um ao outro para que exista, ao menos, uma tentativa de se colocar no lugar do outro. Além disso, o anonimato da internet é um fator determinante para que alguns usuários exponham aquilo que jamais teriam coragem de expor enquanto indivíduos reconhecidos. Neste sentido,

[...] a internet permite uma formação de identidade significativamente fluida e flexível, possibilitando a representação de diversos papéis no ambiente virtual. Isso

ocorre “porque na Internet você é o que diz ser, já que é com base nessa presunção que uma rede de interação social é construída ao longo do tempo (Castells, 2003, p. n.p.).

Essa multiplicidade de identidades acaba intensificando debates acalorados em torno de temas polêmicos onde usuários podem marcar seus posicionamentos sem se preocuparem com eventuais julgamentos alheios. A construção dessas identidades pode estar associada “às radicalizações dos afetos que pulsam em agressões e, possivelmente, causam efeitos na formação humana” (Silva, 2023). É o sujeito se omitindo para dar espaço às personagens criadas por eles mesmos. Assim,

Essa concepção de sujeito encontra-se hoje em dia abalada, posta em questão pela fluidez de um mundo em que o real e o virtual, profundamente imbricados, estão desprovidos de limites. Ela é fundamentalmente desafiada pela sensação continua de mudança permanente. As tecnologias contemporâneas que invadem os indivíduos pela onipresença de imagens sobre elas são obstáculos à construção do sentido, da inteligibilidade, a ponto de impedi-los de compreender o que fazem e o mundo em que vivem (Haroche, 2015, p. 853).

Essa desfragmentação da nossa subjetividade enquanto indivíduos, nos mostra que é preciso retomarmos a nossa capacidade de olharmos para nós mesmos. De nos reconhecermos enquanto sujeitos que somos. De saber que não vivemos sozinhos neste mundo, mas vivemos com os outros. Então, precisamos reaprender a vivermos em uma sociedade tão plural como esta que existe no ambiente digital. Neste contexto,

Formar-se na sociedade plural significa reconquistar a subjetividade; significa gerar em nós a recusa do que nos tornamos, seres produzidos; significa não aceitar o que o sistema quer que sejamos: cabeças bem feitas, adaptadas, monológicas, números e categorias; significa entender que a realidade existente não é tão pétrea quanto parece e que pode ser diferente; significa trocar a aderência pela resistência, o êxito pelo risco; significa ultrapassar os estreitos limites da incorporação de conhecimentos e habilidades exigidos pelo mercado e assumir o risco do pensamento autônomo (Goergen, 2014, p. 39).

Infelizmente, esta retomada das nossas identidades, de nos voltarmos para nós mesmos, não é uma tarefa simples, pois as armadilhas montadas para nos mantermos distraídos estão por toda parte. Hoje, talvez a maior delas, seja a facilidade que temos de estar conectados no mundo por meio um aparelho celular. São tantas as aplicações disponíveis, alertas de notificações emitidos e ficar rolando a tela dos *feeds* infinitos de redes sociais sem um objetivo específico, que as pessoas dedicam enorme atenção e tempo utilizando o aparelho.

Seja acordar com o despertador, ou ser lembrado de tarefas e/ou compromissos em sua agenda, saber a hora do dia, tirar uma foto ou fazer um vídeo, assistir a um filme ou série, obter informações de um trajeto, realizar alguma operação financeira, fazer um cálculo, ouvir

uma música ou um *podcast*, olhar a previsão do tempo, ler uma notícia ou até mesmo usar uma lanterna, a saída é sempre recorrer ao celular. Neste sentido,

Quanto mais úteis são os nossos celulares, mais nós os usamos. Quanto mais os usamos, mais caminhos neurais criamos no nosso cérebro para nos fazer pegar o telefone para qualquer tarefa que surja – e mais vontade sentimos de consultar o aparelho, mesmo quando não precisamos (Ruggeri, 2023).

Assim como a bioquímica nos permite diagnosticar doenças metabólicas, compreender os mecanismos de aprendizagem, memória, atenção e desenvolvimento permite-nos hoje uma visão mais clara dos perigos dos meios digitais (Spitzer, 2013). Esta dependência da tecnologia nos impõe dificuldade em memorizar um número de telefone de um parente. Hoje, sem um aplicativo, podemos encontrar grande dificuldade de chegarmos a um destino em nossa própria cidade. A impressão que fica é que não saberíamos mais viver no mundo de hoje sem todas essas aplicações à nossa disposição. A verdade é que

Quanto mais os aplicativos se tornam ‘inteligentes’ mais eles substituem nossa reflexão e mais nos ajudam a nos tornar idiotas. Eles já escolhem nossos restaurantes, selecionam as informações que nos são acessíveis, separam as publicidades que nos são enviadas, determinam os trajetos que devemos seguir, propõem respostas automáticas a algumas de nossas interrogações verbais às mensagens que nos são enviadas, domesticam nossos filhos desde a escola maternal, etc. Com um pouco mais de empenho, eles acabarão pensando no nosso lugar (Desmurget, 2021, p. 68).

Um estudo realizado nos Estados Unidos pela Reviews.org, com 1.000 pessoas com idades a partir de 18 anos, apontou que 56,9% dos participantes se consideraram viciados em seus celulares (Kerai, 2023). Em média, eles checam seus celulares 144 vezes por dia, tendo um tempo médio de uso diário de 4h25 minutos. Além disso, 89% disseram usar os seus celulares nos primeiros 10 minutos após terem acordado, 75% sentem-se inquietos quando deixam seus celulares em casa, 75% checam seus celulares em até 5 minutos após receberem alguma notificação, 75% usam os celulares no banheiro, 69% já enviou mensagens de texto para alguém que está na mesma sala que eles, 60% dormem com os celulares à noite, 55% nunca ficaram mais de 24 horas sem o celular, 47% afirmou sentir pânico ou ansiedade quando a bateria do celular fica abaixo dos 20%, 46% olham o celular durante um encontro e 27% usam o celular enquanto dirigem.

É como se o celular exercesse sobre nós, atualmente, o papel de uma chupeta digital, tal qual o “objeto macio” na tenra infância, a que sempre recorremos por o julgarmos “absolutamente necessário na hora de dormir, em momentos de solidão, ou quando um humor depressivo ameaça manifestar-se” (Winnicott, 1975).

A busca incessante de algo que, em muitas vezes sequer se sabe, pela tela de um celular resulta em um processo químico que ocorre dentro do nosso cérebro, pois enquanto estamos sendo estimulados por curtidas e comentários, ocorre a liberação de dopamina, um neurotransmissor capaz de nos dar a sensação de prazer e satisfação, e isso pode afetar o controle de nossos impulsos e causar dependência (Pagno, 2023). De acordo com a médica psiquiatra, mestre e doutora em Medicina Molecular pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Julia Khoury, “quanto mais a pessoa entra em contato com esses estímulos que causam recompensas rápidas e imediatas, maior a tendência de aumentar o comportamento. E aí ela começa a sentir falta quando não está perto do celular” (Pagno, 2023).

Khoury ainda afirma que “o mundo digital é uma fonte inesgotável de estímulos rápidos, capaz de nos dar pequenas doses de alívio frente à vida real”. Ela também destaca que uma das formas de uma pessoa perceber que está viciada em celular é a Síndrome de FOMO (Fear of Missing Out), que em uma tradução livre para a Língua Portuguesa seria Síndrome de Medo de Ficar de Fora, ou seja, quando a pessoa acredita que por não estar checando o celular ela pode estar perdendo informações preciosas, acontecimentos importantes como por exemplo, uma notícia, uma postagem de uma amiga dizendo que está grávida ou de um amigo que está fazendo uma viagem de férias. Informações que não são essenciais ou urgentes a ponto de que ela seja informada de forma tão rápida, não precisam ser monitoradas de tal forma. Como consequência disso, a pessoa pode desenvolver sintomas de ansiedade, problemas de atenção, podendo, inclusive, evoluir para casos mais graves como a Síndrome de Burnout, causada pelo esgotamento mental, ou até mesmo, Transtorno de Déficit de Atenção (TDA), afinal, quando se está exposto a um excesso de estímulos, fica inviável que haja algum tipo de descanso (Pagno, 2023).

Importante salientar que esta rotina não é exclusiva de adultos. Pelo contrário, cada vez mais cedo crianças e adolescentes têm sido expostas a telas de televisores, *tablets* e celulares, tornando-se dependente deles. Estão expostos a uma “cultura cujas principais mídias favorecem a rapidez, o imediatismo, altos níveis de estimulação, pluralidade de tarefas e grandes quantidades de informação” (Wolf, 2019, p. 126).

Com a Pandemia de Covid-19 se espalhando pelo mundo no início de 2020, as pessoas passaram a utilizar mais as tecnologias e por isso aumentaram o seu tempo de permanência na internet. Quanto a isso,

Uma pesquisa sobre o tempo passado em frente à tela entre pais de crianças de 3 a 8 anos na Austrália, China, Itália, Suécia e nos Estados Unidos constatou que a exposição de seus filhos à tela aumentou em 50 minutos durante a pandemia, tanto para a educação quanto para o lazer (UNESCO, 2023, p. 20).

Esse aumento de tempo conectado causa impactos seriamente negativos para os mais jovens. Quanto a isso,

Em múltiplas disciplinas, perspectivas, olhares, a ciência tem provado que os smartphones causam uma dependência grave, equivalente à do consumo de álcool e drogas. Em crianças e adolescentes, tem se verificado amplamente um prejuízo real em seu desenvolvimento cognitivo e em seu rendimento escolar. Em âmbito neurológico, já se veem com clareza as sequelas corticais provocadas pelo excesso de telas. Em âmbito psicológico, já se tornam explícitos o agravamento e a proliferação dos quadros de depressão e ansiedade (Fuks, 2023).

O grande problema é que crianças não têm a maturidade suficiente para tomarem decisões acerca daquilo que é benéfico ou maléfico para a sua saúde. Diante deste contato tão precoce com telas, a memória e a capacidade de se concentrar são muito prejudicadas.

Aprender a se concentrar é um desafio essencial, mas cada vez mais difícil, numa cultura em que a distração é onipresente. Os jovens adultos podem aprender a ser menos afetados quando passam de um estímulo para outro porque têm sistemas inibidores mais bem formados que, em princípio, oferecem a opção de anular a distração contínua. Não é o caso das crianças mais novas, cujos sistemas inibidores e outras funções executivas de planificação em seu córtex frontal precisam de um longo tempo para se desenvolver. A atenção, nos muito jovens, está ao alcance de quem a capturar primeiro. E o mundo digital captura a atenção (Wolf, 2019, p. 127).

Desde cedo muitos pais presenteiam seus filhos com celulares, *tablets*, videogames, em alguns casos, para que os aparelhos funcionem como babás por conta de sua indisponibilidade para darem a devida atenção que eles precisam. Como consequência, o sono, a saúde e o desempenho escolar de seus filhos poderão ser comprometidos, mas pelo menos eles ficaram quietos e os pais tiveram paz (Desmurget, 2021, p. 40). Ora, se

Diante das possibilidades deslumbrantes que se oferecem à sua atenção numa tela, as crianças pequenas rapidamente ficam cercadas, acostumadas e cada vez mais semidependentes de uma estimulação sensorial contínua. Quando o nível constante de estimulação lhes é retirado, reagem, como seria de prever, com um tédio aparentemente insuportável (Wolf, 2019, p. 129).

Este novo tipo de tédio, decorrente da ausência de estímulos sensoriais proporcionados pelas telas, pode, simplesmente, “desanimar as crianças de modo a impedi-las de querer explorar e criar por iniciativa própria experiências no mundo real, particularmente fora de seus quartos, casas e escolas (Wolf, 2019, p. 129). É preciso, portanto, rever essas ações, uma vez que

O risco está escancarado. O sofrimento psíquico geral já é evidente. E sobre quem recai a responsabilidade de controlar o que agora não tem nenhum controle? Cabe ao

Estado assumir seu papel, legislar a respeito e informar a população sobre tal gravidade. Cabe aos agentes de saúde orientar e alertar seus pacientes em toda oportunidade. Cabe às plataformas de redes sociais reconhecer os danos que têm causado e alterar suas práticas. Cabe às escolas debater a regulação ética de seu uso em sala de aula. Cabe a cada família dizer não, e a toda a comunidade fazer esse não ecoar (Fuks, 2023).

Assim como muitos tipos de remédios, que para trazerem soluções a determinados problemas de saúde causam efeitos colaterais e geram outros problemas, o mesmo ocorre com este uso excessivo de tecnologia. Por isso,

[...] ao mesmo tempo em que a tecnologia leva à superação de alguns problemas, ela traz os seus próprios. Um maior tempo em frente à tela foi associado a impactos adversos na saúde física e mental. Regulamentação insuficiente levou ao uso não autorizado de dados pessoais com motivações comerciais. A tecnologia digital também ajudou a disseminar informações incorretas e discursos de ódio, inclusive por meio da educação (UNESCO, 2023, p. 11).

Esta falta de regulação, que passa a sensação de que o mundo das redes sociais é um mundo sem regras e sem leis, onde tudo é permitido tem feito governos tomarem algumas decisões a respeito. Ainda de forma tímida, mas são passos que podem trazer mudanças no médio prazo. A Prefeitura do Rio de Janeiro, por exemplo, proibiu desde fevereiro de 2024, o uso de dispositivos tecnológicos por professores e estudantes dentro das escolas. Apenas em situações específicas será permitido o uso, como em atividades pedagógicas acompanhadas pelo professor ou antes da primeira aula e depois da última aula. Até mesmo nos intervalos e no recreio o uso está proibido, devendo os aparelhos permanecerem desligados nas mochilas. A decisão da Secretaria Municipal de Educação tomou como base o resultado de uma consulta pública realizada entre dezembro de 2023 e janeiro de 2024 e que recebeu mais de 10 mil contribuições. Nesta consulta pública, 83% indicaram ser favoráveis à proibição, 11% parcialmente favoráveis e apenas 6% contrários à proibição (Costa, 2024).

Além disso, a proibição também levou em consideração estudos realizados na Bélgica, Espanha e Reino Unido, além de relatórios da Organização Mundial de Saúde (OMS) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Por fim, dados do Programa de Avaliação Internacional de Estudantes (Pisa), da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), também indicam uma correlação negativa entre o uso excessivo de tecnologias e o desempenho de estudantes (Costa, 2024).

A Suécia, a partir da década de 1990, buscou implementar uma educação 100% digital. Mas agora está ajustando a rota e investindo milhões de euros em livros impressos

após perceber que houve prejuízos cognitivos e queda no desempenho dos estudantes tanto na escrita quanto na leitura (Tenente, 2023).

Por outro lado, o Governo do Estado de São Paulo cogitou a possibilidade de abolir os livros didáticos impressos em suas escolas, adotando exclusivamente as versões digitais deles. No entanto, recuou e ofertará os livros nas duas versões, digital e impressas, mas estas, apenas para os estudantes que fizerem a solicitação (Figueiredo, 2023).

Quanto aos demais agentes mencionados por Fuks (2023), muito dificilmente as plataformas detentoras das redes sociais reconhecerão suas falhas e contribuições para uma piora na saúde mental de seus usuários, afinal, isso resultaria em grandes perdas financeiras. Já as escolas, agirão muito provavelmente se forem provocadas por normas e regulações criadas pelo Estado. E no ambiente familiar, a chance de algo diferente acontecer, realmente é muito remota, uma vez que demandaria uma mudança drástica de comportamento em relação à forma de educar os filhos.

Não se trata de demonizar as redes sociais ou o tempo de uso do celular. Mas é preciso entendermos de que decisões precisam ser tomadas em prol de uma vida mais equilibrada e saudável. Quanto a isso, não se pode esquecer que

As redes sociais virtuais são uma ferramenta com possibilidades múltiplas para usuários e empresas que possui aspectos positivos e negativos. Descartá-las ou deixar de dar a elas a devida atenção, seria não aceitar que vivemos em plena era da Informação e Conhecimento. Cabe aos consumidores ter senso crítico na utilização da ferramenta. Para os consumidores e usuários sem fins lucrativos, a melhor maneira de aproveitar todas as vantagens, é dar a devida dimensão a eles em suas vidas. A amplitude da intensidade de utilização dessas ferramentas é muito grande. Cada um define seu ponto de equilíbrio entre ser usuário ou escravo do sistema. Em suma, os usuários devem saber dosar o nível de "seriedade" que as dão (Angelo, 2016, p. 78).

É claro que toda esta oferta de tecnologia e conectividade se transforma num desafio para a educação enquanto pilar formativo do indivíduo, uma vez que as “sociedades contemporâneas, sob o impacto da globalização, tendem a se tornar sociedades que se transformam de maneira contínua, sociedades flexíveis, sem fronteiras e sem limites, sociedades fluidas, sociedades líquidas” (Haroche, 2004, p. 223).

Esse conceito de liquidez é muito bem delineado por Bauman (2011) e nos mostra que essa transformação contínua da sociedade acaba contribuindo para que nós, enquanto indivíduos, percamos o senso de coletividade. Essa tal transformação constante da sociedade se dá de forma muito rápido. O que hoje é padrão e usual, amanhã já pode não mais ser.

Tendências, opiniões, posicionamentos, práticas sociais, tudo pode mudar muito rapidamente neste contexto de cibercultura. Neste caso, a incerteza sobre a permanência de certas convenções sociais pode trazer insegurança para muitos. Neste sentido,

No mundo volátil da modernidade líquida, onde as coisas raramente mantêm sua forma por tempo suficiente para garantir segurança e confiabilidade a longo prazo (além do mais, não se pode dizer quando e se esses valores se cristalizarão, e é pouco provável que o façam), caminhar é melhor que sentar, correr é melhor que caminhar, surfar é melhor que correr (Bauman, 2011, p. 73-74).

Segundo Lévy (1999, p. 157), antes de qualquer reflexão sobre o futuro dos sistemas educacionais e de formação na cibercultura, é preciso que se faça “uma análise prévia da mutação contemporânea da relação com o saber”. Dada a velocidade com que tudo se transforma hoje, as novas naturezas de trabalho e as tecnologias que “amplificam, exteriorizam e modificam” funções cognitivas humanas (Lévy, 1999), mudam a educação e a formação.

É claro que não é a primeira vez que se debate sobre o futuro da educação diante de determinados avanços tecnológicos. E no passado, ficou comprovado de que a educação conseguiu se adaptar às mudanças impostas, conseguiu definir novos objetivos, traçou novas rotas e elaborou novas estratégias (Bauman, 2011). Com o advento da televisão, surgiram dúvidas sobre se as escolas resistiriam ao fato de que a oferta de aulas gravadas e disponibilizadas a milhares de pessoas ao mesmo tempo poderiam despertar o interesse das pessoas. Posteriormente, com o advento da internet e da popularização da educação a distância, onde não apenas aulas, mas diversos materiais de apoio eram disponibilizados, também se discutiu se a escola presencial suportaria a tamanha comodidade de se estudar de casa, de acordo com a disponibilidade de cada um. Acontece que hoje, a situação é bem diferente.

Em nenhum momento crucial da história da humanidade os educadores enfrentaram desafio comparável ao divisor de águas que hoje nos é apresentado. A verdade é que nós nunca estivemos antes nessa situação. Ainda é preciso aprender a arte de viver num mundo saturado de informações. E também a arte mais difícil e fascinante de preparar seres humanos para essa vida (Bauman, 2011, p. 79).

De alguma forma, o sistema educacional precisa se adaptar aos novos tempos, reconhecer os anseios de seus indivíduos e utilizar-se das mesmas ferramentas que estão ao alcance de todos para despertar o senso crítico em relação ao mundo por parte de cada um.

Essa é uma revolução epistêmica, ética e estética que desestabiliza a base de sustentação do processo tradicional de formação que necessita ser repensado em profundidade. Os conceitos de ensinar e de aprender, as novas constelações teórico-metodológicas, as posturas éticas e as formas de sensibilidade, bem como o incremento e a obsolescência dos conteúdos representam novos desafios para as

teorias e práticas pedagógicas. Mudam não somente os conteúdos, mas também a nossa relação com eles; mudam os valores e a nossa postura frente às normas; mudam a sensibilidade e a expressão de nosso gosto. Tudo isso, por sua vez, interfere na relação pedagógica entre pais e filhos, entre professores e alunos. Conceitos como ensino e aprendizagem assumem ares de relativismo e fluidez. A comunicação rápida e fugaz, focada na informação e não no conhecimento, engendra verdadeira inundação e sufocamento de futilidades, cuja procedência e veracidade não são aferíveis (Goergen, 2014, p. 33-34).

A escola não pode “ignorar o papel cada vez mais significativo que a mídia digital passou a desempenhar na vida da maioria dos jovens” (Buckingham, 2010, p. 53).

Transformar a educação em um produto que pode ser adquirido e conservado (Bauman, 2011, p. 29) ao seu modo também não é o caminho ideal em um ambiente tão líquido, afinal, praticamente nada mais é imutável. Isso é oposto do que a educação e a pedagogia defenderam na maior parte de sua história, quando o mundo era estável e durável, onde a memória e o conhecimento de certas premissas eram considerados um patrimônio (Bauman, 2011, p. 74). Hoje,

Uma das principais diferenças entre a formação tradicional e a contemporânea é a reestruturação do processo formativo, agora baseado em nova constelação cultural destituída das características de estabilidade e permanência e, portanto, mutante, instável e líquida (Goergen, 2014, p. 29).

Por outro lado, hoje, embora as pessoas estejam envolvidas “numa cultura de consumo que as situa como ativas e autônomas”, dentro da escola, grande parte de sua aprendizagem “é passiva e dirigida pelo professor” (Buckingham, 2010, p. 44). Quando Paulo Freire utilizou a expressão “educação bancária”, ele se referiu a um modelo de educação tradicional, no qual o processo educacional é caracterizado por uma relação hierárquica entre o educador, o “depositante” e o educando, o “depositário” (Freire, 1987, p. 66). Nesse modelo, o conhecimento é transmitido de forma unidirecional, com o educador depositando informações na mente dos educandos, que são vistos como receptáculos passivos.

A metáfora do “banco” refere-se à ideia de que o educador é o detentor do conhecimento e assume uma posição autoritária, depositando esse conhecimento nos educandos sem considerar suas experiências, conhecimentos prévios e perspectivas individuais. Essa abordagem enfatiza a memorização e a repetição de informações, sem espaço para o pensamento crítico, a reflexão e a participação ativa dos estudantes.

Segundo Freire (1987), a educação bancária é opressiva, pois desvaloriza a capacidade dos educandos de se tornarem sujeitos críticos e transformadores. Ela perpetua relações de poder desiguais e não estimula o diálogo, a criatividade e a construção coletiva do conhecimento. Os estudantes são passivos, meros receptores de informações, e não são

incentivados a questionar, problematizar ou se engajar de maneira ativa no processo educacional.

Em contraposição à educação bancária, Freire propôs um modelo de educação chamado "educação problematizadora" ou "educação libertadora" (Freire, 1987, p. 77). Esse modelo enfatiza a participação ativa dos estudantes, a valorização de suas experiências e conhecimentos prévios, a promoção do diálogo e da reflexão crítica. A educação problematizadora busca estimular a conscientização dos educandos sobre sua realidade social, despertando sua capacidade de análise crítica e incentivando sua ação transformadora na sociedade.

Em suma, quando Paulo Freire critica a "educação bancária", ele está denunciando um modelo de educação autoritário, opressivo e desumanizador, que trata os estudantes como meros receptores passivos de informações, em detrimento da construção ativa do conhecimento e do desenvolvimento de sua consciência crítica.

Por fim, em *Pedagogia da Indignação*, Freire (2000) se faz ainda mais enfático em suas contribuições ao considerar que a educação não somente liberta e retira da opressão, mas conduz à transformação. Neste sentido, é possível afirmar que

Se fôssemos determinados, não importa por quê, pela raça, pela cultura, pela classe, pelo gênero, não tínhamos como falar em liberdade, decisão, ética, responsabilidade. Não seríamos educáveis, mas adestráveis. Somos ou nos tornamos educáveis porque, ao lado da constatação de experiências negadoras da liberdade, verificamos também ser possível a luta pela liberdade e pela autonomia contra a opressão e o arbítrio (Freire, 2000).

Por meio de uma dinâmica dialógica, Freire (2000) entende a educação como mecanismo da promoção da formação humana integral dos seus sujeitos, dando ao homem o poder de transformar sua realidade pela apreensão de uma criticidade imprescindível. Por isso que ele não só fala e defende, mas vive “uma prática educativa radical, estimuladora da curiosidade crítica, à procura sempre da ou das razões de ser dos fatos”.

Freire (2000) já alertava sobre a necessidade de uma compreensão crítica da tecnologia da qual a educação estava sendo submetida. A necessidade de uma análise com “crivo político e ético”. Quanto a isso,

Quanto maior vem sendo a importância da tecnologia hoje tanto mais se afirma a necessidade de rigorosa vigilância ética sobre ela. De uma ética a serviço das gentes, de sua vocação ontológica, a do ser mais e não de uma ética estreita e malvada, como a do lucro, a do mercado. Por isso mesmo a formação técnico-científica de que urgentemente precisamos é muito mais do que puro treinamento ou adestramento para o uso de procedimentos tecnológicos (Freire, 2000, p. 46).

Fica evidente que Paulo Freire percebia a necessidade de um posicionamento crítico, e não adestrado, das pessoas em relação ao uso das tecnologias nas práticas pedagógicas. Hoje, com a tecnologia perfazendo todos os lugares de nossas vidas, tanto no profissional quanto no pessoal, no privado ou no público, percebemos que ele estava correto em sua análise. Pois

Trata-se muito mais de educar as pessoas para que tenham condições de decidir, em situações concretas, como melhor agir. Em outras palavras, trata-se de educar os sujeitos não para se adaptarem passivamente a normas preestabelecidas, mas para assumirem a responsabilidade da decisão correta, vale dizer, para a responsabilidade do pensar (Goegen, 2014, p. 33).

Por isso, diante de tanta informação disponível, ser passivo e simplesmente receber tudo aquilo que está a seu acesso é permanecer atrelado a uma educação bancária, sendo meros receptores de informação ou desinformação. Exercer a criticidade diante de todo o conhecimento a que temos acesso hoje é uma necessidade fundamental, do contrário, seguiremos replicando e interagindo sempre com as mesmas coisas, os mesmos assuntos, as mesmas pessoas e, possivelmente, nos mesmos lugares.

Silva (2023) considera que o ambiente das redes sociais proporciona uma forma de socialização e convivência que exacerba “princípios de exclusão” daqueles que são e pensam diferentes, dando início a verdadeiras “cruzadas entre bons e maus” (não publicado). Já vimos anteriormente que as bolhas digitais propiciam que aqueles que pensam iguais ou compartilham de sentimentos parecidos são agrupados nas redes sociais de tal forma que passem a rejeitar aquilo que é diferente, afinal, se todos pensam e concordam com você, a percepção é de que você está do lado certo.

Temos aqui, o que Silva (2023) define como “arranjo ilusório”, que consiste em três etapas: ver o que se quer ver, o pertencimento a um grupo e, por fim, a incapacidade de lidar com frustrações de modo criativo (não publicado).

A primeira etapa deste “arranjo ilusório” está diretamente ligada ao poder que as redes sociais têm de coletar as informações de seus usuários e apresentar a eles, a partir disso, conteúdos que estejam ligados àquilo que eles costumam interagir. Logo, o usuário, muitas vezes sem perceber, passa a ter acesso somente àquilo que ele quer e gosta de ver. E tal situação acaba diminuindo a tolerância deste usuário a assuntos diversos, alheios ao seu contexto digital.

Como segunda etapa deste “arranjo ilusório” temos o pertencimento a grupos, que passa uma falsa sensação de pertencimento social e coletivo. Se ver o que se quer ver já é capaz de limitar a análise crítica acerca de determinados assuntos, interagir com pessoas em

um mesmo grupo e que pensam como você, reforçam ainda mais esta limitação de pensamento crítico. Pertencer a grupos assim, segundo Silva (2023), seja em comunidades digitais, seja de forma presencial, permite que o indivíduo se apegue a ilusões coletivas daqueles que se julgam iguais (não publicado).

Entretanto, mesmo em grupos homogêneos é possível haver pequenas diferenças, e “o processo de construção da ilusão pode consumir extrema energia sem dar em troca satisfação ao sujeito, além da descarga da energia pulsional de destruição”, que segundo Silva (2023), é característica de “identidades reativas” (não publicado). E aqui, temos o que Freud (1925/2011) chamou de “narcisismo das pequenas diferenças”, um fenômeno psicológico que ocorre nas relações interpessoais. Ele observou que, em grupos sociais ou comunidades, é comum que as pessoas que compartilham características semelhantes se unam e formem uma identidade coletiva. No entanto, ele também notou que, dentro desses grupos, surgem conflitos intensos e hostilidades entre os membros, mesmo em relação a diferenças aparentemente insignificantes.

Freud (1925/2011) também argumentou que esse fenômeno ocorre porque, quando as pessoas têm características muito semelhantes, as diferenças sutis entre elas são amplificadas e tornam-se fontes de tensão e rivalidade. Essas pequenas diferenças são percebidas como ameaças à identidade e à coesão do grupo. As pessoas podem se sentir impelidas a enfatizar essas diferenças para estabelecer uma sensação de superioridade ou exclusividade em relação aos outros membros.

Quando aplicamos esse conceito ao contexto das redes sociais, fica evidente como as diferenças mínimas são amplificadas e agravadas. As redes sociais fornecem um palco onde as pessoas podem exibir suas múltiplas identidades, opiniões e preferências de forma pública ou anônima e em muitas vezes, de forma exagerada. Isso cria um terreno fértil para o “narcisismo das pequenas diferenças” se manifestar de várias maneiras, seja por meio da polarização de opiniões, busca por validação, tentativa de construção de uma identidade que resulte num maior sentimento de pertencimento diante de um grupo.

Por fim, a última etapa do “arranjo ilusório” defendido por Silva (2023) é a incapacidade de lidar com a frustração de forma criativa. Para Winnicott (1975), a criatividade “relaciona-se com a abordagem do indivíduo à realidade externa”. Ao fazer parte de uma vida em comunidade, tudo é criativo quando há “uma capacidade cerebral razoável, inteligência suficiente para capacitar o indivíduo a tornar-se uma pessoa ativa” (Winnicott, 1975). Ao perceber que aquela realidade criada dentro do grupo dos iguais não é a realidade

no mundo, ou seja, não passava de uma ilusão coletiva, o que fica é um sentimento de melancolia, que em casos extremos, pode-se se assemelhar à loucura, quando uma pessoa exige demais da “credulidade dos outros, forçando-os a compartilharem de uma ilusão que não é própria deles” (Winnicott, 1975).

Nos últimos anos tivemos exemplos de pessoas manifestando-se nas ruas e publicando em suas redes sociais vídeos emocionados pela decretação de um suposto Estado de Sítio, ou até mesmo pela prisão de um Ministro do STF em meio a acampamentos em portas de quartéis. Há quem defenda, inclusive, que o Brasil hoje esteja em uma Ditadura do Judiciário. São ilusões coletivas compartilhadas por grupos de iguais.

Independente de corrente ideológica, a vitória desse tipo de melancolia e narcisismo é a negação da política, nos moldes consagrado pela tradição ocidental, de um espaço público de diversidade, restando uma postura projetiva que beneficia o consumismo de dores e panaceias que se vende nos mercados (Silva, 2013).

A pluralidade de pensamentos, a diversidade de ideologias, tudo isso é benéfico para a convivência em sociedade. Desde que haja respeito. Neste sentido,

A humanidade, muito mais que uma essência a ser consagrada, é uma construção do pensar conjunto e articulado no contexto de um mundo plural de racionalidades, éticas e estéticas. Todos os que se dispõem a participar do processo de pensar a vida possível na sociedade plural devem estar sempre e permanentemente dispostos a revisar suas certezas. Pensar, ouvir e argumentar talvez sejam as maiores virtudes do nosso tempo e a mais importante tarefa da formação. Dessas virtudes, nem as ciências com suas metodologias eficientistas, nem mesmo a educação com seus conteúdos e estratégias performáticas tem algo a dizer; pensar, escutar e argumentar ou, numa palavra, o diálogo criativo, crítico e arriscado deve representar o centro do processo formativo no contexto das sociedades plurais (Goergen, 2014, p. 38).

A seguir, adentraremos nos procedimentos metodológicos e na análise dos dados coletados a partir das entrevistas feitas com os estudantes selecionados.

3.2 Instrumento de coleta de dados e metodologia

Aqui serão apresentados os caminhos seguidos para a realização desta pesquisa. Com o intuito de alcançar respostas à questão inicial desse estudo, que é analisar a influência das redes sociais, sob a contextualização da denominada “era da pós-verdade”, na formação humana e comportamento de seus usuários no ciberespaço, bem como atender aos demais objetivos propostos, buscamos delinear os fundamentos teórico-metodológicos.

De acordo com Luna (1997, p. 5), a respeito dos objetivos principais de uma pesquisa, “essencialmente, pesquisa visa a produção de conhecimento novo, relevante teórica

e socialmente fidedigno”. Por isso, em respeito aos princípios metodológicos, esta pesquisa científica pretende ser norteadora para que haja produção de conhecimento novo.

Ao considerarmos que é a partir da insatisfação do pesquisador diante de determinado problema que surge a necessidade de se realizar uma pesquisa (Megid Neto, [2011?]), torna-se necessário traçar estratégias investigativas para se chegar às respostas. Uma vez que estas respostas sejam obtidas, é preciso entender que os resultados de uma pesquisa podem não ser definitivos.

Portanto, é preciso ter em mente que pesquisa se define aqui, sobretudo, pela capacidade de questionamento estabelecendo a provisoriedade metódica como fonte principal de renovação científica (Demo, 2006, p. 34). O conhecimento produzido por determinada pesquisa hoje, pode ser refutado por outra amanhã, o que não anulará o conhecimento adquirido anteriormente, mas o complementar.

O procedimento metodológico desta pesquisa foi construído e sistematizado a fim de garantir o processo científico. Portanto, esta investigação é caracterizada como uma pesquisa básica, pois tem a finalidade de reunir dados que tenham como propósito preencher uma lacuna do conhecimento (Gil, 2017, p. 32).

Quanto a seu propósito, esta pesquisa é exploratória, pois “pretende proporcionar maior familiaridade com problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (Gil, 2017, p. 32). Como delineamento desta pesquisa, temos aqui que ela é predominantemente bibliográfica, onde,

Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela Internet (Gil, 2017, p. 33).

Quanto à sua abordagem é do tipo qualitativa, pois possui enfoque interpretativista sobre os dados coletados a partir das entrevistas realizadas com estudantes de um *campus* agrícola, nos proporcionando uma análise mais aprofundada sobre um recorte local das possíveis influências das redes sociais sobre seus usuários.

Segundo o enfoque interpretativista, o mundo e a sociedade devem ser entendidos segundo a perspectiva daqueles que o vivenciam, o que implica considerar que o objeto de pesquisa é compreendido como sendo construído socialmente. Dessa forma, a pesquisa qualitativa passou a ser reconhecida como importante para o estudo da experiência vivida, dos longos e complexos processos de interação social (Gil, 2017, p. 40).

Inicialmente a coleta de dados para esta pesquisa foi planejada com a realização de um grupo focal. Um *e-mail* convite com um link para um formulário de cadastro, no caso de

interesse, foi enviado a todos os estudantes com matrícula ativa no IF Goiano – Campus Campos Belos. Em respeito aos critérios de amostragem de gênero e faixa etária, 12 estudantes foram selecionados. Foi criado um grupo de *Whatsapp* como canal de comunicação. A ideia era realizar 3 encontros com o grupo para apresentar as temáticas e intermediar as discussões. Entretanto, na data e horário marcados para o primeiro encontro, ninguém apareceu.

Sabendo da dificuldade de se reunir um grande número de estudantes em um mesmo dia e mesmo horário, além de saber das dificuldades de outra pesquisadora no mesmo *campus* em coletar os dados de sua pesquisa por meio deste instrumento um ano antes, decidimos que o instrumento de coleta de dados passaria a ser a entrevista. Segundo Gil (2017), a entrevista “pode ser entendida como a técnica que envolve duas pessoas numa situação ‘face a face’ e em que uma delas formula questões e a outra responde”. Além disso, ao entrevistar diretamente os estudantes, seria possível obter dados valiosos sobre como as redes sociais estão impactando suas vidas, suas visões sobre a disseminação de informações e a formação humana na era da pós-verdade.

Quanto à seleção dos entrevistados ficou definido que seriam escolhidos 6 estudantes, sendo 3 do curso de Zootecnia (Graduação) e 3 do curso de Agropecuária (Técnico de Nível Médio). Seria respeitado um equilíbrio de gênero, sendo entrevistados 2 estudantes do gênero feminino e 1 do masculino do curso de Zootecnia e 1 estudante do gênero feminino e 2 do gênero masculino do curso de Agropecuária. Quanto à faixa etária, a amostragem seguiria as séries e períodos em que os selecionados estivessem cursando, ou seja, do curso de Zootecnia seria selecionado 1 estudante dos 2 primeiros períodos, 1 do 4º ao 7º período e 1 estudante dos dois últimos períodos de curso, que tem duração total de 5 anos (10 períodos). Já do curso técnico em Agropecuária, seriam selecionados 1 (um) estudante da 1ª Série, 1 da 2ª Série e 1 da 3ª Série. Acontece que em 2021, por conta do número de turmas e professores no quadro, que estavam com carga horária bastante elevada, a Equipe Diretiva da unidade optou pela não oferta de ingresso de uma nova turma do curso de Agropecuária. Por isso, em 2023, havia apenas uma turma de 1ª Série e 1 (uma) de 2º Série do referido curso.

Desta forma, foram selecionados apenas 5 estudantes para as entrevistas. Mais uma vez, foi enviado um e-mail convite aos estudantes matriculados nos cursos de Agropecuária e Zootecnia. Entre os estudantes que se manifestaram interessados em contribuir com a pesquisa, foram selecionados aqueles que cumpriam os requisitos de amostragem. A seguir, segue o perfil dos estudantes selecionados e que foram entrevistados nesta pesquisa:

Tabela 1 - Perfil dos estudantes selecionados para as entrevistas.

Entrevistado	Idade	Gênero	Curso	Nível	Série/Período
1	22	Masculino	Zootecnia	Ensino Superior	9º Período
2	24	Feminino	Zootecnia	Ensino Superior	4º Período
3	14	Feminino	Agropecuária	Ensino Médio	1ª Série
4	21	Feminino	Zootecnia	Ensino Superior	2º Período
5	16	Masculino	Agropecuária	Ensino Médio	2º Série

Antes da coleta de dados por meio da realização das entrevistas, esta pesquisa foi aceita e aprovada sob o CAAE - 65718122.1.0000.0268 pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e sob o CAEE - 65718122.1.3001.0036 pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal Goiano. Todos os sujeitos participantes foram informados do caráter voluntário e sigiloso da presente investigação e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e também o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) quando menores de dezoito anos, devidamente autorizados pelos responsáveis.

A coleta de dados foi realizada no IF Goiano – Campus Campos Belos por meio de entrevistas dos participantes, previamente agendadas. O roteiro de entrevistas era do tipo estruturado e contava com 24 perguntas, sendo 3 de caráter introdutório e 21 relacionadas ao tema da pesquisa. Todas as entrevistas foram feitas e registradas com o auxílio de um gravador de voz. A média de tempo das entrevistas foi de pouco mais de 22 minutos.

Todo o material coletado por meio das entrevistas foi transcrito, analisado e categorizado a partir das temáticas empíricas emergentes nos discursos com o uso da técnica exploratória de análise de conteúdo de Bardin (2011), que é definida como

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) desta mensagem (Bardin, 2011, p. 48).

Desta maneira, a análise de conteúdo de Bardin (2011) permite-nos fazer uma leitura mais esmiuçada, sendo possível extrair das comunicações aquilo que está nas entrelinhas dos discursos, de forma subentendida nas mensagens levantadas.

A análise das informações obtidas nas entrevistas seguiu três etapas: pré-análise; exploração do material; tratamento e interpretação dos dados (Bardin, 2011, p. 124), recorrendo-se à técnica de análise de conteúdo temática por categorias. Na primeira etapa,

realizamos uma leitura exploratória das entrevistas, com o intuito de compreender o cenário que se encontravam os relatos.

Esta pré-análise, segundo Bardin (2011, p. 124), pode ser dividida em três etapas: a escolha dos documentos a serem analisados, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que deem lastro à interpretação final. Neste caso, os documentos analisados foram as transcrições das entrevistas realizadas. No que diz respeito à formulação das hipóteses, temos que,

Por hipótese entende-se uma suposição ou explicação provisória do problema. Essa hipótese, que em sua forma mais simples consiste numa expressão verbal que pode ser definida como verdadeira ou falsa, deve ser submetida a teste. Se em decorrência do teste for reconhecida como verdadeira, passa a ser reconhecida como resposta ao problema (Gil, 2017, p. 26).

Sendo assim, a hipótese principal desta pesquisa é a de que as redes sociais são capazes de influenciar na formação humana de seus usuários, podendo inclusive alterar a percepção deles no que diz respeito, por exemplo, à liberdade de expressão, ao convívio social e também ao compartilhamento de informações. Quanto aos objetivos aqui estabelecidos, o principal desta pesquisa é analisar a influência do mundo virtual na formação humana no contexto das pós-verdades e os desafios e oportunidades da educação diante das demandas do capitalismo tardio. Por fim, a referenciação dos índices e a elaboração de indicadores foram realizadas conforme a análise do material.

Na etapa seguinte, a da análise do material, as transcrições das entrevistas foram revisitadas para a realização dos recortes do texto, com o objetivo de estabelecer as categorias de análise. O material foi, então, codificado, respeitando-se a definição de escolha das unidades de registro, de contexto, as regras de contagem dos elementos e as categorias. A unidade de registro escolhida foi o tema. Segundo Bardin (2011, p. 135), a unidade de registro temática geralmente é utilizada “para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc”.

A unidade de contexto escolhida foi o cenário pós-eleitoral no Brasil, no ano de 2023, mais especificamente nas relações entre usuários das redes sociais envolvidos num cenário político extremamente polarizado. Neste sentido, temos que

[...] no caso de análise de mensagens políticas, palavras como liberdade, ordem, progresso, democracia, sociedade, têm necessidade de contexto para serem compreendidas no *seu* verdadeiro sentido. A referência ao contexto é muito importante para a análise avaliativa e para a análise de contingência. Os resultados são suscetíveis de variar sensivelmente segundo as dimensões de uma unidade de contexto. A intensidade e a extensão de uma unidade podem surgir de modo mais ou menos acentuado, consoante as dimensões da unidade de contexto escolhida (Bardin, 2011, p. 137)

A presença, ausência, a frequência e a direção que as unidades de registro também apareceram durante as entrevistas foram quantificadas, todas sob um mesmo grau de importância. Por fim, a categorização adotou um critério semântico, ou seja, com base nas significações daquilo que foi dito, onde

Um conjunto de categorias boas deve atender às seguintes condições: a) a exclusão mútua (significa que um mesmo elemento não pode ser classificado em duas categorias diferentes); b) a homogeneidade: um único princípio de classificação deve governar a organização das categorias; c) a pertinência: uma categoria é considerada pertinente quando está adaptada ao conteúdo analisado, ao objetivo e ao quadro teórico definido; d) a objetividade e a fidelidade: as diferentes partes de um mesmo material, ao qual se aplica a mesma grelha categorial, devem ser codificadas da mesma maneira. e) a produtividade: um conjunto de categorias é produtivo se fornece resultados férteis em índices de inferências, em hipóteses novas e em dados exatos (Bardin, 2011, p. 149).

Exposto isto, definimos 3 categorias principais, são elas: “Opinar”, “Conviver” e “Compartilhar”. A análise dessas categorias nos ajudou a entender melhor como as opiniões são formadas e expressas, como as pessoas convivem e se relacionam virtualmente, e como o conteúdo é compartilhado e sua veracidade questionada ou assumida nas redes sociais.

Além desta análise manual dos dados, também foi feita uma análise pelo *software* Iramuteq. Para inserção dos dados no *software*, nas transcrições das 5 entrevistas, foi considerado apenas as respostas dos entrevistados, resultando em um *corpus* textual com 8.444 palavras. Com os dados processados, realizamos a contagem da frequência absoluta de palavras, geramos imagens gráficas das palavras mais recorrentes nas respostas das entrevistas, além de se sugerir palavras e termos mais fortemente relacionados uns com os outros. Assim, temos alguns elementos visuais para ilustrar um pouco mais a análise dos dados obtidos.

O Iramuteq é um *software* gratuito e desenvolvido sob a lógica do *opensource*, ou seja, é de fonte aberta e qualquer pessoa pode ter acesso às suas linhas de programação e também usá-lo, sem a necessidade de se adquirir uma licença, por exemplo. Para que ele funcione ele depende de outro *software*, o R, e permite a realização de análises gerais de textos, desde análises bem simples, como a lexicografia básica até análises multivariadas como a classificação hierárquica descendente (CHD), análise de correspondência e análise de similitude (Camargo; Justo, 2021). Por fim, pelo fato de possuir uma interface com o *software* R, o Iramuteq se apresenta como uma ferramenta que permite análises estatísticas de textos qualitativos, neste caso, entrevistas.

Diante de todo o exposto, a robustez do método adotado nesta pesquisa reflete diretamente na qualidade dos resultados obtidos. Agora, ao explorarmos a análise de dados, seremos capazes de extrair significados, identificar padrões e inferir conclusões embasadas nos dados coletados. Esperamos que o rigor metodológico e as técnicas empregadas para análise de dados contribuam para uma compreensão mais profunda dos resultados apresentados, promovendo uma análise crítica e fundamentada dos achados desta pesquisa.

3.3 Resultados e discussão

Após a análise das entrevistas, percebemos que existe uma variedade de perspectivas sobre como as redes sociais influenciam a vida das pessoas, seus hábitos de consumo de mídia e suas interações sociais. As variadas respostas dadas pelos entrevistados destacam como as redes sociais tornaram-se parte integrante da vida cotidiana, influenciando a forma como as pessoas se expressam, se conectam umas com as outras, como consomem informações e como criam ou compartilham conteúdo. Essa diversidade também ilustra as várias maneiras pelas quais as redes sociais podem ser percebidas e utilizadas, refletindo suas complexidades e o papel significativo que desempenham na sociedade contemporânea.

Após a análise do material coletado, foi possível proceder com a divisão dos temas em algumas categorias, que serão expostas logo mais. Antes, é importante elucidar que para fins de identificação, os respondentes (entrevistados) serão indicados pela letra ‘E’ seguida de número correspondente à ordem de realização das entrevistas.

Pois bem, a análise das transcrições das entrevistas trouxe temas como o uso de redes sociais para informação e interação, o impacto das redes sociais na formação de opinião, disseminação de desinformação, e a influência delas na vida pessoal e profissional dos entrevistados.

Após a codificação, chegamos ao seguinte quadro categorial de acordo com os temas abordados nas entrevistas:

Quadro 2 - Categorias de análise do conteúdo.

CATEGORIA INICIAL	CATEGORIA INTERMEDIÁRIA	CATEGORIA FINAL
COMUNICAÇÃO	USO E IMPACTO DAS REDES SOCIAIS	OPINAR
INFORMAÇÃO		
CHECAGEM DE FATOS		
INFLUÊNCIA NA OPINIÃO PÚBLICA		
SAÚDE MENTAL		
IDENTIDADE	FORMAÇÃO HUMANA E COMPORTAMENTO	CONVIVER
COMPORTAMENTO EM SOCIEDADE		
INTERAÇÕES HUMANAS		
POLARIZAÇÃO POLÍTICA		
DISSEMINAÇÃO DE FAKE NEWS	DESINFORMAÇÃO E PÓS-VERDADE	COMPARTILHAR
A VERDADE NAS REDES SOCIAIS		
AMBIENTE CRIATIVO	O USUÁRIO COMO PRODUTO	
INSPIRAÇÃO X PROMOÇÃO		
PRIVACIDADE E CONTROLE DE CONTEÚDO		

Fonte: Dados da pesquisa.

Dentro da primeira categoria final, diretamente ligada à questão do “opinar”, buscamos encontrar fundamentos que remetam ao “uso e impacto das redes sociais” nos seus respectivos usuários, sendo esta a nossa categoria intermediária. Para tanto, definimos algumas categorias iniciais, são elas: “comunicação”, “informação”, “checagem de fatos”, “influência na opinião pública” e “saúde mental”.

A percepção dos entrevistados sobre a relação entre redes sociais e comunicação aponta para uma integração profunda dessas plataformas no cotidiano das pessoas. Eles reconhecem a onipresença e a acessibilidade das redes sociais, evidenciada pelo uso quase constante e pela preferência pelo celular como dispositivo de acesso. Em relação à frequência com que acessam suas redes sociais, temos as seguintes respostas:

“Todo santo dia. No dia que eu acesso menos é três vezes ao dia, por conta da correria do dia a dia né, a graduação. Assíduo. Todos os dias”. (E1)

“De minuto em minuto”. (E2)

“Eu acesso todos os dias. Geralmente, na maioria das partes do dia, né. Exceto nas horas, às vezes, que eu tô em sala, mas sempre que eu tô com meu celular na mão eu dou uma olhadinha”. (E3)

“Muito tempo. É praticamente o dia todo. Mesmo não disponível. Porque é a minha forma de renda também. Eu trabalho com rede social, então é o tempo todo”. (E4)

“Todo dia. Todo dia. Toda hora”. (E5)

Percebemos que todos os entrevistados passam um bom tempo do seu dia acessando suas redes sociais. Todos eles têm mais de uma rede social e as acessam com bastante frequência. Instagram, Whatsapp, Facebook, X (antigo Twitter), Youtube, TikTok, Kwai,

Telegram, Linkdein, todas estas foram mencionadas pelos entrevistados. Dois deles (E1 e E4), inclusive, utilizam suas redes sociais de forma profissional, exercendo o papel de influenciadores digitais.

Em relação ao dispositivo em que costumam acessar suas redes sociais, os 5 entrevistados acessam suas redes sociais pelo celular, sendo que 2 (dois) deles (E3 e E5) usam, exclusivamente, este dispositivo e os outros 3, raramente, utilizam um notebook para acessá-las.

Com a popularização das redes sociais houve uma mudança significativa na maneira como as pessoas se comunicam, mantêm-se informadas e interagem com o mundo ao seu redor. Em resumo, a relação entre redes sociais e comunicação é percebida como intrinsecamente ligada à vida cotidiana, influenciando não apenas como as pessoas se comunicam, mas também como elas percebem e se engajam com o mundo ao seu redor. Nesta relação entre as redes sociais e comunicação, temos os seguintes trechos que reforçam esta ligação quando eles foram instigados a falarem sobre suas percepções sobre as redes sociais:

"Contato. É um meio da gente meio que se aproximar que a gente encontrou de se aproximar das pessoas. Isso ficou um pouco mais nítido na pandemia porque tipo, a gente não poderia, não podia ter contato com as pessoas. Então tipo, a gente ficou ali naquela questão do isolamento. A gente não via as pessoas então, tipo, a única forma de a gente ver as pessoas, se comunicar com as pessoas, praticamente foi a questão da rede social. Então acho que na pandemia se tornou ainda mais um sinônimo de, dessa questão do contato mesmo, [...] essa questão do WhatsApp para ser utilizado de forma de comunicação rápida, então, enfim, WhatsApp caiu, você literalmente tá lascada [...] virou ferramenta profissional e ferramenta, tipo, uma ferramenta de comunicação pessoal também". (E2)

"Por causa que ela é um meio de comunicação, né, através dela, por exemplo, a gente consegue fazer vídeo chamadas, trocar mensagens de texto, por exemplo, com uma pessoa que tá lá do outro lado do mundo, né". (E3)

"Hoje em dia é muito difícil imaginar o mundo sem rede social. Porque a rede social ajuda muito, facilita muito como meio de comunicação, de aprendizagem de diversas coisas" (E5)

Fica evidente, com os trechos destacados acima, que as redes sociais são vistas pelos seus usuários como ferramentas poderosas de comunicação que facilitam interações amplas e diversificadas. É muito comum que hoje muitas pessoas prefiram enviar uma mensagem via rede social que, por exemplo, fazer uma ligação telefônica. Ainda assim, quando fazem uma ligação, utilizam uma rede social para fazer uma chamada de voz ou de vídeo. É como se o telefone, à moda antiga, não tivesse mais utilidade para realização de chamadas telefônicas.

Outro fator muito importante considerado pelos entrevistados é o de que as redes sociais são uma fonte de informação. As respostas dadas por eles indicam que as redes sociais são vistas como importantes veículos de informação e conhecimento, onde os usuários podem

aprender sobre eventos atuais, novidades em suas áreas de interesse e até mesmo adquirir novas habilidades através de tutoriais e cursos disponibilizados nessas plataformas. Isso reflete a multifuncionalidade das redes sociais, transcendendo o mero entretenimento para se tornarem ferramentas educacionais e informativas, como podemos constatar a seguir:

"[...] além disso a informática, como as redes sociais, são formas de acesso para se ter as informações de forma mais rápida, precisa, porque antes não se tinha tantas possibilidades. [...] Onde você tem acesso a divulgação e também você adquire informações de diversos nichos, não só do seu nicho. Você pode consumir o conteúdo que você quiser e na rapidez que você quiser. [...] A polarização, briga por poder, ainda mais no acesso à informação, muitas vezes informações falsas são, no caso, a gasolina do incêndio para aumentar ali os ânimos e disputa. [...] A gente tem que seguir para se antenar nas informações diárias que muitas vezes não são publicadas nos outros perfis. [...] A gente compartilha esses conteúdos do dia a dia né, para informar também os nossos seguidores. [...] A gente vê que numa geração onde que tem os meios de se comunicar, de informar, fazer o bem com o uso da informação, as pessoas, os usuários, não fazem". (E1)

"E, enfim, se não for para informar, acho que não vale a pena ser compartilhado". (E2)

"Rede social para mim é um local onde você consegue obter mais informações sobre um determinado assunto, um lugar também onde você consegue interagir com as pessoas e pode até ser um local de você buscar mais conhecimento". (E3)

"Influencia. Porque o celular está ali na palma das mãos, a gente tem todas as informações e diferentes pontos de vista, sejam eles reais, sejam eles falsos. Então acredito que influenciam muito. Se a pessoa não souber pesquisar tudo que tá acontecendo e tirar as suas próprias conclusões de acordo com os fatos, isso influencia bastante". (E4)

As redes sociais foram uma das fontes de informação que mais cresceram na internet e com bastante potencial para integração e incorporação a outras fontes (De Paula; Da Silva; Blanco, 2018, p. 98). Por outro lado,

Tradicionalmente, estudos advindos da área de Ciência da Informação, quanto à avaliação de fontes da informação, inclusive as fontes eletrônicas, focam aspectos que abrangem a arquitetura da informação (acessibilidade da informação, usabilidade, organização, navegação, rotulagem, busca, segurança, interoperabilidade), aspectos relacionados ao conteúdo (tais como precisão, objetividade, imparcialidade, texto bem escrito, facilidade de compreensão, coerência na abordagem do conteúdo, profundidade necessária para manter sua consistência; informação embasada na literatura ou pesquisas científicas, exatidão, atualização etc.), análise na credibilidade (envolve a identificação do autor, assim como sua especialidade, a hospedagem da fonte, sendo que sites acadêmicos e governamentais têm maior credibilidade do que os comerciais) além de aspectos visuais, de formato, design etc (Cerigatto & Casarin, 2017, p. 165).

Embora as redes sociais podem ser consideradas uma fonte de informação, elas podem ser consideradas um terreno propício para o compartilhamento de informações não auditáveis, ou seja, que não podem ser atestadas como verdadeiras. Neste sentido,

Os elementos de identificação e qualificação de informação em ambientes digitais podem ser considerados pertinentes às necessidades dos usuários. Entretanto, diante das *fake news* apresentadas, pode-se afirmar que são insuficientes, já que há necessidade de criação de estruturas que auxiliem na identificação de notícias falsas.

Há, também, a necessidade de operacionalizar arquiteturas que deem conta de auditar os conteúdos propagados na internet. (De Paula; Da Silva; Blanco, 2018, p. 108)

Vale lembrar que parte da disseminação de desinformação nas redes sociais se dá pelo descrédito das mídias tradicionais de informação, como a imprensa. Portanto, os usuários buscam nas redes sociais uma fonte alternativa para a informação, seja ela auditada ou não. E neste ambiente das redes sociais, a chance de o usuário encontrar informações que vêm ao encontro de suas expectativas e crenças é muito maior por conta da atuação dos algoritmos.

Consequentemente, não há, por grande parte dos usuários de redes sociais, o interesse por checar as informações das quais estão se utilizando como fontes de informação. No caso dos entrevistados nesta pesquisa, nenhum afirmou seguir perfis de agências de *fact-checking*, ou checadores de notícias, como vemos a seguir:

"Algumas, como o G1. Mas, muito pouco". (E1)

"Não me recordo agora. Geralmente, nas redes sociais tem, o próprio Instagram, ele tem um mecanismo né, de alerta, tipo, esse post contém, tipo, enfim, não corresponde com a verdade, alguma coisa assim. O Facebook, se eu não me engano, também tem. Ultimamente eu não uso muito o Facebook, eu tenho perfil lá mas não sou muito ativa. Mas aí, tipo assim, tem esses alertas de conteúdo né, o Twitter também tem algumas ferramentas de checagem, alguns perfis de checagem, mas tipo assim, são utilizados mais em perfis verificados, de compartilhamentos de notícias, essas coisas assim, ou de famosos. Aí o pessoal, tipo, usa mais. Ah, Fato ou Fake. Eu não sabia o nome, mas tipo assim, eu já tinha visto, o Fato ou Fake eu já conhecia, em questão do jornal, mas, tipo assim, seguir mesmo eu não sigo". (E2)

"Não" (E3)

"Não" (E4)

"Não. A única coisa que eu tenho é um cara que eu sigo no TikTok que ele pesquisa, sabe? Porque ele vê determinadas publicações e pesquisa. Pesquisa, mostra dados e tal. Até falar se é verdadeiro ou falso". (E5)

Quanto ao que o Entrevistado 1 respondeu, na verdade, o G1 é um portal de notícias. Ele até possui um checador de notícias, que é o "Fato ou *Fake*". Isso demonstra o risco que grande parte dos usuários correm estando expostos a conteúdos diversos, sem fontes de autoria e sem informações territoriais ou temporais, podendo inclusive, repassar os materiais acessados, como veremos mais a frente.

As entrevistas também nos fazem olhar para o papel das redes sociais como amplificadoras de vozes e opiniões, com o poder de influenciar a opinião pública, moldar discursos e até mesmo impactar decisões políticas e sociais. Isso ressalta a importância das redes sociais na formação de opinião e na mobilização social, mas também levanta questões sobre a disseminação de desinformação e a manipulação de narrativas. A seguir temos alguns trechos das entrevistas que reforçam este argumento:

"A gente teve, não sei se por aqui teve, os rolezinho no shopping, enfim, todo mundo queria ser aquele monte de adolescente que tava lá, enfim, até hoje isso é

muito influenciado e, principalmente, hoje em dia, para a mulher tem muita essa questão da influência, principalmente no corpo. Então, tipo, você vê um monte de gente ali sendo padrão. Você vê que tem um padrão, todo mundo meio que sendo igual, então, tipo, eu acredito que isso tá para muitas pessoas e isso fique um pouco impregnado na mente, tipo, eu tenho que ser assim. Então, influencia diretamente nessa questão de mudança. [...] Então acaba que você muda de opinião umas 30 vezes por dia. Sobre o mesmo assunto. Você toma ranço de alguém, você deixa de ter ranço." (E2)

"Com certeza, né. Porque, até porque algumas pessoas, né, podem acabar vendo, né, algumas informações que não foram muito estudadas, né, para saber se é verdadeira ou se não é, elas podem acabar absorvendo aquilo, né, e acabando tomando partido com base no que elas ouviram ou leram de informação que seria falsa". (E3)

"[...] ela não procura saber se realmente foi aquilo que aconteceu e acaba acreditando, e isso vindo, né, várias...e nós...como virar voto, e a pessoa que já tinha uma opinião formada começa a desconstruir de acordo com aquilo que ela viu e, infelizmente, vai influenciado as outras pessoas também, né, não somente a ela". (E4)

"Sim. Claramente é uma das influências mais...vamos dizer, perigosas, não, que mais ajuda na manipulação". (E5)

Percebemos que existe, por parte dos entrevistados, a consciência sobre o impacto significativo dessas plataformas na formação e na mudança de opiniões, convicções e posicionamentos. Um entrevistado (E4), especificamente, menciona como as redes sociais podem alterar a opinião de uma pessoa a ponto de mudar seu voto numa eleição democrática, evidenciando a potência dessas plataformas em influenciar decisões importantes baseadas em informações vistas on-line, sejam elas verdadeiras ou não. Este fenômeno é atribuído, em parte, à falta de verificação das informações por parte dos usuários, que muitas vezes aceitam e disseminam conteúdo sem confirmar sua veracidade, como vimos anteriormente.

Outro fator preponderante no que diz respeito à influência das redes sociais sobre seus usuários é a questão da saúde mental. Analisando os dados foi possível encontrar preocupações com o impacto das redes sociais na saúde mental, com alguns entrevistados mencionando sentimentos de inadequação, pressão por comparação e ansiedade relacionada ao uso excessivo dessas plataformas. Dados do Relatório de Monitoramento Global da Educação 2023 indicam que “o tempo prolongado de exposição à tela pode afetar de forma negativa o autocontrole e a estabilidade emocional, aumentando a ansiedade e a depressão” (UNESCO, 2023, p. 20).

A seguir, alguns trechos das entrevistas que remetem à questão do agravamento da saúde mental nas redes sociais:

"[...] enfim, as pessoas se adoentaram mentalmente por conta disso as pessoas tomaram isso como uma bandeira, tipo, peças defendem aquilo com unhas e dentes e seja o que for, quem não for do meu, que se lasque. (E2)

"Porque muitas pessoas, às vezes, acabam brigando nas redes sociais por causa dessas coisas, né, de coisas políticas ou de qualquer outro assunto e pode acabar gerando algum impacto, né, na vida daquela pessoa, algum comentário, ou alguma

publicação, pode acabar de não aguentar porque na vida daquela pessoa que, talvez a gente que tá de fora não saiba, né. Mas pode acabar se agravando, né, alguma coisa na vida da pessoa. Então eu acho que sim, até para preservar nossa saúde mental, né, porque muitas pessoas, elas ficam muito mal, né, por conta de desinformações porque eles acabam jogando lá comentários, é isso. [...] Acho também que o que a gente vê, né, o que a gente consegue explorar nas redes sociais pode acabar trazendo algum impacto na nossa vida, né, por causa de coisas como, é...decepções, comparações e diversas coisas relacionadas a isso. Acho que pode, sim, afetar o nosso jeito de pensar, né, em quem nós somos e talvez até afetar, é...positivamente ou negativamente, nosso emocional". (E3)

"Mas isso pode influenciar bastante sobre questão política, mesmo. Sim. Pode influenciar. Como tem vários casos aí de pessoas se suicidando, entrando em depressão por conta desses temas". (E5)

Alguns desses trechos sugerem uma conscientização crescente por parte dos entrevistados sobre os efeitos negativos que o engajamento intenso e a busca por validação nas redes sociais podem ter no bem-estar psicológico dos indivíduos. A exposição constante a vidas aparentemente "perfeitas" e sem problemas pode distorcer a realidade dos usuários, impactando negativamente em sua saúde mental.

A polarização política torna o ambiente virtual ainda mais tóxico. É possível perceber que também há uma preocupação com a forma como essas plataformas podem incentivar a comparação social, muitas vezes levando a sentimentos negativos sobre a própria vida em comparação com as representações idealizadas que as pessoas postam em suas redes sociais.

Afinal, existe uma distorção da realidade promovida pelas redes sociais, onde a constante exposição a conteúdos editados e filtrados pode levar a uma percepção distorcida da realidade, afetando negativamente a autoestima e a satisfação com a própria vida. Alguns outros pontos negativos mencionados incluem a promoção de padrões de beleza inatingíveis, comparação social e pressão para postar conteúdo atraente. Estes fatores podem levar a sentimentos de inadequação, ansiedade e depressão.

"Para a mulher tem muita essa questão da influência, principalmente no corpo. Então, tipo, você vê um monte de gente ali sendo padrão. Você vê que tem um padrão, todo mundo meio que sendo igual, então, tipo, eu acredito que isso tá para muitas pessoas e isso fique um pouco impregnado na mente, tipo, eu tenho que ser assim. Então, influencia diretamente nessa questão de mudança". (E2)

"Ah, eu acho que se a gente não tomar um certo cuidado, acho que isso pode acabar afetando, né, a gente. Porque, por exemplo, a gente pode talvez receber, né, às vezes, comentários, muitas curtidas, pode levar a gente a talvez mudar, né, o nosso modo de pensar, nosso modo de ser...é, de agir também. Acho também que o que a gente vê, né, o que a gente consegue explorar nas redes sociais pode acabar trazendo algum impacto na nossa vida, né, por causa de coisas como, é...decepções, comparações e diversas coisas relacionadas a isso". (E3)

Adentrando na segunda categoria final, que abrange o “conviver”, buscamos aspectos mais voltados à “formação humana e comportamento” dos usuários nas redes sociais, sendo esta a nossa categoria intermediária. Para tanto, definimos algumas categorias iniciais, são

elas: “identidade”, “comportamento em sociedade”, “interações humanas” e “polarização política”. Afinal, a complexidade do convívio on-line, onde as redes sociais não se apresentam apenas como espaços para ampliar conexões e interações, mas também como campos minados de potenciais conflitos e desafios à privacidade, pode indicar uma consciência sobre as implicações do seu uso tanto para o indivíduo quanto para o coletivo.

Ao se apresentarem como um espaço para expressão pessoal, permitindo que sejam compartilhadas opiniões, experiências e aspectos pessoais, as redes sociais são um ambiente propício para o exercício das múltiplas identidades, que é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social (Castells, 1999b, p. 22). Isso pode ser tanto uma forma de autoafirmação quanto uma maneira de buscar validação social. A construção e manutenção da identidade on-line também é um tema que indica a complexidade das representações de si mesmo no ambiente digital. Quanto a isso,

A Internet tem possibilitado que novos modos de se posicionar na sociedade sejam incorporados pelos sujeitos com acesso aos recursos de comunicação e interação disponíveis on-line, sobretudo aqueles disponibilizados pelas redes sociais virtuais, constituídas por interações que agregam identidades por afinidades (Remenche; Machado; Rohling, 2020, p. 2).

Também há uma pressão para se conformar às expectativas sociais dentro das redes sociais, sugerindo que os usuários muitas vezes sentem a necessidade de se apresentarem de certa maneira para serem aceitos ou valorizados por seus pares. Isso pode levar a uma uniformidade de pensamento e à supressão da individualidade, ou seja, os usuários podem agir de formas específicas para se adaptarem ao meio em que estão inseridos e com quem estão interagindo.

Dentre os assuntos que mais inflamam as redes sociais nos últimos anos, que é a política, dos 5 entrevistados em nossa pesquisa, apenas 2 afirmaram não ter discutido nas redes sociais sobre temas relacionados à política durante a campanha eleitoral de 2022.

“Eu tentei ao máximo evitar porque muitas vezes a gente pode ser mal interpretado” (E1).

“Não”. (E3)

Quanto aos que afirmaram ter discutido sobre política nas redes sociais, tivemos as seguintes respostas:

“Sim. Principalmente, tipo assim, nas questões aqui do campus, porque a gente é uma instituição pública e a gente viu o tanto que a gente foi afetado por uma política que a gente não tinha conhecimento nenhum”. (E2)

“Sim. Na época mesmo. Inclusive isso foi bastante tenso. E como eu já trabalho com isso, algumas pessoas não viram com bons olhos, então acabou que gerou alguns conflitos, mas logo passou e foi tranquilo”. (E4)

“Muito. Não foi pouco não”. (E5)

Por outro lado, esse cenário de campo de batalha nas redes sociais traz desgaste e com o passar do tempo muitos usuários começam a mudar seu comportamento, pois percebem que o tempo passa e nada muda, nenhum dos dois lados cede e muito menos abre espaço para um diálogo produtivo. Em uma pesquisa realizada pelo Instituto Data Folha, encomendada pela Rede Globo e pelo jornal Folha de São Paulo, realizada em setembro de 2022, em 332 municípios e que ouviu 6.800 pessoas, mostrou que 53% dos entrevistados mudaram o seu comportamento nas redes sociais ou em aplicativos de mensagens por motivos políticos (G1, 2022). Na pesquisa, foram apresentadas três situações vividas entre quem tem redes sociais:

- Deixou de comentar ou compartilhar alguma coisa sobre política em grupo de WhatsApp para evitar discussões com amigos ou familiares;
- Deixou de publicar ou compartilhar alguma coisa sobre política nas suas redes sociais para evitar discussões com amigos ou familiares;
- Saiu de algum grupo de WhatsApp para evitar discussões políticas com amigos ou familiares.

Quando questionados se alguma vez eles tinham deixado de interagir com outras pessoas nas redes sociais para evitarem discussões políticas, tivemos as seguintes respostas:

" Sim. Porque muitas das vezes as pessoas marcam a gente que faz a publicação, só que é melhor a gente guardar a opinião para si mesmo que tentar expor e ser um problema né, assim em relações, ainda mais entre família, amigos, é muito bom deixar isso bem separado. Sempre vai ter as pessoas intolerantes que não vão entender o ponto de vista do outro". (E1)

"Não. Eu sou polêmica. Eu gosto da polêmica. Eu gosto do furdunço. No grupo da família mesmo eu falo: queridos, vocês não são grandes agricultores, vocês são pequenos produtores, e o pequeno produtor só se lascou aí viu". (E2)

"Não, porque eu não me envolvi em assuntos políticos". (E3)

"Sim. Muitas vezes. Até já removi algumas pessoas por conta disso. [...] Porque a gente acaba querendo agradar todos, né. Começa a se privar, por exemplo, não posso falar isso porque tal pessoa que eu tenho aqui vai achar ruim. E isso influencia demais. Pesa. Você pensa duas vezes antes de postar alguma coisa antes de postar uma foto". (E4)

"Não. Pior que não. Não aconteceu, não". (E5)

Existe outro aspecto importante que é o papel exercido pelas redes sociais como uma ferramenta de interações humanas. Concebidas para "interagir com o máximo de pessoas possível" (E1), para conectar amigos, familiares, pessoas com interesses semelhantes, independentemente da distância física, hoje as redes sociais vão muito além de conexões e interações, o que sugere que elas podem fortalecer laços sociais e promover um senso de pertencimento.

O excesso de interações virtuais acaba limitando as interações presenciais. É comum que nos dias de hoje, em confraternizações, em almoços familiares ou até mesmo em mesas de bares e restaurantes, os presentes deixem de interagir entre si para ficarem interagindo com outras pessoas em redes sociais. Sobre isso, o Entrevistado 1 destacou que há "Inclusive separação de famílias né, hoje em uma casa com cinco pessoas, tem cinco pessoas com aparelhos na mão e nenhuma interagindo com a outra" (E1). Para reforçar esse propósito de interação humana, uma das entrevistadas afirma:

"Rede social para mim é um local onde você consegue obter mais informações sobre um determinado assunto, um lugar também onde você consegue interagir com as pessoas e pode até ser um local de você buscar mais conhecimento. [...] Eu acho que, na questão, assim né, tipo, uma diversão, um hobby, só para a gente fazer nossas postagens mesmo, interagir com nossos amigos, eu acho sim uma coisa legal. [...] não consigo ver, né, hoje a gente sem as redes sociais porque eu acho que elas são importantes também para nossa convivência, tirando as partes negativas, é claro, eu acho que elas são muito importantes, assim, para o nosso convívio, né" (E3)

Esse excesso de interações humanas contribui para que as redes sociais sejam identificadas como um terreno fértil para a polarização, onde os algoritmos tendem a encorajar câmaras de eco (bolhas), reforçando crenças pré-existentes e dificultando a exposição a pontos de vista divergentes. Isso é visto como prejudicial para o discurso público e a coesão social, pois limita o debate e o aprofundamento de ideias e pode incentivar o emprego de violência ou até mesmo a prática de discursos de ódio em discussões acaloradas. Quanto a isso, temos a seguir alguns trechos de repostas dos entrevistados sobre esta questão:

"Acaba que tem essa parte de intolerância política. A gente vê muitas discussões até hoje, mesmo tendo passado o período político, ainda continuam acirrados os ânimos. [...] A polarização, briga por poder, ainda mais no acesso à informação, muitas vezes informações falsas são, no caso, a gasolina do incêndio para aumentar ali os ânimos e disputa. Inclusive a gente vê hoje o Brasil muito polarizado". "Conheço muitas pessoas, principalmente da família mesmo, amigos, colegas, ou até de perfis conhecidos na internet né. Eles ficam consumindo o mesmo conteúdo. No almoço de domingo, você está com a família, que era um momento para estar descontraindo, acaba que vira discussão. Quem pensava que ia acabar apenas durante o período eleitoral se enganou. Porque continuou do mesmo jeito. Tem essas discussões até hoje, grupo de família, grupo de amigos mais próximos, não parou essa discussão até hoje né, continua muito polarizada essas informações". (E1)

"Acho que extremos são perigosos. Então, eu vi isso acontecer no meu grupo de amizade mesmo, e eu não parei de falar com ninguém porque eu tento, tipo assim, eu apresento os fatos, eu tento não ser ignorante com ninguém, nem arrogante, nem querer impor a minha opinião". (E2)

"Eu acho que pode comprometer pelo fato de...das pessoas, igual você falou né, essa questão da...das pessoas começarem a discutir sobre isso, né, podendo acabar até em brigas né". (E3)

Algo que contribui de forma significativa para a manutenção deste cenário político polarizado no Brasil e em diversos países do mundo, é a cadeia de produção e distribuição de desinformação nas redes sociais. E aqui chegamos à última categoria final que estabelecemos,

o “compartilhar”. Aqui foram estabelecidas duas categorias intermediárias, “desinformação e pós-verdade”, cujas categorias finais estabelecidas foram “disseminação de *Fake News*” e “a verdade nas redes sociais”. A segunda categoria intermediária foi “o usuário como produto”, cujas categorias iniciais foram “ambiente criativo”, “inspiração x promoção” e “privacidade e controle de conteúdo”.

A disseminação de notícias fraudulentas e, consequentemente, a desinformação, é um dos grandes gargalos envolvendo as redes sociais atualmente. Segundo Spinelli & Santos (2019, p. 58), “a proliferação de notícias falsas causa ansiedade nos estudantes e prejudica a autoestima e a visão que os estudantes têm sobre o mundo”.

Como as redes sociais são um canal extremamente capilarizado, a viralização de postagens com temas polêmicos é algo bastante comum. O grande problema é que nem tudo o que é polêmico é verdadeiro. E neste ponto, quando os usuários não estão preparados para analisarem aquele conteúdo e pesquisarem sobre ele, a chance de repassarem para frente é enorme, pois “qualquer indivíduo desinformado e não prudente racionalmente é um vetor altamente potencial de propagação de informações falsas” (Ribeiro, 2023, p. 24). Existe uma discussão sobre a responsabilidade dessas empresas em desenvolver maneiras de limitar a distribuição de desinformação. A nível de Brasil, temos o Projeto de Lei nº 2.630/2020, conhecido como o PL das *Fake News*, que segue sem avançar no Congresso Nacional, em parte, por conta da resistência das *big techs*. Sempre que algo grave acontece, a discussão vem à tona e logo se esfria novamente. Embora algumas ações já tenham sido tomadas, todas, até aqui, mostraram-se ineficientes.

Quando questionados sobre se as empresas deveriam desenvolver formas de limitar a disseminação de desinformação nas redes sociais, obtivemos as seguintes respostas:

“No caso tinha que filtrar melhor né. Num tem um filtro. Porque até eles checarem uma publicação, isso vai depender do grau de denúncia que tiver. Então se as pessoas não denunciarem o perfil não vai saber, porque não tem essa filtragem. E quando filtra, são perfis muito grandes. Igual quando eu citei o exemplo das páginas de médio, de médio acesso, elas são as maiores propagadoras de informações falsas, porque as pessoas preconizam e aí também a política da rede social, é sempre fiscalizar os maiores. São os que têm mais acessos. Porém uma informação falsa nesses perfis médios, ela dissemina como se fosse em um perfil alto né. Tem esse problema. Então tem que pensar em políticas de acesso e de uso diferentes, não só quanto uma música que é ofensiva, mas sobre todos os assuntos. Porque tem muita informação falsa sobre diversos assuntos nas redes sociais e isso é disseminado a cada segundo”. (E1)

“Sim. Eu acho que seria interessante porque as pessoas, elas conseguem hoje, querendo ou não, a tecnologia ela ficou um pouco extensa, algumas pessoas dominam muito isso e usam de má fé né, essa compartilhamento (*sic*) de *Fake News* em massa foi uma grande prova disso. Hoje, você tá ali e você, tipo, tá você fazendo um vídeo e tal, as pessoas conseguem editar o vídeo, enfim, colocando um áudio

totalmente diferente em outra situação, em outro momento...tipo... Descontextualizado e às vezes, muitas vezes, o corte também que é feito, você tem uma coisa na íntegra, o corte tira totalmente de contexto uma fala sua. Então assim, isso é muito, muito perigoso às vezes, então acho que controlar essa, essa questão, principalmente na questão de informação falsa, eu acho que seria muito, muito mais interessante porque, pô, você tá ali, tá na sua cara que tá um selo ali, até mesmo proibir, tira a publicação do ar, porque às vezes a pessoa ignora. Ultimamente as pessoas estão muito céticas, tipo: 'ah, porque o Instagram tá do lado do fulano'. A gente viu isso acontecer por várias vezes né, 'ah porque não pode, se eu posto qualquer coisa'... cara, o Instagram nem sabe quem, tipo, óbvio que sabe né, enfim, mas ele não tá nem preocupado em injetar a publicação de tal e a publicação do ciclano e do beltrano. 'ah porque o fulano é apoiador do fulano, então o fulano não pode ver, não pode publicar do ciclano'. Enfim, mas é porque o negócio às vezes é falso e tá ali com filtro nítido de...publicação falsa". (E2)

"Eu acho que sim. Porque muitas pessoas, às vezes, acabam brigando nas redes sociais por causa dessas coisas, né, de coisas políticas ou de qualquer outro assunto e pode acabar gerando algum impacto, né, na vida daquela pessoa, algum comentário, ou alguma publicação, pode acabar de não aguentar porque na vida daquela pessoa que, talvez a gente que tá de fora não saiba, né. Mas pode acabar se agravando, né, alguma coisa na vida da pessoa. Então eu acho que sim, até para preservar nossa saúde mental, né, porque muitas pessoas, elas ficam muito mal, né, por conta de desinformações porque eles acabam jogando lá comentários, é isso". (E3)

"Eu não sei se isso é muito seguro para os nossos dados porque como eles vão saber se são informações falsas ou não? Por exemplo, eu te envio uma informação falsa, então para ele saber, não sei, não sei se seria muito seguro para mim, eles terem essa informação do que eu te mandei, o que eu te passei. Eu acho que eu não tenho uma opinião formada sobre isso. Ao mesmo tempo que eu acho que é muito ruim essa disseminação de *Fake News* e tal, eu também acho muito ruim privar as pessoas e darem a sua opinião em público. Isso é muito relativo". (E4)

"Uai, agora depende muito da informação. Mas isso sim. Tinha que ter algum software, ou então a própria inteligência artificial, o *ChatGPT* ou essas coisas assim, por exemplo né, tinha que ter algum software ou um grupo de pessoas para pesquisar mais a fundo, do que que é. E ter uma garantia né, da publicação". (E5)

Mesmo com todos concordando que essa disseminação de desinformação é ruim, surge uma preocupação sobre a segurança dessas medidas em relação à privacidade dos dados dos usuários e como as plataformas podem determinar a falsidade das informações sem comprometer a privacidade. Este ponto foi levantado pela entrevistada 4.

Essas percepções refletem a complexidade do tema, onde por um lado, reconhece-se a necessidade de combater a desinformação para proteger o processo democrático, mas por outro, existe a preocupação com a liberdade de expressão e a privacidade dos usuários. Os entrevistados parecem entender o poder das redes sociais em moldar a opinião pública por meio da desinformação, mas também expressam cautela sobre as soluções propostas para mitigar os riscos associados à desinformação.

A interação com postagens de pessoas desconhecidas indica uma abertura para a expansão de redes sociais além dos círculos imediatos, possibilitando uma troca mais ampla de informações, opiniões e interações. Isso reforça o papel das redes sociais como espaços de

comunicação diversificados, onde as fronteiras entre o pessoal e o profissional, o local e o global, e o familiar e o desconhecido são frequentemente transgredidas.

Isto posto, no que diz respeito à interação e ao compartilhamento de postagens de pessoas desconhecidas nas redes sociais, tivemos as seguintes respostas:

“Sim. Como vídeos informativos de outras páginas. Sempre compartilho, mas sempre deixo a marca para as pessoas acessarem o perfil, assim como eu acessei também, para ver outros conteúdos”. (E1)

“Sim. Principalmente agora com o *Reels*. Então, tipo, acaba que como vai aparecendo na For You, a gente vai passando, a gente não tem esse controle, principalmente quem tem conta pública né, então mesmo que você tenha a conta privada você interage com pessoas que têm conta pública”. (E2)

“Eu, geralmente, quando eu tô dando uma olhada lá no explorar, por exemplo, no Instagram eu costumo curtir coisas de pessoas que eu não conheço, né, que eu acho que são relevantes para mim. Mas eu não costumo comentar em coisas de pessoas que eu não conheço”. (E3)

“Não tanto, geralmente, na minha conta são pessoas que eu gosto de ver, que eu conheço, que estão no meu ciclo. Muito raro as pessoas que eu não conheço, tipo famoso, muito pouco mesmo”. (E4)

“Sim. Geralmente, uma ou outra postagem ali que eu acho interessante, eu acabo comentando, compartilhando com os amigos, tal”. (E5)

Praticamente todos os entrevistados afirmaram ter o costume de interagir, ou seja, curtir, comentar ou entrar em contato de forma privada com desconhecidos por conta de postagens nas redes sociais. Apenas um dos entrevistados afirmou que isso era raro de acontecer (E4). Trata-se de uma ação rotineira no ambiente das redes sociais, até mesmo porque os usuários sempre estarão expostos a conteúdo fora do seu ciclo de conhecimento, e também é interesse da rede social mostrar conteúdo novo e atual, seja patrocinado ou não.

Também foi perguntado a eles costumavam compartilhar postagens de desconhecidos. Sobre isso, tivemos as seguintes respostas:

“Geralmente os conteúdos que eu compartilho na minha grade, no caso para pública né, geralmente são conteúdos diários mesmo, alguma curiosidade da agropecuária, alguma notícia, que a gente segue né, nessas páginas agropecuárias, como revistas importantes, perfis profissionais, a gente compartilha esses conteúdos do dia a dia né, para informar também os nossos seguidores”. (E1)

“Isso, para os *Stories* mesmo a gente encaminha no privado para algum amigo, tipo uns memes né”. (E2)

“Sim”. (E3)

“Porque o Instagram hoje em dia é mais inspirações. Coisas que você quer, a vida que você quer ter, então a gente acaba tendo essa troca com outras pessoas que compartilham da mesma coisa, do mesmo sonho, enfim”. (E4)

“Uhum”. (E5)

Absolutamente todos os entrevistados sinalizaram com bastante tranquilidade que compartilham postagem de pessoas desconhecidas, sem entrar em detalhes sobre a autoria, data ou veracidade de informações das postagens.

Seguindo a mesma tendência das duas perguntas anteriores, foi-lhes perguntado se se sentiam confortáveis em compartilhar uma postagem, sem pesquisar sobre ela antes, só pelo fato de ela ter sido postada por uma pessoa conhecida, obtivemos as seguintes respostas:

“Nem sempre. Só compartilho mesmo, no âmbito da agropecuária, artigos ou publicação que eu já vi sobre né, porque como a gente não sabe, então a gente não pode ficar compartilhando publicações que a gente não sabe da veracidade. Não é legal e também tem a política de privacidade do Instagram, que se for uma informação falsa, ela é cortada, e isso não faz bem para o perfil né, pode perder a conta. Assim como outras grades né, também tem que evitar essa propagação de *Fake News*, não é interessante. [...] Porque tem muita informação falsa sobre diversos assuntos nas redes sociais e isso é disseminado a cada segundo. [...] Como vídeos informativos de outras páginas. Sempre compartilho, mas sempre deixo a marca para as pessoas acessarem o perfil, assim como eu acessei também, para ver outros conteúdos”. (E1)

“Não. Eu geralmente olho de desconhecidos e conhecidos também. Até mesmo, para tipo, enfim, é uma coisa minha né. [...] Então às vezes as pessoas olham ali rapidinho, então você meio que faz alguma coisa ali, coloca uma letra vermelha no texto e tipo e começa, ou enfim neon, ou alguma coisa piscando, enfim, tipo pô, isso aqui é mentira, não compartilha isso. Mas, com aquela questão de colocar porque tipo hoje em dia as pessoas compartilham muita coisa sem ter um filtro. E, enfim, se não for para informar, acho que não vale a pena ser compartilhado”. (E2)

“Depende muito da situação, né, quando é uma pessoa que eu sou próxima e às vezes eu quero compartilhar porque eu acho interessante, ou alguma coisa do tipo, eu compartilho assim mesmo. Mesmo sem dar uma pesquisada no conteúdo”. (E3)

“Antes eu pesquiso. Se for alguma coisa mais séria, algum assunto relacionado ao mundo, sim”. (E4)

“Uai, depende do que que se trata, né. Dependendo, mas, geralmente, do ciclo de amizade meu assim eu tenho confiança. Eu compartilho, tranquilo”. (E5)

Sob esta condição, dois entrevistados (E3 e E5) deixaram bem claro que por conta do ciclo de amizades, eles compartilham determinadas postagens sem que façam uma pesquisa sobre aquilo, ou seja, o fator “amizade” pode aumentar as chances de compartilhamento de desinformação por falta de checagem nas redes sociais. Ribeiro (2023) destaca que tanto a honestidade quanto o conhecimento são importantes neste processo “porque impedem o indivíduo humano de criar, compartilhar e/ou divulgar informações falsas”. Ou seja, criar, divulgar ou compartilhar uma informação falsa pode equivaler a um ato de desonestidade, e um indivíduo honesto deve sempre permanecer vigilante quanto à sua virtude.

[...] a mentira organizada e disseminada como verdade representa um grande perigo para a vida em sociedade. É perigoso viver em um mundo que muitos indivíduos deliberadamente disseminam mentiras com o intuito de construir narrativas em prol de suas convicções pessoais. A propagação desenfreada de crenças e opiniões sem o compromisso com a verdade transforma o mundo em um lugar enganoso. (RIBEIRO, 2023, p. 16)

O motivo de sermos vigilantes em relação a isso é que a verdade é uma virtude humana que deve ser preservada e cultivada cotidianamente (Ribeiro, 2023, p. 17). E sobre as verdades nas redes sociais, temos os seguintes recortes de respostas dos entrevistados:

"Por conta que se uma figura política, que hoje são os prefeitos de altos acessos, milhões de seguidores, eles fazem as informações *fake* né, para eles são a verdade, para os seus consumidores também". (E1)

"Porque, até porque algumas pessoas, né, podem acabar vendo, né, algumas informações que não foram muito estudadas, né, para saber se é verdadeira ou se não é, elas podem acabar absorvendo aquilo, né, e acabando tomando partido com base no que elas ouviram ou leram de informação que seria falsa". (E3)

"Porque o celular está ali na palma das mãos, a gente tem todas as informações e diferentes pontos de vista, sejam eles reais, sejam eles falsos. Então acredito que influenciam muito. Se a pessoa não souber pesquisar tudo que tá acontecendo e tirar as suas próprias conclusões de acordo com os fatos, isso influencia bastante". (E4)

Mais uma vez fica evidente que os entrevistados possuem a percepção de que nem tudo o que está nas redes sociais deve ser tomado por verdade, que muitas pessoas acabam acreditando que se teve acesso a determinada informação numa rede social aquilo, conseqüentemente, seja verdadeiro. Mesmo a entrevistada 3, que afirmou interagir e compartilhar postagens de desconhecidos, e que se sente confortável em publicar postagens de pessoas do seu ciclo de amizade sem sequer checar a informação, levantou o risco de se compartilhar algo falso sem que antes a informação tenha sido “estudada”.

Nas entrevistas foi possível identificar uma percepção positiva dos entrevistados em relação ao ambiente das redes sociais como um local propício para o exercício da criatividade. Quanto a isso,

A criatividade é inerente ao ser humano, que tem uma necessidade de solucionar problemas. Para que a criatividade contribua na produção de inovações é importante que haja não somente um rearranjo de ideias e conceitos já existentes, mas também se torna necessário que o resultado final forme um novo produto um novo método, uma resolução de problema que obtenha resultados de valor para um indivíduo, uma sociedade ou uma organização (Sobrinho, 2014, p. 131).

Os entrevistados destacaram que, quando utilizadas de maneira adequada, as redes sociais oferecem uma plataforma valiosa para a expressão criativa, a inovação e o desenvolvimento profissional. Eles também mencionaram que as redes sociais evoluíram para além de um espaço de lazer, tornando-se também um ambiente profissional importante. Foi falado como profissionais em diversas áreas utilizam essas plataformas para criar e compartilhar conteúdo relevante à sua profissão, o que demonstra a versatilidade e o potencial das redes sociais para apoiar iniciativas criativas e profissionais. A seguir, alguns trechos das entrevistas que reforçam este ponto de vista:

"É interessante acho que, tipo, agora que está sendo mais aprimorado, principalmente agora com essa questão dos criadores de conteúdo digital, eu acho que está sendo mais onde o Instagram deixou de ser só a rede social para diversão, ela passou a ser a questão profissional também, onde eu vejo muitos profissionais da minha área fazendo conteúdo, postando e tudo mais. Ela virou uma ferramenta profissional também e, tipo, isso vem sendo aprimorado, essas questões, principalmente em função de *Stories*, *Reels*, enfim eu acredito que deva surgir mais,

mas assim, propícia sabe, por ser uma rede social muito utilizada e de, enfim, impacto mundial, porque se você for, tipo, dependendo da quantidade de seguidores que você tem, você fica conhecido, então você meio que vira referência também, e você influencia as pessoas, então, propícia". (E2)

"Eu acho que, na questão, assim né, tipo, uma diversão, um hobby, para a gente fazer nossas postagens mesmo, interagir com nossos amigos, eu acho sim uma coisa legal". (E3) "Sim. Por exemplo, eu trabalho com roupas. Eu sou modelo fotográfica. Eu posso influenciar as pessoas, por exemplo, a se vestirem como eu me visto. Tem várias vertentes. A influenciar o que eu como, como eu faço tal receita, como eu lido com alguma situação da minha vida, de diferentes formas". (E4)

"Sim, consegue. Publicando coisas, tipo assim, igual...cada um tem um determinado, né, assim...igual eu mesmo, faço miniatura de caminhão. Lá é um lugar onde eu posto meu trabalho, pego encomendas, essas coisas, sabe? Aí outras pessoas pode ser, pode ter alguma facilidade sobre solos, por exemplo, aí pode publicar, postar sobre solos, camadas, essas coisas". (E5)

A entrevistada 2 destacou a forma como o Instagram, em particular, deixou de ser apenas uma rede social para diversão e transformou-se em uma ferramenta profissional. Isso, segundo ela, ficou evidenciado pelo aprimoramento de recursos como *Stories* e *Reels*, que facilitam a expressão criativa e o engajamento do público. Essa transformação destaca a importância crescente das redes sociais como plataformas para o exercício da criatividade, permitindo que profissionais de diversas áreas divulguem seu trabalho e construam suas marcas pessoais. Essas percepções indicam que os entrevistados veem as redes sociais não apenas como uma ferramenta para conexão social, mas também como um espaço significativo para a criatividade e o desenvolvimento profissional. Ficou claro que reconhecem o potencial das redes sociais para promover a inovação, a expressão pessoal e a influência positiva, desde que usadas de maneira responsável e ética.

Com toda esta criatividade e atividades profissionais sendo desempenhadas nas redes sociais, elas podem, de forma significativa, inspirar seus usuários, tanto positiva quanto negativamente. Positivamente, elas podem servir como plataformas para a disseminação de histórias de sucesso, criatividade, inovação e solidariedade. Os usuários podem se deparar com conteúdo que os motive a aprender novas habilidades, adotar hábitos saudáveis, envolver-se em causas sociais e explorar novas ideias e culturas. Negativamente, a inspiração também pode vir na forma de pressão social, comparação constante e a perseguição de padrões inatingíveis de sucesso, beleza e estilo de vida, o que pode levar a sentimentos de inadequação, ansiedade e depressão, como já exposto antes.

Quanto ao potencial de promoção de temas, produtos ou ações, as redes sociais são ferramentas poderosas na atualidade. Elas permitem que indivíduos, marcas e organizações alcancem um público amplo e diversificado com relativamente pouco esforço e custo. As campanhas de *marketing* digital nas redes sociais podem ser altamente direcionadas,

aproveitando dados demográficos, interesses e comportamentos dos usuários para personalizar a publicidade e o conteúdo promocional. Isso aumenta a eficácia das campanhas e pode impulsionar o engajamento e a conversão desta exposição em negócios.

Além disso, as redes sociais facilitam a viralização de conteúdo, permitindo que temas, ideias, produtos e campanhas ganhem rápida popularidade e visibilidade. Isso pode ser especialmente útil para causas sociais e movimentos de conscientização, que podem utilizar essas plataformas para amplificar suas mensagens e mobilizar apoio em escala global.

A entrevistada 4 destacou muito bem este poder de inspiração e promoção das redes sociais, por isso, destacamos os seguintes trechos:

"Rede social seria, basicamente, tudo aquilo que a gente quer ser e não consegue. Tudo que a gente quer expor e às vezes não consegue, sejam tristezas, alegrias, conquistas. [...] Eu acho que a tendência é só deslanchar mais ainda. Porque tá tudo lá. É muito fácil. Eu, por exemplo, estou reformando a minha casa. Eu compro tudo da internet. Peço tudo mais barato, frete grátis, entrega tudo na minha casa, sem... não preciso sair de casa para procurar nada, não preciso me desgastar, tá tudo na palma da mão. Às vezes eu comento com uma pessoa que tá do lado, chega anúncio no Instagram. [...] Pesquisa alguma coisa, tá aí, chega anúncio de todo canto Instagram, Facebook e vai justamente o que eu tava querendo. [...] Você começa a criar coisas na sua cabeça. Às vezes nem era um propósito seu ir para tal lugar, aí começa a ser. Influencia muito a sua vida. Você imagina: 'nossa, se eu tirasse uma foto nesse lugar, parece ser muito bonito'. E não porque é para elas, mas para as outras pessoas verem que elas também passaram por lá, que elas também tiraram uma foto bonita". (E4)

Em suma, é possível confirmar que as redes sociais detêm um poder substancial tanto para inspirar quanto para promover, impactando significativamente as percepções, comportamentos e a sociedade como um todo. No entanto, é crucial abordar essas ferramentas com uma consciência crítica de seus potenciais efeitos negativos, trabalhando para maximizar seus benefícios enquanto minimiza danos.

Por fim, uma questão não menos importante é a da privacidade e controle de conteúdo, afinal, o uso das redes sociais requer uma gestão cuidadosa da privacidade e da identidade online. Consultados sobre se faziam algum tipo de controle de privacidade em suas contas em redes sociais, obtivemos as seguintes respostas:

"Antes eu fazia, mas por conta, por exemplo, do Instagram principalmente, quando você priva, não faz a entrega dos conteúdos. Principalmente *Reels*, *Lives*, então acaba que a gente usa ele aberto né, profissional, até para interpretar dados, para ver como é que tá os acessos na conta. São públicos". (E1)

"Não. São pessoais. É geral mesmo." (E2)

"Assim, como eu disse, o YouTube, eu, geralmente, eu uso só para pesquisa. Não publico nada, mas agora no Instagram, minha conta é privada". (E3)

"A minha conta é aberta" (E4)

"Não. São todas abertas. ". (E5)

Apenas a entrevista 3 afirmou que sua conta no Instagram é privada, ou seja, somente tem acesso ao conteúdo produzido por ela aqueles usuários que ela permitiu segui-la. Tanto aqueles que utilizam seus perfis de forma mista, tanto para a vida pessoal quanto para a profissional, quanto aqueles que usam suas redes sociais apenas para fins pessoais, possuem perfis abertos.

Embora esta análise exposta até aqui tenha a sua importância, também buscamos apresentar uma análise complementar de todo o conteúdo por meio do uso do *software* Iramuteq. Com ele, foi possível trazer elementos novos para a análise que seriam muito válidos como forma de complementação ao que já foi exposto até aqui.

No que diz respeito à da análise qualitativa das entrevistas realizada com o auxílio do *software* Iramuteq, segundo Souza *et al* (2020),

A utilização do Iramuteq na análise de dados de entrevistas pode ocorrer de diferentes maneiras. Isso porque o software reúne um conjunto variado de procedimentos lexicométricos, tais como: estatísticas textuais clássicas, Análise de Especificidades, Classificação Hierárquica Descendente (CHD), Análise Fatorial por Correspondência (AFC), análise de similitude, análise prototípica de evocações e nuvem de palavras.

Para tanto, foi necessária a preparação de todo o *corpus* textual para inserção no *software*, que contou com a realização de alguns ajustes textuais, como por exemplo, o descarte de todos os trechos das transcrições que não correspondessem às respostas dos entrevistados, revisão textual e ajustes de pontuação, exclusão de eventuais símbolos (-, %, \$, &, ..., “”, etc), separação de palavras comportas pelo *underline* (_), inserção das linhas de comando para segmentar os textos e, finalmente, a mais importante de todas: a necessidade de utilização de um programa que permita salvar o arquivo em formato UTF-8 (Camargo; Justo, 2021), no caso, a opção escolhida foi o Bloco de Notas (*Notepad*). Após toda a preparação do *corpus* textual, os segmentos de textos ficaram da seguinte forma:

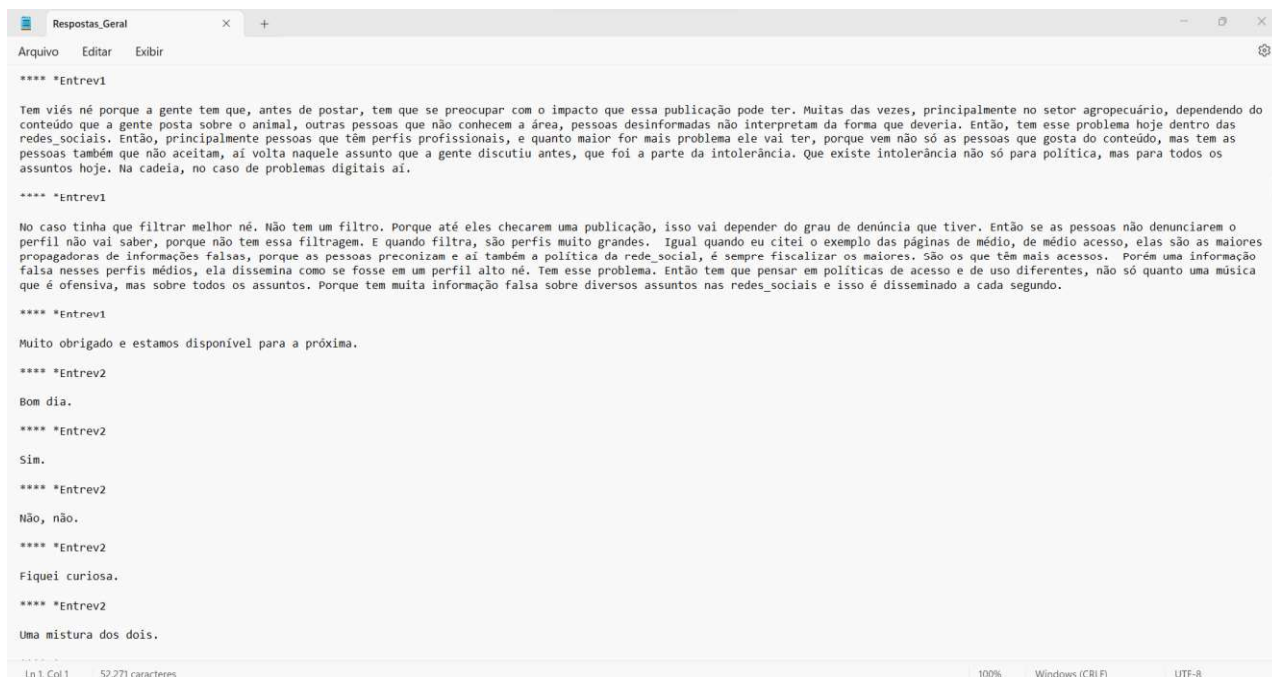


Figura 18 - Preparação do corpus textual para inserção no software Iramuteq.

Fonte: Dados da pesquisa.

Após a conclusão da preparação do *corpus* textual e o processamento do *software* Iramuteq, foi gerada a nuvem de palavras, que

[...] produz uma representação gráfica das ocorrências do corpus, em que cada palavra tem um tamanho proporcional a sua frequência. A figura gerada não acompanha indicadores descritivos, mas pode facilitar uma rápida identificação dos termos que são preponderantes no conjunto de textos analisados (Souza *et al*, 2020).

Sendo assim, é preciso destacar que o *software* foi ajustado para contemplar de forma ativa as classes gramaticais dos adjetivos, verbos e substantivos. Desta maneira, as palavras pertencentes a estas classes foram analisadas em primeiro plano, enquanto que advérbios, por exemplo, foram elencados em segundo plano já que por si só, acabam não entregando resultados muito claros. Além disso, algumas classes gramaticais foram excluídas da análise, pois não acrescentam valor semântico significativo para os objetivos traçados. Dentre elas podemos citar os artigos, pronomes, numerais, preposições e conjunções, além de figuras de linguagem como a onomatopeia.

Os advérbios “não”, a expressão de linguagem “né” e os substantivos “pessoa” e “gente” foram as palavras que mais se repetiram, e por não trazerem sentido relevante quando usados de forma isolada, foram omitidos; ao passo em que foram consideradas apenas as palavras com mais de 10 ocorrências, no *corpus* textual. A nuvem de palavras revela, em destaque, os termos “achar” e “ver”, como sendo atributos majoritariamente citados pelos entrevistados.



Gráfico 4 - Nuvem de palavras formada a partir das respostas dos entrevistados.

Fonte: Dados da pesquisa.

A palavra “achar”, bem como suas derivações, foi a que mais se repetiu ao longo de todas as respostas dos entrevistados. Por inferência, é possível destacar nos entrevistados a recorrente manifestação de expressão de suas opiniões pessoais ou pontos de vista sobre os questionamentos feitos. Também é notada a presença de uma atitude reflexiva por parte deles, uma vez que o uso recorrente do “achar”, em muitas vezes, pode estar relacionado à reflexão e à expressão de crenças pessoais. Este termo também pode indicar que os entrevistados podem não estar completamente seguros de suas respostas ou que estão lidando com questões complexas e ambíguas. Por fim, podemos perceber que há uma presença marcante de subjetividade nas respostas dadas. Os entrevistados podem ter enfatizado suas experiências pessoais e perspectivas individuais, destacando a natureza subjetiva da formação humana em relação às redes sociais.

“Preferem estar ali se confrontando, achando aquilo como se fosse um passatempo, né?”. (E1)

(E2) “E, enfim, se não for para informar, acho que não vale a pena ser compartilhado”.

“Eu, geralmente, quando eu tô dando uma olhada lá no explorar, por exemplo, no Instagram eu costumo curtir coisas de pessoas que eu não conheço, né, que eu acho que são relevantes para mim”. (E3)

“Eu acho que eu não tenho uma opinião formada sobre isso. Ao mesmo tempo que eu acho que é muito ruim essa disseminação de *fake news* e tal, eu também acho muito ruim privar as pessoas e darem a sua opinião em público”. (E4)

“Geralmente, uma ou outra postagem ali que eu acho interessante, eu acabo comentando, compartilhando com os amigos, tal”. (E5)

Também há de se considerar a possibilidade de que o uso do termo “achar” em algumas respostas também tenha sido utilizado por uma provocação inconsciente deste pesquisador ao fazer a pergunta usando a expressão “você acha que”.

O segundo termo mais frequente nas respostas foi o “ver”. Isso pode sugerir que há um foco nas experiências visuais e observacionais dos entrevistados. Eles podem estar descrevendo o que percebem, observam ou notam em relação ao papel das redes sociais na em suas vidas.

“Então acaba que a checagem não chega até essas pessoas para elas verem a pós-verdade. Aí fica essa briga, de ver quem é que está certo, quem é que está errado na informação. Então, isso vai afetar não só agora, porque a gente pensa que o problema é momentâneo. Só que no decorrer dos anos a gente vê que isso tem crescido”. (E1)

“A gente não via as pessoas então, tipo, a única forma de a gente ver as pessoas, se comunicar com as pessoas, praticamente foi a questão da rede social”. (E2)

“Então eu acho que elas são, então, não consigo ver, né, hoje a gente sem as redes sociais porque eu acho que elas são importantes também para nossa convivência, tirando as partes negativas, é claro, eu acho que elas são muito importantes, assim, para o nosso convívio, né”. (E3)

“E não porque é para elas, mas para as outras pessoas verem que elas também passaram por lá, que elas também tiraram uma foto bonita”. (E4)

“Não. Até que eu não sou muito de comentar não, sabe. Sou mais de ver. De compartilhar com os colegas. Comento com os colegas. Na publicação em si eu não comento nada não”. (E5)

Dentre as demais palavras com maior frequência de repetição podemos destacar os termos “acabar”, “querer” e “falar”. O termo “acabar” muitas vezes utilizado para indicar eventos ou processos conclusivos, praticamente em todas as suas menções nas respostas dos entrevistados assumiu o papel de um verbo auxiliar em locuções verbais, passando uma ideia de conclusão e também de consequência.

“No almoço de domingo, você está com a família, que era um momento para estar descontraindo, acaba que vira discussão. Quem pensava que ia acabar apenas durante o período eleitoral se enganou”. (E1)

“Então acaba que você muda de opinião umas 30 vezes por dia. Sobre o mesmo assunto. Você toma ranço de alguém, você deixa de ter ranço”. (E2)

“Porque muitas pessoas, às vezes, acabam brigando nas redes sociais por causa dessas coisas, né, de coisas políticas ou de qualquer outro assunto e pode acabar gerando algum impacto, né, na vida daquela pessoa, algum comentário, ou alguma publicação, pode acabar de não aguentar porque na vida daquela pessoa que, talvez a gente que tá de fora não saiba, né. Mas pode acabar se agravando, né, alguma coisa na vida da pessoa. Então eu acho que sim, até para preservar nossa saúde mental, né, porque muitas pessoas, elas ficam muito mal, né, por conta de desinformações porque eles acabam jogando lá comentários, é isso”. (E3)

“Na época mesmo. Inclusive isso foi bastante tenso. E como eu já trabalho com isso, algumas pessoas não viram com bons olhos, então acabou que gerou alguns conflitos, mas logo passou e foi tranquilo”. (E4)

“Não...pode influenciar muito. Porque publicação de *fake news*, essas coisas assim, muito certo, porque pode estar acabando falando de certas pessoas, as coisas erradas, erradas assim, não reais, né, aí pode até cometer, acontecer...como eu posso dizer?” (E5)

O termo "querer" sugere que os entrevistados expressaram, em alguns momentos, desejos, aspirações ou intenções relacionadas ao comportamento dos usuários nas redes sociais.

“Isso não é interessante porque tem um lado que quer fazer e o outro não deixa, fica só tacando pedra no outro, não faz nada”. (E1)

“Geralmente eu abro quando quero que uma coisa tenha um alcance maior. Por exemplo, foi para o post do GEPANG, que eu fiz, aí tipo eu queria que tivesse um acesso maior de pessoas, maior visualização, aí tipo, eu fui lá e abri para ter mais opção de compartilhamento, essas coisas assim”. (E2)

“Depende muito da situação, né, quando é uma pessoa que eu sou próxima e às vezes eu quero compartilhar porque eu acho interessante, ou alguma coisa do tipo, eu compartilho assim mesmo”. (E3)

“Rede social...seria, basicamente, tudo aquilo que a gente quer ser e não consegue. Tudo que a gente quer expor e às vezes não consegue, sejam tristezas, alegrias, conquistas”. [...] Porque o Instagram hoje em dia é mais inspirações. Coisas que você quer, a vida que você quer ter, então a gente acaba tendo essa troca com outras pessoas que compartilham da mesma coisa, do mesmo sonho, enfim. (E4)

Por fim, o termo "falar" pode indicar que a comunicação e a expressão de ideias são temas centrais nas inter-relações humanas, seja no mundo real ou no mundo digital. É, principalmente, por meio da fala que nos relacionamos enquanto indivíduos de uma sociedade. Inúmeras outras palavras apareceram com frequência durante as entrevistas, dentre elas, é possível destacar: “contar”, “ficar”, “acesso”, “informação”, “compartilhar”, “perfil”, “Instagram”, “Whatsapp”, “celular”, “rede social”, “influenciar”, etc.

Outro ponto interessante apresentado pelo Iramuteq foi a análise de similitude. A análise de similitude permite uma maior compreensão de como as palavras recorrentes que apareceram nas respostas dos entrevistados estão sendo relacionadas com outras palavras, dentro do próprio *corpus* textual. De forma sintética, o gráfico de análise de similitude separa os *clusters*⁴² de palavras e ainda as relaciona umas com as outras de acordo como foram, de fato, ditas.

Neste sentido,

A análise de similitude, a seu turno, ancora-se na teoria dos grafos e é realizada com base na coocorrência de palavras em segmentos de texto. Os resultados são graficamente representados, tornando possível visualizar as relações entre as formas linguísticas de um corpus, o que evidencia a maneira como o conteúdo discursivo de um tópico de interesse se estrutura (Souza *et al*, 2020, p. 6).

⁴² Cluster é um termo em inglês que significa “aglomerar” ou “aglomeração” e pode ser aplicado em vários contextos. Neste caso, os cluster são grupos de palavras recorrentes nas entrevistas.

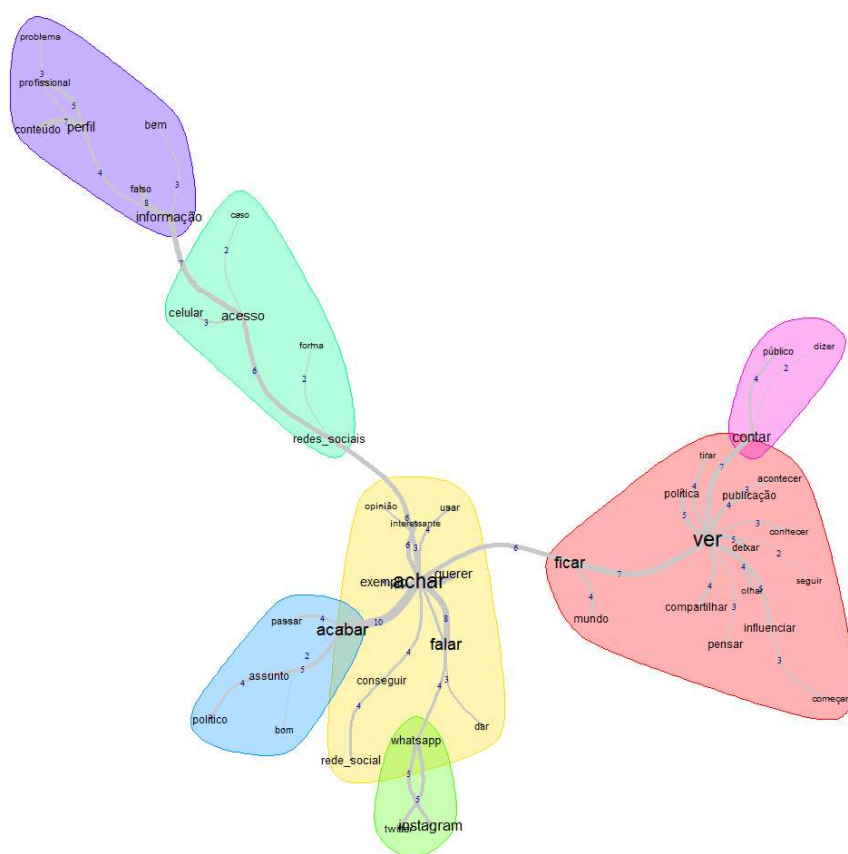


Gráfico 5 - Análise de similitude dos verbetes extraídos das entrevistas.

Fonte: Dados da pesquisa.

A análise de similitude criou 7 *clusters*, numa dinâmica em que os mais expressivos revelaram uma forte relação entre os termos “achar”, “acabar” e “ver”. Diferentemente do gráfico anterior, o da nuvem de palavras, o gráfico de análise de similitude revela os termos e suas respectivas ligações entre si. Assim, pela disposição das redes dos *clusters*, é possível inferir que os entrevistados acham que ao ver publicações, eles podem compartilhá-las mais facilmente, além de poderem ser influenciados ou até mesmo influenciar outras pessoas. Também acham interessante a presença de opiniões nas redes sociais, que, majoritariamente, são acessadas pelo celular, e onde têm acesso à informações, onde podem estar bem informados ou, ao mesmo tempo, terem acesso a informações falsas.

Diante de todo o exposto, percebemos que as interações humanas nas redes sociais são multifacetadas e envolvem aspectos positivos, como conexão, comunidade e acesso a informações, mas também desafios, incluindo impactos na saúde mental, questões de privacidade e dinâmicas de poder. Essas nuances destacam a complexidade das relações

sociais mediadas pela tecnologia e a importância de abordagens críticas e reflexivas ao navegar no ambiente digital.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa abordamos diversos temas relacionados ao uso das tecnologias da comunicação, em especial as redes sociais, com a formação humana e com o comportamento e a opinião pública, passando pelos hábitos de consumo e de relações sociais, e como todos nós temos sido influenciados por este poderoso sistema de comunicação vigente no mundo.

A internet, inicialmente uma criação voltada para a guerra, evoluiu significativamente ao longo das décadas, moldando-se para atender às necessidades da sociedade. No Brasil, sua penetração foi impulsionada pela criação de redes acadêmicas e, posteriormente, pela oferta comercial da Embratel.

Com o avanço da tecnologia, o acesso à internet cresceu exponencialmente, principalmente através de dispositivos móveis. Hoje, a internet é amplamente utilizada para comunicação, acesso a serviços governamentais, bancários e entretenimento, com as redes sociais desempenhando um papel central neste negócio altamente lucrativo. No entanto, apesar de todo este avanço, ainda persistem desigualdades de acesso, especialmente entre gêneros, faixas etárias e nas áreas urbanas e rurais. O Brasil ainda está atrás de outros países em termos de infraestrutura, como a implementação da tecnologia 5G. Este cenário destaca a necessidade de investimentos contínuos na expansão da conectividade e na integração dessas tecnologias na educação e em setores industriais, como parte da chamada 4ª Revolução Industrial.

Na atualidade, a informática e a internet se tornaram uma realidade incontestável, reconfigurando a vida em sociedade. A educação precisa se adaptar a essa realidade, mas o avanço é lento devido à necessidade de investimentos públicos em infraestrutura, equipamentos e, principalmente, a capacitação dos professores. Estes, continuam sendo essenciais para o processo de aprendizagem, uma vez que, mais uma vez, mesmo com todo este avanço tecnológico, tem-se provado que ninguém aprende sozinho, aprende-se sempre com o outro. Embora documentos reguladores da educação brasileira já reconheçam a importância do uso de recursos digitais no ensino, as competências gerais continuam sendo enfatizadas como forma de valorização das tecnologias digitais e o pensamento crítico.

Apesar do acesso crescente à informação digital, a escola mantém sua relevância como espaço de aprendizagem formal. A adoção de tecnologias digitais na educação oferece novas oportunidades de aprendizado e interação, mas também aumenta o risco de influência por narrativas extremadas em um ambiente digital complexo.

O mundo conta, hoje, com uma população de aproximadamente 8,08 bilhões de pessoas, com mais de dois terços possuindo acesso a celulares e à internet, além de uma grande presença nas redes sociais. Este número crescente de pessoas conectadas indica uma mudança significativa no modo como as pessoas interagem e consomem informações, com implicações importantes para a sociedade e a política. A pandemia da COVID-19 aumentou a atividade digital em cerca de 4%, com usuários passando quase 7 horas por dia na internet. No Brasil, o tempo médio diário de uso da internet é de 9 horas e 13 minutos. Apesar de algumas flutuações, o tempo médio diário de uso da internet tende a permanecer alto, o que sugere uma dependência crescente das pessoas em relação à tecnologia digital. No entanto, esse aumento da conectividade levanta preocupações sobre a capacidade das pessoas de gerenciar e absorver todo o conteúdo digital disponível, uma vez que seus padrões de comportamento e consumo de mídia foram, consideravelmente, alterados neste período.

A alta taxa de analfabetismo funcional no país, combinada com o uso massivo de dispositivos móveis, cria um descompasso entre a tecnologia disponível e as habilidades de letramento das pessoas. A falta de capacidade crítica para lidar com a tecnologia digital destaca a necessidade urgente de uma atenção especial para uma educação mais digital e uma alfabetização midiática para capacitar os cidadãos a navegar de forma eficaz e segura no ambiente on-line. Além disso, a disseminação de informações falsas e manipuladas nas redes sociais representa um desafio para a democracia, com o aumento das bolhas informacionais e a propagação de mensagens com viés ideológico. Essa polarização política, intensificada nas últimas eleições no Brasil, cria um cenário propício para a disseminação de desinformação e o aumento da fragmentação da sociedade, além trazer consequências negativas para o debate público e a estabilidade democrática.

As pós-verdades possuem uma interconexão com as redes sociais e desempenham um papel relevante na disseminação de narrativas que desafiam a ciência estabelecida. Chega a ser engraçado que ainda exista pessoas que acreditem que o planeta seja plano, mesmo com o homem tendo alcançado o espaço. Mas essas pessoas ainda existem e continuam angariando adeptos deste pensamento. É indiscutível o poder amplificador das redes sociais, especialmente na propagação de conteúdos emocionalmente envolventes, como notícias

fraudulentas e teorias da conspiração. Isso tudo contribui para minar a confiança das pessoas nas instituições democráticas e no conhecimento científico. Por isso, temos a necessidade de um contra-ataque emocionalmente inteligente e racional por parte de acadêmicos e cientistas com o objetivo de refutar tais alegações que só prejudicam a vida em sociedade. É preciso se engajar ativamente na luta contra a desinformação contrariando essas narrativas falsas.

Diante de mudanças profundas das dinâmicas contemporâneas do mercado de trabalho, como a precarização das relações trabalhistas, a mercantilização da atenção e as consequências do neoliberalismo e da tecnologia, as redes sociais continuam sendo uma ferramenta importante para nos manter distraídos e iludidos, a ponto de os trabalhadores de aplicativos acreditarem na promessa de autonomia e liberdade, enquanto na prática estão submetidos à autoexploração e à pressão por desempenho constante. Ou seja, não se trata de empreendedorismo, mas de perda de direitos mínimos para o exercício do trabalho.

As redes sociais também têm funcionado como uma espécie de vitrine e têm sido palco para a exibição de discursos de ódio, *ciberbullying* e exposição de posicionamentos preconceituosos. Para tanto, temos presenciado nos últimos anos um aumento considerável de ataques a instituições de ensino, sendo que muitos desses ataques atraíram simpatizantes por meio de fóruns criados em redes sociais e plataformas tecnológicas. Portanto, é preciso que estas plataformas desenvolvam maneiras de evitar que elas sejam refúgio para planejamento, execução e divulgação de crimes.

A competência informacional, ou educação midiática, ganha *status* de algo que seja essencial para capacitar os indivíduos a buscar, avaliar e utilizar informações de forma eficaz, destacando-se a importância de preparar os estudantes para a análise crítica de conteúdos digitais. A inclusão da educação midiática nos currículos escolares, conforme proposto pela BNCC, é fundamental para promover habilidades de análise, produção e crítica de conteúdos midiáticos.

Considerando que a educação midiática não é uma panaceia e mesmo com avanços da sua implementação, em alguns estados brasileiros, a desinformação continua a representar uma ameaça, especialmente com o avanço da inteligência artificial (IA). A capacidade da IA de manipular a linguagem humana levanta preocupações sobre seu impacto na sociedade e na educação, exigindo regulamentação ética e responsável o quanto antes por parte dos governos. Ainda mais quando consideramos que a IA pode ser utilizada como uma fonte de conhecimento pelos mais jovens, temos, então, um momento crucial de mudança na forma como o aprendizado é concebido e acessado.

Tradicionalmente, as fontes de conhecimento incluíam livros, professores, experiências pessoais e interações sociais. No entanto, a proliferação de tecnologias de IA introduziu uma nova dinâmica, onde algoritmos e sistemas automatizados assumem um papel cada vez mais central na aquisição de informações e na formação de opiniões.

Essa crescente dependência de fontes de conhecimento baseadas em IA pode apresentar desafios significativos para a educação. Em primeiro lugar, há preocupações com a confiabilidade e a imparcialidade dos algoritmos de IA. Como esses sistemas aprendem com dados históricos, eles podem perpetuar vieses e preconceitos presentes nos conjuntos de dados de treinamento, levando a conclusões distorcidas ou injustas. Isso pode resultar em uma compreensão limitada ou distorcida de conceitos complexos, prejudicando a capacidade dos estudantes de formar uma visão equilibrada e crítica do mundo ao seu redor.

Este aumento da dependência das IA's poderia levar a uma diminuição na habilidade das gerações mais jovens em pensar criticamente e avaliar informações de forma independente? E quanto à capacidade de discernir entre fontes confiáveis e enganosas, analisar e sintetizar informações e formar opiniões fundamentadas?

Portanto, enquanto as IA's têm o potencial de revolucionar a forma como aprendemos e acessamos o conhecimento, é crucial abordar cuidadosamente os desafios éticos, sociais e educacionais que surgem com essa mudança. A integração responsável da IA na educação requer um equilíbrio cuidadoso entre a automação e a assistência fornecidas pela tecnologia e a necessidade contínua de promover habilidades críticas e reflexivas nos estudantes.

Apesar dos benefícios potenciais da inteligência artificial na educação, é necessário mais estudo para compreender seu impacto na motivação dos estudantes e na forma como aprendem. A colaboração entre educadores, instituições de ensino, especialistas em mídia e governos é essencial para promover uma sociedade informada e crítica diante dos desafios da era digital.

A nossa dependência para com dispositivos móveis, como celulares e *tablets*, tem aumentado de forma significativa devido à sua utilidade e ao estímulo constante proporcionado pelas redes sociais e aplicativos. O excesso de notificações contribui para que a cada momento estejamos olhando, monitorando e sempre com aquela sensação de estarmos perdendo algo. De que sempre temos que estar informados.

Esse uso excessivo de tecnologia, especialmente por crianças e adolescentes, está diretamente associado a problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão, além de prejuízos no desenvolvimento cognitivo e no desempenho escolar. A falta de regulação e

conscientização sobre os impactos negativos do uso excessivo de tecnologia é preocupante e requer ação por parte das autoridades, famílias e comunidades. Portanto, é preciso se fazer algo em caráter imediato.

Por mais que já existam iniciativas, como a proibição do uso de dispositivos tecnológicos em escolas, que buscam mitigar os efeitos negativos do uso excessivo de tecnologia, especialmente entre os jovens, a educação enfrenta desafios significativos na era digital, exigindo uma adaptação para aproveitar os benefícios da tecnologia sem comprometer a saúde mental e o desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Diante disso, é necessária uma abordagem equilibrada em relação ao uso da tecnologia, com os usuários exercendo um senso crítico sobre seu uso e os riscos associados, ao mesmo tempo em que se reconhecem os benefícios proporcionados pela conectividade digital.

Esta necessidade de adaptação do sistema educacional a estes novos tempos, requer o reconhecimento dos anseios individuais e a utilização de ferramentas disponíveis para promover o senso crítico dos estudantes em relação ao mundo. É preciso, portanto, uma revolução epistêmica, ética e estética que desafia o modelo tradicional de formação, exigindo uma reestruturação profunda, pois conceitos como ensino e aprendizagem tornam-se mais fluidos, refletindo uma cultura de consumo que contrasta com a passividade da educação tradicional.

Por fim, aos nos apegarmos aos resultados da análise dos dados coletados junto aos pesquisados, fica evidente o quanto as redes sociais tornaram-se uma parte integral da vida cotidiana das pessoas, influenciando não apenas a forma como se comunicam, mas também como consomem informações, interagem e compartilham conteúdo. Embora o número de pesquisados seja baixo, e tenha nos possibilitado o acesso a dados mais qualitativos, ficou claro como as pessoas utilizam diversas redes sociais durante grande parte do seu dia. Elas revelam uma variedade de perspectivas sobre o papel das redes sociais em suas vidas, refletindo suas complexidades e múltiplos usos na sociedade contemporânea, seja como meio de comunicação, como instrumento de trabalho ou até mesmo um local para se obter informações.

Concluimos, portanto, que as redes sociais são capazes de influenciar na formação humana de seus usuários, alterando a percepção deles no que diz respeito debates sensíveis como a liberdade de expressão, a desinformação e as relações sociais. Campanhas digitais bem elaboradas e direcionadas ao público certo, são capazes de moldar a opinião das massas conforme o interesse daqueles que detêm este domínio da comunicação em massa. Para isso,

basta despertar os sentimentos corretos e direcionar toda esta energia gerada e intensificada por meio dos afetos e crenças de cada um, em uma voz uníssona no ambiente virtual.

Até que algo seja feito por parte das autoridades responsáveis no sentido de regular e limitar todo este poder que as plataformas possuem, estamos sujeitos a todo tipo de manipulação e estímulos ao consumo que são gerados a partir daquilo, que enquanto usuários, fornecemos com o nosso próprio consentimento.

5. REFERÊNCIAS

ABRAMO, Perseu. **Padrões de Manipulação na grande imprensa**. 2ª Edição – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016.

ABRAMOVAY, Miriam *et al.* **Gangues, gênero e juventudes: dona de rocha e sujeitos cabulosos**. Secretaria dos Direitos Humanos (SDH). Edição 1 – Brasília-DF, 2010.

AMARAL, Inês; SANTOS, Sofia José. Algoritmos e redes sociais: a propagação de fake news na era da pós-verdade. In: FIGUEIRA, João; SANTOS, Sílvio (org.). **As Fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade**. Imprensa da Universidade de Coimbra, Set. 2019.

ANATEL (Agência Brasileira de Telecomunicações). **Área de cobertura de telefonia móvel no Brasil**. Disponível em: <<https://informacoes.anatel.gov.br/paineis/infraestrutura/panorama>> Acesso em: 06 fev. 2024.

ANDRADE, Marcelo. A banalidade do mal e as possibilidades da educação moral: contribuições arendtianas. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 43, p. 109-125, abr. 2010. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782010000100008&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 09 jun. 2023.

ANGELO, Edna. Redes sociais virtuais na sociedade da informação e do conhecimento: economia, poder e competência informacional. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [S. l.], v. 21, n. 46, p. 71–80, 2016. DOI: 10.5007/1518-2924.2016v21n46p71. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2016v21n46p71>> Acesso em: 22 maio. 2023.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. 1ª Edição – São Paulo: Boitempo, 2018.

_____. Trabalho intermitente e uberização do trabalho no limiar da indústria 4.0. In: ANTUNES, R. (Org). **Uberização, Trabalho Digital e Trabalho 4.0**. São Paulo: Boi Tempo, 2020.

ARAÚJO, C. A. Ávila. O fenômeno da pós-verdade e suas implicações para a agenda de pesquisa na Ciência da Informação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [S. l.], v. 25, p. 01-17, 2020. DOI: 10.5007/1518-2924.2020.e72673. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2020.e72673>> Acesso em: 17 abr. 2022.

ARENDT, Hannah. **A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar**. Tradução: Antônio Abranches, César Augusto R. de Almeida, Helena Martins. 4ª edição. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

_____. **Entre o passado e o futuro.** 8ª Edição. Título original: Between past and future: eight exercises in political thought. Tradução: Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016 – (Debates; 64 / Dirigida por J. Guinsburg).

_____. **Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo.** Tradução: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia de Bolso, [2009]. Disponível em: <<https://doceru.com/doc/nxv5ne1>> Acesso em: 09 jun. 2023.

Arte da mentira. **The Economist, O Estado de São Paulo.** 13 set. 2016. Tradução: Hubner Alexandre. Título original: Art of the lie. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,arte-da-mentira,10000075581>> Acesso em: 20 mar. 2022.

ARRUDA, Felipe. **20 anos de internet no Brasil: aonde chegamos?** Tecmundo, São Paulo, 04 mar. 2011. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/internet/8949-20-anos-de-internet-no-brasil-aonde-chegamos-.htm>> Acesso em: 19 mar. 2022.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023:** Informação e documentação: referências - elaboração. Rio de Janeiro, 2018.

_____. **NBR 10520:** Informação e documentação: citações em documentos - apresentação. Rio de Janeiro, 2023.

AUDINO, D.; NASCIMENTO, R. Objetos de aprendizagem - diálogos entre conceitos e uma nova proposição aplicada à educação. **Revista Contemporânea de Educação,** Rio de Janeiro, Vol. 5, n. 10, jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1620/1468>> Acesso em: 30 mar. 2022.

BACON, Francis. **The New Organon [Novum Organum],** ed. Lisa Jardine e Michael Siverthorne, Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

BARBIERI, Bianca da Cruz; SANTOS, Naiara Ester dos; AVELINO, Wagner Feitosa. Violência escolar: uma percepção social. **Revista Educação Pública,** v. 21, nº 7, 2 de março de 2021. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/7/violencia-escolar-uma-percepcao-social>> Acesso em: 30 maio. 2023

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. 3ª reimpressão da 1ª edição de 2011. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. **Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadorias.** Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

_____. **44 Cartas do mundo líquido moderno.** Tradução: Vera Pereira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

BLACKBURN, Simon. **Verdade: um guia para perplexos**. Tradução: Marilene Tombini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 30 mar. 2022.

_____. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. **Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 30 de dezembro de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11892.htm> Acesso em: 21 mai. 2022.

_____. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 30 mar. 2022

_____. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Educação é a Base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em: 30 mar. 2022.

BUCCI, Eugênio. Pós-política e corrosão da verdade. **Revista USP**, [S. l.], n. 116, p. 19-30, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i116p19-30. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/146574>> Acesso em: 20 mar. 2022.

_____. O inexorável. **O Estado de São Paulo**. 18 maio. 2023. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/opiniao/eugenio-bucci/o-inexoravel/>> Acesso em: 19 maio. 2023.

BUCKINGHAM, David. Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização. **Educação e realidade**, v. 35, n. 03, p. 37-58, 2010. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/rer/v35n03/v35n03a04.pdf>> Acesso em: 08 ago. 2023.

CALDAS, Ana Lúcia. Educação midiática é caminho contra desinformação, dizem especialistas. **Agência Brasil**, Brasília, 28 mar. 2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-03/educacao-midiatica-e-caminho-contradesinformacao-dizem-especialistas>> Acesso em: 15 ago. 2023.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. **Tutorial para uso do software IRAMUTEQ**, 2021. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/Tutorial%20IRaMuTeQ%20em%20portugues_22.11.2021.pdf> Acesso em: 14 fev. 2024.

CANNAS, Fábio. A uberização do trabalho frente à pandemia de Covid-19 no Brasil. **Revista Direitos, Trabalho e Política Social**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 198-221, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rdtps/article/view/12393>. Acesso em: 22 maio. 2023.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede** - (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1). Tradução: Roneide Venâncio Majer. 8ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1999a.

_____. **O poder da identidade** - (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 2). Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1999b.

_____. **Fim do milênio** - (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 3). Tradução: Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venancio Majer. 3ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1999c.

_____. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 2ª edição revista e atualizada. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. **O poder da comunicação**. Tradução: Vera Lúcia Mello Joscelyne; revisão de tradução de Isabela Machado de Oliveira Fraga. 2ª Edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

CERIGATTO, M. P.; CASARIN, H. de C. S. As mídias como fonte de informação: aspectos para uma avaliação crítica. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 13, p. 155–176, 2017. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/685>> Acesso em: 29 fev. 2024.

COSTA, Gilberto. Analfabetismo resiste no Brasil e no mundo do século 21. **Agência Brasil**, Brasília, 08 set, 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-09/analfabetismo-resiste-no-brasil-e-no-mundo-do-seculo-21> Acesso em: 26 mar. 2022

CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono**. Tradução: Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2014. Disponível em: <<https://doceru.com/doc/nxnecv5n>> Acesso em: 07 maio. 2022.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News**. Tradução: Carlos Szlak. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DE PAULA, Lorena Tavares; DA SILVA, Thiago dos Reis Soares; BLANCO, Yuri Augusto. Pós-verdade e fontes de informação: um estudo sobre fake news. **Revista Conhecimento em Ação**, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.47681/rca.v3i1.16764>> Acesso em: 19 fev. 2024.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Projeto Periferia, eBookLibris, 2003.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 12ª ed. – São Paulo: Cortez, 2006.

DESMURGET, Michel. **A fábrica de cretinos digitais: os perigos das telas para nossas crianças**. Tradução: Mauro Pinheiro. São Paulo: Vestígio, 2021.

DINIZ, Nádia Souki. **A banalidade do mal em Hanna Arendt**. 1995. Dissertação de Mestrado – UFMG - Faculdade de Filosofia e Humanas, Belo Horizonte: UFMG, 1995. 160 p. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VCSA-BENTA2/1/a_banalidade_do_mal_em_hannaharendt.pdf> Acesso em: 09 jun. 2023.

DOURADO, Tatiana Maria Silva Galvão. **Fake News na eleição presidencial de 2018 no Brasil**. 2020. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/31967/1/Tese_Tatiana%20Dourado.pdf> Acesso em: 26 mar. 2022.

EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**. Tradução: Arnaldo Bloch. 1ª Edição – São Paulo: Vestígio, 2019.

ENGLISH OXFORD LIVING DISCTIONARIES. **Post-truth**. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/post-truth>> Acesso em 20 mar. 2022.

FANTÁSTICO. **Rede sem lei: no Discord, criminosos violentam e humilham meninas menores de idade**. 25 jun. 2023. Disponível em: <[Rede sem lei: no Discord, criminosos violentam e humilham meninas menores de idade | Fantástico | G1 \(globo.com\)](#)> Acesso em: 04 ago. 2023.

FERREIRA, Lola. Como funcionava a máquina de produção de vídeos de Gabriel Monteiro. **UOL**, Rio de Janeiro, 16 abr. 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/04/16/maquina-videos-gabriel-monteiro.htm>> Acesso em: 28 maio. 2023

FIGUEIREDO, Carolina. Governo de SP recua e diz que vai oferecer livros também impressos para alunos. **CNN**, São Paulo, 06 ago. 2023. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/governo-de-sp-recua-e-diz-que-vai-oferecer-livros-tambem-impressos-para-alunos/>> Acesso em: 10 mar. 2024

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>> Acesso em: 04 ago. 2023.

FRANCESCO, Nayara Nascimento; LEONE, Simone Delago. Educação Midiática contra "fake news". **Revista científica UMC**, v. 5, n. 1, 2020. Disponível em: <<http://seer.umc.br/index.php/revistaumc/article/view/955>> Acesso em: 09 ago.2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. São Paulo: Autores associados: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia**: novos diálogos sobre educação. 1. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREUD, Sigmund. (2011). Psicologia das massas e análise do Eu. *In*: S. Freud. **Obras completas** (P. C. de Souza, trad., vol. 15). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921).

_____. (2011). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. *In*: S. Freud. **Obras completas** (P. C. de Souza, trad., vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925).

FUKS, Florencia. Celular: até quando deixaremos as crianças reféns de um aparelho danoso? **Ecoa**, São Paulo, 17 maio. 2023. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/julian-fuks/2023/05/27/ate-quando-deixaremos-as-criancas-refens-de-um-aparelho-danoso.htm>> Acesso em: 28 fev. 2024.

FUNDAÇÃO CECIERJ. Jornada Acadêmica 2023/1 – Pedagógicas UFRJ. YouTube, 17 abr. 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MEC9GfNejg0>> Acesso em 16 mai. 2023.

GARCÍA-MARÍN, D.; APARICI, R. L Historia de la mentira: más allá de Derrida. *In*: APARICI, R.; GARCÍA-MARÍN, M. (Coords). **La posverdad: una cartografía de los medios, las redes y la política**. Barcelona: Gedisa, 2019. Disponível em: <https://gedisaeditorial.files.wordpress.com/2021/10/la-posverdad_prensa_extracto.pdf> Acesso em 17 abr. 2022.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Tradução: Alexandra Figueiredo, Ana Patrícia Duarte Baltazar, Catarina Lorga da Silva, Patrícia Matos e Vasco Gil. 6ª Edição - Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ª Edição – São Paulo: Atlas, 2017.

GOERGEN, P. Formação humana e sociedades plurais. **Revista Espaço Pedagógico**, [S. l.], v. 21, n. 1, 2014. DOI: 10.5335/rep.v21i1.3870. Disponível em: <<https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/3870>> Acesso em: 10 mar. 2024.

GOMES, H. S.; SANTIAGO, A.; NAÍSA, L. 5G vem aí: entenda porque o leilão do Brasil foi o maior do mundo. **Tilt**, São Paulo, 07 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2021/11/07/5g-vem-ai-por-que-o-leilao-do-brasil-foi-o-maior-do-mundo.htm>> Acesso em: 16 abr. 2022.

GRINSPUN, Mirian P. S. Zippin (Org). **Educação Tecnológica: desafios e perspectivas**. 3ª Edição – São Paulo: Cortez, 2002.

GUIMARÃES, V. O. S. A construção social acerca da banalidade do mal em Hannah Arendt. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 27, n. 54, p. 59–72, 2019. DOI: 10.20396/tematicas.v27i54.12338. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/12338>> Acesso em: 6 jun. 2023.

GUTIÉRREZ-TERRAZAS, José. O conceito de pulsão de morte na obra de Freud. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 5, n. 1, p. 91–100, jan. 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/agora/a/jCcpPTxMrRF7yb6fyZywnsL/?lang=pt#>> Acesso em: 30 maio. 2023.

G1. Boom de microempreendedores: entenda o impacto do aumento no número de MEIs no Brasil. 04 jun. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/especial-publicitario/vae/bradesco/noticia/2021/06/04/boom-de-microempreendedores-entenda-o-impacto-do-aumento-no-numero-de-meis-no-brasil.ghtml>> Acesso em: 29 maio. 2023.

_____. **Datafolha: 53% admitem ter mudado de comportamento nas redes sociais por motivos políticos**. 30 set. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/pesquisa-eleitoral/noticia/2022/09/30/datafolha-53percent-admitem-ter-mudado-de-comportamento-nas-redes-sociais-por-motivos-politicos.ghtml>> Acesso em: 28 fev. 2024.

_____. **Brasil tem histórico de alto índice de violência escolar: veja dados sobre agressão a professores**. 27 mar. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/03/27/brasil-tem-historico-de-alto-indice-de-violencia-escolar-veja-dados-sobre-agressao-contra-professores.ghtml>> Acesso em: 02 jun. 2023.

_____. **Índia ultrapassa China e agora é a maior nação; saiba quais são os dez países mais populosos do mundo**. 29 abr. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/04/29/india-ultrapassa-china-e-agora-e-a-maior-nacao-saiba-quais-sao-os-dez-paises-mais-populosos-do-mundo.ghtml>> Acesso em: 24 maio. 2023.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução: Enio Paulo Giachini. 2ª Ed. Ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

_____. **Capitalismo e impulso de morte: ensaios e entrevistas**. Tradução: Gabriel Salvi Philipson. 1ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

HARARI, Yuval; HARRIS, Tristan; RASKIN, Aza. O domínio da inteligência artificial sobre a linguagem é uma ameaça à civilização. **O Estado de São Paulo**. 28 mar. 2023. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/internacional/yuval-harari-o-dominio-da-inteligencia-artificial-sobre-a-linguagem-e-uma-ameaca-a-civilizacao/>> Acesso em: 16 ago. 2023.

HAROCHE, Claudine. Maneiras de ser, maneiras de sentir do indivíduo hipermoderno. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 7, n. 2, p. 221–234, jul. 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982004000200003>> Acesso em: 29 fev. 2024.

_____. O sujeito diante da aceleração e da ilimitação contemporânea. **Educação e Pesquisa**, v. 41, n. 4, p. 851–862, out. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s1517-97022015041920>> Acesso em: 29 fev. 2024.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. 16ª edição - São Paulo, SP: Edições Loyola, 2007.

HELDER, Darlan. Quaest: 35% disseram ter recebido alguma notícia falsa sobre a tragédia no Rio Grande do Sul. **G1**, São Paulo: 13 maio. 2024. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/13/quaest-31percent-disseram-ter-recebido-alguma-noticia-falsa-sobre-a-tragedia-no-rio-grande-do-sul.ghtml>> Acesso em: 16 maio. 2024.

HERNÁNDEZ, Alicia. Crianças viciadas em telas e sem contato humano serão uma geração de conformistas, diz socióloga francesa. **BBC News Brasil**, 13 set. 2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cpv2lgrdgw9o>> Acesso em: 28 fev. 2024.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo, 2022**. Disponível em: <<https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/index.html>> Acesso em: 06 fev. 2024.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) 2022 – TIC**. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102040>> Acesso em: 06 fev. 2024.

INSTITUTO LOCOMOTIVA. **Do WhatsApp ao Uber – 1 em cada 5 trabalhadores usa apps para ter renda**. 12 maio. 2021. Disponível em: <<https://ilocomotiva.com.br/clipping/uol-do-whatsapp-ao-uber-1-em-cada-5-trabalhadores-usa-apps-para-ter-renda/>> Acesso em: 29 maio. 2023.

INSTITUTO SOU DA PAZ. **Ataques armados a escolas vitimaram 93 pessoas nos últimos 20 anos**. 07 abr. 2023. Disponível em: <<https://soudapaz.org/noticias/ataques-armados-a-escolas-vitimaram-93-pessoas-nos-ultimos-20-anos-veja-levantamento-do-sou-da-paz/>> Acesso em: 04 ago. 2023.

JÚNIOR, Sílvio. **Educação no Brasil: o que leva um jovem a cometer um ataque armado à escola?** 04 maio. 2023. Disponível em: <https://cultura.uol.com.br/noticias/58306_dia-da-educacao-o-que-leva-um-jovem-a-cometer-um-ataque-a-escola.html> Acesso em: 18 set. 2023.

KEMP, Simon. Digital 2022: another year of bumper growth. **We are Social**. 26 jan. 2022. Disponível em: <<https://wearesocial.com/uk/blog/2022/01/digital-2022-another-year-of-bumper-growth-2/>> Acesso em: 26 mar. 2022.

_____. Digital 2023: the changing world of digital in 2023. **We are Social**. 26 jan. 2023. Disponível em: <<https://wearesocial.com/us/blog/2023/01/the-changing-world-of-digital-in-2023/>> Acesso em: 16 ago. 2023.

_____. Digital 2024: 5 billion social media users. **We are Social**. 31 jan. 2024. Disponível em: <<https://wearesocial.com/uk/blog/2024/01/digital-2024-5-billion-social-media-users/>> Acesso em: 05 fev. 2024.

_____. Digital 2024: Brazil. **Datareportal**, 23 fev. 2024. Disponível em: <<https://datareportal.com/reports/digital-2024-brazil>> Acesso em: 23 Fev. 2024.

KERAI, Alex. Cell Phone Usage Statistics: Mornings Are for Notifications. **Reviews.Org**, 21 Jul. 2023. Disponível em: <<https://www.reviews.org/mobile/cell-phone-addiction/>> Acesso em: 28 Fev. 2024.

KEYES, Ralph. **A era da pós-verdade: desonestidade e enganação na vida contemporânea**. Tradução: Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

KREIN, J. D.; OLIVEIRA, R. V. de.; FILGUEIRAS, V. A.. As reformas trabalhistas: promessas e impactos na vida de quem trabalha. **Caderno CRH**, v. 32, n. 86, p. 225–229, maio 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccrh/a/JYGZHWPXz5yr8cf4dvM9kFj/?lang=pt#>> Acesso em: 29 maio. 2023.

LEITÃO, Carla Faria; NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Impactos da internet sobre pacientes: a visão de psicoterapeutas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.10, n. 3, p. 441-450, set./dez. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/RrC7TLXBtGnzw3gsKX5dJFQ/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em: 26 mar. 2022.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. 1ª Edição – São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, M. e GOMES, M; O. Redimensionando o papel dos profissionais da educação: algumas considerações. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito** – 4ª Edição – São Paulo: Cortez, 2006.

LIMA, Munique. As 10 marcas mais valiosas do mundo em 2023. **Forbes** – Forbes Money. 19. Jan. 2023. Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbes-money/2023/01/as-10-marcas-mais-valiosas-do-mundo-em-2023/>> Acesso em: 30 maio. 2023.

LISBOA, Alveni. O que é IA generativa? **Canaltech**, 15 abr. 2023. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/inteligencia-artificial/o-que-e-ia-generativa/>> Acesso em: 17 ago. 2023.

LUNA, S.V.de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: Educ, 1997.

MAAKAROUN, Bertha. Novo livro de Eugênio Bucci traz reflexão sobre a nova era da incerteza. **Estado de Minas** - Pensar. 05 maio. 2023. Disponível em:

<https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2023/05/05/interna_pensar,1489872/novo-livro-de-eugenio-bucci-traz-reflexao-sobre-a-nova-era-da-incerteza.shtml> Acesso em: 22 maio. 2023.

MANDEL, Ernest. **O capitalismo tardio**. Tradução: Carlos Eduardo Silveira Matos, Regis de Castro Andrade, Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1982. Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5499627/mod_resource/content/1/Ernest%20Mandel%20-%20O%20capitalismo%20tardio.pdf> Acesso em: 04 abr. 2024.

MARTINS, Leandro. Efeito contágio pode estimular novos ataques a escolas. **Agência Brasil**, Brasília, 29 mar. 2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/seguranca/audio/2023-03/efeito-contagio-pode-estimular-novos-ataques-escolas>> Acesso em: 18 set. 2023.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MEGID NETO, Jorge. **Como elaborar projetos de pesquisa em educação**. Campinas: Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, [2011?]. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/8542611-Como-elaborar-projetos-de-pesquisa-em-educacao.html>> Acesso em: 21 mai. 2022.

MEIRELLES, Fernando S. **Pesquisa do uso de TI – 34ª edição**. Abril/2023. FGV EAESP. Disponível em: <<https://eaesp.fgv.br/producao-intelectual/pesquisa-anual-uso-ti>> Acesso em: 23 fev. 2024.

MENDES, Evelin. Doações retidas e corpos encontrados; veja o que já checamos sobre as enchentes no RS. **Agência Lupa**, Rio de Janeiro, 06 maio. 2024. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/05/06/doacoes-retidas-e-corpos-encontrados-veja-o-que-ja-checamos-sobre-as-enchentes-no-rs>> Acesso em: 16 maio. 2024

MIRANDA, Dinomar. **Ameaça de massacres no dia 20 de abril preocupa escolas em todo o país**. 11 abr. 2023. Disponível em: <<https://dinomarmiranda.com.br/ameaca-de-massacres-no-dia-20-de-abril-preocupa-escolas-em-todo-brasil/>> Acesso em: 18 set. 2023.

_____. **Bombinhas causam pânico em Campos Belos (GO)**. 19 abr. 2023. Disponível em: <<https://dinomarmiranda.com.br/bombinhas-soltadas-por-criancas-causa-panico-em-campos-belos-go/>> Acesso em: 18. Set. 2023.

MOSCHEN, Vinícius. 5G no mundo – 12 países que já operam nas redes de quinta geração. **Canaltech**, São Paulo, 21 nov. 2021. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/casa-conectada/5g-no-mundo-12-paises-que-ja-operam-nas-redes-de-quinta-geracao-202292/>> Acesso em: 16 abr. 2022.

MOREIRA, Matheus. Presidente da Federação de indústrias de Goiás chama quarentena de desastre e compara coronavírus a Césio-137. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 07 fev. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/02/presidente-da->

[federacao-de-industrias-de-goias-compara-coronavirus-a-cesio-137.shtml](#)> Acesso em: 28 mar. 2022.

NALIN, Carolina. 5G completa um ano no Brasil e chega a 184 cidades. Confira se tem onde você mora. **O Globo**, Rio de Janeiro, 06 Jul. 2023. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2023/07/06/5g-completa-um-ano-no-brasil-e-chega-a-184-cidades-confira-se-tem-onde-voce-mora.ghtml>> Acesso em: 06 fev. 2024.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral**. São Paulo: Hedra, 2007.

PAGNO, Marina. Celular é o novo cigarro: como o cérebro reage às notificações de apps e por que elas viciam tanto. **G1**, 13 fev. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/saude/noticia/2023/02/13/celular-e-o-novo-cigarro-como-o-cerebro-reage-as-notificacoes-de-apps-e-por-que-elas-viciam-tanto.ghtml>> Acesso em: 28 fev. 2024.

PARAGUASSU, Lisandra. Eleição é luta do bem contra o mal, diz Bolsonaro em lançamento de sua pré-candidatura. **Reuters**, Brasília, 27 mar. 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2022/03/27/eleicao-e-luta-do-bem-contra-o-mal-diz-bolsonaro-em-lancamento-de-sua-pre-candidatura.htm>> Acesso em: 28 mar. 2022.

PENA, A. C.; NUNES, M. F. R.; KRAMER, S. Formação humana, visão de mundo, diálogo e educação: a atualidade de Paulo Freire e Buber. **Educação em Revista**, v. 34, p. e172870, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-4698172870>> Acesso em: 28 mar. 2024.

Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros : **TIC Domicílios 2022** [livro eletrônico] = Survey on the use of information and communication technologies in Brazilian households : ICT Households 2022 / [editor] Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. -- 1. ed. -- São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2023. Disponível em: <<https://cetic.br/pt/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nos-domicilios-brasileiros-tic-domicilios-2022/>> Acesso em 04 fev. 2024.

PITTA, Iuri. A cada 4 mensagens políticas de apps, 1 é de teor duvidoso, diz pesquisa. **CNN, São Paulo**, 27 dez. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/a-cada-4-mensagens-politicas-de-apps-1-e-de-teor-duvidoso-diz-pesquisa/?utm_source=social&utm_medium=instagram-feed&utm_campaign=politica-cnn-brasil&utm_content=link> Acesso em: 29 dez. 2023.

PLATAFORMA NILO PEÇANHA – **PNP 2024 (Ano Base 2023)**. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/npn>> Acesso em: 31 maio. 2024.

PRADO, Michele. **Extremismo violento em ambiente escolar**. Nota Técnica 15. Monitor do Debate Político no Meio Digital, Grupo de Políticas Públicas para o Acesso à Informação, Escola de Artes Ciências e Humanidades – USP. Março, 2023. Disponível em: <<https://www.monitordigital.org/wp-content/uploads/2023/03/nota-tecnica-15.pdf>> Acesso em 18 set. 2023.

PIRES, Sérgio Fernandes Senna. Violência cibernética: a inteligência artificial é autônoma? **Cadernos ASLEGIS**, Brasília, nº 62, p. 163-174, 1º Semestre, 2022. Disponível em: <<https://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/41288>>. Acesso em: 18 set. 2023.

Relatório de segurança digital no Brasil. Dfndr Lab. Disponível em: <<https://www.psafce.com/dfndr-lab/pt-br/relatorio-da-seguranca-digital/>> Acesso em 26 mar. 2022.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi; MACHADO, Paulo Henrique; ROHLING, Nívea. Discursividades sobre identidade, sexualidade e feminismo em redes sociais. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n260375>> Acesso em: 29 fev. 2024.

REZENDE FILHO, Cyro de Barros. **História econômica geral**. 10. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2019.

RIBEIRO *et al.* Mais que escrever e falar: comunicar-se- uma perspectiva discursiva presente no ensino de Língua Portuguesa. In: MONTEIRO, Dênisson *et al.* (Org.). **Educação em Ação** – Bom Sucesso, MG: IF Sudeste de Minas Gerais, 2021.

RIBEIRO, Jadeílson Cruz. **Pós-verdade**: um estudo sobre compartilhamento de informações no Whatsapp. Monografia (Graduação) – Curso de Comunicação Social – Jornalismo, UFMA, São Luís, 2023. Disponível em: <<https://monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/7115>> Acesso em: 01 mar. 2024.

RIBEIRO, Renato. Veículos de imprensa mudam política de cobertura de ataques a escolas. **Agência Brasil**, Brasília, 06 jun. 2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-04/veiculos-de-imprensa-mudam-politica-de-cobertura-de-ataques-escolas>> Acesso em: 04 ago. 2023.

RICARDO, Carolina; TSUCHIDA, Danielle. Tragédias em escolas não se combatem com populismo penal. **Fórum CNN**, 04 abr. 2023. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/forum-opiniao/tragedias-em-escolas-nao-se-combatem-com-populismo-penal/>> Acesso em: 04 ago. 2023.

RUGGERI, Amanda. Como celulares mudaram nosso cérebro. **BBC Brasil**, 08 abr. 2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c6pln490eleo>> Acesso em: 28 fev. 2024.

SÁ, Alexandre Franco de. Pré-verdade, verdade e pós-verdade: um percurso rumo à política contemporânea. In: FIGUEIRA, João; SANTOS, Sílvio (org.). **As Fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade**. Imprensa da Universidade de Coimbra, Set. 2019.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2ª Ed. Revista (1ª Ed. Cosac Naify, 2015) – Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

_____. É racional parar de argumentar. In: DUNKER, C. *et al.* **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Organizado por Fábio Cypriano - Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018.

SELKE, Ricardo e BELLOS, Natália. **História social e econômica moderna**. Curitiba: Intersaberes, 2017.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Tradução: Marcos Santarrita. 14ª edição – Rio de Janeiro, RJ: Record, 2009.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Tradução: Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª Edição. - São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ellery Henrique Barros da; NEGREIROS, Fauston. **Violência nas escolas públicas brasileiras: uma revisão sistemática da literatura**. *Rev. Psicopedagogia*, São Paulo, v. 37, n. 114, p. 327-340, dez. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862020000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 maio. 2023.

SILVA, Fábila Geisa Amaral. **Apresentando e analisando as causas da violência escolar**. 2ª ed. – São Paulo: Blucher, 2017.

SILVA, Samuel Aureliano da; XAVIER, Odiva Silva. **Campos Belos: sua história sua gente**. Brasília: Editora Ser, 2004.

SILVA, Wanderley da. **Autonomia e educação no ciberespaço**. 1ª Ed – Curitiba: Appris, 2020.

_____. **Educação e pandemia: a democracia sob ataque nas redes sociais**. Manuscrito inédito (não publicado).

SOARES, Suely Galli. **Educação e Comunicação: o ideal de inclusão pelas tecnologias de informação: otimismo exarcebado e lucidez pedagógica**. São Paulo: Cortez, 2006.

SOARES, I. de O. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. *Comunicação & Educação*, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 15-26, 2014. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v19i2p15-26. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/72037>> Acesso em: 10 ago. 2023.

SOARES, João Paulo. Pandemia e redes sociais agravaram a violência escolar no país. 31 mar. 2023. **Universo Online (UOL)**. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2023/03/31/pandemia-e-redes-sociais-agravaram-violencia-escolar-no-pais.htm>> Acesso em: 02 jun. 2023.

SOBRINHO, Asdrúbal Borges Formiga; BARBOSA, Alexandre Mota. Criatividade no Instagram como ferramenta de inovação para as organizações. **Signos do Consumo**, v. 6, n. 1, p. 125-137, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/signosdoconsumo/article/view/101406>> Acesso em 01 mar. 2024.

SOUSA, Yuri Sá Oliveira *et al.* O uso do software Iramuteq na análise de dados de entrevistas. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v. 15, n. 2, p. 1-19, jun. 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082020000200015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 fev. 2024.

SPINELLI, E. M.; RAMOS, D. O. Desordem informacional no ecossistema digital nas eleições brasileiras de 2018. In: FIGUEIRA, João; SANTOS, Sílvio (org.). **As Fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade**. Imprensa da Universidade de Coimbra, Set. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/38112/22326>> Acesso em: 08 ago. 2023.

SPINELLI, Egle Müller; DE ALMEIDA SANTOS, Jéssica. Saberes necessários da educação midiática na era da desinformação. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 13, n. 3, p. 45-61, 2019.

SPITZER, Manfred. **Demencia Digital: el peligro de las nuevas tecnologias**. Traducción: Jorge Seca. 1ª edición: mayo 2013.

TAVARES, Vinicius dos Santos; MELO, Rosane Braga de. Possibilidades de aprendizagem formal e informal na era digital: o que pensam os jovens nativos digitais? **Psicologia Escolar e Educacional** [online]. 2019, v. 23. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-35392019013039>> Acesso em: 31 mar. 2022.

TERRA, Victor. Ação coordenada impulsionou ameaças de ataque a escolas para gerar pânico. **Agência Lupa**, Rio de Janeiro, 19 abr. 2023. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/04/19/acao-coordenada-impulsionou-ameacas-de-ataque-a-escolas-para-gerar-panico>> Acesso em: 08 ago. 2023

TENENTE, Luiza. Por que a Suécia desistiu da educação 100% digital e gastará milhões de euros para voltar aos livros impressos? **G1**, 07 ago. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/08/07/por-que-a-suecia-desistiu-da-educacao-100percent-digital-e-gastara-milhoes-de-euros-para-voltar-aos-livros-impressos.ghtml>> Acesso em: 10 mar. 2024

TESICH, Steve. (1992, January). A Government of Lies. **The Nation**. Disponível em: <<https://www.thefreelibrary.com/A+government+of+lies.-a011665982>> Acesso em: 20 mar. 2022.

TIBURI, Marcia. Pós-verdade, pós-ética: uma reflexão sobre delírios, atos digitais e inveja. In: DUNKER, C. *et al.* **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

UNESCO. 2023. **Resumo do Relatório de Monitoramento Global da Educação 2023:**

Tecnologia na educação: Uma ferramenta a serviço de quem? Paris, UNESCO. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000386147_por> Acesso em: 15 ago. 2023.

Uso de internet, televisão e celular no Brasil. **Pesquisa PNAD Contínua 2018/2019**. IBGE. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>> Acesso em: 19 mar. 2022.

VALENTE, Jonas. Brasil tem 134 milhões de usuários de internet, aponta pesquisa. **Agência Brasil**, Brasília, 26 maio, 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>> Acesso em: 19 mar. 2022

VASCONCELOS, Rosália. Eleições 2022: por que tanta gente acredita e compartilha fake news. **UOL**, 27 out. 2022. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2022/10/27/so-freud-explica-por-que-tanta-gente-acredita-e-compartilha-fake-news.htm>> Acesso em: 05 fev. 2024.

VIDIGAL, Ana Carolina e GONDIN, Pollyanna Rodrigues. **Desenvolvimento capitalista e o serviço social**. Curitiba: Intersaberes, 2019.

VIEIRA, Marilandi Maria Mascarello; VIEIRA, Josimar de Aparecido. Educação e formação humana na sociedade digital. **Rev. Reflex, Santa Cruz do Su**, v. 21, n. 2, p. 116-134, dez. 2013. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-99492013000400116&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 27 maio 2024.

WILKE, V. C. L. Pós-verdade, *fake news* e outras drogas: vivendo em tempos de informação tóxica. *Logeion: Filosofia da Informação*, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 8-27, 2020. DOI: 10.21728/logeion.2020v7n1.p8-27. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/5427>> Acesso em: 17 abr. 2022.

WILSON, Carolyn; GRIZZLE, Alton; TUAZON, Ramon; AKYEMPONG, Kwame; CHEUNG, Chi-Kim. **Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores**. Brasília: UNESCO, UFTM, 2013. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000220418>> Acesso em: 10 ago.2023.

WINNICOTT, Donald W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Tradução: Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983.

_____. **Privação e delinquência**. Tradução: Álvaro Cabral. Revisão da Tradução: Mônica Stahel. 4ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa época**. Tradução: Rodolfo Ilari, Mayumi Ilari. São Paulo: Contexto, 2019.

WU, Tim. **Impérios da Comunicação:** do telefone à internet, da AT&T ao Google. Tradução: Claudio Carina. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

ZARZALEJOS, J. A. Comunicação, jornalismo e '*fact-checking*'. In: LLORENTE & CUENCA. **A era da pós-verdade: realidade versus percepção.** UNO – Desenvolvendo Ideias, nº 27, São Paulo, mar. 2017. Disponível em: <https://www.revista-uno.com.br/wp-content/uploads/2017/03/UNO_27_BR_baja.pdf> Acesso em: 16 abr. 2022.

6. APÊNDICES

6.1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: intitulada “**AS REDES SOCIAIS E A FORMAÇÃO HUMANA SOB O CONTEXTO DAS PÓS-VERDADES**”. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do Pesquisador responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins. Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável **FRANCISCO EDSON LIMA TORCATE**, pelo telefone: (62) 9 9241-7174 (Whatsapp) ou por meio do e-mail fel.torcate@gmail.com. Em caso de dúvida sobre a ética aplicada nesta pesquisa você poderá entrar em contato com os Comitês de Ética em Pesquisa da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FOUFRJ) e também do Instituto Federal Goiano (IF Goiano) pelas seguintes opções:

Comitê de Ética em Pesquisa	Número da CAAE	Contato
Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FOUFRJ)	65718122.1.0000.0268	-E-mail: cep@odonto.ufrj.br -Telefone: (21) 3938-2051 -Via Postal: Rua Prof. Rodolpho Paulo Rocco nº 325 – 2º Andar Sala 01 Setor de Coordenações Acadêmicas da FOUFRJ, Cidade Universitária, Rio de Janeiro-RJ, CEP: 21.941-617.

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal Goiano	65718122.1.3001.0036	-E-mail: cep@ifgoiano.edu.br -Telefone: (62) 9 9226-3661 -Via Postal: Rua 88 nº 280, Setor Sul, CEP: 74.085-010 Goiânia-GO

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um órgão que controla as questões éticas das pesquisas na instituição e tem como uma das principais funções proteger os participantes da pesquisa de quaisquer problemas que possam resultar de sua participação.

Sobre a pesquisa é importante assinalar que:

1. A presente pesquisa é motivada pela vontade de se estudar a fundo a relação entre os usuários e as redes sociais dentro do contexto das pós-verdades, onde os fatos possuem menos influência em estabelecer a opinião pública do que crenças ou opiniões.
2. O objetivo dessa pesquisa é analisar o quão influentes podem ser as redes sociais na formação humana de seus usuários.
3. Os riscos inerentes a você, participante, são mínimos e envolvem aspectos como: incômodo, cansaço, dúvidas com as perguntas elaboradas, mas, não serão riscos perigosos à sua vida, apenas riscos que poderão causar algum tipo de constrangimento por conta de uma outra pergunta. Para minimizar os riscos, você terá assistência integral e imediata durante todo o período da pesquisa e toda a execução do projeto por meio dos meus contatos: (62) 9 9241-7174, e-mail: fel.torcate@gmail.com. Além disso, caso você deseje suspender, imediatamente, a sua participação, posso assegurar a você, participante, que não haverá nenhum prejuízo de sua recusa neste estudo.

4. Os benefícios provenientes de sua participação nesta pesquisa é a possibilidade de se chegar a uma autorreflexão sobre sua relação com as suas redes sociais. Além disso, sua participação contribuirá para que eu alcance os objetivos desta pesquisa.
 5. Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer tempo e aspecto que desejar, através dos meios citados anteriormente. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sendo sua participação voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.
 6. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e todos os dados coletados servirão apenas para fins de pesquisa. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.
 7. Sua participação no estudo não implicará em custos adicionais, não terá qualquer despesa com a realização dos procedimentos previstos neste estudo. Também não haverá nenhuma forma de pagamento pela sua participação. Mas caso venha ter alguma despesa eventual é garantido o direito ao ressarcimento da despesa diretamente decorrente de sua participação na pesquisa via depósito em conta corrente mediante a apresentação do respectivo comprovante da despesa. O pedido de ressarcimento deverá ser encaminhado para o e-mail informado anteriormente.
 8. Caso você participante venha a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, tem direito a assistência e a buscar indenização por meio das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406 de 2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510, de 2016, Artigo 9º, Inciso VI).
 9. Você receberá por e-mail uma cópia da dissertação resultante desta pesquisa. Além disso, a dissertação também ficará disponibilizada nos repositórios institucionais do PPGEA/UFRRJ e do IF Goiano. Uma cópia impressa da dissertação também será doada à Biblioteca do IF Goiano – Campus Campos Belos.
 10. Todos os dados coletados nesta pesquisa ficarão armazenados pelo período mínimo de cinco anos para que o participante possa decidir, livremente, sobre sua participação e sobre o uso de seus dados neste momento e/ou no futuro.
- () Declaro que li e concordo com os termos para participação nesta pesquisa.

Autorização de uso de imagem e/ou voz:

() Sim. Autorizo o uso de minha imagem e/ou voz.

() Não. Não autorizo o uso de minha imagem e voz.

Campos Belos-GO, ____ de _____ de 2023.

Assinatura do responsável pela pesquisa

Assinatura do participante

6.2 Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: intitulada “**AS REDES SOCIAIS E A FORMAÇÃO HUMANA SOB O CONTEXTO DAS PÓS-VERDADES**”. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do Pesquisador responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins.

Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável **FRANCISCO EDSON LIMA TORCATE**, pelo telefone: (62) 9 9241-7174 (Whatsapp) ou por meio do e-mail fel.torcate@gmail.com. Em caso de dúvida sobre a ética aplicada nesta pesquisa você poderá entrar em contato com os Comitês de Ética em Pesquisa da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FOUFRJ) e também do Instituto Federal Goiano (IF Goiano) pelas seguintes opções:

Comitê de Ética em Pesquisa	Número da CAAE	Contato
Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FOUFRJ)	65718122.1.0000.0268	-E-mail: cep@odonto.ufrj.br -Telefone: (21) 3938-2051 -Via Postal: Rua Prof. Rodolpho Paulo Rocco nº 325 – 2º Andar Sala 01 Setor de Coordenações Acadêmicas da FOUFRJ, Cidade Universitária, Rio de Janeiro-RJ, CEP: 21.941-617.

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal Goiano	65718122.1.3001.0036	-E-mail: cep@ifgoiano.edu.br -Telefone: (62) 9 9226-3661 -Via Postal: Rua 88 nº 280, Setor Sul, CEP: 74.085-010 Goiânia-GO

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um órgão que controla as questões éticas das pesquisas na instituição e tem como uma das principais funções proteger os participantes da pesquisa de quaisquer problemas que possam resultar de sua participação.

Sobre a pesquisa é importante assinalar que:

1. A presente pesquisa é motivada pela vontade de se estudar a fundo a relação entre os usuários e as redes sociais dentro do contexto das pós-verdades, onde os fatos possuem menos influência em estabelecer a opinião pública do que crenças ou opiniões.
2. O objetivo dessa pesquisa é analisar o quão influentes podem ser as redes sociais na formação humana de seus usuários.
3. Os riscos inerentes a você, participante, são mínimos e envolvem aspectos como: incômodo, cansaço, dúvidas com as perguntas elaboradas, mas, não serão riscos perigosos à sua vida, apenas riscos que poderão causar algum tipo de constrangimento por conta de uma outra pergunta. Para minimizar os riscos, você terá assistência integral e imediata durante todo o período da pesquisa e toda a execução do projeto por meio dos meus contatos: (62) 9 9241-7174, e-mail: fel.torcate@gmail.com. Além disso, caso você deseje suspender, imediatamente, a sua participação, posso assegurar a você, participante, que não haverá nenhum prejuízo de sua recusa neste estudo.

4. Os benefícios provenientes de sua participação nesta pesquisa é a possibilidade de se chegar a uma autorreflexão sobre sua relação com as suas redes sociais. Além disso, sua participação contribuirá para que eu alcance os objetivos desta pesquisa.
5. Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer tempo e aspecto que desejar, através dos meios citados anteriormente. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sendo sua participação voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.
6. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e todos os dados coletados servirão apenas para fins de pesquisa. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.
7. Sua participação no estudo não implicará em custos adicionais, não terá qualquer despesa com a realização dos procedimentos previstos neste estudo. Também não haverá nenhuma forma de pagamento pela sua participação. Mas caso venha ter alguma despesa eventual é garantido o direito ao ressarcimento da despesa diretamente decorrente de sua participação na pesquisa via depósito em conta corrente mediante a apresentação do respectivo comprovante da despesa. O pedido de ressarcimento deverá ser encaminhado para o e-mail informado anteriormente.
8. Caso você participante venha a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, tem direito a assistência e a buscar indenização por meio das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406 de 2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510, de 2016, Artigo 9º, Inciso VI).
9. Você receberá por e-mail uma cópia da dissertação resultante desta pesquisa. Além disso, a dissertação também ficará disponibilizada nos repositórios institucionais do PPGEA/UFRRJ e do IF Goiano. Uma cópia impressa da dissertação também será doada à Biblioteca do IF Goiano – Campus Campos Belos.
10. Todos os dados coletados nesta pesquisa ficarão armazenados pelo período mínimo de cinco anos para que o participante possa decidir, livremente, sobre sua participação e sobre o uso de seus dados neste momento e/ou no futuro.

() Declaro que li e concordo com os termos para participação nesta pesquisa.

Autorização de uso de imagem e/ou voz:

() Sim. Autorizo o uso de minha imagem e/ou voz.

() Não. Não autorizo o uso de minha imagem e voz.

Campos Belos-GO, ____ de _____ de 2023.

Assinatura do responsável pelo participante

Assinatura do participante

Assinatura do responsável pela pesquisa

6.3 Roteiro das entrevistas

PARTE 1 – INTRODUÇÃO À ENTREVISTA

PERGUNTA 1 – Você já participou de alguma pesquisa antes?

PERGUNTA 2 – Como você se sentiu ao ser convidado(a) para participar desta pesquisa?

PERGUNTA 3 – O que você acha de uma pesquisa voltada para a formação humana a partir da possível influência das redes sociais?

PARTE 2 – DAS REDES SOCIAIS

PERGUNTA 1 – Para você, qual a definição de rede social?

PERGUNTA 2 – Você tem alguma rede social? (Em caso afirmativo perguntarei em quais redes sociais ele/ela possui perfil(is) ativos. Em caso negativo, perguntarei se ele/ela tem vontade de estar em alguma rede social).

PERGUNTA 3 – Você acessa suas redes sociais por qual tipo de dispositivo?

PERGUNTA 4 - Com que frequência você acessa as suas redes sociais?

PERGUNTA 5 – Alguma vez você já acordou de madrugada ansioso por possíveis interações em suas redes sociais?

PERGUNTA 6 – Você costuma gerenciar o seu controle de privacidade em suas redes sociais?

PERGUNTA 7 – Seus perfis são privados ou públicos?

PERGUNTA 8 – Você costuma interagir com postagens de pessoas desconhecidas?

PERGUNTA 9 – Você tem o hábito de compartilhar postagens de desconhecidos?

PERGUNTA 10 – Ao ver uma postagem de alguma pessoa conhecida, você se sente confortável para compartilhar ou antes disso, pesquisa sobre a postagem?

PERGUNTA 11 – Você costuma acompanhar agências de checagem de notícias?

PERGUNTA 12 – Você segue algum perfil de político em suas redes sociais? (Se sim, poderia citar alguns?)

PERGUNTA 13 – Em algum momento você já discutiu nas redes sociais por causa de política?

PERGUNTA 14 – Você já deixou de interagir com outras pessoas em redes sociais para evitar discussões políticas?

PERGUNTA 15 – Até que ponto você acredita que a polarização política pode comprometer o processo democrático?

PERGUNTA 16 – Você acredita que a disseminação de desinformação possui alguma influência negativa no processo democrático?

PERGUNTA 17 – Você acredita que as empresas responsáveis pelas redes sociais devem desenvolver maneiras de limitar a distribuição de desinformação? Por quê?

PERGUNTA 18 – Você considera que as redes sociais são um lugar propício para exercer a sua criatividade?

PERGUNTA 19 – Até que ponto o que você posta, vê ou recebe via redes sociais pode afetar o seu jeito de ser, o seu comportamento?

PERGUNTA 20 – Você já viveu em um mundo sem redes sociais?

PERGUNTA 21 - Hoje, você consegue imaginar o mundo sem as redes sociais?

6.4 Transcrição das entrevistas

Entrevista 1 - Estudante do curso de Zootecnia

Gênero: Masculino Período: 9º Período Idade: 22 anos

Data da entrevista: 03/03/2023

Pesquisador: Boa tarde.

Entrevistado: Boa tarde.

Pesquisador: Quantos anos você tem?

Entrevistado: 22 anos.

Pesquisador: 22. Deixa eu te fazer umas perguntinhas aqui, introdutórias, antes da gente começar a bater papo mais voltado para a área da pesquisa. Você já participou de alguma pesquisa assim antes: especialização, mestrado, doutorado? Já respondeu algum questionário? Já foi entrevistado antes?

Entrevistado: Só no âmbito da pesquisa mesmo.

Pesquisador: Só no âmbito da pesquisa mesmo. E você sendo entrevistado né, ou você realizando?

Entrevista: Como colaborador mesmo. Colaborando.

Pesquisador: Colaborando. Bacana. E como você se sentiu sendo convidado para essa entrevista? Uma entrevista relacionada a uma pesquisa que trata de redes sociais?

Entrevistado: Muito bom, né? Interessante. Porque a gente sabe que é um assunto que vem cada ano ganhando mais força. A cada ano que se passa a tecnologia ela vai avançando e se as pessoas não se adequarem acabam ficando um pouco para trás. Porém né, vem outros problemas que a gente não pode deixar de distinguir, aquelas pessoas que não conseguem

acompanhar né, buscar essa “discessão”, aí é bastante interessante porque a gente tem que estudar melhor as melhores formas e usar essa tecnologia a nosso favor.

Pesquisador: E o fato de a gente estar inserido, por exemplo, numa cidade de interior, a mais distante da capital, somos estudantes e servidores de um campus agrícola, vocês estão matriculados no curso da área agrícola, e isso não significa que a tecnologia não chegou até vocês.

Entrevistado: É verdade.

Pesquisador: Hoje, 98% das pessoas no Brasil têm acesso à internet de alguma forma. Então, é uma realidade na vida da gente, mesmo que no interior e mesmo no ambiente rural. O que você acha de uma pesquisa assim, voltada para a área de formação humana a partir de uma possível influência das redes sociais? Você acredita que as redes sociais são capazes de influenciar o nosso comportamento, a nossa opinião em determinados assuntos?

Entrevistado: Com certeza, porque não tem como argumentar, embasar, sem ter essa informação, além disso a informática, como as redes sociais, são formas de acesso para se ter as informações de forma mais rápida, precisa, porque antes não se tinha tantas possibilidades.

Pesquisador: Um conceito assim, da sua cabeça, para você, me defina o que é rede social.

Entrevistado: É um aparato de conexão possível internacional, não só nacional, onde você tem acesso a divulgação e também você adquire informações de diversos nichos, não só do seu nicho. Você pode consumir o conteúdo que você quiser e na rapidez que você quiser.

Pesquisador: Você tem alguma rede social?

Entrevistado: Sim.

Pesquisador: Quais?

Entrevistado: Instagram, tenho perfil e e-mail profissional né, porque a gente tem que ter. E, como canal no Youtube e outros aplicativos de...TikTok, Kwai,...até para divulgação de trabalho, escolaridade, essas coisas.

Pesquisador: Então você usa redes sociais também para trabalho e não só na vida pessoal?

Entrevistado: Não só na vida pessoal.

Pesquisador: E você tem perfis distintos ou usa um único perfil para ambos os assuntos? Assuntos pessoais e assuntos profissionais.

Entrevistado: Um único perfil.

Pesquisador: E você já pensou em separar? Ter um perfil só pessoal e um perfil só profissional?

Entrevistado: Mais à frente. A gente vê que é necessário fazer essa separação por conta que muitas pessoas que acessam nosso perfil vêm pelo conteúdo e outras, que é o pessoal, que são os amigos. Então uma coisa não pode se misturar com outra. Até para o compartilhamento do dia a dia, etc, são pessoas diferentes. Igual eu já citei no outro exemplo, são nichos diferentes.

Pesquisador: Você costuma acessar as suas redes sociais por quais dispositivos?

Entrevistado: Celular, no caso do Instagram, e para outros aplicativos, no caso do YouTube, eu uso o notebook, e para e-mail também.

Pesquisador: E com que frequência você acessa essas redes sociais suas?

Entrevistado: Todo santo dia. No dia que eu acesso menos é três vezes ao dia, por conta da correria do dia a dia né, a graduação.

Pesquisador: Então você é um frequentador assíduo?

Entrevistado: Assíduo. Todos os dias.

Pesquisador: E aí, já aconteceu de alguma vez você ir dormir e acordar, de repente de madrugada, ansioso, se alguém curtiu alguma coisa que você postou, se teve algum comentário, seja um comentário negativo ou positivo. Já aconteceu de alguma vez você perder o sono, e a primeira coisa que você faz é olhar sua rede social?

Entrevistado: Toda vez que é o caso de insônia o primeiro escape é o celular. Dar uma olhada, ou quando fico ansioso com alguma publicação que fiz, que teve um fator de impacto maior. Então a gente tem essa preocupação né, mas no decorrer da madrugada a primeira coisa que a gente faz é pegar o celular. Inclusive, até quando acorda mesmo, antes de levantar da cama já faz o primeiro acesso nas redes sociais.

Pesquisador: Já dá uma olhadinha né...você costuma gerenciar o controle de privacidade das suas redes sociais?

Entrevistado: Antes eu fazia, mas por conta, por exemplo, do Instagram principalmente, quando você priva, não faz a entrega dos conteúdos. Principalmente *reels*, *lives*, então acaba que a gente usa ele aberto né, profissional, até para interpretar dados, para ver como é que tá os acessos na conta.

Pesquisador: Então seus perfis são públicos?

Entrevistado: São públicos.

Pesquisador: Normalmente, você costuma interagir nas redes sociais com postagens de pessoas desconhecidas?

Entrevistado: Sim. Como vídeos informativos de outras páginas. Sempre compartilho, mas sempre deixo a marca para as pessoas acessarem o perfil, assim como eu acessei também, para ver outros conteúdos.

Pesquisador: Curte, comenta, compartilha?

Entrevistado: Sim, sempre.

Pesquisador: Então, a próxima pergunta aqui era se você tem o hábito de compartilhar postagem de desconhecidos, então você compartilha. Mas normalmente, que tipo de conteúdo você compartilha?

Entrevistado: Geralmente os conteúdos que eu compartilho na minha grade, no caso para pública né, geralmente são conteúdos diários mesmo, alguma curiosidade da agropecuária, alguma notícia, que a gente segue né, nessas páginas agropecuárias, como revistas importantes, perfis profissionais, a gente compartilha esses conteúdos do dia a dia né, para informar também os nossos seguidores.

Pesquisador: Perfeito. E quando você vê uma postagem de alguma pessoa desconhecida, você se sente confortável para compartilhar aquilo, mesmo que você não tenha feito uma pesquisa sobre aquela postagem?

Entrevistado: Nem sempre. Só compartilho mesmo, no âmbito da agropecuária, artigos ou publicação que eu já vi sobre né, porque como a gente não sabe, então a gente não pode ficar compartilhando publicações que a gente não sabe da veracidade. Não é legal e também tem a política de privacidade do Instagram, que se for uma informação falsa, ela é cortada, e isso não faz bem para o perfil né, pode perder a conta.

Pesquisador: Tá certo.

Entrevistado: Assim como outras grades né, também tem que evitar essa propagação de fake news, não é interessante.

Pesquisador: Exatamente. Você costuma acompanhar agências de checagem de notícias?

Entrevistado: Algumas, como o G1. Mas, muito pouco.

Pesquisador: Essa, na verdade, G1, é um portal de notícias. Agências de checagem de notícias é aquilo que a gente chama de “*fact-checking*”, checadores de fatos. O G1 tem o seu checador de fato que é o “Fato ou *Fake*”.

Entrevistado: É. Fato ou *Fake*.

Pesquisador: A Revista Piauí tem a Lupa.

Entrevistado: Esse eu sou seguidor também.

Pesquisador: Isso, e aí a gente tem algumas agências de *fact-checking* que são responsáveis por analisar essas notícias que estão viralizando no país. Ou não necessariamente mentira, não necessariamente verdade, mas como viralizou então eles vão tirar sobre aquilo para dizer se é verdade, se é falso ou se está distorcido. Você segue então essas páginas, costuma ter acesso a publicações deles?

Entrevistado: Sim. Só que como a gente acaba não indo buscar muitas informações não aparece diariamente as publicações. Uma hora ou outra aparece alguma notícia. Mas aí tem que tomar muito cuidado, principalmente nessas partes de menor porte, porque elas não têm tantas políticas né, e são elas as maiores propagadoras de *fake news* dentro das redes sociais.

Pesquisador: Certinho. E você, segue algum perfil político na sua rede social?

Entrevistado: Sigo muitos políticos.

Pesquisador: Algum presidente, algum governador, algum prefeito.

Entrevistado: O presidente atual, o ex-presidente, o prefeito da cidade, o governador do estado. Os principais deputados aí mais conhecidos, né. A gente tem que seguir para se antenar nas informações diárias que muitas vezes não são publicadas nos outros perfis.

Pesquisador: E passado esse momento de disputa eleitoral, você em algum momento, vamos colocar nos últimos cinco anos, de 2018 para cá, quando os ânimos se acirraram bastante, você já se encontrou em algum momento discutindo política em rede social?

Entrevistado: Não. Eu tentei ao máximo evitar porque muitas vezes a gente pode ser mal interpretado por via das pessoas. Então acaba que é um conteúdo que, inclusive até nos meus perfis, eu não falo, nem trato, por conta que são dois vieses bem diferentes, e tem vai variar de cada pessoa. Acaba que tem essa parte de intolerância política. A gente vê muitas discussões até hoje, mesmo tendo passado o período político, ainda continuam acirrados os ânimos.

Pesquisador: E essa decisão sua de evitar discussão política nas redes sociais se dá pelo fato do seu perfil ser voltado para o seu trabalho? Ou se você, de repente, tivesse um perfil pessoal, você teria coragem de, de repente, fazer um comentário, responder a uma postagem, alguma coisa, ou também evitaria?

Entrevistado: Não, evitaria. Por conta que até dentro da família né pode haver esses problemas e também nas contas profissionais, inclusive a gente costuma ver diariamente né, perfis de pessoas famosas aí que são atacados, sempre vai ter esses ataques, então a gente evita ao máximo para poder não atrapalhar no nosso dia a dia, ser um incômodo.

Pesquisador. Certo. Essa pergunta aqui eu não sei se vai servir, mas você já deixou de interagir com outras pessoas nas redes sociais, como por exemplo, trocar mensagem, curtir, comentar, para evitar discussões políticas?

Entrevistado: Sim. Porque muitas das vezes as pessoas marcam a gente que faz a publicação, só que é melhor a gente guardar a opinião para si mesmo que tentar expor e ser um problema né, assim em relações, ainda mais entre família, amigos, é muito bom deixar isso bem separado.

Pesquisador: Prefere não entrar na discussão, no assunto, porque sabe que aquilo, de repente, pode partir para um lado ruim, para uma discussão mais grave?

Entrevistado: Isso. Sempre vai ter as pessoas intolerantes que não vão entender o ponto de vista do outro.

Pesquisador: Entendi. E até que ponto você acredita que essa polarização política, em que os Estados Unidos esteve de 2016 a 2020, que nós aqui tivemos de 2018 para cá, porque polarizações políticas já existiram antes, só que isso acabava na eleição. Saía o resultado da eleição e o presidente eleito governava. Não tinha essa guerra, de um lado ver o outro como inimigo. Até que ponto você acha que essa polarização política, incendiada, é claro, pelo grande acesso de desinformação por meio das redes sociais, isso pode comprometer as democracias ao redor do mundo? Porque esse problema não é um problema hoje apenas no Brasil.

Entrevistado: E é um problema que tem uma promoção muito grande porque como você mesmo citou, 95% das pessoas hoje têm acesso à internet, então se a pessoa não souber filtrar aquilo que ela absorve, ela vai tomando aquilo como argumento, e vira o que está acontecendo hoje no mundo inteiro. A polarização, briga por poder, ainda mais no acesso à informação, muitas vezes informações falsas são, no caso, a gasolina do incêndio para aumentar ali os ânimos e disputa. Inclusive a gente vê hoje o Brasil muito polarizado. Isso não é interessante porque tem um lado que quer fazer e o outro não deixa, fica só tacando pedra no outro não faz nada. Isso é muito ruim porque os anos vão passando. E se não ocorrer evolução, o Brasil e o mundo ficam bastante estagnados, não crescem. A gente vê que numa geração onde que tem os meios de se comunicar, de informar, fazer o bem com o uso da informação, as pessoas, os usuários, não fazem. Preferem estar ali se confrontando, achando aquilo como se fosse um passatempo né. Mas, são assuntos bastante sérios.

Pesquisador: Certinho. Tem também a questão do algoritmo né, que você até falou alguns minutos atrás, quando eu te perguntei se você acessava, seguia ou acessava conteúdo de agência *fact-checking*, e você disse que não costuma aparecer muito para mim porque eu não procuro, não interajo. Mas a partir do momento que você procurar a primeira vez vai aparecer muito para você. E aí o grande problema é que as pessoas têm procurado sempre os mesmos assuntos. E aí a rede social apresenta para ele sempre os mesmos assuntos. E ele vai vivendo dentro de uma bolha. Aquilo é um mundo para ele, aquilo é a verdade absoluta para ele. Você conhece alguém que vive mais ou menos meio assim? Só fala da mesma coisa no almoço de

domingo com a família, só fala da mesma coisa. Você está conversando sobre um assunto e ele entra com aquele assunto sempre repetido. Você conhece alguém assim e você acha que isso é decorrente de uso contínuo de rede social?

Entrevistado: Conheço muitas pessoas, principalmente da família mesmo, amigos, colegas, ou até de perfis conhecidos na internet né. Eles ficam consumindo o mesmo conteúdo. No almoço de domingo, você está com a família, que era um momento para estar descontraindo, acaba que vira discussão. Quem pensava que ia acabar apenas durante o período eleitoral se enganou. Porque continuou do mesmo jeito. Tem essas discussões até hoje, grupo de família, grupo de amigos mais próximos, não parou essa discussão até hoje né, continua muito polarizada essas informações.

Pesquisador: Você acha que essa prática de disseminação de desinformação, porque uma coisa a gente precisa saber: mentira sempre existiu, não é novidade de hoje. A questão é que hoje as mentiras se espalham muito rapidamente e, da última década para cá, surgiu o que a gente chama de pós-verdade, que é quando as opiniões e as crenças das pessoas, elas são mais importantes para moldar a opinião pública do que os fatos realmente são. Então, fazendo um recorte para dentro da política, porque o político sempre teve fama de mentiroso, mas antes o político mentia assim: “Ah, eu sou honesto”.

Entrevistado: Era uma mentira simples né.

Pesquisador: Se eu ganhar eu vou construir cinco escolas e um hospital nessa cidade. Essa era a mentira dele. Em tese, isso não fazia mal a ninguém. Agora hoje, as mentiras, elas têm um objetivo: alcançar a emoção e o medo das pessoas. Então o político hoje, ele diz: “se eu não ganhar o Brasil vai virar Venezuela; se eu não ganhar, vai acontecer isso, isso e isso”. Um exemplo prático: quando aqueles brasileiros foram resgatados pela Aeronáutica, lá na China, bem no comecinho da pandemia, o presidente da FIEG, o Sandro Mabel, ele deu uma declaração dizendo que era contra, que não era para o Ronaldo Caiado autorizar um avião a buscar e trazer essas pessoas para a Base Aérea de Anápolis, porque ia contaminar todo mundo porque o Goiano já sofreu muito com o Césio 137. Então veja a associação que ele fez, ele tocou nos traumas maiores da história dos goianos, associando a uma pandemia, a disseminação de um vírus, onde essas pessoas viriam em um ambiente controlado, ficariam

em quarentena num ambiente controlado, com acompanhamento médico e só depois de estar tudo ok, elas serem liberadas. Então isso é o que a gente chama de pós-verdade, né. Fiz essa contextualização para você entender a pergunta: até que ponto que você acha que essa prática de criar desinformação, de mentiras que atingem os medos, as crenças das pessoas podem comprometer o nosso sistema democrático?

Entrevistado: Em muitas vertentes. Por conta que se uma figura política, que hoje são os prefeitos de altos acessos, milhões de seguidores, eles fazem as informações fake né, para eles são a verdade, para os seus consumidores também. Igual esse, por exemplo, o algoritmo, só fica entregando para aquelas mesmas pessoas que sempre consomem os mesmos assuntos. Então acaba que a checagem não chega até essas pessoas para elas verem a pós-verdade. Aí fica essa briga, de ver quem é que está certo, quem é que está errado na informação. Então, isso vai afetar não só agora, porque a gente pensa que o problema é momentâneo. Só que no decorrer dos anos a gente vê que isso tem crescido. Vai chegar um ponto que as mídias não vão ter credibilidade de apresentar as suas entrevistas com credibilidade, para dizer que a autoridade, no caso mesmo, a gente não sabe mais até que ponto a gente pode confiar num debate político, ou seja numa *live* de alguma figura pública, chegou um ponto que está meio que insustentável, por conta de que teve também essa deliberação, não tem tanto uma política de segurança de dados, então fica muito complicado na veracidade né.

Pesquisador: Se tornou um negócio extremamente rentável. Semana passada passou no Fantástico um cara preso em Israel, em uma empresa que ele cobrava 6 milhões de euros para disseminar desinformação nos países.

Entrevistado: Tem um perfil de muitos acessos.

Pesquisador: Ele conseguiu, aí os jornalistas fizeram um teste com ele, estavam filmando escondido, fizeram um teste para ele. Pegaram um...não lembro agora, só sei que era um animalzinho. Não lembro qual animal. Um animalzinho que é muito conhecido nas redes sociais. E aí os jornalistas pediram que ele disseminasse a informação de que aquele animalzinho tinha morrido. E aí ele puxou a *hashtag* #RIP (*Rest in Peace*) e o nome do animalzinho. Em questão de horas estava no *Top Trendings* do Twitter. Questão de horas. Então, assim, ele tem toda a estrutura para gerar, disseminar, curtir, comentar, tudo

automatizado. Então ele disse que não houve proposta nenhuma por menos de 6 milhões de Euros. Então, 6 milhões de Euros, vamos converter isso para Real: quase 40 milhões de Reais.

Entrevistado: Numa postagem.

Pesquisador: Não, num serviço. Então é um negócio extremamente rentável. E você acha, você acha que, a gente tá falando aqui que a cultura da desinformação ela é rentável, mas lá atrás quando as redes sociais surgiram, qual era o propósito delas?

Entrevistado: Interagir com o máximo de pessoas possível. Diminuir a distância de acesso. Era o propósito.

Pesquisador: Juntar as amizades, seus amigos que estão longe, meus parentes que estão longe. Era interagir uns com os outros. Hoje a rede social é quase tudo, menos interação entre amigos.

Entrevistado: Inclusive separação de famílias né, hoje em uma casa com cinco pessoas, tem cinco pessoas com aparelhos na mão e nenhuma interagindo com a outra.

Pesquisador: Anúncios. Você pesquisa alguma coisa na rede social hoje, amanhã tá chegando anúncio para você nos navegadores, você está recebendo *spam* no seu *e-mail*.

Entrevistado: Virou um... na verdade, essas empresas vivem vendendo dados. As pessoas não...quem não conhece um pouco sobre redes sociais não entende o que acontece, mas as empresas são o que são hoje por conta da venda de dados.

Pesquisador: Elas sabem tudo o que você faz.

Entrevistado: O que você consome, o que você gosta, o que você precisa.

Pesquisador: Naquele filme “A Rede Social” é mencionado lá que Facebook sabe quando você vai começar a namorar antes mesmo de você começar.

Entrevistado: Ele avalia as conversas.

Pesquisador: Não é que ele avalia as conversas, é que ele tem tanta informação no banco de dados dele que ele consegue estabelecer uma métrica que um sujeito do gênero masculino, depois de curtir tantas vezes fotos, comentar em perfis femininos, e os dois são solteiros, em uma semana eles vão estar mudando o status para: em um relacionamento sério com fulano de tal. Então durante esse período já começa a te mostrar postagens, por exemplo, de floricultura, de perfume, para te induzir a comprar e presentear a pessoa e isso e aquilo. Porque você tem o que a gente chama de metadados, não à toa hoje o Facebook se chama Meta né, de metaverso, metadados. Então assim, é muita informação que você consegue criar padrões para estabelecer a probabilidade daquilo acontecer. Então as redes sociais hoje elas são um modelo de negócios extremamente rentável, onde o usuário produz, consome e distribui o conteúdo.

Entrevistado: Simples né. O que antes tinha que gastar com rádio, para transmitir as informações, hoje é bem mais barato para essas empresas né...tem os trabalhadores de graça.

Pesquisador: Você acha que nas redes sociais hoje elas, elas são um ambiente propício para você exercer a sua criatividade?

Entrevistado: Tem viés né...porque a gente tem que, antes de postar, tem que se preocupar com o impacto que essa publicação pode ter. Muitas das vezes, principalmente no setor agropecuário, dependendo do conteúdo que a gente posta sobre o animal, outras pessoas que não conhecem a área, pessoas desinformadas não interpretam da forma que deveria. Então, tem esse problema hoje dentro das redes sociais. Então, principalmente pessoas que têm perfis profissionais, e quanto maior for mais problema ele vai ter, porque vem não só as pessoas que gosta do conteúdo, mas tem as pessoas também que não aceitam, aí volta naquele assunto que a gente discutiu antes, que foi a parte da intolerância. Que existe intolerância não só para política, mas para todos os assuntos hoje. Na cadeia, no caso de problemas digitais aí.

Pesquisador: Você acha que essas empresas que são, essas chamadas *big techs* né, Meta, Google, que essas empresas responsáveis por essas redes sociais elas devem desenvolver maneiras, e de alguma forma limitar a distribuição dessa desinformação?

Entrevistado: No caso tinha que filtrar melhor né. Não tem um filtro. Porque até eles checarem uma publicação, isso vai depender do grau de denúncia que tiver. Então se as

peessoas não denunciarem o perfil não vai saber, porque não tem essa filtragem. E quando filtra, são perfis muito grandes. Igual quando eu citei o exemplo das páginas de médio, de médio acesso, elas são as maiores propagadoras de informações falsas, porque as pessoas preconizam e aí também a política da rede social, é sempre fiscalizar os maiores. São os que têm mais acessos. Porém uma informação falsa nesses perfis médios, ela dissemina como se fosse em um perfil alto né. Tem esse problema. Então tem que pensar em políticas de acesso e de uso diferentes, não só quanto uma música que é ofensiva, mas sobre todos os assuntos. Porque tem muita informação falsa sobre diversos assuntos nas redes sociais e isso é disseminado a cada segundo.

Pesquisador: Meu amigo, seria isso. O bate-papo foi muito produtivo. A ideia é a gente realmente ter um pouco da percepção de vocês a respeito disso, o convívio de vocês dentro desse ambiente das redes sociais, viu. Muito obrigado.

Entrevistado: Muito obrigado e estamos disponível para a próxima.

Entrevista 2 - Estudante do curso de Zootecnia

Gênero: Feminino Período: 4º Período Idade: XX anos

Data da entrevista: 30/03/2023

Pesquisador: Bom dia.

Entrevistada: Bom dia.

Pesquisador: Só para te sintonizar, essa entrevista tá sendo gravada, tá bom? Para que a gente possa ter esse registro para transcrever. E você concorda que ela seja gravada?

Entrevistada: Sim.

Pesquisador: Tá, então vamos começar. Deixa eu te fazer uma perguntinha: você já participou de alguma pesquisa científica antes como participante?

Entrevista. Não, não.

Pesquisador. Primeira vez, né. Como que você se sentiu sendo convidada para participar dessa pesquisa?

Entrevistada: Fiquei curiosa.

Pesquisador: Curiosa. Alguma curiosidade em relação a metodologia ou o porquê de ser você especificamente?

Entrevistada: Uma mistura dos dois.

Pesquisador: Vou te explicar rapidamente como que funcionou essa escolha. O público-alvo dessa pesquisa são alunos dos cursos ligados às agrárias, porque o mestrado é em Educação Agrícola. Então aqui no *campus* nós temos dois cursos: o de Agropecuária e o de Zootecnia. Então nós dividimos em gêneros. Vamos entrevistar três homens e três mulheres. Então são duas mulheres e um homem da Zootecnia e dois homens e uma mulher da Agropecuária. E aí

a gente faz uma diversificação também por períodos. Então você é a do 4º período, que corresponde ali a mais ou menos a metade do curso. Entrevistaremos um do final do curso e entrevistaremos também um do início do curso. Então a amostragem é essa. E aí você foi indicação do coordenador do curso. Eu falei: “olha, você tem alguém que possa indicar”? Tá bom? Foi assim. E aí deixa eu te perguntar uma outra coisinha: o que que você acha, qual que é a sua opinião se deparando e participando com uma pesquisa que é voltada para a formação humana a partir de uma possível influência das redes sociais? Você acha que pode ser um tema relevante, é um tema atual, você acha que é importante?

Entrevistada: Sim. É bem relevante. Igual você falou, a gente não tem, é...não consegue conviver mais sem rede social, todo mundo precisa de rede social né, então já é uma coisa que virou parte da gente, eu acho que tipo, se hoje falassem assim: estão proibidas todas as redes sociais acho que o mundo ficaria tipo: tá e agora, o que que eu faço?

Pesquisador: Aguarda um pouquinho que você já está antecipando uma pergunta que eu vou te fazer lá no final. Mas é muito bom você ter essa visão. A gente vai falar mais sobre isso mais a frente. Para você, na sua concepção, se você pudesse definir para mim rede social, como você definiria?

Entrevistada: Contato.

Pesquisador: Contato?

Entrevistada: É um meio da gente meio que...se aproximar...que a gente encontrou de se aproximar das pessoas. Isso ficou um pouco mais nítido na pandemia porque tipo, a gente não poderia, não podia ter contato com as pessoas. Então, tipo, a gente ficou ali naquela questão do isolamento. A gente não via as pessoas então, tipo, a única forma de a gente ver as pessoas, se comunicar com as pessoas, praticamente foi a questão da rede social. Então acho que na pandemia se tornou ainda mais um sinônimo de, dessa questão do contato mesmo.

Pesquisador: Conexão...

Entrevistada: Conexão.

Pesquisador: Tá certo. E você tem perfil em alguma rede social? Se tem, quais são?

Entrevistada: Vários. Twitter, Instagram, Facebook, WhatsApp. Whatsapp conta né?

Pesquisador: Vamos contar.

Entrevistada: Telegram, mais o quê? LinkedIn, qual que é o outro? Enfim, Gmail. É, enfim, são várias.

Pesquisador: Surgiu uma rede social, você está nela.

Entrevistada: Quase isso. Só não tenho Orkut mais porque o Orkut acabou.

Pesquisador: E você costuma acessar as suas redes sociais por qual dispositivo?

Entrevistada: Celular.

Pesquisador: Basicamente celular. Computador também? Notebook...

Entrevistada: Computador também, mas é mais celular.

Pesquisador: Onde quer que você esteja sempre tem o acesso né?

Entrevistada: Sim.

Pesquisador: E com que frequência você acessa essas redes sociais?

Entrevistada: De minuto em minuto.

Pesquisador: Enquanto tem sinal de internet.

Entrevistada: Sim.

Pesquisador: E aí vou te fazer uma pergunta agora curiosa. Alguma vez já aconteceu, assim de você tá dormindo e acordar para verificar algum perfil seu em rede social? Não estou me referindo assim, de repente você acordou de madrugada, perdeu o sono, não tem nada para fazer, pega o celular e vai mexer na rede social, mas assim, se alguma vez, por exemplo, você postou alguma coisa no decorrer do dia, foi dormir pensando naquilo, de repente perdeu o sono para acessar a rede social para ver se teve algum retorno. Se alguém curtiu, se alguém comentou.

Entrevistada: Não.

Pesquisador: Das suas redes sociais, você trabalha com algum tipo de gerenciamento de privacidade ou todas as suas redes sociais são públicas, abertas?

Entrevistada: No Instagram era público até uns dias atrás. Não, era privado até uns dias atrás. Eu abri. Se eu não me engano o Twitter é fechado.

Pesquisador: Então em algumas redes sociais você faz esse gerenciamento né.

Entrevistada: Sim. Geralmente eu abro quando quero que uma coisa tenha um alcance maior. Por exemplo, foi para o post do GEPANG, que eu fiz, aí tipo eu queria que tivesse um acesso maior de pessoas, maior visualização, aí tipo, eu fui lá e abri para ter mais opção de compartilhamento, essas coisas assim. Porque facilita, por exemplo, você pode marcar mais pessoas, então tipo, o Instagram ele tem uma questão, tipo, você não pode marcar quem não te segue. Quando você tem conta privada, então tipo, mesmo que a conta seja aberta então tipo, para facilitar essa questão de marcação, aí você pode marcar várias pessoas né, com uma conta pública. Aí facilita. Aí eu abri.

Pesquisador: Perfeito. E nas redes sociais, os seus perfis são majoritariamente perfis pessoais ou você também utiliza suas redes sociais de forma profissional?

Entrevistada: Não. São pessoais.

Pesquisador: Só pessoais. Nas redes sociais você costuma interagir com postagens de pessoas desconhecidas ou fica mais restrita só a quem você?

Entrevistada: Não. É geral mesmo.

Pesquisador: Geral né, não faz essa restrição não. E postagens, em relação a compartilhamento, o Instagram não tem essa figura do compartilhar né, tem do encaminhar, do curtir, do comentar, o Facebook que tem essa questão do compartilhar...

Entrevista: Isso. O Instagram também tem a questão do Stories.

Pesquisador: É, dos Stories...tem como compartilhar. É verdade. Você costuma compartilhar postagens de pessoas desconhecidas?

Entrevistada: Sim. Principalmente agora com o *Reels*. Então, tipo, acaba que como vai aparecendo na *For You*, a gente vai passando, a gente não tem esse controle, principalmente quem tem conta pública né, então mesmo que você tenha a conta privada você interage com pessoas que têm conta pública.

Pesquisador: E aí você consegue compartilhar isso no Instagram? Joga para o seu perfil?

Entrevistada: Isso.

Pesquisador: Vai para os Stories né?

Entrevistada: Isso, para os Stories ou mesmo a gente encaminha no privado para algum amigo, tipo uns memes né....

Pesquisador: E quando você vê uma postagem de alguma pessoa que você conhece, você se sente confortável para compartilhar aquele conteúdo antes de, de repente, fazer uma pesquisa? Por exemplo, alguém que você conhece compartilhou alguma coisa polêmica, que te chama atenção, você se sente confortável em compartilhar aquilo sem antes fazer uma pesquisa para saber se aquilo realmente procede, se é um fato, ou você compartilha mesmo assim?

Entrevistada: Não. Eu geralmente olho de desconhecidos e conhecidos também. Até mesmo, para tipo, enfim, é uma coisa minha né. Principalmente em eleições. Eleições, pandemia, acho que eu fui bem polêmica nessa parte. É tipo, de olhar as coisas, ver as pessoas postando alguma *fake news*, alguma coisa assim, e as pessoas compartilhando sem ao menos, caramba, você tem um celular na sua mão, tu pode ali olhar e tu não vai olhar. Então às vezes as pessoas olham ali rapidinho, então você meio que faz alguma coisa ali, coloca uma letra vermelha no texto e tipo e começa, ou enfim neon, ou alguma coisa piscando, enfim, tipo pô, isso aqui é mentira, não compartilha isso. Mas, com aquela questão de colocar porque tipo hoje em dia as pessoas compartilham muita coisa sem ter um filtro. E, enfim, se não for para informar, acho que não vale a pena ser compartilhado. Então eu tento fazer esse filtro para não ser mais um ali só falando merda.

Pesquisador: Maravilha. E você segue alguma agência de *fact-checking*, alguma agência de checagem de notícias ou você acompanha alguma?

Entrevistada: Não me recordo agora. Geralmente, nas redes sociais tem, o próprio Instagram, ele tem um mecanismo né, de alerta, tipo, esse post contém, tipo, enfim, não corresponde com a verdade, alguma coisa assim. O Facebook, seu eu não me engano, também tem. Ultimamente eu não uso muito no Facebook eu tenho perfil lá mas não sou muito ativa.

Pesquisador: É, hoje a segunda rede social mais utilizada no Brasil é o Instagram, atrás apenas do Youtube.

Entrevistada: Mas aí, tipo assim, tem esses alertas de conteúdo né, o Twitter também tem algumas ferramentas de checagem, alguns perfis de checagem, mas tipo assim, são utilizados mais em perfis verificados, de compartilhamentos de notícias, essas coisas assim, ou de famosos. Aí o pessoal, tipo, usa mais.

Pesquisador: Então Agência Lupa, Fato ou Fake...

Entrevistada: Ah, Fato ou Fake.

Pesquisador: Porque o Fato ou Fake é uma...não chega a ser uma agência porque ele é do G1 né, do Grupo Globo, mas ele faz esse tipo de checagem de notícias, então a gente pode considerar como a agência de *fact-checking*, mas a mais conhecida no Brasil é a Agência Lupa.

Entrevistada: Eu não sabia o nome, mas tipo assim, eu já tinha visto, o Fato ou Fake eu já conhecia, em questão do jornal, mas, tipo assim, seguir mesmo eu não sigo.

Pesquisador: Tá joia. E você segue perfil de algum político nas redes sociais?

Entrevistada: Sim, alguns.

Pesquisador: Alguns. Governador, Presidente, Deputado?

Entrevistada: Prefeito, vereadores, Prefeitura Municipal de Campos Belos.

Pesquisador: E em algum momento você já discutiu nas redes sociais por causa de política? Nós passamos por um ano turbulento aí, onde as discussões, os nervos estavam à flor da pele, você já se viu discutindo em rede social sobre política?

Entrevistada: Sim. Principalmente, tipo assim, nas questões aqui do *campus*, porque a gente é uma instituição pública e a gente viu o tanto que a gente foi afetado por uma política que a gente não tinha conhecimento nenhum. A gente foi sucateado, literalmente, a gente teve pouco...aliás, a gente vem sendo sucateado desde 2016, 2017, pós-*impeachment*, enfim, a gente teve um corte de verbas muito grande, investimento na educação só foi reduzindo e, enfim, eu lembro que na época que eu estudava, em 2017 eu estudei em Viçosa, eu lembro que, tipo, enfim, não tinha verba para comprar lâmpada. Isso em 2017 ainda. Eu não quero imaginar como é que tá lá hoje. Tipo, pós era Bolsonaro. Enfim. Não sou lá maiores fãs, tal, tem alguns pontos positivos perdidos aí, porém, a gente como estudante de instituição pública, a gente tem que priorizar quem faz pela gente. Porque se a gente não reconhecer isso, a gente não vai para frente. Então às vezes eu via alguns colegas, principalmente com compartilhamento de *fake news*, eu ficava agoniada gente. Pelo amor de Deus, vocês são estudantes, vocês estão ali inseridos onde...aprendendo todo dia que tudo você tem que

verificar, você tem que ver se essas coisas são verdade, principalmente que a gente estuda com isso, antes de você colocar qualquer coisa num artigo, você tem que ver se realmente procede, então a gente sabe que tem que ser isso, sabe que não é qualquer fonte, não é qualquer site que você vai buscar que ele vai estar ali dizendo a verdade. E eu via alguns colegas colocando e sendo levado muito pela questão da emoção, óbvio que eu não vou defender político nenhum, mas em questão de, tipo assim, gente pelo amor de Deus, tá meio difícil entre o mais pior e o menos pior, mas enfim, vamos pensar um pouco enquanto estudante, vamos olhar, digamos assim, para o que a gente é. Hoje em dia a gente não é empresário, a gente ainda, digamos assim, a gente está inserido, mas a gente não é, como se fala, um profissional formado e coisa do agro, e também, tipo, enfim, a gente tem que pensar algumas coisas, tipo, tá, tudo que tá sendo liberado, tudo que está sendo feito, realmente é benéfico? Porque tipo, aquela aprovação, por exemplo, do uso de agrotóxicos, a gente sabe que hoje, legal, beleza, pode, o agricultor achou massa, porque ele vai gastar menos, ele não vai ter que escolher entre o fertilizante, agrotóxico tal e pi pi pi pó pó pó, porém a gente sabe que daqui uns 20, 30, 50 anos, vai ser a gente que vai estar quebrando cabeça para resolver os problemas de agora, então, enfim, algumas coisinhas que tipo, putz, tem que se pensar, tá sendo bom agora, mas vai ser bom a longo prazo? Tem coisa que não dá para ser revertida, então às vezes eu via algumas coisas sendo compartilhada, tipo, a esmo e tal, gente vamos ter cuidado para não ter...vamos ser mais cuidadosos com as coisas.

Pesquisador: E por conta desse cenário político, polarizado, que gente passou, que a gente ainda tá com essa polarização, que não vai acabar de forma rápida, em algum momento você já deixou de postar alguma coisa nas suas redes sociais para evitar discussões? Por exemplo, vi isso aqui, mas não vou postar não porque vai vir um monte de gente discutir comigo no meu perfil. Isso já aconteceu com você?

Entrevistada: Não. Eu sou polêmica.

Pesquisador: Você gosta de polêmica?

Entrevistada: Eu gosto da polêmica. Eu gosto do furdunço. No grupo da família mesmo eu falo: “queridos, vocês são grandes agricultores, vocês são pequenos produtores, e o pequeno produtor só se lascou aí viu”.

Pesquisador: Você acha que...até que ponto essa polarização política que a gente tá inserido pode comprometer o nosso ambiente democrático?

Entrevistada: Olha, não é legal. Acho que extremos são perigosos. Então, eu vi isso acontecer no meu grupo de amizade mesmo, e eu não parei de falar com ninguém porque eu tento, tipo assim, eu apresento os fatos, eu tento não ser ignorante com ninguém, nem arrogante, nem querer impor a minha opinião. Eu falo: “pô, pensa por esse lado aqui velho, tipo, vamos...tá...tudo bem que tem não vou falar que é 100% ruim, do meu lado também não é 100% perfeito, mas tipo, pensa por esse lado aqui, ou você analisou isso aqui”? Enfim, a gente tem essas...eu tento amenizar essa situação porém eu via muito as pessoas, tipo, batendo de frente e uma querendo empurrar a opinião dela na outra porque o meu é melhor, o outro é melhor também, então, no meu grupo a gente era três amigas, duas não se falam mais por conta desse embate político, tipo, acaba passando dos limites uma com a outra, então ficava aquele negócio de uma jogando indireta para a outra no grupo da sala, então uma pegava a carapuça e colocava na cabeça e a outra também pegava a carapuça, e eu ficava: “gente, não precisa disso, as pessoas não te conhecem, vocês estão brigando por duas pessoas que não conhecem vocês e que estão sujeitas a erro”. Então não vale a pena você perder amizades, não vale a pena você brigar no trabalho, brigar...enfim, com quem quer que seja, tentando empurrar a sua opinião, acho que muito pelo contrário, as pessoas tomam aversão ao seu posicionamento. Pô, fulano é chato, mesmo que fulano seja insuportável, mas a pessoa, tipo, cria aversão daquilo que você quer talvez, tipo, ensinar. Às vezes, por birra, a pessoa permanece naquilo ali. Então, tipo, dependendo da forma que você aborda as pessoas, com extremismo, ele é muito perigoso, porque você afasta as pessoas ao invés de aproximar enfim, acaba ficando antidemocrático, as pessoas ficam naquele negócio de que você não pode falar nada porque é isso, enfim, as pessoas não respeitam a opinião. Acham que, tipo assim, você não tem que brigar. Tipo, apesar de eu falar que sou polêmica, mas tipo assim, você apresenta os fatos. Tipo, tá, qual que é sua categoria? Igual eu falei no grupo da família: “você é pequeno produtor, o que que esse político tal fez para você”? Ele fez alguma coisa? Não fez.

Pesquisador: É uma reflexão importante.

Entrevistada: Sim. Porque, tipo, você tem que pensar naquilo que você é. Tudo bem que você prospecta ser algo maior? Porque para você chegar em algo maior, alguém tem que...como que é a palavra...te dar a liberdade, digamos, econômica, principalmente porque a questão do agro é dinheiro. Você precisa ter capital, se você não tem capital você precisa de recurso e para isso você precisa de alguém que abra esse recurso para você e esse recurso não é aberto do dia para noite, tipo, porque você conhece o fulano, você não consegue 100 mil da noite para o dia. Então, enfim, você precisa ali pensar em quem te abre portas para você vir a ser o cara que produz 2 milhões, então se você sair de 500 mil para 2 milhões, alguém, tipo, você teve que ter algum recurso nesse meio tempo.

Pesquisador: E quem produz 2 milhões não embolsa 2 milhões. Faturamento não é lucro.

Entrevistada: Exatamente.

Pesquisador: Você acredita que a disseminação de desinformação, ela traz alguma influência negativa também para este nosso ambiente democrático?

Entrevistada: Sim.

Pesquisador: Até que ponto?

Entrevistada: Olha, tipo, assim, eu não vi ninguém saindo, digamos assim, nas vias de fato por conta de política no meu ambiente. Mas a gente já viu notícias de pessoas morrendo por conta de política então assim a questão dessas *fakes news*, tanto de um lado quanto do outro, são muito perigosas porque as pessoas, elas passaram de um...por um processo tão, enfim, com que pode ser chamado...enfim, as pessoas se adoentaram mentalmente por conta disso as pessoas tomaram isso como uma bandeira, tipo, peças defendem aquilo com unhas e dentes e seja o que for, quem não for do meu, que se lasque. Então é perigoso. Eu, por exemplo, pensei algumas vezes, principalmente, eu trabalho no atendimento ao público né, e na pizzaria eu via as pessoas perguntando...tipo, cara eu sou só a garçonete, porque que eu tenho que ir lá, porque que eu tenho que expressar meu posicionamento político para você que está sentado na mesa? Eu via as pessoas sentadas na mesa, da hora que chegava até a hora de ir embora conversando apenas sobre política. E qualquer pessoa perguntava, e se você não queria

responder, “Ah, você é de tal partido né”? E ficava naquela luta e querendo saber, querendo saber, querendo saber, e se você falava que sim, já começava a questão de xingamento, principalmente, no dia da apuração das eleições. Chegou um senhor lá que, tipo, qualquer carro que passava dos apoiadores que ganharam, já era motivo para ele estar xingando meio mundo de gente, então, tipo assim, a gente começou, a gente realmente pensou em chamar a Polícia Militar porque...para tirar ele dali, porque além da alteração alcoólica que ele já estava, ainda tinha a questão dele já ser um pouco agressivo em relação à política nos dias normais, porque a gente já tinha o conhecimento dele no ambiente, como que fala...enfim já meio que imputando as pessoas...

Pesquisador: Já tinha histórico.

Entrevistada: Isso. Imputando as pessoas posicionamento político e quando as pessoas eram contrárias a ele, ele tinha essa questão de ficar xingando a pessoa, então, tipo, vou falar para esse cara que eu apoio fulano de tal? Quantas vezes eu já falei, tipo: “não, eu apoio fulano”, porque eu sabia o fulano em quem ele votava. “Ah, então é o fulano, beleza”. Para não ter que ter essa questão. Mas na rede social não. Mas, pessoalmente dá esse medo.

Pesquisador: Você acha que essas empresas, essas *big techs*, que são responsáveis por essas redes sociais, elas deveriam desenvolver ou aperfeiçoar aquilo que já existe para tentar limitar essa distribuição e disseminação de desinformação?

Entrevistada: Sim. Eu acho que seria interessante porque as pessoas, elas conseguem hoje, querendo ou não, a tecnologia ela ficou um pouco extensa, algumas pessoas dominam muito isso e usam de má fé né, esse compartilhamento de *fake news* em massa foi uma grande prova disso. Hoje, você tá ali e você, tipo, tá você fazendo um vídeo e tal, as pessoas conseguem editar o vídeo, enfim, colocando um áudio totalmente diferente em outra situação, em outro momento...tipo...

Pesquisador: Descontextualiza né...

Entrevistada: Descontextualizado e às vezes, muitas vezes, o corte também que é feito, você tem uma coisa na íntegra, o corte tira totalmente de contexto uma fala sua. Então assim, isso é

muito perigoso às vezes, então acho que controlar essa, essa questão, principalmente na questão de informação falsa, eu acho que seria muito, muito mais interessante porque, pô, você tá ali, tá na sua cara que tá um selo ali, até mesmo proibir, tira a publicação do ar, porque às vezes a pessoa ignora. Ultimamente as pessoas estão muito céticas, tipo: “ah, porque o Instagram tá do lado do fulano”. A gente viu isso acontecer por várias vezes né, “ah porque não pode, se eu posto qualquer coisa”... cara, o Instagram nem sabe quem, tipo, óbvio que sabe né, enfim, mas ele não tá nem preocupado em injetar a publicação de tal e a publicação do ciclano e do beltrano. Ai porque o fulano é apoiador do fulano, então o fulano não pode ver, não pode publicar do ciclano. Enfim, mas é porque o negócio às vezes é falso e tá ali com filtro nítido de...publicação falsa.

Pesquisador: No seu ponto de vista, você acha que o ambiente das redes sociais é um ambiente propício para você exercer a sua criatividade?

Entrevistada: Olha, sim. Se usado, assim, de maneira adequada, sim. É interessante acho que, tipo, agora que está sendo mais aprimorado, principalmente agora com essa questão dos criadores de conteúdo digital, eu acho que está sendo mais onde o Instagram deixou de ser só a rede social para diversão, ela passou a ser a questão profissional também, onde eu vejo muitos profissionais da minha área fazendo conteúdo, postando e tudo mais. Ela virou uma ferramenta profissional também e, tipo, isso vem sendo aprimorado, essas questões, principalmente em função de *Stories*, *Reels*, enfim eu acredito que deva surgir mais, mas assim, propícia sabe, por ser uma rede social muito utilizada e de, enfim, impacto mundial, porque se você for, tipo, dependendo da quantidade de seguidores que você tem, você fica conhecido, então você meio que vira referência também, e você influencia as pessoas, então, propicia.

Pesquisador: Estamos acabando, tá? Até que ponto o que você posta, o que você vê, o que você recebe de *feedback* nas redes sociais, isso tudo pode afetar o seu jeito de ser, a sua forma de se comportar no dia a dia, você acha que tem alguma influência?

Entrevistada: Eu acredito que sim. Porque, enfim, a gente é...modas, tendência de maquiagem, tendência de cabelo, dancinha que tá na moda, enfim, às vezes você pensa, ultimamente, principalmente para...nessa questão de, tipo assim, às vezes você é fã do cantor, enfim, o cantor tal faz alguma coisa ali assim que não é tão politicamente correto, e aí você

deixa assim de admirar aquela pessoa com maior facilidade do que antes. Antes você tinha que comprar uma revista, ou acompanhar na televisão para saber que o cantor tal fez tal coisa, que sofreu um acidente ou foi envolvido, enfim, mudam os seus gostos. Hoje você tem um, digamos assim, um perfil, não é uma personalidade, é um perfil, tipo: “ah eu gosto de tal coisa”. Amanhã você já não...descobre uma nova coisa que você gosta mais e, enfim, você passa a gostar daquilo, seja no jeito de ser. Enfim acho que desde o Facebook a gente usa “adolescente modinha”, com aquele monte de aparelho, aquelas mechas coloridas, Orkut, enfim, também, das mechas coloridas no cabelo, os cabelos tudo repicado, teve a fase Restart, enfim, isso tudo foi um pouco influenciado pela rede social. A gente teve, não sei se por aqui teve, os rolezinho no shopping, enfim, todo mundo queria ser aquele monte de adolescente que tava lá, enfim, até hoje isso é muito influenciado e, principalmente, hoje em dia, para a mulher tem muita essa questão da influência, principalmente no corpo. Então, tipo, você vê um monte de gente ali sendo padrão. Você vê que tem um padrão, todo mundo meio que sendo igual, então, tipo, eu acredito que isso tá para muitas pessoas e isso fique um pouco impregnado na mente, tipo, eu tenho que ser assim. Então, influencia diretamente nessa questão de mudança.

Pesquisador: Você já viveu em um mundo sem redes sociais?

Entrevistada: Sim.

Pesquisador: Como era?

Entrevistada: Olha, como eu...no lugar onde eu morava era bem roça mesmo. Então, tipo, mesmo eu tendo meu perfil na internet eu não tinha acesso à internet em casa, porque, tipo, literalmente, só foi ter sinal de celular onde eu morava no final de 2015. Lembro disso até hoje. Foi um dia antes do Natal. Tipo, a véspera da véspera de Natal. E até então, tipo, não era uma coisa muito, para mim, tão relevante. Eu tinha acesso quando eu ia para a cidade Então acabava que eu tinha, meio que queria ter acesso o tempo todo. Não era legal quando voltava lá para casa né, que às vezes eu queria ver alguma coisa, conversar com alguém e não podia conversar na hora que eu queria, tinha que ser na hora que dava. Então não era legal, mas hoje, tipo assim, eu consigo me desconectar de boa. Não tem, digamos assim, essa

necessidade. Igual, tem algumas fazendas aqui né, que não têm sinal de celular, eu fiquei tipo, uma semana, duas, tranquilo.

Pesquisador: E hoje, você consegue imaginar o mundo sem as redes sociais?

Entrevistada: Não. O WhatsApp cai meia hora o povo já tá ficando louco no Twitter.

Pesquisador: Corre para o Telegram.

Entrevistada: Literalmente, todo mundo vai para o Telegram ou vai para o Twitter reclamar, enfim: “ah, achei que era só o meu, e não sei o que, não, o Whatsapp caiu”, aí enfim fica com aquele negócio, é um desespero, porque hoje em dia, hoje ninguém usa o SMS, mas aqui no Brasil, porque eu morei fora e lá eles usam mais o Messenger, mais a mensagem mesmo, SMS, eles não usam o WhatsApp.

Pesquisador: Você morou onde:

Entrevistada: Eu morei nos Estados Unidos.

Pesquisador: Quanto tempo:

Entrevistada: Um ano e nove meses. Então tipo eu vi essa nítida diferença deles, eles usam mais o SMS mesmo para se comunicar. Aqui no Brasil que a gente tem essa febre do WhatsApp. Eu acho que em Portugal também usa muito, não tenho certeza, mas o brasileiro ele tem essa conexão, essa questão do WhatsApp para ser utilizado de forma de comunicação rápida, então, enfim, WhatsApp caiu, você literalmente tá lascada, porque...

Pesquisador: Eu morei na Europa por quatro anos, de 2008 a 2011, já existia Whatsapp naquela época, e não era como aqui no Brasil. Aqui no Brasil realmente é intenso.

Entrevistada: É o tempo todo. Aqui é para tudo. Você faz reunião, tipo, quantas vezes eu fiz de trabalho de vídeo chamada no WhatsApp, resolve questão de trabalho. Literalmente, virou ferramenta profissional e ferramenta, tipo, uma ferramenta de comunicação pessoal também.

Você está ali, você vê se a pessoa está on-line, se a pessoa...agora não tanto, mas você tem...tipo, o WhatsApp, ele tirou né, tirou a opção de você tirar o on-line, tirar o visto por último, enfim, de você ter essa questão de, tipo assim, de ter o sossego também. Acho que mais pela ferramenta profissional, mas...

Pesquisador: Criou o *Bussiness*...

Entrevistada: Isso. Mas ainda tem pessoas que usam perfil pessoal para resolver coisas profissionais né. E aí, tipo assim, mas as pessoas não tinham muita questão do limite. Se você tava on-line ali, você tinha que responder, virou uma questão de código de ética.

Pesquisador: Visualizou e não respondeu por quê?

Entrevistada: Exatamente. Então, tipo, você tem um código de ética ali, e enfim, eu acho que o WhatsApp, eu achei que é a prova que o mundo, não sei se o mundo, mas pelo menos o brasileiro, morre se o Whatsapp acabar. Acho que, enfim, fica três dias..."ah, acho que o Whatsapp vai cair, não sei o quê". E avisa. Tanto para o povo, eu lembro que eu já fiz isso algumas vezes, baixava uma VPN no celular para o celular voltar a funcionar como servidor, não sei o quê...para voltar o WhatsApp e o Whatsapp voltar a funcionar. E o brasileiro compartilhava esse negócio...sabe lá quantos vírus entrava no celular mas a gente queria ter acesso ao Whatsapp.

Pesquisador: Bem isso.

Entrevistada: O Instagram eu não sei como ferramenta, mas o Twitter, se o Twitter cair, acho que é uma das antigas que ainda funciona assim, de uma maneira que eu vou te falar, ele não mudou muita coisa em relação a atualização, mas dos antigos né, que era o o Orkut, o MSN e o Twitter, foi o que prevaleceu ali e que, tipo, muda muito a tomada de decisão, voltando àquela pergunta, hoje você sabe de tudo. Tipo, assuntos do momento. Tá aí no Twitter, é quando acabou de acontecer, tipo, bum.

Pesquisador: O *ranking* das discussões né, os Trending Topics.

Entrevistada: Exatamente, e ali você, tipo, muda de opinião umas 30 vezes por dia. Porque você descobre que um político tal fez isso, tá, aí tem o próximo *tweet*, enfim, e vai, e outra, e mais outro, enfim, o fulano não era fulano, era ciclano e beltrano.

Pesquisador: Bombando...

Entrevistada: Tá bombando. Enfim, aí você descobre: o chifre do fulano foi esse, não, traiu com mais essa, apareceu mais uma, não era chifre. Aí tem tudo isso. Então acaba que você muda de opinião umas 30 vezes por dia. Sobre o mesmo assunto. Você toma ranço de alguém, você deixa de ter ranço...

Pesquisador: Ama demais.

Entrevistada: Ama demais. Você muda 30 vezes por dia.

Pesquisador: Tá bom. Seria isso, nossa entrevista, tá.

Entrevistada: Uhum.

Pesquisador: Muito obrigado. Vou parar aqui a gravação.

Entrevista 3 - Estudante do curso de Agropecuária

Gênero: Feminino Série: 1º ano do Ensino Médio Idade: 14 anos

Data da entrevista: 31/03/2023

Pesquisador: Boa tarde. Tudo joia?

Entrevistada: Boa tarde.

Pesquisador: Bom, meu nome é Francisco. Como você sabe eu sou estudante de mestrado do curso de Pós-graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e a minha pesquisa é sobre a influência das redes sociais na formação humana e comportamental, né, dentro da contextualidade das pós-verdades. E aí para a gente começar a nossa conversa aqui, deixa eu te fazer uma perguntinha bem simples: você já participou de alguma pesquisa assim antes ou essa é a primeira vez?

Entrevistada: Não. Essa é a primeira vez.

Pesquisador: Primeira vez como entrevistada.

Entrevistada: Isso.

Pesquisador: E como você se sentiu em ser indicada, convidada para participar dessa pesquisa?

Entrevistada: Então, nossa coordenadora de curso falou que precisava de algum aluno, de algum aluno, né, para poder ser entrevistado e como ninguém deu nome eu resolvi me disponibilizar.

Pesquisador: Tá joia. Que bom. Dentro dessa temática que eu te apresentei agora, o que que você acha, assim, de uma pesquisa voltada para essa temática da formação humana a partir de uma possível influência das redes sociais? Você acha que esse tema é atual? Que é uma pesquisa relevante, que pode ser importante, que pode trazer resultados interessantes?

Entrevistada: Acho que sim. Até porque a questão da rede social hoje em dia é um assunto que vem trazendo vários debates para a gente hoje, e muitas dúvidas também, e é uma coisa que todos nós, querendo ou não, já estamos incluídos, né.

Pesquisador: Sim. Faz parte do nosso dia a dia.

Entrevistada: Faz parte do nosso dia a dia. Aham.

Pesquisador: Na sua concepção, no seu conceito, como você definiria rede social?

Entrevistada: Rede social para mim é um local onde você consegue obter mais informações sobre um determinado assunto, um lugar também onde você consegue interagir com as pessoas e pode até ser um local de você buscar mais conhecimento.

Pesquisador: Perfeito. Você tem alguma rede social?

Entrevistada: Sim.

Pesquisador: Quais?

Entrevistada: Instagram, WhatsApp, YouTube. Só.

Pesquisador: Costuma alimentar todos? O Whatsapp a gente usa no dia a dia né, mas o Instagram e o Youtube, você costuma alimentar todos, gera conteúdo ou só coisa do dia a dia mesmo?

Entrevistada: Não. Geralmente o Youtube eu uso para fazer algumas pesquisas, né, alguns vídeos, eu alimento mais o Instagram e o WhatsApp, que é comum né, todos nós usarmos.

Pesquisador: Normalmente você acessa suas redes sociais por qual dispositivo?

Entrevistada: Pelo meu celular.

Pesquisador: A maioria das vezes é pelo celular ou você também acessa e gerencia pelo notebook?

Entrevistada: Não, apenas pelo celular.

Pesquisador: Com que frequência? Você acessa todos os dias? Se sim, qual que é a frequência: “Ah, o tempinho que eu tô livre eu dou uma olhadinha”. Como que é essa sua relação no dia a dia nas redes sociais?

Entrevistada: Eu acesso todos os dias. Geralmente, na maioria das partes do dia, né. Exceto nas horas, às vezes, que eu tô em sala, mas sempre que eu tô com meu celular na mão eu dou uma olhadinha.

Pesquisador: Tá certo. Deixa eu fazer uma pergunta agora: já teve alguma vez de você, de repente, acordar de madrugada porque perdeu o sono, preocupada com alguma coisa que, de repente, você postou numa rede social e tava ansiosa para saber se teve comentário, se teve curtida, se teve repercussão. Já aconteceu isso alguma vez com você?

Entrevistada: Não. Porque assim, apesar de fazer minhas postagens, por exemplo no Instagram, eu não ligo muito para curtida, nem comentários, nem nada do tipo não. Então isso nunca me atrapalhou não.

Pesquisador: Nunca atrapalhou e também nunca aconteceu né...

Entrevistada: Isso.

Pesquisador: Das suas redes sociais, o Instagram e o YouTube você costuma fazer algum gerenciamento de privacidade nas suas postagens?

Entrevistada: Como assim?

Pesquisador: Por exemplo, sua conta do Instagram é um perfil público ou você, é uma conta privada? Quando você faz alguma postagem, por exemplo, no YouTube, você faz uma postagem mais restrita ou sempre pública, para o maior número de pessoas visualizarem?

Entrevistada: Assim, como eu disse, o YouTube, eu, geralmente, eu uso só para pesquisa. Não publico nada, mas agora no Instagram, minha conta é privada.

Pesquisador: Privada. Então só quem te segue tem acesso, né.

Entrevistada: Aham.

Pesquisador: Então, já...a próxima pergunta seria isso, se os seus perfis são públicos ou privados, então são privados. E em relação às postagens dos outros, você costuma interagir, curtir, comentar postagens de pessoas que você não conhece? Ou, por exemplo, não, eu só me sinto à vontade para comentar e curtir postagens de pessoas que eu conheço.

Entrevistada: Eu, geralmente, quando eu tô dando uma olhada lá no explorar, por exemplo, no Instagram eu costumo curtir coisas de pessoas que eu não conheço, né, que eu acho que são relevantes para mim. Mas eu não costumo comentar em coisas de pessoas que eu não conheço.

Pesquisador: E você tem o hábito de compartilhar postagens ou conteúdos de pessoas desconhecidas que você encontra na rede?

Entrevista: Sim.

Pesquisador: Também, né. Quando você vê uma postagem de uma pessoa conhecida, né, pelo fato de você conhecer, você se sente confortável em compartilhar aquilo sem antes fazer uma pesquisa em relação ao conteúdo?

Entrevistada: De uma pessoa que eu conheço?

Pesquisador: É. De uma pessoa que você conhece.

Entrevistada: Depende muito da situação, né, quando é uma pessoa que eu sou próxima e às vezes eu quero compartilhar porque eu acho interessante, ou alguma coisa do tipo, eu compartilho assim mesmo.

Pesquisador: Mesmo sem dar uma pesquisada no conteúdo?

Entrevistada: É. Mesmo sem dar uma pesquisada no conteúdo.

Pesquisador: E isso com base na pessoa que você conhece.

Entrevistada: Isso.

Pesquisador: Perfeito. Você costuma acompanhar alguma agência de checagem de fatos? É o que a gente chama de *fact-checking*, checagem de fatos. Por exemplo a Lupa, o Fato ou Fake, algum perfil desses nas suas redes sociais, você segue algum?

Entrevistada: Não.

Pesquisador: Nenhum, né. Você segue algum perfil de personalidade política?

Entrevistada: Não.

Pesquisador: Nenhum também. Em algum momento, durante todo esse contexto que a gente passou, vamos colocar aqui nos últimos 4 anos, em algum momento você já se encontrou discutindo com outras pessoas nas redes sociais por causa de política?

Entrevistada: Não, porque eu não me envolvi em assuntos políticos.

Pesquisador: Então não passou por isso?

Entrevistada: Não, então não passei.

Pesquisador: Que ótimo. Tá, então a próxima pergunta seria se você já deixou de interagir com outras pessoas nas redes sociais para evitar discussões políticas?

Entrevistada: Já.

Pesquisador: Muitas vezes, né.

Entrevistada: Aham. Porque, geralmente, tipo, às vezes como eu sou neutra em assuntos políticos, às vezes eu evito, né, ficar comentando com as pessoas sobre esse assunto para não gerar algum desconforto e a pessoa, né, se sentir magoada.

Pesquisador: Até que ponto você acredita que essa polarização política que a gente tem vivido, não só no Brasil, em vários países do mundo né, até que ponto você acha que essa polarização, ela pode comprometer o nosso processo democrático?

Entrevistada: Você consegue me explicar um pouquinho mais?

Pesquisador: Claro. Por exemplo, a gente tem os Estados Unidos, um país extremamente polarizado desde...as eleições sempre são muito disputadas porque você tem basicamente dois partidos: o Republicano e o Democrata. Mas na última eleição por exemplo, na penúltima eleição por exemplo, em que a gente teve a Hillary, Democrata de um lado e o Trump, Republicano do outro, foi uma eleição extremamente polarizada, com os candidatos atacando uns aos outros e os apoiadores atacando uns aos outros. Aí depois a gente viu isso no Brasil em 2018, depois nós vimos isso de novo nos Estados Unidos com o Trump de um lado e o Biden do outro. Debates extremamente acalorados, as pessoas brigando na rua, e presenciamos isso no Brasil no ano passado também. Gente morrendo por causa de política, sendo assassinadas, as pessoas saindo no tapa nos bares., enfim, é isso que a gente chama de polarização política. Os nervos muito à flor da pele. Então, a minha pergunta é: até que ponto você acha que esse ambiente pode comprometer todo o nosso sistema democrático como um todo?

Entrevistada: Eu acho que pode comprometer pelo fato de...das pessoas, igual você falou né, essa questão da...das pessoas começarem a discutir sobre isso, né, podendo acabar até em brigas né...eu acho que essa...aí, eu não sei falar muito sobre...

Pesquisador: Pode ficar tranquila.

Entrevistada: Deixa eu pensar um pouquinho. Eu consigo elaborar essa resposta para você, mas eu preciso pensar um pouco.

Pesquisador: Pode pensar, temos todo o tempo do mundo.

Entrevista: Tá bom...eu acho que isso pode comprometer por causa que, né, geralmente, vou dar um exemplo, né, ou, por exemplo, um candidato fala que quer trazer mais segurança e aí, por exemplo, as pessoas do partido dele, né, na intenção de defender, acabam, por exemplo, criando uma briga, né, com pessoas de outro partido. Eu acho que isso pode acabar afetando, né, na nossa convivência porque, tipo, como é que um candidato, né, que fala que quer trazer mais segurança, mais “paz” né, entre aspas, para gente, tem seus apoiadores, né, de um lado discutindo com outros, então eu acho que é nesse fato, não sei se você conseguiu entender.

Pesquisador: Entendi, claro. Você acha, ou melhor, você acredita que a disseminação de desinformação, ela tem alguma influência negativa também nesse nosso ambiente democrático, nessa polarização política?

Entrevistada: Na questão de...péra aí, repete...

Pesquisador: Na disseminação de desinformação, você acha que a quantidade de notícia falsa, a quantidade de ameaças, muitas vezes infundadas, que são compartilhadas no nosso dia a dia, porque isso infelizmente hoje faz parte do nosso dia a dia, você acha que isso contribui, traz uma influência negativa também para o ambiente democrático?

Entrevistada: Com certeza, né. Porque, até porque algumas pessoas, né, podem acabar vendo, né, algumas informações que não foram muito estudadas, né, para saber se é verdadeira ou se

não é, elas podem acabar absorvendo aquilo, né, e acabando tomando partido com base no que elas ouviram ou leram de informação que seria fala.

Pesquisador: Uhum. E você acha que por conta disso as empresas, né, essas chamadas *big techs*, donas das redes sociais, a gente tem o Google, que é dono do YouTube, o próprio Google *Ads*, anúncios em todos os *sites* aí, a gente tem a Meta, que é a dona do Facebook, do WhatsApp, do Instagram. Você acha que essas empresas, elas deveriam criar métodos e dispositivos que limitassem, de certa forma, essa desinformação?

Entrevistada: Eu acho que sim. Porque muitas pessoas, às vezes, acabam brigando nas redes sociais por causa dessas coisas, né, de coisas políticas ou de qualquer outro assunto e pode acabar gerando algum impacto, né, na vida daquela pessoa, algum comentário, ou alguma publicação, pode acabar de não aguentar porque na vida daquela pessoa que, talvez a gente que tá de fora não saiba, né. Mas pode acabar se agravando, né, alguma coisa na vida da pessoa. Então eu acho que sim, até para preservar nossa saúde mental, né, porque muitas pessoas, elas ficam muito mal, né, por conta de desinformações porque eles acabam jogando lá comentários, é isso.

Pesquisador: Perfeito. A sua forma de usar as redes sociais, você acha que as redes sociais, elas te proporcionam um ambiente onde você pode exercer a sua criatividade?

Entrevistada: Acho que sim. Desde que eu tenho, eu use elas com base nisso, né, tipo assim, que eu não espalhe, né, alguma notícia falsa ou acabe comentando com comentários que talvez não seriam tão legais, assim né. Eu acho que, na questão, assim né, tipo, uma diversão, um hobby, só para a gente fazer nossas postagens mesmo, interagir com nossos amigos, eu acho sim uma coisa legal.

Pesquisador: Joia. Até que ponto o que você posta, ou de repente, o que você vê, ali no seu *feed*, no seus *Stories*, no próprio YouTube, ou de repente, até o que você recebe de comentários, de *directs*, até que ponto você acha que isso tudo pode afetar o seu jeito de ser no dia a dia, no seu jeito de pensar, o seu comportamento?

Entrevistada: Ah, eu acho que se a gente não tomar um certo cuidado, acho que isso pode acabar afetando, né, a gente. Porque, por exemplo, a gente pode talvez receber, né, às vezes, comentários, muitas curtidas, pode levar a gente a talvez mudar, né, o nosso modo de pensar, nosso modo de ser...é, de agir também. Acho também que o que a gente vê, né, o que a gente consegue explorar nas redes sociais pode acabar trazendo algum impacto na nossa vida, né, por causa de coisas como, é...decepções, comparações e diversas coisas relacionadas a isso. Acho que pode, sim, afetar o nosso jeito de pensar, né, em quem nós somos e talvez até afetar, é...positivamente ou negativamente, nosso emocional.

Pesquisador: Você é jovem, é menor de idade, você já viveu no mundo sem redes sociais?

Entrevistada: Já.

Pesquisador: De que forma?

Entrevistada: Como assim?

Pesquisador: Você deve ter mais ou menos uns 15, 16 anos, correto?

Entrevistada: 14.

Pesquisador: 14. Tá, 14. As redes sociais, elas foram implementadas antes disso, então eu deduzo que você já nasceu em um ambiente onde as pessoas já tinham muito contato com as redes sociais, né, então a minha pergunta é nesse sentido, se você já viveu num mundo sem redes sociais. Você me disse que sim. Então, como foi isso? É porque você não tinha acesso? É porque de repente você morava numa fazenda, e não tinha acesso à internet?

Entrevistada: Na questão das redes sociais é, porque eu não tinha acesso, né. Minha mãe é uma pessoa muito jovem. Então, ela já chegou meio que, ela cresceu né, no ambiente onde já tinha as redes sociais, né. E tem seus pontos negativos nas redes sociais e por isso ela preferiu, né, esperar um pouco, né, para mim...já...crescesse um pouco, para mim poder usar, né. Então, aí demorou um pouquinho para mim conseguir ter acesso às redes sociais. É,

justamente nessa questão, né, dela querer me proteger contra as coisas negativas que a rede social possui. Acho que é isso, né?

Pesquisador: Perfeito. Você que manda. Chegamos aqui na nossa última pergunta. Hoje, você consegue imaginar o mundo sem as redes sociais?

Entrevistada: Não. Não consigo. Eu acho uma coisa assim, meu ponto de vista, depende muito de qual rede social, né, a gente estaria falando. Assim, no geral, eu acho que não, né. Por causa que ela é um meio de comunicação, né, através dela, por exemplo, a gente consegue fazer vídeo chamadas, trocar mensagens de texto, por exemplo, com uma pessoa que tá lá do outro lado do mundo, né. Então eu acho que elas são, então, não consigo ver, né, hoje a gente sem as redes sociais porque eu acho que elas são importantes também para nossa convivência, tirando as partes negativas, é claro, eu acho que elas são muito importantes, assim, para o nosso convívio, né.

Pesquisador: Bacana. Então seria essa a nossa entrevista. Vamos pausar aqui, tá. Obrigado.

Entrevista 4 - Estudante do curso de Zootecnia

Gênero: Feminino Período: 2º Idade: XX anos

Data da entrevista: 01/08/2023

Pesquisador: Essas três primeiras perguntas...é bem tranquilo. Você já participou de alguma pesquisa antes, assim, como participante? Respondendo a um questionário, a alguma entrevista?

Entrevistada: Não, nunca.

Pesquisador: Essa é a primeira vez. Como que você se sentiu sendo convidada para participar desta pesquisa? Surpresa? Ficou normal? Curiosidade?

Entrevistada: Surpresa. Mas já imaginei quando o professor me procurou, porque eu já estou nessa área...foi uma surpresa, mas nem tanto.

Pesquisador: E o quê que você acha, o quê que você entende, assim, pelo tema da pesquisa, né, qual que você acha que é a importância de uma pesquisa voltada para a formação humana a partir de uma possível influência das redes sociais?

Entrevistada: No caso é que hoje em dia é muito raro a pessoa que não tem acesso a essas redes sociais, né. Então acredito que deve sim haver medidas, pesquisas sobre isso, porque tá todo mundo inserido, né. De uma forma de outra, direta ou indiretamente.

Pesquisador: Do seu ponto de vista, se você pudesse elaborar um conceito, uma definição, como você definiria rede social?

Entrevistada: Rede social...seria, basicamente, tudo aquilo que a gente quer ser e não consegue. Tudo que a gente quer expor e às vezes não consegue, sejam tristezas, alegrias, conquistas.

Pesquisador: Um ambiente para se mostrar.

Entrevistada: Exatamente.

Pesquisador: E você, tem alguma rede social?

Entrevistada: Tenho.

Pesquisador: Quais?

Entrevistada: Tenho Instagram, tenho WhatsApp, tenho Facebook, tenho Twitter.

Pesquisador: Facebook...

Entrevistada: WhatsApp, Twitter.

Pesquisador: E usa todas?

Entrevistada: Uso.

Pesquisador: E você costuma acessar essas redes sociais, esses perfis, a partir de qual dispositivo?

Entrevistada: Do meu aparelho celular.

Pesquisador: A maioria do celular.

Entrevistada: Isso. Que é o que tá...

Pesquisador: Acesso pelo computador também? Ou só pelo celular?

Entrevistada: Pelo computador muito raramente, mas também.

Pesquisador: Majoritariamente, pelo celular.

Entrevistada: Aham, que é o que tá mais acessível, né.

Pesquisador: E com que frequência que você costuma acessar essas redes sociais? É muito frequente?

Entrevistada: Muito tempo. É praticamente o dia todo.

Pesquisador: Toda hora. No tempinho disponível você tá ali olhando?

Entrevistada: Mesmo não disponível. Porque é a minha forma de renda também. Eu trabalho com rede social, então é o tempo todo.

Pesquisador: Ah, bacana. E aí vem uma perguntinha aqui um pouco mais específica: já aconteceu de alguma vez você acordar de madrugada, assim, de repente ansiosa, por alguma coisa que você tenha postado nas redes sociais e ficou ansiosa se está tendo repercussão, se está tendo interação de seguidores ou você não tem esse problema?

Entrevistada: Não. Não tem. Questão de engajamento, não. Eu faço o que eu tenho que fazer, posto, e esqueço, deixo lá.

Pesquisador: Bacana. E você costuma gerenciar o controle de privacidade das suas redes sociais? Ou são todas abertas?

Entrevistada: A minha conta é aberta.

Pesquisador: Todas abertas, né?

Entrevistada: Nem todas. Só do Instagram.

Pesquisador: Só do Instagram. Nas outras você já tem um controle mais específico.

Entrevistada: Porque a do Instagram, ela não é só coisa pessoal que eu posto né, é mais relacionado a empresas. Então tem que ser aberta.

Pesquisador: Entendi. E aí meio que a outra pergunta você já me respondeu, se seus perfis são privados ou públicos, né. O Facebook e o Twitter são mais reservados e o Instagram é público, né, por uma questão profissional. E você costuma interagir com postagens de pessoas desconhecidas? Curtir, comentar, compartilhar?

Entrevistada: Não tanto, geralmente na minha conta são pessoas que eu gosto de ver, que eu conheço, que estão no meu ciclo. Muito raro as pessoas que eu não conheço, tipo famoso, muito pouco mesmo.

Pesquisador: Perfeito. E você tem o hábito de compartilhar postagens de desconhecidos?

Entrevistada: Compartilhar uma com outra pessoa?

Pesquisador: É, encaminhar...enviar via *Direct*, passar para frente. Por exemplo, no WhatsApp a gente compartilha, no Instagram a gente envia né, encaminha.

Entrevistada: Porque o Instagram hoje em dia é mais inspirações. Coisas que você quer, a vida que você quer ter, então a gente acaba tendo essa troca com outras pessoas que compartilham da mesma coisa, do mesmo sonho, enfim.

Pesquisador: Certo. E quando você vê uma postagem de alguma pessoa, que você conhece, você se sente confortável para compartilhar aquilo, antes mesmo de repente fazer uma pesquisa sobre aquele assunto?

Entrevistada: Você fala relacionado a...

Pesquisador: A qualquer coisa. Por exemplo, você viu uma postagem de alguém que você conhece em alguma rede social. Aquele assunto, de repente, chama a sua atenção e você, normalmente, compartilha aquilo de imediato ou antes você pesquisa sobre aquele assunto?

Entrevistada: Antes eu pesquiso. Se for alguma coisa mais séria, algum assunto relacionado ao mundo, sim.

Pesquisador: Você costuma dar uma checada, né. Você costuma acompanhar alguma agência de checagem de notícias? As chamadas agências de *fact-checking*?

Entrevistada: Não.

Pesquisador: Lupa, Fato ou Fake.

Entrevistada: Não.

Pesquisador: Você segue algum perfil de personalidade política nas suas redes sociais?

Entrevistada: Sigo. Sigo sim.

Pesquisador: Em algum momento você já se viu discutindo política nas redes sociais?

Entrevistada: Sim.

Pesquisador: Com que frequência?

Entrevistada: Na época mesmo. Inclusive isso foi bastante tenso. E como eu já trabalho com isso, algumas pessoas não viram com bons olhos, então acabou que gerou alguns conflitos, mas logo passou e foi tranquilo.

Pesquisador: Uhum. Você já deixou de interagir com outras pessoas nas redes sociais para evitar discussões políticas?

Entrevistada: Sim.

Pesquisador: Muito?

Entrevistada: Sim.

Pesquisador: Via alguma coisa mas preferia não comentar para evitar desgaste.

Entrevistada: Uhum. Sim. Muitas vezes. Até já removi algumas pessoas por conta disso.

Pesquisador: Até que ponto você acredita que essa polarização política, que não só no Brasil, outros países do mundo estão extremamente polarizados, mas até que ponto você acredita que essa polarização política ela pode comprometer o processo democrático como um todo?

Entrevistada: Não sei.

Pesquisador: Ou você acha que não influencia?

Entrevistada: Influencia. Porque o celular está ali na palma das mãos, a gente tem todas as informações e diferentes pontos de vista, sejam eles reais, sejam eles falsos. Então acredito que influenciam muito. Se a pessoa não souber pesquisar tudo que tá acontecendo e tirar as suas próprias conclusões de acordo com os fatos, isso influencia bastante.

Pesquisador: Você acha que a disseminação de desinformação, ela possui alguma influência negativa também sobre o processo democrático?

Entrevistada: Repete a pergunta por favor.

Pesquisador: Você acredita que a disseminação de desinformação, ela possui alguma influência negativa também sobre o processo democrático?

Entrevistada: Sim.

Pesquisador: Em que sentido você acha que essa influência pode ser feita? Alterando opiniões, convicções, posicionamentos?

Entrevistada: Exatamente.

Pesquisador: Virando voto, por exemplo.

Entrevistada: Isso. Aí volta no que a gente falou, né, a pessoa, ela não procura saber se realmente foi aquilo que aconteceu e acaba acreditando, e isso vindo, né, várias...e nós... como virar voto, e a pessoa que já tinha uma opinião formada começa a desconstruir de acordo com aquilo que ela viu e, infelizmente, vai influenciado as outras pessoas também, né, não somente a ela.

Pesquisador: Sim. Você acha que as empresas responsáveis pelas redes sociais, elas deveriam desenvolver maneiras de limitar essa distribuição de desinformação? Por exemplo, o WhatsApp, ele criou métodos, né. Antigamente você poderia compartilhar uma mesma mensagem quantas vezes você quisesse, hoje, tem o “encaminhado com frequência”, quando o algoritmo percebe que aquela mensagem está sendo difundida muito rapidamente ele limita a um encaminhamento por vez. Você acha que isso é importante? Que as empresas, elas precisam continuar criando dispositivos e maneiras de limitar essa distribuição em massa de desinformação?

Entrevistada: Eu não sei se isso é muito seguro para os nossos dados porque como eles vão saber se são informações falsas ou não? Por exemplo, eu te envio uma informação falsa, então para ele saber, não sei, não sei se seria muito seguro para mim, eles terem essa informação do que eu te mandei, o que eu te passei.

Pesquisador: É, no WhatsApp é mais privado, né, mas vamos pensar na rede social, que já é mais aberta, né. Você tem, por exemplo, uma informação que ela é seguramente falsa, mas que está sendo difundida de forma exponencial. Você acha que a rede social, primeiro, se ela tem condição de fazer essa limitação, e se ela realmente deveria criar dispositivos para evitar essa disseminação em massa de desinformação.

Entrevistada: Eu acho que eu não tenho uma opinião formada sobre isso. Ao mesmo tempo que eu acho que é muito ruim essa disseminação de *fake news* e tal, eu também acho muito ruim privar as pessoas e darem a sua opinião em público. Isso é muito relativo.

Pesquisador: Certo. É um ponto de vista. E você considera que as redes sociais, quando você está inserida naquele ambiente do espaço, ali é um ambiente propício para você, por exemplo, exercer a sua criatividade?

Entrevistada: Sim.

Pesquisador: De que forma você acha que é possível exercer a sua criatividade nas redes sociais?

Entrevistada: Por exemplo, eu trabalho com roupas. Eu sou modelo fotográfica. Eu posso influenciar as pessoas, por exemplo, a se vestirem como eu me visto. Tem várias vertentes. A influenciar o que eu como, como eu faço tal receita, como eu lido com alguma situação da minha vida, de diferentes formas.

Pesquisador: Perfeito. E até que ponto o que você posta nas suas redes sociais, ou que você recebe por lá, isso pode afetar o seu jeito de ser ou até mesmo seu comportamento? Você acha que isso tem alguma influência ou não?

Entrevistada: Tem. Tem bastante influência. Porque a gente acaba querendo agradar todos, né. Começa a se privar, por exemplo, não posso falar isso porque tal pessoa que eu tenho aqui vai achar ruim. E isso influencia demais.

Pesquisador: Pesa, né?

Entrevistada: Pesa. Você pensa duas vezes antes de postar alguma coisa antes de postar uma foto.

Pesquisador: Dependendo do *feedback* você pensa até em fazer diferente.

Entrevistada: Não que eu faça isso. Mas generalizando, né. Mas tem pessoas que não ligam muito para o que os outros pensam.

Pesquisador: E você já viveu num mundo sem redes sociais?

Entrevistada: Já, e eu era bem pequena. Não me lembro muito como era.

Pesquisador: Não se lembra. E hoje, você consegue imaginar o mundo como ele é, o mundo que você está inserida, sem as redes sociais?

Entrevistada: Não. Eu acho que a tendência é só deslanchar mais ainda. Porque tá tudo lá. É muito fácil. Eu, por exemplo, estou reformando a minha casa. Eu compro tudo da internet. Peço tudo mais barato, frete grátis, entrega tudo na minha casa, sem... não preciso sair de casa para procurar nada, não preciso me desgastar, tá tudo na palma da mão.

Pesquisador: Muitas vezes o anúncio chega para você.

Entrevistada: Às vezes eu comento com uma pessoa que tá do lado, chega anúncio no Instagram.

Pesquisador: Fica autorizando o uso do microfone pelos aplicativos.

Entrevistada: Pesquisa alguma coisa, tá aí, chega anúncio de todo canto Instagram, Facebook e vai justamente o que eu tava querendo. O algoritmo e...

Pesquisador: E a gente acaba se rendendo né. Hoje as redes sociais elas acabam nos dizendo os 10 lugares do mundo que a gente precisa visitar antes de morrer, os 10 livros que a gente precisa ler antes de morrer, e a gente fica tentando se adaptar a isso.

Entrevistada: Exatamente. Falar como assim, eu até eu ainda nunca li nenhum desses livros, nunca visitei nenhum desses lugares. Você começa a criar coisas na sua cabeça. Às vezes nem era um propósito seu ir para tal lugar, aí começa a ser. Influencia muito a sua vida.

Pesquisador: São os lugares chamados “instagramáveis”. Aparece muito para mim, às vezes, a expectativa e a realidade.

Entrevistada: Você imagina: “nossa, se eu tirasse uma foto nesse lugar, parece ser muito bonito”.

Pesquisador: E aí mostra: “Nossa, que lugar instagramável, eu quero tirar uma foto lá”. E aí as pessoas vão para aquele lugar para fazer fotos e Stories exatamente como elas viram alguém fazendo antes.

Entrevistada: E não porque é para elas, mas para as outras pessoas verem que elas também passaram por lá, que elas também tiraram uma foto bonita.

Pesquisador: Perfeito. Então era isso. Obrigado, viu.

Entrevistada: Muito obrigado.

Entrevista 5 - Estudante do curso de Agropecuária

Gênero: Masculino Série: 2º Ano Idade: 16 anos

Data da entrevista: XX/XX/2023

Pesquisador: Boa tarde. Tudo joia?

Entrevistado: Tudo.

Pesquisador: Deixa eu te fazer uma perguntinha: essa é a primeira vez que você participa de alguma pesquisa científica a nível de mestrado, doutorado, ou você já participou alguma outra vez?

Entrevistado: Não. Nunca participei, não.

Pesquisador: Primeira vez, né?

Entrevistado: Uhum.

Pesquisador: Como que você se sentiu, né, ao ser indicado e convidado para participar dessa pesquisa? Algum tipo de curiosidade, animosidade, receio?

Entrevistado: Não, de boa. Só uma curiosidade mesmo para saber como é que é, né.

Pesquisador: Bacana. E dentro dessa temática, né, que é a pesquisa que trata da influência das redes sociais, né, nos dias de hoje, qual a relevância que você acha, a importância de uma pesquisa voltada para esse contexto da formação humana a partir de uma possível influência das redes sociais?

Entrevistado: Como é que é?

Pesquisador: O quê que você acha, né, você acha que é pertinente, que é importante, que, por exemplo, é atual, é necessário para a gente discutir na atual conjuntura da nossa sociedade

hoje, uma pesquisa científica voltada para tentar analisar a influência das redes sociais na formação humana?

Entrevistado: Sim. Acho bem interessante. Porque várias coisas nas redes sociais ajudam a ter um entendimento melhor. Até aconteceu comigo ali, sobre solos, outras coisas importantes, né, que tem várias figuras e tal, como no Instagram, né, que parece que tem contas que publicam estudos assim, que melhora o entendimento sobre a matéria.

Pesquisador: Perfeito. Bacana. E aí, agora, a gente já vai entrar nas perguntas mais específicas da pesquisa, tá bom? Com as suas palavras como você definiria rede social?

Entrevistado: Rede social...um local onde várias pessoas publicam diversos assuntos. Só isso mesmo.

Pesquisador: Você tem alguma rede social?

Entrevistado: Tenho.

Pesquisador: Quais?

Entrevistado: Instagram, Whatsapp e só.

Pesquisador: Instagram e Whatsapp? Nenhuma outra?

Entrevistado: Ah, TikTok também tenho. Só para eu assistir mesmo.

Pesquisador: Youtube você tem?

Entrevistado: Youtube também tenho.

Pesquisador: Olha, se for cutucando mais um pouquinho é capaz que tem até o Twitter.

Entrevistado. Não. Tenho Twitter, não.

Pesquisador: Então, Instagram, WhatsApp, Youtube, TikTok.

Entrevistado: Só esses daí mesmo. Facebook eu não tenho, não mexo com esse trem não.

Pesquisador: Normalmente, você acessa suas redes sociais por qual dispositivo?

Entrevistado: Pelo meu celular mesmo.

Pesquisador: Majoritariamente pelo celular?

Entrevistado: Só pelo celular.

Pesquisador: Por computador, de vez em quando ou nunca?

Entrevistado: Só quando eu vou baixar alguma música, alguma coisa para por num *pendrive*, ou algo assim.

Pesquisador: Mas rede social mesmo, não?

Entrevistado: Rede social mesmo, no mais, só o celular.

Pesquisador: Certo. E com que frequência que você costuma acessar suas redes sociais?

Entrevistado: Todo dia. Todo dia.

Pesquisador: Se cochilar é toda hora.

Entrevistado: Toda hora...

Pesquisador: Gosta bastante?

Entrevistado: É bom demais.

Pesquisador: Publica bastante ou só consome?

Entrevistado: Não. É só o consumo mais, né.

Pesquisador: Mais consome, né. Deixa eu te fazer uma pergunta agora: já teve alguma vez de você acordar de madrugada assim, ansioso, com uma curiosidade, uma necessidade de mexer na rede social? Ou para ver o que os seus amigos ou conhecidos publicaram ou, de repente, para ver o engajamento de alguma coisa que você publicou? Ou isso nunca aconteceu?

Entrevistado: Não, nunca aconteceu, não.

Pesquisador: Dorme tranquilamente sem nem lembrar que isso existe?

Entrevistado: Para me acordar é difícil, viu. Não é fácil, não.

Pesquisador: E deixa eu te fazer uma outra pergunta: você costuma gerenciar o controle de privacidade das suas redes sociais?

Entrevistado: Não.

Pesquisador: Não? Suas redes sociais são todas abertas? Você posta e todo mundo vê?

Entrevistado: Uhum. São todas abertas.

Pesquisador: Então todos os seus perfis são públicos, né...e, normalmente, você costuma interagir com postagem de pessoas que você não conhece?

Entrevistado: Sim. Geralmente, uma ou outra postagem ali que eu acho interessante, eu acabo comentando, compartilhando com os amigos, tal.

Pesquisador: Então você costuma compartilhar, vez ou outra, postagens de desconhecidos, né...

Entrevistado: Uhum.

Pesquisador: E quando você vê uma postagem de alguém que você conhece, aí já não é de um desconhecido, é alguém do seu ciclo de amizade, do seu ciclo familiar, quando você vê algum tipo de postagem de alguém assim, você se sente seguro e confortável para compartilhar essa postagem ou antes você...antes de compartilhar, você prefere fazer uma pesquisa a respeito daquilo?

Entrevistado: Uai, depende do que se trata, né. Dependendo, mas, geralmente, do ciclo de amizade meu assim eu tenho confiança. Eu compartilho, tranquilo.

Pesquisador: O fato de ser conhecido já te dá segurança para você compartilhar?

Entrevistado: Sim.

Pesquisador: Você tem o costume ou segue algum perfil de agência de checagem de notícias?

Entrevistado: Não.

Pesquisador: Você conhece agências de checagem de notícias, por exemplo, a Lupa?

Entrevistado: Não. A única coisa que eu tenho é um cara que eu sigo no TikTok que ele pesquisa, sabe? Porque ele vê determinadas publicações e pesquisa. Pesquisa, mostra dados e tal. Até falar se é verdadeiro ou falso.

Pesquisador: Entendi. Mas agência mesmo, Lupa, por exemplo, Fato ou Fake, você não tem o costume de acompanhar, né?

Entrevistado: Não.

Pesquisador: Nas suas redes sociais, você segue algum perfil de personalidade política?

Entrevistado: Personalidade política é...

Pesquisador: Governador, Prefeito, Presidente, Senador, Deputado. Político em geral.

Entrevistado: Sim.

Pesquisador: Segue alguns, né. E aí, dentro desse contexto de política, em algum momento, principalmente aí no ano passado, que foi o auge da campanha eleitoral, você já se viu discutindo política nas redes sociais?

Entrevistado: Muito. Não foi pouco não.

Pesquisador: E aí por conta desse possível desgaste, ou não, de repente não tenha gerado nenhum desgaste, a discussão sempre tenha sido sadia, mas alguma vez você já viu alguma postagem política numa rede social e você deixou de comentar? Você falou: “Não, eu queria comentar, eu quero comentar, mas eu não vou comentar para evitar briga, evitar a discussão. Já aconteceu isso alguma vez?

Entrevistado: Não. Pior que não. Não aconteceu, não.

Pesquisador: Comenta mesmo, sem preocupação nenhuma?

Entrevistado: Não. Até que eu não sou muito de comentar não, sabe. Sou mais de ver. De compartilhar com os colegas. Comento com os colegas. Na publicação em si eu não comento nada não.

Pesquisador: Certo. Até que ponto você acha que essa polarização política que a gente viveu e ainda estamos vivendo, não só no Brasil, eu não tô falando só de Brasil, eu tô falando de contexto mundial e a gente tem vários países aí que hoje estão, extremamente, polarizados e tudo isso é potencializado por conta das redes sociais. Até que ponto você acha que essa polarização, ela, de repente, pode comprometer o nosso sistema democrático? Ou você acha que não tem nada a ver, que não influencia?

Entrevistado: Não...pode influenciar muito. Porque publicação de *fake news*, essas coisas assim, muito certo, porque pode estar acabando falando de certas pessoas, as coisas erradas, erradas assim, não reais, né, aí pode até cometer, acontecer...como eu posso dizer?

Pesquisador: Uma manipulação...

Entrevistado: Manipulação, isso mesmo, manipulação de certas pessoas, de certos pensamentos...

Pesquisador: Da opinião pública como um todo né...então você acha que sim, tem influência?

Entrevistado: Sim.

Pesquisador: E aí tocando nesse assunto que você falou sobre *fake news*, você acha que a disseminação de desinformação, ela também tem uma influência negativa no processo democrático?

Entrevistado: Sim. Claramente é uma das influências mais...vamos dizer, perigosas, não, que mais ajuda na manipulação.

Pesquisador: Você acha que as empresas que são donas dessas redes sociais, as chamadas *Big Techs*, né, a gente tá falando aí da Meta, só a Meta é dona do Facebook, Instagram e WhatsApp. O Google, se não me engano é o dono do YouTube, né. Então, até onde você acha que essas *Big Techs*, elas devem desenvolver maneiras ou alguma forma de limitar essa distribuição de desinformação nas redes sociais e por quê?

Entrevistado: Como que é, não entendi bem.

Pesquisador: Até que ponto você acha que as empresas que são donas dessas redes sociais, elas deveriam desenvolver formas de limitar, por exemplo, esse compartilhamento em massa de desinformação?

Entrevistado: Até que ponto como assim?

Pesquisador: De que forma. Você acha que eles deveriam ter responsabilidade de desenvolver alguma coisa ou não? “Ah, eles não têm como controlar isso, isso não é culpa deles”. O quê que você acha?

Entrevistado: Uai, agora depende muito da informação. Mas isso sim. Tinha que ter algum software, ou então a própria inteligência artificial, o ChatGPT ou essas coisas assim, por exemplo né, tinha que ter algum software ou um grupo de pessoas para pesquisar mais a fundo, do que que é. E ter uma garantia né, da publicação.

Pesquisador: Entendi: Você acha que as redes sociais, elas são um lugar propício onde você, enquanto usuário, enquanto pessoa, consegue exercer a sua criatividade? Você consegue ser criativo no ambiente das redes sociais?

Entrevistado: Sim, consegue.

Pesquisador: De que forma você consegue ser criativo, por exemplo?

Entrevistado: Publicando coisas, tipo assim, igual...cada um tem um determinado, né, assim...igual eu mesmo, faço miniatura de caminhão. Lá é um lugar onde eu posto meu trabalho, pego encomendas, essas coisas, sabe? Aí outras pessoas pode ser, pode ter alguma facilidade sobre solos, por exemplo, aí pode publicar, postar sobre solos, camadas, essas coisas. Então pode variar muito aí...pode ter uma maior...uma maior...como é que eu posso falar...ter uma ampla sugestão de conteúdos, melhor.

Pesquisador: Perfeito. Até que ponto o que posta, o que você recebe, você vê nas redes sociais, isso pode afetar o seu jeito de ser ou o seu comportamento?

Entrevistado: Olha, eu, geralmente, não me deixo muito ser influenciado muito por essas redes sociais, sabe? Tem muita coisa falsa aí eu, toda vez que eu vejo alguma coisa muito suspeita, eu dou uma pesquisada, sabe? Mas isso pode influenciar bastante sobre questão política, mesmo.

Pesquisador: Entendi. Perfeito. Mas você acha que pode influenciar sim?

Entrevistado: Sim. Pode influenciar.

Pesquisador: As pessoas podem, de repente, mudar o seu comportamento para melhor ou para pior a depender do que ela vê na rede social? Do que ela posta e, de repente, dos comentários que são feitos naquela postagem dela, podem fazer bem ou mal para aquela pessoa, né?

Entrevistado: Como tem vários casos aí de pessoas se suicidando, entrando em depressão por conta desses temas.

Pesquisador: Dessa exposição, né. E você tem quantos anos?

Entrevistado: 16. Fiz 16 agora em abril.

Pesquisador: E Você já viveu num mundo sem rede social?

Entrevistado: Por quanto tempo?

Pesquisador: Você que me diz.

Entrevistado: Quando eu era mais novo, né. Não tinha muita rede social não. Não era de mexer, não. Só a partir dos...deixa eu ver quantos anos que eu comecei a mexer em rede social...cerca de 9, 10 anos de idade que eu comecei a mexer. Só. Disso para trás era só brincando mesmo em rua, chutando bola, jogando futebol, correndo aí para cima. Não sabia muito de mundo digital não. Muito diferente das pessoas de hoje em dia, né, as crianças de hoje em dia. As crianças já nascem com o celular na mão, praticamente. Sabem mexer em tudo. Igual minha irmã mesmo.

Pesquisador: Perfeito. E hoje você consegue imaginar o mundo como ele é, o mundo que você está inserido, o mundo que você vive, sem rede social?

Entrevistado: Não. Hoje em dia é muito difícil imaginar o mundo sem rede social. Porque a rede social ajuda muito, facilita muito como meio de comunicação, de aprendizagem, de diversas coisas.


Pesquisador: Perfeito. Seria isso, então, viu.

Entrevistado: Só isso mesmo...

Pesquisador: Muito obrigado.

7. ANEXOS

Anexo A – Parecer do Comitê de Ética da UFRJ

FACULDADE DE ODONTOLOGIA/UFRJ	
--	---

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: AS REDES SOCIAIS E A FORMAÇÃO HUMANA SOB O CONTEXTO DAS PÓS-VERDADES

Pesquisador: FRANCISCO EDSON LIMA TORCATE

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 65718122.1.0000.0268

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO


Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.014.096

Apresentação do Projeto:

Protocolo 018-22. Emenda E1 recebida em 17/04/2023.

FACULDADE DE ODONTOLOGIA/UFRJ	
--	--

Continuação do Parecer: 6.014.096

Outros	ROTCIRO_DE_ENTREVISTA_.docx	15/04/2023 10:38:05	FRANCISCO EDSON LIMA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Detalhado.docx	15/04/2023 10:33:36	FRANCISCO EDSON LIMA TORCATE	Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA.doc	22/12/2022 22:58:12	FRANCISCO EDSON LIMA	Aceito
Outros	Termo_de_Compromisso_Corrigido.pdf	22/12/2022 22:57:44	FRANCISCO EDSON LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Assentimento.doc	22/12/2022 22:53:52	FRANCISCO EDSON LIMA TORCATE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeConsentimentoLivreEsclarecido.doc	22/12/2022 22:53:39	FRANCISCO EDSON LIMA TORCATE	Aceito
Outros	Termo_de_Anuencia_do_IF_Goiano.pdf	01/12/2022 20:42:20	FRANCISCO EDSON LIMA	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRostoFT.pdf	01/12/2022 20:41:40	FRANCISCO EDSON LIMA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

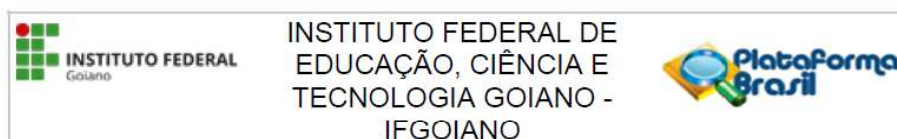
Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 21 de Abril de 2023

Assinado por:
Carlos Alberto Guimarães
(Coordenador(a))

Anexo B – Parecer do Comitê de Ética do IF Goiano



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Elaborado pela Instituição Coparticipante

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AS REDES SOCIAIS E A FORMAÇÃO HUMANA SOB O CONTEXTO DAS PÓS-VERDADES

Pesquisador: FRANCISCO EDSON LIMA TORCATE

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 65718122.1.3001.0036

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA GOIANO

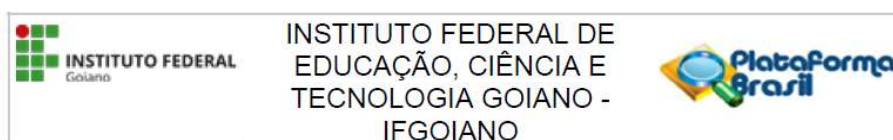
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.096.040

Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo submetido para avaliação pelo CEP IFGoiano, como instituição coparticipante, tendo como instituição proponente a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), e cujo protocolo com N° CAAE: 65718122.1.0000.0268, foi avaliado e aprovado (Projeto Original e Emenda) pelo CEP da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



Continuação do Parecer: 6.096.040

Assentimento / Justificativa de Ausência	do.doc	22:53:39	LIMA TORCATE	Aceito
Outros	ROTEIRO_DE_ENTREVISTA.docx	01/12/2022 20:44:01	FRANCISCO EDSON LIMA	Aceito
Outros	Termo_de_Anuencia_do_IF_Goiano.pdf	01/12/2022 20:42:20	FRANCISCO EDSON LIMA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 01 de Junho de 2023

Assinado por:
Paula Medeiros Costa
(Coordenador(a))